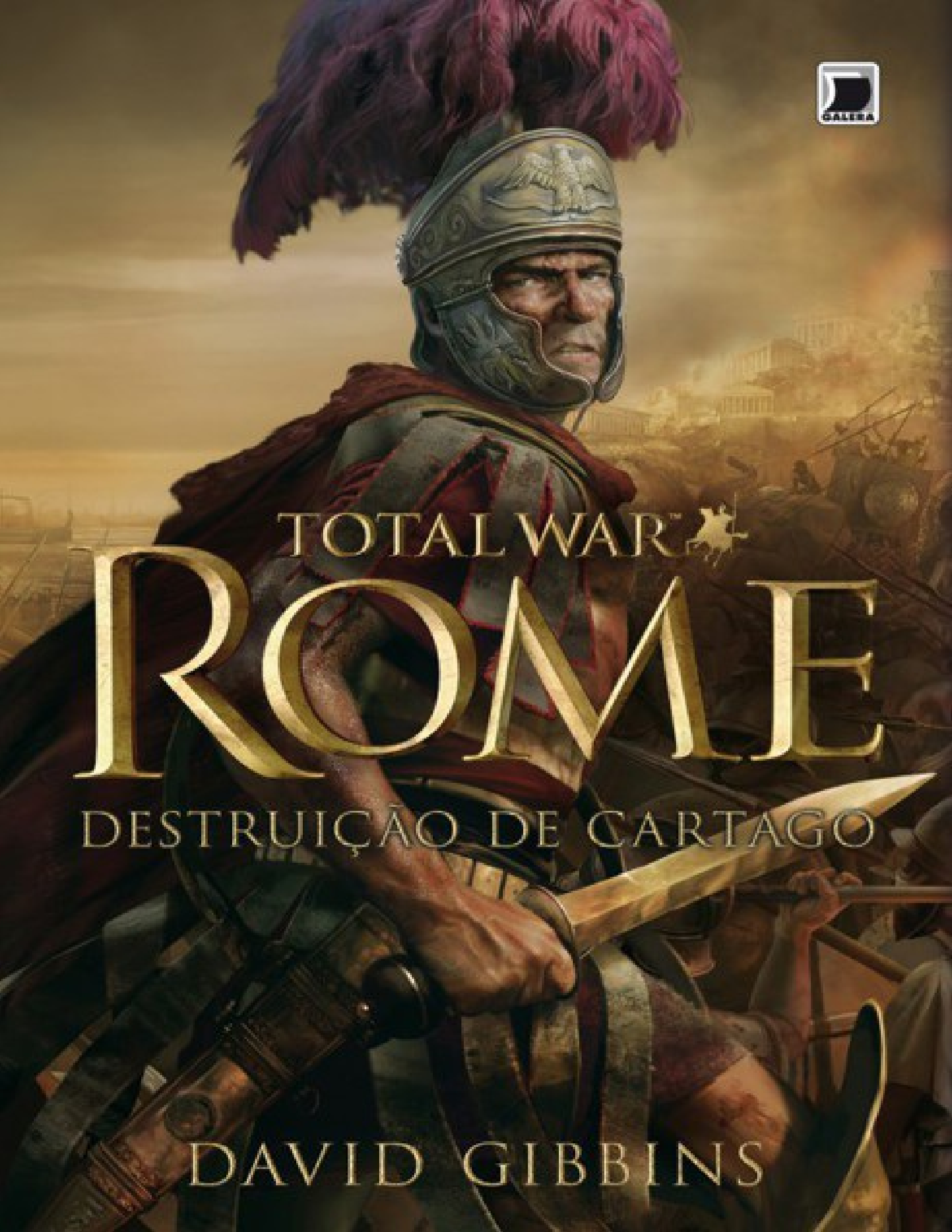

TOTAL WAR
ROME
DESTRUIÇÃO DE CARTAGO
DAVID GIBBINS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DAVID GIBBINS

TOTAL WAR™ ROME

DESTRUIÇÃO DE CARTAGO

Tradução de
Ryta Vinagre

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G381t

Gibbins, David

Total War Rome [recurso eletrônico] : destruição de Cartago / David Gibbins; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.

recurso digital ; il.

Tradução de: Total War Rome II: Destroy Carthage

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10121-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

13-02815

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título do original:
Total War – Rome II: Destroy Carthage

Copyright © David Gibbins 2013

O direito de autor de David Gibbins foi assegurado por acordo através do Copyright, Designs e Patents Act 1988

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Editoração eletrônica da versão: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10121-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Agradecimentos

Sou imensamente grato a meu agente, Luigi Bonomi, da LBA, e a Rob Bartholomeu, da The Creative Assembly (Sega), por colocarem este projeto em ação; a Jeremy Trevathan, Catherine Richards e à equipe da Macmillan por seu trabalho de produção deste livro; assim como a Peter Wolverton e Anne Brewer da St. Martin's Press em Nova York e à equipe na The Creative Assembly por todas as suas contribuições. Devo minha gratidão especial a Martin Fletcher, pelo excelente trabalho editorial, a Jessica Cuthbert-Smith pela excelente edição de texto e a Ann Verrinder por revisar e examinar atentamente os originais em todas as fases, oferecendo conselhos muito úteis.

Sou grato a Brian Warmington, professor emérito em história antiga da Universidade de Bristol e autor de *Carthage* (Penguin, 1964), por ter ensinado a história da República romana de forma tão memorável e por ter estimulado meu interesse pelas Guerras Púnicas. Meu envolvimento com a arqueologia de Cartago deve muito a Henry Hurst, orientador do meu doutorado em Cambridge e diretor da missão diplomática britânica na Unesco no projeto "Salve Cartago", e que me convidou para que eu participasse de suas escavações na entrada dos portos e apoiou minha expedição de arqueologia submarina a Cartago no ano seguinte. Este projeto foi possibilitado pela British Academy, pela Faculdade de Estudos Clássicos da Universidade Cambridge, pelo Canadian Social Sciences and Humanities Research Council e pelo dr. Abdelmajid Ennabli, diretor do Museu de Cartago; também sou grato aos numerosos membros da expedição por seu trabalho nesses projetos.

Estudei pela primeira vez o campo de batalha de Pidna e a escultura do monumento de Emílio Paulo nas viagens à Grécia financiadas pela Society of Antiquaries of London. Meu conhecimento das antigas guerras navais foi enormemente ampliado durante meu período como bolsista do Winston Churchill Memorial Travel Fellowship no leste do Mediterrâneo, quando consegui passar algum tempo em Haifa, Israel, e estudar o Esporão Atlit — o único remanescente de um antigo navio de guerra — e depois na Grécia para examinar o trirreme *Olympias*. Meu interesse pela Roma antiga foi desenvolvido depois de muitas visitas para explorar a arqueologia da cidade, mais notadamente com meu pai, quando discutimos a possibilidade de localizar as ruínas de um período específico e criar um livro a partir daí; o que me levou a traçar a rota provável da marcha triunfal de Emílio Paulo em 167 a.C. e a estudar estruturas ainda existentes entre as ruínas do Fórum e de outras partes de Roma que datavam do mesmo período. Também sou grato a meu irmão Alan pelas fotografias e pelos

filmes, e a Jordan Webber por sua ajuda com o meu site www.davidgibbins.com.

Nota Introdutória

No segundo século antes de Cristo, Roma ainda era uma República, governada por patrícios cujas famílias tinham ancestrais nos primeiros tempos da cidade, cerca de seiscentos anos antes. A República foi formada quando do destronamento de um rei de Roma em 509 a.C. e sobreviveu até o estabelecimento do Império de Augusto, perto do final do século I a.C. O principal corpo governamental era o Senado, liderado por dois cônsules eleitos anualmente. Fora do Senado, havia doze tribunos eleitos, representantes do povo comum (a *plebs*), que tinha poder de veto sobre o Senado. As alianças e rivalidades complexas entre as famílias patrícias (as *gentes*, singular *gens*), bem como entre os patrícios e a plebe, são fundamentais para compreendermos a história de Roma nesse período, uma época em que a conquista além-mar conferia uma visão tentadora de poder pessoal a generais que por fim levaram à guerra civil no século I a.C. e a Otaviano proclamando-se Augusto. O porquê de um império não ter sido estabelecido mais de um século antes, quando os exércitos de Roma eram supremos e seu general de maior destaque, Cipião Emiliano Africano, tinha o mundo a seus pés, é uma das perguntas mais fascinantes da antiguidade e pano de fundo da história neste romance.

O exército romano desse período ainda não era uma força profissional; as legiões eram convocadas entre os cidadãos de Roma em resposta a determinadas crises. O exército só viria a assumir feições profissionais em épocas de guerra prolongada, quando ficariam patentes as vantagens de manter um exército de prontidão. Ao longo de todo o século II a.C., período deste romance, havia tensão entre aqueles que temiam que o desenvolvimento de um exército profissional pudesse levar a uma ditadura militar e os que viam nisso uma necessidade, caso Roma viesse a ter seu lugar em cena no mundo. Venceu, por fim, este último, levando às reformas militares realizadas pelo cônsul Mário em 107 a.C. e à criação das primeiras legiões permanentes.

Na época deste romance, os títulos familiares de legiões do período do Império, como "Legio XX Valeria Victrix", ainda não existiam; as legiões criadas para campanhas específicas e dispersadas depois delas podiam ter um número, mas isso não levava sua identidade adiante. A principal formação em uma legião era o *manípulo*, unidade descartada por Mário em favor da *coorte*, menor. O manípulo podia ser comparado à "ala" de regimento britânico vitoriano, uma formação com cerca de metade do tamanho de um batalhão de infantaria moderno que era de posicionamento mais rápido e mais manobrável em batalha. A unidade

principal dentro do manípulo era a *centúria*, o equivalente aproximado de uma companhia de infantaria moderna. Tradicionalmente, os homens de uma legião eram classificados pelas suas posses e sua idade, que iam dos *vélites* (batedores), mais pobres, passando pelos *hastatis* e *principes,* até os mais abonados *triarii*, com cada categoria correspondendo ao aumento da qualidade das armaduras e dos equipamentos, assim como às posições na linha de batalha que normalmente eram mais expostas e perigosas para os mais pobres e para tropas menos equipadas.

As centúrias eram comandadas pelos *centuriões*, homens que ascendiam nas classificações com base na aptidão e na experiência. Tinham a responsabilidade similar à de um capitão de infantaria dos tempos modernos, mas são mais bem descritos como oficiais não comissionados. O *primipilo* ("da primeira classe") era o centurião mais antigo de uma legião, equivalente a um sargento-mor de regimento. Outra classificação frequente era a *optio*, uma classe subordinada aos centuriões com responsabilidades similares às de um tenente, porém mais bem descritos como um sargento ou cabo. Havia um amplo abismo social entre esses homens e os oficiais mais graduados da legião, que vinham de famílias patrícias, para quem as nomeações militares faziam parte do *cursus honorum* (a "ordem de postos"), a sequência de postos civis e militares que um homem romano rico esperaria obter ao longo de sua vida. Os oficiais de patente mediana de uma legião eram os *tribunos* militares, jovens em início de carreira ou homens mais velhos que haviam se apresentado como voluntários em épocas de crise para servir ao exército, porém ainda não estavam em processo de *cursus honorum*, no qual poderiam comandar uma legião. Esse papel cabia ao *legado*, o equivalente de um coronel ou brigadeiro, que podia comandar vários milhares de homens em campo, inclusive a cavalaria incorporada e as forças aliadas.

Não existia a patente de general porque os exércitos eram comandados por um *pretor*, o segundo cargo civil mais alto de Roma, ou por um dos cônsules. A competência de um comandante de exército era portanto questão de sorte, uma vez que a bravura militar não era necessariamente um pré-requisito para o mais alto posto civil; a capacidade de um comandante militar podia depender das oportunidades de serviço ativo anteriores em sua carreira. Contudo, com a guerra iminente, um homem podia ser eleito ao consulado com base em sua reputação militar, e a lei que restringia a posse repetida de cargo era temporariamente suspensa, permitindo a reeleição de um homem que havia se provado um general capaz.

Esse sistema funcionou muito bem, permitindo a Roma seus sucessos militares no século

II a.C.; no entanto os veteranos tinham aguda consciência de suas deficiências, inclusive a ausência de treinamento formal na guerra para os jovens antes de serem nomeados tribunos e enviados a campo. Igualmente premente era a ausência de continuidade entre os legionários, já que eram dispensados depois das campanhas e muito conhecimento acumulado se perdia nos intervalos entre as guerras. Quando voltava o chamado às armas, os homens podiam responder não tanto por orgulho profissional ou pela glória da guerra, mas pela oportunidade de obter recompensas, uma atração cada vez maior com as guerras de conquista na Grécia e no Oriente, que levaram muita riqueza visível a Roma nesse período.

Na época deste romance, Roma estava envolvida em duas grandes guerras de conquista: uma contra os reinos da Macedônia e da Grécia, que cresceram com o império de Alexandre, o Grande, e a outra contra o povo do Norte da África, que os romanos chamavam de "púnicos", termo para os descendentes de navegantes fenícios da região do atual Líbano que fundaram a cidade de Cartago cerca de setecentos anos antes. Roma travou três guerras contra Cartago, em 264-261 a.C., 218-201 a.C. e 149-146 a.C., tomando progressivamente territórios cartagineses de além-mar na Sardenha, Sicília e Espanha, até que lhe restou pouco mais do que seu território interior na atual Tunísia, cercado pelos aliados númidas de Roma. A Segunda Guerra Púnica, quando o general cartaginês Aníbal marchou com seus elefantes pela Espanha e atravessou os Alpes em direção a Roma, é talvez a mais famosa dessas campanhas; entretanto, como deixou Cartago intacta, é na realidade apenas o cenário criado para um dos eventos mais arrasadores da história antiga, cerca de cinquenta anos depois, quando Roma finalmente tomou a decisão de destruir inteiramente seu inimigo.

Na época do último assalto à cidade, em 146 a.C., e em Corinto na Grécia no mesmo ano, Roma estava pronta para dominar o mundo antigo, atrasada apenas por uma constituição que havia sido criada para administrar uma cidade-estado e não um império. Para os aficionados por jogos de guerra, esse período é um dos mais fascinantes da Antiguidade, uma época em que pequenas mudanças poderiam ter alterado o curso da história, e quando todos os fatores de uma campanha militar entraram incisivamente em jogo: o pano de fundo político, as rivalidades e alianças entre os patrícios *gentes* de Roma, os problemas de abastecimento e manutenção de exércitos no além-mar, a evolução de táticas de batalha em terra e no mar e, sobretudo, as personalidades e ambições de alguns dos indivíduos mais poderosos da história, em um período que é apenas conhecido imperfeitamente a partir de fontes antigas e que portanto deixa muito espaço para especulações e jogabilidades.

A história das Guerras Púnicas tem imensa ressonância hoje, com algumas lições que foram bem aprendidas e outras, nem tanto. A decisão de deixar Cartago incólume ao final da Segunda Guerra Púnica pode ser comparada à decisão dos Aliados de não conquistar a Alemanha e em vez disso aceitar uma trégua ao final da Primeira Guerra Mundial, ou à decisão da coalizão liderada pelos americanos de interromper a invasão do Iraque ao final da Guerra do Golfo em 1991; em ambos os casos, a disposição de se refrear levou a uma guerra ainda mais custosa e devastadora anos depois. A arqueologia revelou que, apesar da derrota de Aníbal, Cartago reconstruiu seu porto de guerra sem ser estorvada por Roma, assim como os Aliados colocaram-se de lado enquanto Hitler reconstruía a marinha e a força aérea alemãs na década de 1930. De muitas maneiras, as Guerras Púnicas foram a primeira guerra mundial de fato, a primeira guerra "total", envolvendo mais da metade do mundo antigo e com repercussões muito além do Mediterrâneo ocidental. Assim como as guerras mundiais do século passado ou a atual guerra global contra o terrorismo, a principal lição da história talvez seja a de que uma guerra nessa escala deixa pouco espaço para concessões ou a conciliação. Guerra total significa apenas isto: guerra total.

Distâncias

A unidade básica de medida linear romana era o pé (*pes*), dividido em 12 polegadas (*unciae*), aproximadamente igual às unidades utilizadas hoje. Para distâncias maiores, usavam a milha (*milliarum*), uma distância de cinco mil *pedes*, pouco mais de nove décimos de uma milha moderna ou cerca de um quilômetro e meio. Uma unidade intermediária de origem grega era o *stadium* (plural *stadiae*, derivado do grego *stadion*, uma pista de corrida), cerca de 600 *pedes*, portanto pouco mais de um oitavo de milha ou um quinto de quilômetro. Na tradução, é comum o uso aportuguesado de *estádio* e *estádios*, como neste romance.

Datas

Os romanos datavam os anos *ab urbe condita*, "a partir da fundação da cidade" em 753 a.C., porém usavam mais comumente o "ano consular", que recebia o nome dos dois cônsules no posto em dada época. Como os cônsules mudavam anualmente e, em tese, dois homens não podiam ocupar o cargo duas vezes, a data consular representava um único ano. Em geral era necessário explicitar os nomes completos devido ao predomínio, no período da República, de homens de uma quantidade limitada de *gentes* como os Cipiões, assim podia não bastar dizer "no consulado de Cipião e Metelo", devendo-se mencionar os nomes completos.

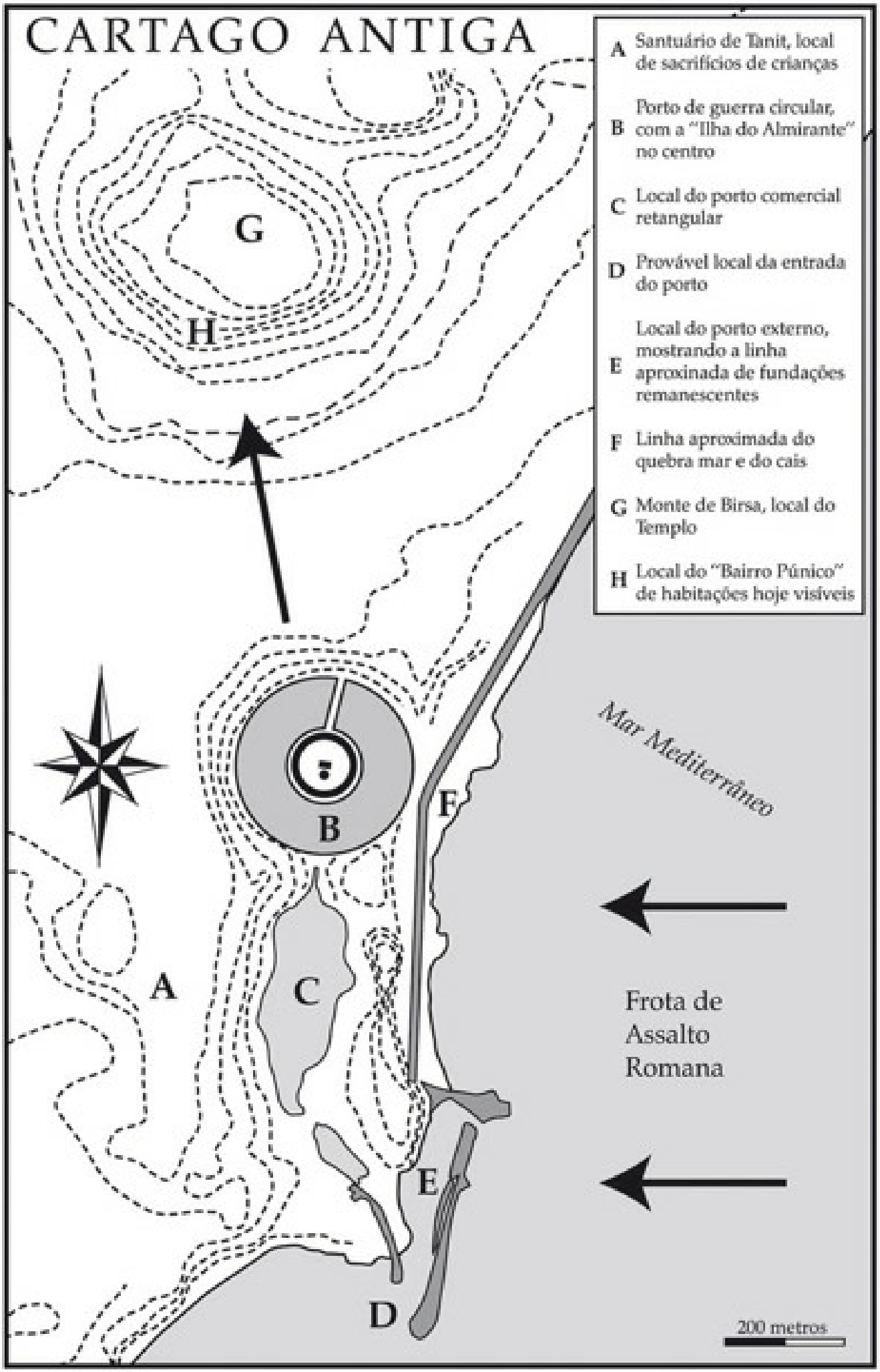
Gens

A *gens* (plural *gentes*) era a família de um patrício romano. Uma pessoa podia ser de um ramo estabelecido de uma *gens*, assim, por exemplo, Cipião Africano era do ramo Cipião da *gens* dos Cornélios, e Sexto Júlio César, do ramo dos Césares da *gens* dos Júlios. As *gentes* podem ser comparadas às famílias aristocratas da Europa dos últimos séculos, embora para os romanos o comportamento da *gens* romana fosse ainda mais formalizado e restritivo, regendo, por exemplo, o casamento bem como os direitos e privilégios. A maioria dos protagonistas da República romana vinha de um número limitado de *gentes*; assim, nomes como Júlio César e Brutus, que têm enorme ressonância histórica no período da Guerra Civil, brotavam frequentemente em gerações anteriores, muitas vezes com distinção e fama idênticas.

Nomes

Os romanos podiam ser conhecidos entre os amigos por seu *praenomen* (prenome), exatamente como fazemos hoje, embora também pudessem ser tratados por seus outros nomes, no caso de Cipião seu *cognomen* (terceiro sobrenome), um uso comum entre aristocratas. O *cognomen* era o ramo da família (*gens*), revelado no segundo sobrenome; assim, o Cipião deste romance, Públio Cornélio Cipião, era do ramo dos Cipiões da *gens* dos Cornélios. Os Cipiões Cornélios não eram a *gens* na qual haviam nascido, uma vez que ele tinha sido adotado quando criança pelo filho do famoso Cipião, o Velho, Públio Cornélio Cipião Africano; porém, segundo o costume, o Cipião mais jovem também mantinha o nome da *gens* de seu pai verdadeiro, Lúcio Emílio Paulo Macedônico. Assim como Emílio Paulo havia sido agraciado com o *agnomen* Macedônico por seu triunfo sobre os macedônios em Pidna em 168 a.C., o nome completo de Cipião, o Jovem em 146 a.C., Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano, incluía o *agnomen* Africano, herdado do avô adotivo depois de este ter sido recompensado na Batalha de Zama em 202 a.C. O fardo da expectativa desse nome sobre os ombros de Cipião em sua juventude e seus esforços para conquistá-lo por mérito próprio formam um tema subjacente neste romance.

O Mar Mediterrâneo
GÁLIA
Intercácia
Numância
CELTIBEROS
Massália
ITÁLIA
MAR ADRIÁTICO
Roma
Nápoles
MAR TIRRENO
MAR
MAR JÓNICO
MACEDÓNIA
Pidna
MAR EGEU
ÁSIA MENOR
Atenas
Corinto
Cartago
Zama
NUMÍDIA
MAR MEDITERRÂNEO
MAR NEGRO
SÍRIA
Alexandria
EGITO
0
500 milhas
0
800 quilómetros


CARTAGO ANTIGA
A Santuário de Tanit, local de sacrifícios de crianças
B Porto de guerra circular, com a "Ilha do Almirante" no centro
C Local do porto comercial retangular
D Provável local da entrada do porto
E Local do porto externo, mostrando a linha aproximada de fundações remanescentes
F Linha aproximada do quebra mar e do cais
G Monte de Birsa, local do Templo
H Local do "Bairro Púnico" de habitações hoje visíveis
G
H
B
F
A
C
E
D
Mar Mediterrâneo
Frota de Assalto Romana
200 metros

Personagens

Os seguintes personagens são históricos, a não ser que apontados como fictícios; as notas biográficas vão até 146 a.C. Os nomes são aqueles utilizados no romance, seguidos pelo nome completo nos casos em que estes são conhecidos.

Andrisco — Governante de Adramítio na Ásia Menor que clamava ser o filho de Perseu, foi brevemente autocoroado rei da Macedônia e derrotado pelos romanos sob o comando de Metelo na Segunda Batalha de Pidna em 148 a.C.

Asdrúbal — General que defendeu Cartago em 146 a.C.; o destino de sua mulher e seus filhos é descrito pelo historiador Apiano.

Brasis — Gladiador fictício, ex-mercenário trácio capturado na Macedônia.

Brutus — Décimo Júnio Brutus, filho fictício do histórico Marco Júnio Brutus, da *gens* dos Júnios; amigo de Cipião e comandante da guarda pretoriana no cerco de Cartago.

Catão — Marco Pórcio Catão (*c.* 238-149 a.C.), famoso ancião estadista do Senado romano que apelou repetidas vezes pela destruição de Cartago, "*Carthago delenda est*".

Cipião — Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano, o Cipião, "o Jovem" (nascido *c.* 185 a.C.), segundo filho de Emílio Paulo e neto adotivo de Cipião Africano; o que se conhece de sua carreira histórica até 146 a.C. forma a estrutura do romance.

Cipião Africano — Públio Cornélio Cipião Africano, o Cipião, "o Velho" (*c.* 236-183 a.C.), do ramo dos Cipiões da *gens* dos Cornélios, general romano de destaque na Segunda Guerra Púnica que derrotou Aníbal na Batalha de Zana no Norte da África em 202 a.C.

Cláudia Pulchra — Da *gens* dos Cláudios, esposa fictícia de Cipião através de casamento arranjado; seu nome significa "bela".

Demétrio — Demétrio I, depois nomeado Sotero ("Salvador"); contemporâneo de Cipião Emiliano, um rebento da dinastia selêucida mantido refém em Roma durante sua juventude. Tornou-se rei da Síria a partir de 161 a.C.

Emílio Paulo — Lúcio Emílio Paulo Macedônico (*c.* 229-160 a.C.), pai de Cipião

e general ilustre que derrotou os macedônios na Batalha de Pidna em 168 a.C.

Ênio — Ênio Aquílio Tusco, descendente fictício do ramo etrusco original (os Tuscos) da *gens* dos Aquílios; amigo íntimo de Cipião e comandante dos *fabri*, os engenheiros do Exército.

Eudóxia — Escrava bretã fictícia e amiga de Fábio.

Fábio — Fábio Petrônio Segundo, legionário fictício de Roma que é guarda-costas e amigo de Cipião no romance.

Caio Paulo — Caio Emílio Paulo, primo fictício de Cipião por parte de pai.

Gneu — Gneu Metelo Júlio César, da *gens* dos Metelos. Filho fictício de Metelo e Júlia cuja verdadeira paternidade é revelada no romance; presente como tribuno no cerco de Cartago.

Gulussa — Segundo filho de Massinissa, enviado pelo pai a Roma em 172 a.C. para apresentar o caso númidas contra Cartago; com a morte do pai, Cipião o torna comandante das forças númidas, as quais ele liderou no cerco de Cartago.

Hipólita — Princesa cita fictícia que ingressa na academia em Roma e que mais tarde lidera a cavalaria númida junto a Gulussa no Norte da África.

Júlia — Filha fictícia do histórico Sexto Júlio César, do ramo dos Césares da *gens* dos Júlios; amiga e amante de Cipião, mas noiva de Metelo.

Massinissa — (*c.* 240-148 a.C.) Primeiro rei longevo da Numídia no norte da África, inimigo e depois aliado de Roma durante a Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.), cujo conflito com Cartago por território disputado levou à Terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.)

Metelo — Quinto Cecílio Metelo Macedônico (nascido *c.* 210 a.C.), pretor da Macedônia em 148 a.C. que derrotou o arrivista Andrisco e depois partiu para servir a Múmio no cerco de Corinto em 146 a.C.; no romance é rival e inimigo de Cipião e marido de Júlia.

Perseu — Último rei da dinastia antigônida na Macedônia, derrotado por Emílio Paulo na Batalha de Pidna em 148 a.C.

Petreu — Gneu Petreu Atino, "velho centurião" fictício que treina os rapazes na academia em Roma.

Petrônio — Taberneiro fictício próximo à Escola de Gladiadores em Roma.

Políbio — (nascido em *c.* 200 a.C.) Historiador e comandante grego da cavalaria, famoso por suas *Histórias*, que se tornou amigo íntimo e conselheiro de Cipião; presente no cerco de Cartago.

Porcus — Porcus Entéstio Supino, servo fictício e conselheiro de Metelo.

Ptolomeu — Ptolomeu VI Filometor ("aquele que ama sua mãe"), contemporâneo de Cipião Emiliano e rebento da dinastia dos ptolomeus que se tornou rei do Egito em 180 a.C. ao se casar com sua irmã Cleópatra II.

Quinto Ápio Probo — Centurião fictício em Intercatia, na Espanha.

Rúfio — Cão de caça de Fábio, presente com ele e Cipião na Floresta Real Macedônica.

Sexto Calvino — Caio Sexto Calvino, um senador que é inimigo de Cipião; parte do ramo dos calvinos da *gens* dos Sexto, pai de um homem homônimo que foi cônsul em 124 a.C.

Terêncio — Públio Terêncio Afro (*c.* 190-159 a.C.), dramaturgo de origem norte-africana (daí o *cognomen* Afro, de Africano), trazido de Cartago a Roma como escravo pelo senador Terêncio Lucano (daí o *nomen* Terêncio, adotado ao ser libertado); pertence ao círculo literário de Cipião em Roma.

Prólogo

Na planície de Pidna, Macedônia, 168 a.C.

Fábio Petrônio Segundo ergueu seu estandarte de legionário e olhou para além da ampla planície em direção ao mar. Atrás dele estavam as colinas onde o exército acampara na noite anterior e atrás destes a encosta que levava ao Monte Olimpo, morada dos deuses. Ele e Cipião fizeram a subida três dias antes, competindo por quem seria o primeiro a chegar ao topo, corados de empolgação diante da perspectiva da primeira experiência de batalha. Do cume coberto de neve, miravam o norte pela ampla extensão da Macedônia, terra natal de Alexandre, o Grande, e abaixo viam o ponto onde o sucessor de Alexandre, Perseu, havia disposto sua frota e seu exército de prontidão para um confronto decisivo com Roma. No alto, com o brilho do sol na neve tão intenso que quase os cegava e as nuvens correndo abaixo, eles se sentiam deuses de fato, como se o poder de Roma que os havia trazido até então, desde a Itália, agora fosse incontestável, e nada pudesse se colocar no caminho de outra conquista.

Embaixo, depois de uma noite úmida e insone, o pico do Olimpo parecia ficar a um mundo de distância. Disposta diante deles estava a falange macedônia, mais de quarenta mil homens, uma linha imensa eriçada de lanças que parecia se estender por toda a largura da planície. Ele via os trácios, suas túnicas pretas sob couraças reluzentes, as caneleiras reluzindo nas pernas e as imensas espadas de ferro apoiadas no ombro direito. No centro da falange estavam os macedônios em si, de armadura dourada e túnica escarlate, e suas longas lanças *sarissa* ameaçadoras e reluzentes ao sol, tão próximas umas das outras que bloqueavam a visão de trás. Fábio olhou as próprias fileiras: duas legiões no meio, aliados italianos e gregos de cada lado e nos flancos a cavalaria, com vinte e dois elefantes pisoteando e berrando na extremidade direita. Era uma força formidável, endurecida pela batalha depois das longas campanhas de Emílio Paulo na Macedônia, com apenas alguns legionários e oficiais menores recém-alistados virgens de batalhas. Porém o exército era mais reduzido do que o macedônio, e sua cavalaria era bem menor. Eles teriam um combate difícil pela frente.

Na noite anterior, havia ocorrido um eclipse lunar, um acontecimento que instigara os adivinhos que seguiam o exército, indicando bom presságio para Roma e mau para o inimigo. Emílio Paulo era sensível o bastante às superstições de seus soldados a ponto de ordenar que os porta-estandartes erguessem tições pela volta da lua e sacrificassem onze novilhos a Hércules. Mas enquanto estava sentado em sua tenda no quartel-general,

consumindo a carne do sacrifício, a conversa não foi sobre presságios, mas sobre táticas de batalha e sobre o dia seguinte. Todos estavam ali, os tribunos menores convidados a partilhar a carne de sacrifício na véspera de sua primeira experiência de batalha: Cipião Emiliano, filho de Paulo e companheiro e senhor de Fábio; Ênio, munido de um rolo de pergaminho, pronto para anotar novas ideias para catapultas e mecanismos de cerco; e Brutus, que já havia travado combates corpo a corpo com os melhores legionários e estava ansioso para colocar seu manípulo em ação. Com eles estava Políbio, ex-comandante grego da cavalaria que tinha o respeito de Paulo e era íntimo de Cipião, uma amizade forjada nos meses desde que Políbio fora levado cativo a Roma e nomeado instrutor dos jovens, ensinando inclusive o idioma grego e algumas maravilhas da ciência e da geografia a Fábio.

Naquela noite, Fábio estava postado atrás de Cipião, ouvindo atentamente, como sempre fazia. Cipião argumentava que a falange macedônia estava ultrapassada, uma tática do passado dependente demais das lanças que deixava os homens vulneráveis em relação ao inimigo. Políbio concordou, acrescentando que os flancos expostos da falange eram seu principal ponto fraco, no entanto disse que uma coisa era a teoria e outra bem diferente era ver uma falange diante de você: até o inimigo mais poderoso hesitaria diante de tal visão, e a falange nunca havia sido derrotada em terra. A principal esperança deles era abalar a formação da falange, para criar um ponto fraco na linha. Desse ponto de observação, vendo a realidade, Fábio tendia a concordar com Políbio. Nenhum legionário romano jamais demonstraria, mas a falange era uma visão apavorante, e muitos homens ao longo da linha devem ter se sentido tal como Fábio ao se prepararem para a batalha: com a respiração ofegante e uma leve palpitação de medo no estômago.

Ele agora olhava para Cipião, resplandecente na armadura legada a ele por seu avô adotivo Cipião Africano, conquistador lendário de Aníbal, o Cartaginês, na Batalha de Zama, 34 anos antes. Era filho mais novo de Emílio Paulo — tinha apenas 17 anos, um a menos do que Fábio —, e este seria seu primeiro derramamento de sangue em combate. O general se destacava entre seus oficiais e porta-estandartes alguns passos à esquerda, tendo Políbio entre eles. Como ex-*hipparchus* da cavalaria grega, experiente nas táticas macedônias, Políbio recebeu um lugar especial em meio à equipe do general, e Fábio sabia que ele não se furtaria a dizer a Emílio Paulo como comandar a batalha.

O pingente no topo do estandarte tremulou na brisa, e Fábio olhou para o javali de bronze, símbolo da primeira legião. Ele segurava o estandarte com força e se lembrou do que aprendera com o velho centurião Petreu, o veterano grisalho que também havia treinado

Cipião e os outros novos tribunos que se preparavam para o confronto de hoje. *Sua principal responsabilidade é para com seu estandarte*, rosnara ele. Como porta-estandarte da primeira coorte da primeira legião, ele era o legionário mais visível de sua unidade, aquele que proporcionava um ponto de convergência. *Seu estandarte só deve cair se você cair*. Em segundo lugar, ele combateria como legionário, se aproximaria do inimigo e o mataria. Em terceiro, ele seguiria Cipião Emiliano. O velho centurião o tinha acompanhado de perto antes de vê-los partir no navio em Brindisi para a travessia à Grécia. *Cipião é o futuro*, grunhiu o centurião. *Ele é seu futuro, e ele é o futuro pelo qual trabalhei a vida toda. Ele é o futuro de Roma. Mantenha-o vivo a todo custo*. Fábio assentiu; já sabia disso. Estivera cuidando de Cipião desde que tinha entrado na casa deste como servo. Mas lá, diante da falange, a promessa que fez lhe parecia menos garantida. Ele sabia que se Cipião sobrevivesse ao embate inicial contra os macedônios iria longe, lutando sozinho, e que as habilidades em combate e com a espada ensinadas pelo centurião seriam as responsáveis por mantê-lo vivo, e não Fábio correndo atrás, cuidando dele.

Ele semicerrou os olhos para o céu. Era um dia quente de junho, e ele estava sedento. Postavam-se de frente para o leste, e Emílio Paulo queria aguardar até que o sol estivesse acima deles, não nos olhos de seus soldados. Porém, ali em cima, no cume, posicionavam-se longe de uma boa fonte de água, pois o rio Leuco estava atrás das linhas inimigas no vale abaixo. Perseu teria se dado conta disso, pois ordenou que sua falange avançasse lentamente ao longo do dia, sabendo que os romanos seriam atormentados pela sede, esperando até que seus soldados também não tivessem o sol ofuscando os olhos depois de terem atravessado as montanhas para o oeste.

Fábio ficou encarando a aranha na relva extensa, a mesma que estivera observando mais cedo para acalmar sua mente e controlar o nervosismo para a batalha iminente. Era grande, tão larga quanto a palma da mão dele, equilibrada em sua teia entre os poucos talos amarelos de milho que ainda não tinham sido pisoteados pelos soldados. Parecia inconcebível que uma aranha tão grande pudesse ficar pendurada por fios tão delicados em dois talos de milho, entretanto ele sabia que as teias tinham muita força e os caules estavam secos e endurecidos pelo sol de verão, tornando a muda tão rígida que arranhava as partes desprotegidas de suas pernas. E então ele viu alguma coisa e se ajoelhou, observando atentamente. Havia algo diferente.

A teia se sacudia. *Todo o chão se sacudia.*

Ele se aprumou.

— Cipião — disse com urgência. — A falange está em movimento. Consigo sentir.

Cipião assentiu e foi até o pai. Fábio o seguiu, com o cuidado de manter o estandarte alto, se posicionando na periferia do grupo, escutando Políbio atrair a atenção dos outros oficiais em uma discussão acalorada.

— Não devemos atacar a falange frontalmente — avisou ele. — Suas lanças estão próximas demais e foram feitas para penetrar os escudos do atacante e prender-se neles. Depois que os atacantes ficarem sem os escudos, a segunda linha da falange avançará e os abaterá. No entanto o ponto forte da falange é também sua fraqueza. As lanças *sarissa* são pesadas e canhestras, e é difícil girá-las conjuntamente. Infiltrem-se enquanto elas ainda estiverem reunidas e serão suas. As espadas gregas curtas não são páreo para o gládio romano mais longo.

Emílio Paulo semicerrou os olhos para a falange, protegendo-os da claridade.

— Por isso nossa cavalaria está nas duas alas, com os elefantes. Assim que a falange iniciar seu ataque final, ordenarei aos nossos homens que ataquem e os cerquem.

Políbio meneou a cabeça veementemente.

— Aconselho o contrário. Os lanceiros macedônios nos flancos estarão preparados para isso. Vocês precisam seguir pelo meio da linha, rompê-la em diversos pontos, criar espaços e expor os flancos nos pontos onde eles tenham dificuldade para manobrar. A infantaria, sozinha, não consegue fazer isso num ataque frontal, pois será detida pelas lanças. Você precisa usar seus elefantes, vários juntos, em quatro ou cinco lugares com algumas centenas de passos de distância. Os elefantes têm armadura frontal, e, mesmo que sejam perfuradas, prosseguirão por muitos passos com o ímpeto de seu peso imenso e atravessarão as linhas antes de caírem. Se os legionários os seguirem de perto, passarão pelos espaços e criarão quatro ou cinco assaltos separados, corroendo os flancos expostos. A falange irá desmoronar.

Emílio Paulo balançou a cabeça.

— É tarde demais para isso. Os elefantes estão reunidos em um esquadrão no flanco direito, e é ali que atacarão. Eles têm força numérica, e uma investida maciça de elefantes irá apavorar o inimigo. A cavalaria os seguirá e contornará até a retaguarda da falange.

— E a infantaria? — insistiu Políbio. — Mesmo que você ordene que sua infantaria siga a cavalaria a passo acelerado, eles nunca chegarão ao flanco direito e contornarão a retaguarda da falange a tempo de consolidar as vantagens garantidas pela cavalaria. A falange já terá tido tempo de formar uma linha defensiva na retaguarda. Nossa própria linha terá sido

gravemente enfraquecida.

— Não pode haver uma mudança de planos, Políbio — disse Emílio Paulo, olhando adiante com olhos semicerrados. — A falange está começando a se deslocar novamente. E eu prometi ao líder dos Peligni em nossa linha de frente que eles liderariam o ataque. A sorte está lançada.

Políbio virou-se, exasperado. Cipião aproximou-se dele e pôs a mão em seu ombro, apontando o espaço entre os dois exércitos.

— Veja o terreno — disse ele em voz baixa. — A falange está à cabeceira do vale que leva ao topo da colina a partir do mar, em terreno relativamente plano, onde podem formar uma linha contínua. Estamos no sopé das montanhas. Assim que a falange marchar para frente, a linha será rompida quando encontrarem o terreno acidentado e as valas, onde o vale termina e o aclive à frente deles se inicia. Contanto que estejamos preparados para despejar legionários nestas valas, tudo que precisamos fazer é manter a calma e esperar por eles. O terreno fará o trabalho para nós.

Políbio franziu os lábios.

— Talvez você tenha razão. Mas será tarde demais para impedir os Peligni de fazer sua investida. Eles são aliados latinos e homens corajosos, mas não estão equipados nem são disciplinados como os legionários, portanto serão abatidos. E uma vez que seu pai vir o resultado, poderá usar de prudência e impedir que o restante da linha prossiga.

— Meu pai é um excelente leitor de terreno — disse Cipião pensativamente. — Sua estratégia é sensata, mas não podemos reorganizar os elefantes agora. Ao esperar aqui para que a falange venha a nós, conseguiremos o mesmo efeito do rompimento da linha. Pode ser válido para o Peligni realizar uma investida suicida, pois tal sacrifício incitará a confiança da falange e a deixará menos cautelosa em relação a abrir a linha quando chegarem ao terreno acidentado. E depois de enviar os legionários para os espaços na falange, meu pai poderá usar a cavalaria e os elefantes, conforme planejou, para flanquear a falange e chegar à retaguarda dela, num momento em que eles estiverem concentrados em confrontar as incursões em suas linhas pela frente e portanto menos organizados para criar uma defesa na retaguarda. Se os legionários ficarem firmes, os macedônios serão derrotados.

— Não se pode questionar a determinação dos legionários — disse Políbio. — Este é o melhor exército que Roma já levou a campo.

Fábio viu o brilho das lanças da falange, que se fechava em formação cerrada e avançava

lentamente. Ele olhou para além da segunda legião à sua direita e viu os Peligni, guerreiros agressivos dos vales montanhosos a leste de Roma a quem sempre era concedida alguma liberdade para que mantivessem sua lealdade. Usavam capacetes de bronze e armadura peitoral de linho trançado, carregavam perigosas espadas largas e, quando atacavam, berravam feito touros. Um cavaleiro saiu de seu meio e galopou da linha diretamente para a falange, parando pouco antes de chegar às lanças, e atirou um dardo com estandarte em meio aos macedônios, virando-se em seguida e galopando de volta às linhas romanas. O ataque era inevitável agora. Os Peligni prestaram juramento para recuperar seu estandarte a qualquer custo, e sempre investiam com ímpeto contra as linhas inimigas diante de uma batalha a fim de provar suas intenções a seus comandantes romanos.

Políbio se virou de repente e pegou as rédeas de seu cavalo das mãos do cavalariço.

— Há uma coisa que posso fazer.

Ele se virou para seu gladífero e pegou o capacete, um antigo modelo corinto com imenso protetor nasal e facial, que escondia seu rosto quase completamente. Colocou-o, puxou a alça firmemente sob o queixo e saltou habilidosamente no cavalo, curvando-se para frente e afagando o pescoço do animal enquanto este pisoteava e relinchava. Ele apontou para o escudo e o cavalariço o entregou: era um objeto de formato circular com relevo no meio e um aro grosso de aço polido na borda. Ele passou o braço esquerdo pelas duas alças de couro nas costas e o prendeu firmemente em sua lateral, mantendo a mão direita no pescoço do cavalo. Não tinha sela, e ele rejeitou as rédeas; Fábio se lembrou de Políbio contando a ele como havia aprendido a cavalgar em pelo quando menino e que sempre entrava numa batalha dessa maneira. O cavalo empinou, de olhos arregalados, mascando e espumando, sabendo o que o aguardava.

Cipião o olhou, alarmado.

— O que vai fazer? Você nem mesmo tem uma arma.

Políbio ergueu o escudo.

— A borda disto é tão afiada quanto uma lâmina de espada. Fomos treinados para usar nossos escudos como armas pelo mestre de montaria na Megalópole quando eu tinha sua idade. Outro ponto fraco da falange é que eles mantêm as lanças tão unidas que podem ser quebradas quando cavalgamos por elas na linha.

— Você será abatido — exclamou Cipião. — É valioso demais para morrer assim. Você é historiador. Um estrategista.

— Fui oficial comandante da cavalaria aqueia antes de ser enviado como prisioneiro a Roma. Eu tinha sua idade, estava comandando meu primeiro ataque de cavalaria quando você mal sabia andar. Mas você sabe a quem devo minha obediência agora. Não suporto ver um aliado romano avançar para a morte sem lhe dar uma chance, e sou o único aqui que sabe fazer isso.

— Se os macedônios o desmontarem, tirarem seu capacete e, reconhecerem como grego, você será estraçalhado até a morte.

— As *sarissai* não são lanças de arremesso, lembre-se. Contanto que eu fique pouco além do alcance delas e minha égua Skylla cumpra seu dever, sobreviverei. *Ave atque vale*, Cipião. Salve e adeus. — Políbio cravou as canelas no cavalo e ele disparou, chutando uma nuvem de poeira que por um momento obscureceu a visão.

Quando a poeira se dissipou, Fábio viu o motivo para a partida repentina do outro. Os Peligni já haviam começado a atacar, avançando como cães selvagens, fazendo o barulho de mil torrentes. Corriam a uma velocidade assombrosa, e a distância entre eles e a falange já se estreitava. Fábio viu Políbio avançar para a abertura, com o escudo em diagonal à esquerda, investindo num redemoinho de poeira. Outro cavalo o seguiu, sem cavaleiro, rompendo as linhas romanas até ultrapassar Políbio e desaparecer na tempestade de poeira. Por um instante apavorante parecia que ele não chegaria a tempo, como se o espaço fosse se fechar e ele fosse ser atirado por entre a horda de guerreiros Peligni. Mas então ele sumiu, e agora só se conseguia ver um risco prateado ao longo da linha de lanças macedônias, como se uma onda estivesse passando por ela. As lanças na frente dos Peligni foram quebradas e desorganizadas, deixando a falange vulnerável e exposta. Então os Peligni se colocaram entre eles, suas espadas curvas e imensas ceifando e cortando, os gritos e berros rasgando o ar. Fábio não via como Políbio seria capaz de sobreviver para sair do outro lado; fechou os olhos por um instante e murmurou as breves palavras de oração que seu pai lhe ensinara a dizer no falecimento de um companheiro soldado em batalha.

— Olhe a sua frente, legionário — ordenou Cipião, a voz rouca de tensão.

Ele estava ao lado de Fábio, a espada em punho, olhando adiante. Enquanto eles observavam Políbio, o restante da falange em ambos os lados tinha avançado rapidamente, exatamente como Cipião previra. Agora não estavam a mais de duzentos passos, mas a linha bem em frente de Fábio e Cipião tinha sido rompida enquanto os macedônios tentavam passar por um córrego seco causado pelo derretimento da neve da montanha, que se alargava em uma vala com margens mais ou menos da altura de um homem.

— Aí está nossa chance — disse Cipião. — Precisamos chegar a eles enquanto estão na vala, antes que cerrem a linha novamente. — Fábio olhou para Emílio Paulo, que colocava o capacete e se postava entre seus outros oficiais, de espada em riste.

Atrás deles, os manípulos da primeira legião posicionavam-se em formação de batalha, os centuriões marchando na frente e berrando comandos para que mantivessem posição, aguardassem pelo comando e fizessem o que os legionários faziam melhor do que qualquer outro: matar o inimigo a curta distância, golpear, cortar e derramar sangue sem demonstrar piedade alguma.

Cipião pôs a mão no ombro de Fábio.

— Até nosso reencontro, meu amigo. Neste mundo ou no próximo.

Ao se virar, Cipião pareceu jovem, jovem demais para o que eles estavam prestes a fazer, e Fábio teve de se lembrar de que Cipião tinha apenas 17 anos, um ano a menos do que ele próprio; era uma diferença de idade que lhe dera certa autoridade sobre Cipião quando eles eram meninos, que fazia com que Cipião ainda lhe desse ouvidos, embora estivessem separados por posto e classe, mas agora a diferença era irrelevante enquanto os dois se postavam com os outros seis mil legionários prontos para dar o máximo de si. Fábio respondeu, a voz rouca, soando estranhamente desincorporada.

— *Ave atque vale*, Cipião Emiliano. Neste mundo ou no próximo.

Ele segurou firmemente o estandarte e sacou a espada. Viu Cipião olhar nos olhos do pai e Emílio Paulo assentir. De repente tudo pareceu ocorrer em câmera lenta; até o crescendo cada vez maior de barulho pareceu abafado, distante. Fábio viu Cipião correr para a esquerda, à frente do primeiro manípulo, depois voltar ao centurião líder, curvando-se para a frente e berrando para ele; em seguida viu Cipião colocar-se de frente para o inimigo, o suor brilhando em seu rosto. Ele ergueu a espada e berrou novamente, e os legionários atrás dele fizeram o mesmo, um ronco ensurdecedor que pareceu suprimir todas as outras sensações. Fábio percebeu que fazia o mesmo, gritando a plenos pulmões e brandindo a espada no ar.

Ele tentou se lembrar do que o velho centurião havia lhe dito sobre a batalha. *Você não verá nada além de um túnel adiante, e ele se tornará seu mundo. Elimine o inimigo de lá e talvez você sobreviva. Tente enxergar o que há fora do túnel, desvie o olhar daqueles que estão atentos a você, e morrerá.*

Cipião começou a correr. Todo o chão tremeu quando os legionários o seguiram. Fábio

também correu, não muito longe atrás de Cipião, em paralelo aos primipilos da primeira legião. O espaço na falange se estreitou quando os soldados macedônios divididos pela vala perceberam seu erro e correram rumo à cabeceira a fim de se reagrupar; mas, ao fazerem isso, estenderam suas linhas lateralmente, alguns girando as lanças para proteger os flancos e outros investindo adiante para tentar fechar o espaço.

Fábio ofegava e sentia a garganta seca. Cipião não estava a mais de cem passos da falange. De repente um elefante apareceu num turbilhão de poeira à direita, uma lança macedônia enterrada no flanco do bicho, que estava fora de controle e arrastando o cadáver mutilado de um cavaleiro. O elefante viu a vala e desviou-se para a falange à direita, pisoteando corpos que explodiram em sangue quando ele colidiu contra as linhas, tropeçou e rolou até parar dentro da vala, desorganizando ainda mais as fileiras macedônias. Os primeiros guerreiros Peligni foram atrás do elefante, gritando, agitando as espadas e atirando-se à linha macedônia. O primeiro foi espetado por uma lança, mas avançou pelo fosso até chegar ao soldado macedônio, decapitando-o com um único golpe de espada antes de cair morto. O mesmo aconteceu por toda a linha, investidas suicidas que abriam cada vez mais espaço na falange, permitindo que a massa de legionários passasse e se colocasse atrás das fileiras frontais de lanceiros, investindo suas espadas para derrubar centenas de macedônios.

Em questão de segundos, Fábio estava entre eles. Tinha consciência de ter atravessado a linha de lanças e de ter se desviado para evitar o elefante moribundo, e então de ter visto Cipião golpeando e estilhaçando corpos mais à frente. Ele correu a espada pelos tornozelos expostos da linha de lanceiros ao lado, deixando-os aos gritos, contorcendo-se no chão, à espera para que os legionários que vinham a seguir acabassem com eles. E logo ele estava bem atrás de Cipião, golpeando e ceifando, procurando o pescoço e a pélvis, com os braços e a cara ensopados de sangue, sempre mantendo o estandarte erguido. Um trácio imenso veio pelas costas de Cipião e sacou uma adaga, mas Fábio investiu e cravou a espada na nuca do homem até seu crânio, fazendo com que os globos oculares saltassem e um jato de sangue saísse em arco de sua boca enquanto ele caía. Em volta dele, o ruído e o cheiro não eram nada parecidos com o que ele já vivera, homens gritando, berrando e vomitando, sangue e vômito se espalhando por todo lado.

E então Fábio ficou ciente de outro ruído, o soar de trombetas, não as romanas, mas as montanhesas macedônias. O combate se abrandou de repente, e os macedônios à volta pareceram sumir. *As trombetas soaram a retirada*. Fábio cambaleou para Cipião, que estava curvado e ofegava muito, colocando a mão em um corte ensanguentado na coxa. À volta

deles, os legionários passavam pelo monte de corpos onde antes estivera a linha macedônia, golpeando para dar cabo dos feridos, como uma onda gigantesca se quebrando num arrecife e desaparecendo na praia. Cipião se levantou, apoiou-se em Fábio, e os dois avaliaram a carnificina ao redor. Quando a poeira assentou, viram a cavalaria contornando os flancos e perseguindo os macedônios que batiam em retirada, uma nuvem retumbante de morte que pressionava o inimigo de volta à planície e em direção ao mar.

Fábio se lembrou de mais uma coisa que o velho centurião lhe dissera. O túnel que fora seu mundo, o túnel de morte que parecia não ter fim, de repente se abriria e haveria um tumulto, um massacre. Parecia não haver lógica nisso, mas era o que acontecia. Dessa vez, foi do lado deles.

Emílio Paulo desceu a encosta em direção a eles, sem capacete, seguido por seus porta-estandartes e oficiais. Andou em meio aos corpos mutilados e se colocou diante de Fábio, que fez o possível para permanecer em posição de sentido e manter o estandarte erguido. O general colocou a mão em seu ombro e falou.

— Fábio Petrônio Segundo, por jamais deixar que o estandarte da legião baixasse e por ficar à frente de seu manípulo, eu o louvo. E o primipilo disse que o viu salvar a vida de seu tribuno, matando um dos inimigos sem deixar o estandarte cair. Por isso, eu o recompenso com a *corona civica*. Deixou sua marca na batalha, Fábio. Continuará a ser guarda-costas pessoal de meu filho e, um dia, poderá ser promovido a centurião. Combati ao lado de seu pai quando eu era tribuno e ele centurião, e você honrou a memória dele. Pode voltar a Roma com altivez.

Fábio tentou controlar as emoções, mas sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto. Emílio Paulo virou-se para o filho.

— E quanto ao tribuno, ele se provou digno de liderar os legionários romanos em batalha.

Fábio sabia que não poderia haver recompensa maior para Cipião, que fez uma reverência e então levantou a cabeça, a expressão exausta.

— Eu o congratulo por sua vitória, Emílio Paulo. Você receberá o maior triunfo já visto em Roma. Você honrou os espíritos de nossos ancestrais e de meu avô adotivo Cipião Africano. Mas agora tenho outra tarefa. Devo preparar os ritos funerários de Políbio. Ele foi o homem de maior bravura que conheci, um guerreiro que se sacrificou para salvar a vida de romanos. Precisamos encontrar seu corpo e enviá-lo ao além como seus heróis, como Ajax e

Aquiles e os abatidos das Termópilas.

Emílio Paulo pigarreou.

— Muito bem, se conseguir convencê-lo a deixar de lado a questão bem mais interessante de interrogar prisioneiros de guerra macedônios para o relato que ele pretende escrever desta batalha em suas *Histórias*.

— Como? Ele está vivo?

— Ele conseguiu cavalgar para o flanco direito da falange, retornou para nossas linhas e atacou novamente à frente da cavalaria, depois voltou para recolher seus pergaminhos e assim escrever uma narrativa como testemunha ocular enquanto ainda estava fresca em sua mente. E isso antes de ele ter uma repentina inspiração e galopar sozinho para encontrar o rei Perseu, onde quer que estivesse escondido, para ter sua interpretação da batalha.

— Mas ele não podia ter se dado ao trabalho de parar e dizer aos amigos que estava vivo?

— Ele tem coisas muito mais importantes a fazer.

Cipião balançou a cabeça, depois enxugou o rosto com a mão. De repente parecia tremendamente cansado.

— Você precisa de água — disse Fábio. — E estes ferimentos precisam ser tratados.

— Você também está ferido, no rosto.

Surpreso, Fábio ergueu a mão e sentiu o sangue coagulado que descia da orelha à boca.

— Não senti. Precisamos chegar ao rio.

— Está vermelho com o sangue macedônio — disse Emílio Paulo.

— O sangue está em toda parte. — Cipião olhou o sangue que secava nas mãos, nos braços e em sua espada. Semicerrou os olhos para o pai. — Este é o fim?

Emílio Paulo olhou o campo de batalha até o mar e assentiu.

— A guerra com a Macedônia acabou. O rei Perseu e a dinastia dos Antígonas estão aniquilados. Extinguimos o que restava do império de Alexandre, o Grande.

— O que o futuro nos reserva?

— Para mim, um triunfo em Roma como nenhum outro do passado, depois monumentos com meu nome e o nome desta batalha de Pidna, em seguida a aposentadoria. Esta é minha última guerra e minha última batalha. Mas para você, para os outros de sua geração, para Políbio, Fábio, para os outros jovens tribunos, há guerras pela frente. A Liga Aqueia na

Grécia, ao sul, terá de ser subjugada. Os celtiberos na Espanha ficaram alvoroçados quando Aníbal os tomou como aliados, e vão resistir a Roma. E, sobretudo, Cartago permanece... um assunto inacabado mesmo depois de duas guerras devastadoras. Há um caminho difícil diante de vocês, com muitos desafios a superar, com a própria Roma às vezes parecendo um obstáculo a suas ambições. Foi assim para mim e para seu avô adotivo, e será também assim enquanto Roma temer seus generais tanto quanto louva suas vitórias. Se você tiver sucesso e sair tão vitorioso quanto eu num campo de batalha, deve mostrar o mesmo poder de determinação para continuar fiel a seu destino como mostrou força em combate. E, para você, os riscos são ainda maiores. Para aqueles de sua geração, para aqueles de vocês que hoje são jovens tribunos, aqueles que nós, em Roma, preocupados com o futuro, alimentamos e treinamos, seu futuro não será se elevar no campo de batalha do mesmo jeito que fazemos hoje em Pidna ou como seu avô em Zama, para ver a glória do triunfo e depois a aposentadoria. Seu futuro será desviar os olhos de Roma, ver de seu campo de batalha um horizonte que nenhum de nós jamais viu e ser tentado por ele. O império de Alexandre, o Grande, pode ter desaparecido, mas um novo império nos acena.

— A que se refere?

— Refiro-me ao império de Roma.

Parte 1

Roma, 168 a.C.

Três meses antes da Batalha de Pidna

1

Fábio Petrônio Segundo caminhava de maneira decidida pela Via Sacra, passando pelo antigo Fórum de Roma, tendo o Templo Capitolino atrás de si e as casas aristocráticas na encosta do Monte Palatino à direita. Carregava uma trouxa contendo as caneleiras de bronze que seu senhor Cipião Emiliano tinha se esquecido de levar naquela manhã à Escola de Gladiadores, onde o velho centurião Petreu supervisionaria o treinamento dos jovens que seriam nomeados tribunos militares no final daquele ano. Cipião era o mais velho dos alunos, agora com quase 18 anos, e se encarregava dos outros na ausência do centurião, assim haveria uma dupla humilhação e mais do que uma dupla punição se o centurião descobrisse que faltava parte de seu equipamento.

Mas Fábio conhecia exatamente os movimentos do velho centurião. Toda manhã, com uma precisão militar, ele passava meia hora nos banhos, uma indulgência cômica para um velho soldado, e Fábio o vira entrar em sua casa de banho preferida atrás do Templo de Castor e Pólux minutos antes. Não era a primeira vez que Fábio salvava a pele de Cipião, e Fábio sabia o valor de se tornar indispensável. Mas seus sentimentos para com Cipião eram de amizade em vez de servidão: no futuro, ele poderia estar destinado a ser um legionário, enquanto Cipião se tornaria general, mas primeiro eles se conheceram em condições equivalentes nas ruas de Roma quando Cipião quisera esconder sua grandeza aristocrática por uma noite e andar com seu bando. E foi assim que a coisa ficou entre eles, embora as convenções ditassem que, em público, um devia ser o senhor e outro, um servo.

Um lictor estava agitando um galho de oliveira para sinalizar uma procissão e o deteve quando ele estava prestes a atravessar a rua. Fábio estava atrás de um grupo de espectadores e olhou de um lado a outro para ver se havia como atravessar, porém pensou melhor e não o fez. Se fosse uma procissão religiosa, os lictores o perseguiriam e o espancariam, e ele não podia suportar uma transgressão que colocasse sua posição na casa de Cipião em risco. Sua amizade com Cipião Emiliano depois de Fábio tê-lo salvado do espancamento naquela noite foi a grande virada de sua vida, a oportunidade de escapar dos cortiços da margem do Tibre e honrar a memória de seu pai. Ele se lembrava da última vez que vira o pai de armadura completa, perto deste mesmo local, marchando em triunfo depois da Primeira Guerra Celtibera, um centurião da primeira legião resplandecente em sua *corona civica* e com as braçadeiras de prata com que fora recompensado por heroísmo. Mas a isso se seguiram anos de paz, e, quando as legiões foram novamente convocadas, ele estava velho e maltratado

demais por sua fraqueza pelo vinho, e depois disso os tempos difíceis só pioraram. Fábio sabia que o nome do pai era o motivo pelo qual o pai de Cipião, Emílio Paulo, o aceitara em sua casa como servo e indicara seu nome para a primeira legião quando ele chegou à idade adequada. Se Emílio Paulo e o avô adotivo de Cipião, o grande Cipião Africano, tivessem recebido poder do Senado, Roma não teria abandonado seu pai; teriam garantido que os soldados experientes continuassem nas fileiras e não fossem jogados de volta à vida civil, em que suas habilidades eram desperdiçadas e à qual eles não conseguiam se adaptar.

Fábio espiou por sobre a cabeça das pessoas para ver o que passava. Eram doze Virgens Vestais, enfeitadas com guirlandas de folhas de louro e vestindo branco, seguidas por um grupo de meninas que serviam como suas criadas, espalhando incenso e pétalas de flores sobre os espectadores. Em meio às serviçais ele viu Júlia, seu cabelo louro visível acima das outras. Ela deveria estar com ele hoje, juntando-se aos rapazes em segredo para estudar táticas de batalha enquanto o velho centurião estava fora. Era função de Fábio acompanhá-la à academia e depois levá-la para fora por uma entrada nos fundos assim que ouvissem a pancada do bastão do velho centurião no corredor. O maior medo de Júlia era ser obrigada a passar tanto tempo com as Vestais que acabasse se tornando ela própria uma delas, mas faltar à procissão de hoje teria sido subverter a tolerância que sua mãe demonstrava para com o tempo que ela passava com os jovens na academia, a única coisa que tornava tolerável para ela a vida de menina aristocrata em Roma, com todas as suas convenções e restrições.

Júlia o viu, abriu um sorriso, e ele acenou. Meses antes ela o procurara nos aposentos dos servos da casa de Cipião e acariciara seu cabelo, admirando seus cachos castanho-arruivados. Ele ficou momentaneamente confuso, com o coração aos saltos, e disse a ela que a cor de seu cabelo vinha da mãe, filha de um chefe celta aprisionado no calabouço tuliano embaixo do Monte Capitolino e guardado pelo pai de Fábio. Ele sentiu a respiração de Júlia se acelerar, empolgada talvez com o exótico, com um rapaz que não era de sua classe social, nem mesmo inteiramente romano, abrindo as possiblidades do mundo para ela. Mas ele recuperou o juízo e se afastou dela. Ele não era assim tão inocente aos prazeres das mulheres; de vez em quando gastava alguns *asses* que ganhava no *prostibulu* da casa de banhos, e tinha admiradoras entre as meninas de seu próprio bairro. Mas sabia que não podia ter esperanças com Júlia. Como servo, pouco mais do que um escravo, ele seria expulso da casa se fossem descobertos, ou coisa pior. E, acima de tudo, ele sabia que Cipião era apaixonado por Júlia, um amor que tinha florescido secretamente nos meses que se sucederam, depois de Júlia ficar consciente de seus sentimentos, apesar de seu noivado desde a infância com um primo

distante de Cipião, Metelo. Se Fábio perdesse a proteção de Cipião, nunca ficaria novamente acima das ruas. Mas era a amizade de Cipião que mais importava, uma amizade que enriquecera sua vida, que o apresentara a Políbio e a um mundo de livros e conhecimento que iluminara sua imaginação e igualara seus sonhos aos de Cipião, para ver o mundo que o pai vira como soldado e que ele próprio desejava explorar.

A procissão passou e Fábio correu pela rua até a Escola de Gladiadores, passando pelo aglomerado de vielas e casas de madeira até dar na construção de dois andares que cercava a arena de treino. Abriu caminho pelos soldados velhos e aleijados que pediam esmola na entrada, passou pelo monte de areia usado para limpar o sangue e depois pelo estábulo onde guardavam Aníbal, o velho e calejado elefante de guerra que era o último sobrevivente da marcha de seu homônimo sobre os Alpes quase cinquenta anos antes — o último prisioneiro cartaginês vivo em Roma. Fábio correu por uma passagem escura e subiu a escadaria que dava em uma porta fechada, com o cuidado de não roçar nas velas de sebo que crepitavam pelas paredes. Oficialmente, a academia era uma escola particular para instrução de filhos de senadores em filosofia e história, composta por professores recrutados entre as centenas de prisioneiros gregos levados a Roma desde que a guerra contra a Macedônia havia começado. Extraoficialmente, era uma escola de treinamento criada por Cipião, o Velho, antes de sua morte para garantir que a geração seguinte de líderes de guerra romanos fosse mais habilidosa do que a anterior, e mais capaz de controlar as agitações do Senado. Foi graças a esse último fato que Cipião, o Velho, manteve a academia o mais privativa possível, longe dos olhos daqueles que desconfiavam de tudo que ele fazia. Teoricamente, o velho centurião Petreu era o único a instruir os rapazes na luta de espadas, mas por duas manhãs da semana, atrás de portas fechadas, eles tinham permissão para encenar as grandes batalhas do passado, batalhas que o centurião e outros veteranos traziam para que eles as organizassem com base na própria experiência de tática e combates.

Ele abriu a porta e entrou furtivamente, fechando-a silenciosamente atrás de si. O cômodo era amplo, sem janelas nos lados que davam para a rua, mas com uma galeria aberta do outro lado, dando para a arena no pátio abaixo. Dois escravos estavam em serviço perto da parede do fundo, segurando bandejas com frutas e jarros de água, ao lado de uma passagem aberta que vinha do pátio, onde o velho centurião fazia sua entrada. No meio da sala havia uma mesa grande, de cerca de três braços de comprimento, coberta com o diorama de um campo de batalha. O terreno era representado por areia, pedras e tufos de grama, e os exércitos oponentes, por blocos de madeira pintada, organizados em fileiras.

Fábio sabia exatamente qual batalha estava sendo representada ali. Quando Políbio lhe ensinou grego, leu uma passagem sobre a batalha na história da guerra contra Aníbal que Políbio estava escrevendo desde que havia chegado da Grécia como um cativo voluntário que sempre fora um grande admirador de Roma. E o velho centurião tinha lhe falado sobre isso, uma testemunha ocular que combatera ali, ao lado do próprio Cipião, o Velho. Petreu levou Fábio à taberna uma noite e ele passou horas bebendo vinho e ouvindo histórias. Foi a Batalha de Zama, o último confronto com os cartagineses no Norte da África, que obrigou Aníbal a se render e a cidade de Cartago a se colocar à mercê de Cipião, quase trinta e cinco anos antes.

A mesa era iluminada por velas nos quatro cantos e por uma claraboia aberta no teto. À meia-luz, Fábio distinguia mais ou menos uma dezena de figuras nas sombras ao fundo, inclusive a figura barbada de Políbio, mais alto do que os outros e uns quinze anos mais velho, hoje presente como professor a fim de melhorar sua compreensão das táticas romanas para um volume especial das *Histórias* que estava escrevendo.

Cipião estava curvado, as mãos sobre a mesa, olhando com atenção. Fábio lhe entregou silenciosamente as caneleiras de bronze que estava carregando, e Cipião as vestiu, amarrando-as habilmente nas panturrilhas e assentindo em agradecimento para Fábio antes de voltar o olhar para a mesa, concentrando-se. Fábio conhecia o protocolo. Eles haviam terminado de reconstituir a batalha real e agora entravam na esfera da especulação. Cada um deles se aproximaria da mesa e alteraria uma série de variáveis, e o seguinte sugeriria possíveis resultados. Era um jogo de tática e estratégia para mostrar com que facilidade o curso da história podia ter sido alterado. Cipião, como líder do grupo, era o último jogador, e Políbio, como jogador anterior, impusera-lhe um desafio.

— Você retirou os celtiberos — murmurou Cipião.

— São mercenários, lembra-se? — respondeu Políbio. — Quase todo o exército cartaginês é de mercenários. Imaginei que na véspera da batalha eles exigiram seu pagamento e Cartago não tinha mais ouro algum. Assim, eles sumiram na noite.

Outra voz se intrometeu.

— Soube do boato que os cartagineses ressuscitaram o Batalhão Sagrado? Uma unidade de elite composta inteiramente por nobres cartagineses. Dizem que foi ressuscitado em segredo, para realizar a última defesa de Cartago, creio que devemos atacar novamente.

Cipião levantou a cabeça.

— Meu amigo dramaturgo Terêncio também me contou isso. Ele foi criado em Cartago, então deve saber. Mas isso é irrelevante para o jogo. Em Zama o ano é 551 *ab urbe condita*, e o Batalhão Sagrado foi aniquilado anos antes. — Ele se voltou para o diorama. — Assim, retirando os celtiberos, a vitória de Roma é ainda mais certa.

— Não necessariamente — respondeu Políbio. — Veja seu suprimento de comida.

Cipião olhou rapidamente um grupo de moedas coloridas atrás das linhas romanas e resmungou.

— Você esgotou três quartos dele. O que aconteceu?

— Na preparação para a batalha, os romanos pilharam a terra, pegando todas as safras de uma vez em lugar de armazenar cautelosamente visando uma longa campanha. Por três semanas antes da batalha, os legionários viveram com metade da ração.

— Assim, o moral despenca. E a capacidade física. Um exército vive de sua barriga.

— E fiz outra alteração, a terceira que me foi permitida. Cipião Africano, seu avô, contou aos legionários que não haverá pilhagens em Cartago se tomarem a cidade. Todos os tesouros roubados dos gregos pelos cartagineses na Sicília serão devolvidos.

— Pior ainda — resmungou Cipião. — Sem comida, sem pilhagem.

— Mas há um fator de salvação — disse Políbio.

— E qual é?

Políbio saiu das sombras.

— Outra alteração, minha quarta e última. Cinco anos antes, Cipião Africano teve permissão do Senado para criar um exército profissional. Montou uma academia para oficiais, a primeira em Roma, na antiga Escola de Gladiadores, idêntica à academia que existe aqui hoje. Consequentemente, quando os legionários foram à guerra, ostentavam o orgulho e a solidariedade de um exército profissional. Eles combateram pelos companheiros, por sua honra, e não pela pilhagem. E os oficiais fizeram jogos de batalhas passadas, assim como nós estamos fazendo, e sempre estavam um passo à frente do inimigo. Desse modo, venceram a batalha, como nós venceríamos.

— E então eles prosseguiram para destruir Cartago — disse Cipião, sorrindo para Políbio. — Sem a interferência do Senado.

Políbio ergueu os olhos para ele.

— E então, o que você faz? Você venceu a batalha e a campanha. Mas venceu a guerra?

Quando é que as guerras terminam? Você volta a Roma para seu triunfo e deita em seus louros, ou tira proveito de sua vitória e procura a próxima ameaça a Roma, a próxima região desenvolvida para conquistar?

— Dependeria da vontade do Senado e do povo de Roma — disse um dos outros.

— E de quem fosse o cônsul — acrescentou um terceiro. — Os cônsules ficam no posto por apenas um ano, e, se os cônsules seguintes entenderem que há pouco proveito para si mesmos, podem ordenar que as legiões voltem a Roma.

Cipião franziu os lábios.

— É este o problema. A constituição de Roma estorva qualquer tentativa mais ampla de estratégia.

— As constituições são feitas pelos homens, e não pelos deuses — pronunciou-se uma figura de voz grave. Colocou-se ao lado de Políbio, e Fábio viu que era Metelo, um homem mais próximo da idade de Políbio. Ele já era um tribuno de serviço, estava de licença da guerra macedônia para se recuperar dos ferimentos; já trazia as cicatrizes de garras de águia de sua juventude, quando uma ave de caça errou ao pousar em seu pulso e caiu em seu rosto. — Roma já alterou sua constituição uma vez, quando se livrou dos reis e criou a República — disse ele. — Pode fazer isso novamente.

— Palavras perigosas, Metelo — disse Políbio. — Palavras com laivos de ditadura e império.

— Se isso for necessário para conservar o poder de Roma, que assim seja.

Políbio apoiou as mãos na mesa, olhando o diorama pensativamente.

— Caberá a vocês aqui presentes, a próxima geração de líderes de guerra, encontrar o melhor curso para Roma. Digo apenas isto. O curso da história não é questão de acaso, não é um jogo no qual somos peças como estes blocos de madeira, movimentados por capricho dos deuses. No mundo real, vocês não são peças de jogo; são os jogadores. Seguem as regras do jogo, é verdade, mas as envergam, forçam-nas. As regras não vencem o jogo por vocês: devem fazê-lo vocês mesmos. A história é feita pelas pessoas, e não pelos deuses. Cipião Africano não foi escravo da vontade de uma divindade, mas senhor de si e estrategista.

— E o império? — perguntou Metelo. — Poderá Roma ter um império?

— O imperialismo deve ser baseado na responsabilidade moral para com os governados. O comportamento ofensivo terá sua desforra. Um império não deve crescer para além da capacidade administrativa de suas instituições.

— Então já fizemos isso — disse Metelo. — Já temos províncias, mas ainda não temos a organização para administrá-las. Somos um império em tudo, exceto no nome, todavia Roma insiste em se comportar como uma cidade-estado. Algo deve mudar. Alguém deve se elevar acima de tudo e enxergar o futuro. Como você nos ensinou, Políbio, a história é feita pelos indivíduos, e são eles, não as instituições, que induzem à mudança. Por isso existe esta academia. É para criar futuros imperadores.

— Não creio que tenha sido exatamente essa a intenção de meu avô — disse Cipião, olhando Metelo friamente.

— Devemos deixar de avaliar o passado? — questionou um dos outros. — As lições para as guerras do futuro estão nas guerras de nossos ancestrais.

Políbio afastou-se da mesa.

— Este é o estilo de Roma, sentir que os bustos dos ancestrais que todos vocês têm na *tablinae* de suas casas estão cuidando de vocês constantemente, orientando-os. Mas às vezes precisamos prestar nossas homenagens ao passado e então fechar essa porta, e olhar unicamente para o futuro. Estudar a história e aprender com o passado, mas nem sempre se trata de procurar um precedente nela. A estratégia e as táticas na guerra são baseadas na experiência de guerras passadas, porém cada nova guerra é única. O mundo não é estático. Se você escolher olhar para frente, e o fizer agressivamente, aprendendo todas as lições ensinadas na academia, aí poderá mudar a história. A história não está estendida diante de nós como um tapete que se desenrola eternamente. Talvez vocês possam tecer seus próprios fios nele, ou podem desviar o tapete e fazer com que caia pela escada rumo ao desconhecido. Esta é minha lição de hoje. Terminamos com um pensamento final da parte de cada um de vocês, como sempre. Ênio?

— Cumpra sua palavra. Só então as cidades se renderão a você.

— Muito bem. Cipião?

— Em uma nova província, defina suas fronteiras — disse Cipião. — Caso contrário, a guerra é inevitável.

Políbio assentiu.

— Quando Cartago teve permissão de manter parte de seu território na África depois da Batalha de Zama, as fronteiras estavam maldefinidas. Essa era uma receita para a guerra. Lúcio?

— Explore a superstição. Se seu exército sentir que detém orientação divina, estimule-o a

acreditar nisso.

— Brutus?

— Castigue fortemente os conquistados que não lhe rendem obediência, para inspirar medo e terror.

— Por Zeus — murmurou Políbio. — Parece algo vindo de Esparta.

— Meu pai me ensinou — disse Brutus, com os braços imensos cruzados no peito. — Dizia que haveria mais na academia do que no combate com espadas, e que eu deveria estar pronto com algumas ideias.

— Talvez seja melhor você se ater a seus pontos fortes — murmurou Políbio. — Fábio?

Fábio ficou desconcertado.

— Estou aqui apenas como servo de Cipião, Políbio. Jamais liderarei um exército.

— Pode não liderar um exército, mas homens como você serão sua espinha dorsal. O que diz?

Fábio pensou por um momento.

— A covardia não deve ficar sem punição.

Políbio assentiu lentamente, depois sorriu.

— Muito bem. É *gravitas* suficiente por hoje. Hipólita se ofereceu para ensinar a vocês como usar um arco cita. Encontrarei todos na arena em meia hora.

Cipião falou, levantando-se e se espreguiçando:

— Vinte minutos de descanso antes da chegada do centurião. Bebam água e comam algumas frutas. Vão precisar, se forem para a arena.

Políbio apontou o diorama.

— Se Júlia estivesse aqui, poderia ter nos dito mais. O pai dela, Sexto Júlio César, esteve em Zama como tribuno menor. Ela conhece a batalha como a palma da mão.

Cipião olhou em volta, sentindo a ausência dela de repente.

— Alguém viu Júlia?

— Ela não virá hoje — disse um dos outros. — Está acompanhando a mãe ao templo das Virgens Vestais para alguma cerimônia.

— Vamos esperar que as Virgens não a tomem. — Alguém reprimiu o riso. — Isso nos privaria de alguma diversão. Isto é, se Cipião nos permitir.

— Cale-se, Lúcio — disse Políbio, cansado. — Ou Cipião pedirá ao amigo Brutus aqui para decepar sua virilidade.

Fábio viu Cipião agarrar o amuleto no pescoço que, ele sabia, tinha sido presente de Júlia, um antigo apetrecho etrusco de uma águia legada a ela por sua *gens*, depois baixou os olhos, irritado. Ele sabia que Cipião odiava a si mesmo por revelar seus sentimentos por Júlia. Ele viu Metelo olhar fixamente para Cipião, inquisitivamente, e de repente se lembrou. Metelo estivera fora, na Macedônia, por quase dois anos, e então não tinha ideia dos afetos de Cipião por Júlia. Cipião meneou a cabeça com desprezo, como se Júlia não tivesse importância para ele, e então se aprumou e cruzou os braços, assentindo para o diorama.

— Espero que todos vocês memorizem toda a ordem da batalha, até o último manípulo e unidade auxiliar menor. Podem passar os próximos vinte minutos fazendo isso. Quando o centurião retornar, ele aplicará um teste. Errem um único movimento e sabem o que acontecerá. Posso lhes garantir que a dor de seu bastão de videira será maior do que qualquer coisa que Brutus possa aplicar. Agora vão.

No silêncio que se seguiu, Fábio passou os olhos pela sala. A maioria deles tinha 16 ou 17 anos, estavam no auge da virilidade, vários eram um ou dois anos mais jovens. Quando as trombetas da guerra soassem, quando o centurião os considerasse preparados, eles seriam nomeados tribunos militares do exército de Roma, o primeiro degrau na escada que poderia levar aqueles que sobrevivessem a comandar legiões, liderar exércitos, até mesmo ao consulado, o posto mais alto da República. Eles descendiam das maiores famílias nobres de Roma: a *gens* dos Júlios, a *gens* dos Júnios, dos Cláudios, dos Valérios, e o ramo adotivo de Cipião da *gens* dos Cornélios, os Cipiões. Em suas amplas casas no Palatino havia templos repletos de bustos de cera de ancestrais que tinham conquistado a glória na guerra, alguns remontando aos tempos de Rômulo e da fundação da cidade, quase seiscentos anos antes, e muitos da sucessão de guerras arrasadoras que Roma havia travado em séculos recentes: contra as tribos latinas e os etruscos perto de Roma, contra os celtas no Norte, contra as colônias gregas da Itália e da Sicília, e sobretudo na luta titânica contra Cartago, um conflito que começara quase cem anos antes e ainda assombrava a todos, uma guerra que deveria ter terminado com a Batalha de Zama se os senadores tivessem permitido o ato de destruição que teria garantido o predomínio de Roma no Mediterrâneo ocidental e permitido que ela concentrasse todo seu poder na Grécia e nas riquezas do Oriente.

E não eram todos homens. Fábio deixou seus olhos se demorarem no canto escuro da sala e a viu, mais alta do que qualquer um deles, exceto Políbio, olhando tudo atentamente,

seus olhos se fixando aos dele brevemente. Seu cabelo ruivo ondulado estava preso em um rabo longo atrás da cabeça, e seus olhos estavam pintados com kajal. Na arena, tirava a gargantilha e as pulseiras de ouro e lutava sem armadura, usando apenas uma pele de tigre branca enrolada firmemente na cintura e no peito. Eles ficaram impressionados com a tatuagem em suas costas, uma águia de garras estendidas que ia de uma omoplata à outra. Conheciam-na por seu nome grego, Hipólita, que significava égua selvagem, porém o centurião lhes havia dito, antes de ela chegar, que o nome no idioma dela era *Oiropata*, que significava "assassina de homens". Eles zombaram disso, mas todos se calaram quando ela passou pela porta e eles viram seu físico. Ela era uma princesa cita, filha de um rei cliente das estepes ao norte do mar Negro, e o centurião explicou que havia mais iguais a ela, amazonas e arqueiras, e que um dia ela poderia liderar uma *ala* de cavalaria cita junto a um exército romano. Políbio falava o idioma dela e lhe fizera perguntas extensas sobre a história cita, ajudando-a a melhorar seu latim. Os outros guardavam distância, temerosos de ser escolhidos pelo centurião para lutar contra ela num combate sem armas e suportar a humilhação da derrota quase certa.

E havia Júlia. Ela era do ramo César da *gens* dos Júlios, filha de Sexto Júlio César, que havia combatido como tribuno em Zama. Não era uma princesa guerreira como Hipólita, mas possuía a mente perspicaz e estratégica e teria derrotado a todos naquele dia com o conhecimento de batalha que fez a fama de seu pai. Fábio havia notado como Júlia fazia a pulsação de Cipião se acelerar, como aconteceu quando ela o estava observando lutar na arena e ele fora possuído por uma força que parecia vir dos deuses. Fábio mesmo sentira uma pontada de dor quando notara a afeição de Júlia por Cipião pela primeira vez, fazendo-o se recordar da noite quando ela o procurara nos aposentos dos serviçais, porém aquele incômodo foi embora rapidamente. Ele se lembrou do olhar que Metelo tinha lançado para Cipião. Fábio sabia que Cipião temia pela chegada de Metelo e ao mesmo tempo a acolhia: temia porque podia romper o laço entre ele e Júlia, acolhia porque poderia ajudar a reprimir os sentimentos que ele nutria por ela, sentimentos que podiam ameaçar sua carreira. Metelo era prometido de Júlia desde que ela era bem pequena, e era primo em segundo grau de Cipião por parte de mãe.

O próprio Cipião estava enredado em deveres sociais; era filho de Emílio Paulo, da *gens* dos Emílios, mas também filho adotivo de Públio Cornélio Cipião, filho mais velho do grande Cipião Africano, que também era tio-avô de Cipião por parte de mãe. Fora entregue para adoção apenas porque tinha dois irmãos mais velhos, pois o terceiro filho nunca recebia

os mesmos privilégios em sua carreira; sem a adoção, ele nunca teria condições de se tornar tribuno militar, como era agora. Era uma honra imensa ser adotado pelo filho de Cipião Africano, mas isso também trazia o fardo de seu próprio noivado com Cláudia Pulchra, da *gens* dos Cláudios, uma menina com quem ele antipatizava profundamente que não fazia jus a seu sobrenome, mas que ele sabia estar contando os dias, com a respiração suspensa, até seu décimo oitavo aniversário e o início formal dos ritos de casamento. Sempre que ele e Fábio tinham de se aproximar da casa no Monte Esquilino, tomavam desvios complicados para não serem vistos do caramanchão onde ela ficava sentada com as escravas observando a cidade, ansiando pelo futuro das rondas sociais e maquinações com as senhoras de outras *gentes* que Cipião temia muito mais do que o pior inimigo no campo de batalha.

Mas colocar-se contra essas obrigações, dar vazão a seus sentimentos por Júlia, seria trair a memória de Cipião Africano e a confiança de seu próprio pai biológico, arriscar-se a ser proscrito e perder tudo. Certa vez, quando ele e Fábio estavam deitados lado a lado à noite na encosta do Circo Máximo, olhando as estrelas e dividindo um jarro de vinho, Cipião confidenciou a ele o que sentia por Júlia, mostrou-lhe o amuleto e falou de sua frustração. Disse-lhe imaginar uma época em que, como general vitorioso, ele se livraria dos grilhões de Roma e a levaria consigo; mas ambos sabiam que à luz fria da manhã isso podia ser pouco mais do que um sonho; que, mesmo se acontecesse, seria apenas muitos anos depois, quando Cipião fosse um soldado endurecido pela batalha e seu amor por ela talvez fosse uma lembrança distante. Fábio sabia muito bem o que estava em risco para Cipião, como a carreira que ele via se desenrolar seria impelida pela consciência do sacrifício que ele estava fazendo em honra a seu pai e a Cipião, o Velho, além de satisfazer à própria ambição ardente de liderar o maior exército que Roma já tinha visto de volta a Cartago para dar um fim a um conflito que ainda podia ameaçar destruir seu mundo.

Fábio parou no início daquela manhã no Fórum e olhou o *fasti* consular, a lista de nomes de cônsules do passado que representavam todos das grandes *gentes* patrícias de Roma, os antepassados dos rapazes da academia. Lembrou-se da primeira vez em que entreouvira os professores gregos na academia ensinarem moralidade aos meninos: eles deviam ter coragem e deviam ter *fides*, ser fiéis a sua palavra e moderados em sua vida pessoal. Ele sorriu consigo quando ouviu isso; tinha visto o que os rapazes faziam à noite nas tabernas e nos bordéis nos arredores do Fórum. Mas isso foi antes de ele conhecer Cipião. Ele era capaz de lutar e brigar como qualquer um deles, e isso o aprazia; Fábio sabia muito bem, por seu primeiro encontro com ele anos antes, nas vielas perto do Tibre. Mas Cipião não cedia aos vícios, como os

outros rapazes. Era como se algo o contivesse, o reprimisse. Ele sabia, de estudar os *fastes*, que Cipião era o mais nobre de todos, um rapaz cuja *gens* de nascimento era bem elevada, mas cujos riscos eram ainda maiores por ser adotado pela família de Cipião Africano, um homem que ainda provocava tremores por Roma mais de trinta anos depois de sua vitória na guerra contra Aníbal. Fábio se perguntara se a história não pesava demais no jovem Cipião, se ele não levava aquele fardo demasiado a sério. Um menino que apenas se distinguiria a seus próprios olhos se igualasse as realizações do pai e do avô adotivo, ambos generais ilustres, não podia ceder a seus desejos fundamentais nas tabernas e nos prostíbulos da cidade, se um dia precisasse exercer sua autoridade moral para liderar Roma à vitória.

Porém Fábio sabia que havia mais do que isso. Cipião era tímido e podia parecer distante, o que já lhe rendera a zombaria daqueles sem imaginação para ver sua força interior, mas com poder para humilhá-lo e atormentá-lo enquanto ele ainda ostentava as vulnerabilidades da adolescência. Cipião era romano até a alma, um verdadeiro exemplo da moralidade romana, não alguém que simplesmente a louvava da boca para fora como tantos outros faziam. No entanto também se beneficiava do rigor intelectual de uma educação grega e era capaz de enxergar onde Roma se tornara autocentrada, onde a vida que a aristocracia esperava levar não tinha mais a nitidez dos velhos tempos. Ele odiava a oratória e a sofística que deviam aprender nos tribunais, as habilidades com as quais veriam os filhos dos patrícios subirem firmemente pelo *cursus honorum*, a sequência gradual de magistraturas essencial à ascensão ao mais alto posto, ao consulado. Sobretudo, detestava o fato de o *cursus honorum* também ser o caminho para o comando do exército, em vez de a experiência militar em si. Cipião tinha de suportar o olhar crítico daqueles que questionavam a capacidade de um jovem ascender ao alto posto e honrar sua *gens*, um jovem que, em vez de estar nos tribunais, passou seus dias estudando estratégia militar e aprendendo esgrima, e que usava seu tempo livre caçando nas montanhas, o mais distante possível de Roma.

Mas um dia Fábio ouviu o pai de Cipião, Emílio Paulo, falar a respeito dele com sua mãe na casa deles, que Cipião estava correspondendo às esperanças que Africano expressara para seus sucessores, para a geração seguinte de líderes de guerra romanos. Disse que a chave era a moralidade, um código de honra pessoal. Emílio Paulo sabia que o filho sofreria por isso, mas que sua sensibilidade às críticas alheias seria solo fértil para sua força. Cipião já possuía a reputação de cumprir com sua palavra, por sua *fides*, e sua abstinência da devassidão também era um bom sinal. Foi então que Fábio tomou como missão pessoal vigiar Cipião, não só para protegê-lo fisicamente como também para evitar que ele fosse arruinado pela

própria sensibilidade e que desenvolvesse um ressentimento por Roma que seria autodestrutivo. Vê-lo ali, à frente dos rapazes na academia, era um passo importante na direção certa, embora ainda houvesse muitos desafios a enfrentar.

Ele olhou a ampulheta na mesa, notando que os vinte minutos de estudo estavam quase encerrados e os rapazes ficavam indóceis. Ênio estivera trabalhando em alguma coisa no canto, e Fábio esperava mantê-los preocupados até a chegada de Petreu. O que aconteceria, então, dependeria do humor do velho centurião naquele dia, da quantidade de banhos capazes de atenuar o fogo que grassava dentro dele. Fábio sorriu consigo quando viu o mais novo egresso na academia, o primo de Cipião, Caio Paulo, empalidecer à menção da chegada iminente do centurião, sua reputação temível o precedendo. Estivesse ou não Petreu num estado de espírito compassivo, não havia dúvida de que o próximo grande desafio que os rapazes enfrentariam não seria um inimigo distante no campo de batalha macedônio, mas a própria encarnação de tudo que havia de forte na própria Roma. O velhão centurião Preteu estava prestes a se abater sobre eles e distribuir a sabedoria e tenacidade que um dia poderiam fazer com que alguns se equiparassem a tal homem no campo de batalha.

2

– Cipião! Está pronto! — A voz veio do canto da sala, oposta a Hipólita, de um amplo rebaixo com uma lareira. Fábio conseguia distinguir apenas uma figura na meia-luz, agachada sobre o braseiro, com uma vela de sebo acesa na mão. Viu Cipião olhar ansiosamente a porta por onde o centurião chegaria, e então olhar para os outros.

— Muito bem. Ênio tem alguma coisa para nos mostrar. Mas ao primeiro ruído do centurião andando pelo corredor, todos correm de volta a seus lugares em torno da mesa. Vocês sabem o que o velho Petreu pensa das invenções de Ênio. Preparemo-nos todos para isso.

Eles se agruparam em torno do rebaixo, inclusive Hipólita. Políbio se colocou ao lado de Cipião, de mãos às costas, olhando os outros com interesse, parecendo muito mais um erudito do que um soldado. Nos últimos meses, os experimentos de Ênio deviam muito a Políbio, que o havia apresentado às maravilhas da ciência grega e estimulado seu fascínio pela engenharia militar. Cipião cutucou Políbio.

— E então, o que a magia antiga lhe revelou desta vez, meu amigo?

Políbio deu de ombros.

— Conversamos ontem sobre o relato de Tucídides sobre o cerco de Delos.

Gulussa estava ao lado deles e olhou intensamente para Políbio.

— No ano da 350ª Olimpíada, isto é, 156 anos atrás — disse ele, seu latim acentuado pelo som gutural e suave de númida. — A ação na qual o filósofo Sócrates lutou como um hoplita, quando os atenienses foram mortos pelos beócios. A primeira grande batalha na história a envolver planejamento tático em larga escala, inclusive a coordenação detalhada de cavalaria e infantaria.

Políbio o olhou enviesado.

— Você ouviu bem minhas lições, Gulussa. Nota máxima.

Cipião olhou o rebaixo.

— Então... O que é? Algum mecanismo de guerra?

— Tudo que sei é que, depois de eu contar a ele sobre o cerco, ele fugiu até Óstia, onde tem um amigo em uma viela atrás do porto que lhe fornece toda sorte de substâncias exóticas, trazidas de todos os cantos do mundo — respondeu Políbio.

— Este seria Poliarco de Alexandria — disse Cipião resignadamente. — Em geral isso significa pirotecnia, e normalmente não se consegue despregar o cheiro das roupas por dias.

Ênio estava de costas para eles e moldando alguma coisa no braseiro.

— Deem apenas um minuto — pediu ele, a voz abafada no rebaixo.

Fábio estava atento ao passo distinto do centurião, mas só ouvia o silvo de lâminas e o som de pés se arrastando, e o ocasional grunhido na arena abaixo. Brutus os havia deixado durante o período de estudo e estava treinando com sua espada novamente. Fábio se voltou para a figura agachada no escuro. Ênio se intrigava com toda sorte de geringonças desde que Fábio o conhecera, ainda menino, brincando no Monte Palatino com Cipião: pontes, barcos, guindastes para levar colunas e blocos de pedra pela cidade, os princípios da arquitetura. O velho centurião aprovava isso: quando um legionário não estava combatendo, seu trabalho era cavar fortificações e construir fortalezas, presididas pelos centuriões que se orgulhavam de suas habilidades de construção quase tanto quanto de sua bravura em combate.

Mas a loucura mais recente de Ênio era uma questão inteiramente diferente. Com a apresentação à ciência grega por Políbio, veio um fascínio pelo fogo. Ênio chegou inclusive a acompanhar Ptolomeu quando ele voltou ao Egito no mês anterior, depois que Ptolomeu foi chamado para assumir o trono egípcio. Pretensamente, Ênio o havia acompanhado para os ritos de casamento de Ptolomeu e para caçar crocodilos, mas, sobretudo, queria ir à universidade em Alexandria para conferir em primeira mão o trabalho de cientistas gregos; voltou apenas na semana anterior, transbordando de entusiasmo. Chegou a sugerir a Petreu que o exército romano precisava de uma coorte especializada de *fabri*, os engenheiros, tendo a ele mesmo como tribuno, com a tarefa de supervisionar e melhorar fortificações e também de desenvolver novas armas de guerra. Cipião nunca vira uma nuvem tão negra descer sobre a face do velho centurião. Sugerir que especialistas deveriam fazer o trabalho tradicional de legionários era uma afronta a à honra deles. Sugerir que novas armas de guerra eram necessárias era não apenas uma afronta aos legionários, mas um insulto ao próprio centurião; Ênio questionava sua capacidade de matar com as armas mais honradas pelo tempo, a espada, o dardo de arremesso e as mãos nuas. Mas mesmo na semana de castigo que Ênio suportara, limpando o esterco do estábulo de elefantes, seu ardor não diminuirá, e ali estava ele novamente arriscando-se à ira do centurião para lhes mostrar outro milagre da ciência.

— Muito bem. — Ênio afastou-se da lareira e girou para encará-los, mostrando a eles o objeto que estava modelando. Parecia uma esfera de argila úmida, só que preta e reluzente. Diante da lareira, havia potes cheios de pós, um amarelo vivo, os outros, vermelho e

marrom. Ênio tossiu, depois os fitou, sua expressão denotando imensa empolgação.

— E então? — disse Cipião. — Não temos o dia todo.

Ênio pegou uma tabuleta encerada e um buril de metal.

— Primeiro, vocês precisam entender a ciência.

— Não. — Cipião ergueu a mão. — Não, não precisamos. Apenas mostre.

Ênio pareceu brevemente desapontado. Baixou a tabuleta e pegou a vela acesa.

— O que sabem sobre o Fogo Grego?

Cipião pensou por um momento.

— Era usado pelos assírios. Criavam-no a partir do alcatrão negro que ferve no deserto.

— Eu mesmo vi o alcatrão, quando visitei a terra dos israelitas, ao lado do mar interior salgado — acrescentou Metelo. — Os gregos chamam de nafta.

— Eles também chamam de fogo da água — murmurou Políbio. — Não é extinto pela água e continuará a arder mesmo que você o atire na superfície do mar.

— Correto — disse Ênio, contorcendo-se de empolgação. — Agora vejam isto. — Ele jogou a vela num leito de cavacos sob o braseiro. As lascas de madeira se incendiaram, e as chamas envolveram a esfera, subindo para a chaminé. De repente a bola estalou e explodiu numa chama violenta que rugiu pela chaminé e desapareceu, seguida por uma sucção de ar, sem deixar nada além das cinzas do braseiro e um cheiro acre. Ênio jogou um pote de água nas chamas, vendo a fumaça desaparecer na chaminé, e se voltou para eles novamente, com um sorriso largo. — E então? Impressionados?

Metelo estava perto do fogo e tapou o nariz.

— O que você colocou nisso, Ênio? Esterco de elefante?

— Não está muito longe disso. — Ênio enxugou a testa, deixando uma mancha preta. — Salitre, feito das fezes curtidas de aves. Um sacerdote egípcio me mostrou como fazer. Mas o cheiro é de enxofre.

— E daí, Ênio? — Cipião tinha a orelha aprumada para qualquer ruído no corredor.

— Viu como o calor que sobe do fogo atrai as chamas da nafta para a chaminé? Quando chegou ao telhado, deve ter explodido em um jato de fogo mais alto até do que o Templo Capitolino.

— Por Júpiter, espero que o velho centurião não tenha visto isso — resmungou Cipião.

— Então acha que pode ser uma arma? — disse Metelo, em dúvida.

Ênio levantou a cabeça.

— Políbio, diga a eles.

Políbio pigarreou.

— No cerco da fortaleza beócia de Delos, os atenienses preparavam tubos de metal para lançar fogo no inimigo. Tucídides os chamou de lança-chamas.

— Estão vendo? — disse Ênio. — Alguém teve a ideia há quase trezentos anos, mas então foi esquecida. É característico de nossa atitude para com a tecnologia. Por quê? Vejam nosso amado centurião. Uma completa inflexibilidade. — Ele meneou a cabeça, frustrado, mas voltou a se animar, gesticulando ao falar. — Vocês precisariam de um tubo de bronze de cerca de seis pés de altura e um palmo de largura, instalado obliquamente de frente para o inimigo. Na base haveria um braseiro com um fogo para criar a carga necessária no tubo. Colocariam uma bola de nafta pelo tubo, depois teriam um arco de fogo de no mínimo cem pés de altura.

Cipião estava cético.

— A operação de tais máquinas exigiria que homens valiosos se afastassem da linha de frente, homens que poderiam matar mais inimigos com as próprias mãos do que com esta engenhoca.

— Eles não seriam legionários. Seriam recrutas de terceira ou quarta classe, inadequados para a ação na linha de frente. Seria um manípulo especializado em lança-chamas.

Cipião contraiu os lábios.

— Você pode usar isso contra as paliçadas de madeira dos celtas, mas não seria de muita utilidade contra uma muralha de pedra. Teria de se aproximar o suficiente para projetar o fogo acima dos baluartes, e assim ficaria ao alcance fácil das flechas e dos dardos da defesa. Como arma de campo de batalha, a nafta ardente caindo sobre os homens causaria danos terríveis, isso eu lhe garanto, mas um assalto sob escudos unidos, o *testudo*, proporcionaria uma barreira, e, avançando rapidamente, a força de ataque logo estaria em relativa segurança, sob o arco de fogo. — Cipião colocou as mãos nos quadris, pensando. — Vejo isto em uso na guerra naval, desde que o vento esteja na direção correta e você não queime o próprio navio. Mas para o combate terrestre, nisso eu me ponho ao lado do centurião. Seria pouco mais do que um espetáculo. Venham, vamos voltar à mesa antes que ele chegue.

— Espere um momento — disse Ênio, agitado. — Só estamos pensando em uma versão

rudimentar, e concordo com você. Precisamente por isso não foi a lugar nenhum trezentos anos atrás. Mas minha ideia é diferente. Supondo que você lacre uma extremidade do tubo, deixando apenas um pequeno buraco na base para introduzir a chama. E supondo que você compacte a nafta pelo tubo e largue uma pedra ou bola de chumbo pelo alto, com tamanho para caber confortavelmente no tubo e impedir que os gases emanem para fora. Os cientistas gregos em Alexandria me mostraram que as substâncias voláteis podem queimar mais violentamente quando comprimidas em um espaço pequeno. Com este tubo, a arma não seria o fogo, mas o projétil. Uma bola pesada projetada do tubo com velocidade suficiente pode danificar muralhas de madeira, até as de pedra. Projéteis menores podem ser usados no campo de batalha, esferas de chumbo ou ferro, pesando menos de uma libra. Lançada a alta velocidade, tal bola pode decapitar um homem, ou cortá-lo ao meio. Como armas individuais, os tubos de fogo podem não fazer muita diferença no resultado da batalha. Mas reunidos, disparados em salvas como flechas ou dardos, podem causar um caos. Até homens de armadura podem ser mortos pelo choque do impacto.

Cipião o encarou.

— Bem, você já experimentou?

Ênio baixou os olhos, desanimado de repente.

— A bola subiu apenas até a metade do tubo. A força da nafta não é suficiente. Preciso de algo que queime rapidamente e faça com que a mistura realmente estoure.

Fábio aprumou o ouvido. Com o passar dos meses, havia ficado sintonizado com o passo distinto do centurião e a batida de seu bastão. E lá estava. Tump tump *bang*. Tump tump *bang*. Logo haveria o retinir da armadura, o chocalhar de condecorações no peitoral.

— Rápido — cochichou ele a Cipião. — O centurião!

Cipião bateu palmas e todos correram para se reunir em volta da mesa, olhando atentamente o diorama de batalha. Ênio espanou a fuligem de si e de suas roupas o melhor que pôde e jogou um pano sobre os recipientes perto da lareira, juntando-se a eles em seguida. Cipião tocou o pequeno gorjal de bronze pendurado no pescoço que era a insígnia de autoridade sobre os outros, dada a ele pelo centurião, e endireitou a espada. Fábio farejou o ar cautelosamente e se deprimiu. O cheiro de ovos podres do enxofre era inconfundível. O centurião perceberia, e Ênio seria colocado de plantão com Aníbal, o elefante, pelo mês seguinte.

Ele pensou na mistura de Ênio. E de repente se lembrou de Júlia, da cerimônia à qual ela

comparecia hoje com a mãe. Dos lictores que levavam as Virgens Vestais ao templo lançando nuvens de poeira de carvão no ar, depois jogando velas acesas. A poeira se incendiava, crepitando e cintilando num arco-íris de cores. Ele olhou para Ênio, mas pensou melhor. A última coisa que queria era que Ênio explodisse a Escola de Gladiadores. E ele precisava aprender seu lugar; havia um motivo para o centurião tratá-lo com severidade. Antes de levar seus experimentos adiante, Ênio precisaria ganhar suas credenciais com o sangue no campo de batalha, como todos eles. Então, e somente então, homens como o centurião lhe dariam ouvidos. Fábio deixou o pensamento de lado e voltou-se para a porta, retesando-se e colocando-se em posição de sentido quando viu a figura parada ali. Agora é que o treinamento do dia realmente começaria.

Marco Cornélio Petreu, primipilo da primeira legião em três campanhas, era o soldado mais condecorado do exército romano. Parado à soleira da porta, parecia tão velho e rijo quanto uma antiga oliveira, suas pernas e seus braços eram massas nodosas de músculos e veias, o rosto vincado e bronzeado. Na mão esquerda, carregava um capacete de bronze dourado, arrematado pela *crista transversa*, a crista do centurião composta de penas de águia, e na mão direita trazia a outra insígnia de centurião, o bastão de videira. Sobre o cabelo branco cortado bem curto, usava a coroa de louros da *corona obsidianalis*, a mais alta condecoração militar romana, dada a ele na Macedônia por matar seu próprio tribuno quando o homem falhou e por em seguida assumir seu manípulo e liderá-lo à vitória. Em seu peitoral musculoso havia outras condecorações, os ornamentos de mais de quarenta anos de guerra. Sempre que Fábio o via à porta, era como se estivesse confrontando uma aparição de seu passado glorificado, como se o próprio Marte, o deus da guerra, tivesse entrado em sala de aula. Suas credenciais de batalha equivaliam às dos melhores: o centurião havia combatido ao lado do pai de Fábio e do avô adotivo de Cipião contra Aníbal em Zama, no Norte da África, a batalha exata representada pelo jogo de guerra na mesa diante deles.

Todos sabiam que o centurião pretendia interrogá-los sobre a ordem de batalha. De soslaio, Fábio via o recém-chegado Caio Paulo murmurando nervosamente os nomes da formação para si, sabendo que Cipião o instruíra a responder às primeiras perguntas. Mas então Petreu contorceu o lábio, farejando.

— Mas o que é esta fedentina? — grunhiu. Sua voz era rouca, e o sotaque era um dialeto rude e rural das Colinas Albanas. Ele inspirou ar novamente, torcendo o nariz. Ênio tossiu e baixou a cabeça. Fábio fechou os olhos, esperando pelo pior. O centurião grunhiu, farejando ruidosamente. — Alguém está com flatulência? — Seus olhos encontraram os de Gulussa. —

Você não andou comendo camelo cru de novo, não, Gulussa? Lembro-me bem que seu pai Massinissa nos deu isso para comer na noite anterior à Batalha de Zama. Naquela noite, nossa tenda fedia a uma mina de enxofre. Se alguém acendesse um fogo, a tenda teria se incendiado e se erguido no ar como uma pirotecnia grega. — Ele gargalhou e gesticulou para o diorama. — É o que vocês não aprendem aqui. Os fundamentos da guerra. O cheiro da vitória.

Fábio soltou o ar lentamente. Ênio escapara, mas todos sabiam que o recém-chegado Caio Paulo estava prestes a ter seu dia de julgamento. Estava rigidamente em posição de sentido, olhando o centurião. Quando Petreu ficava assim, nostálgico com as batalhas do passado, sua mão se fechando no bastão, parecia um homem se preparando para uma noite na taberna; só que não era a perspectiva do vinho que conferia aquele brilho a seus olhos, mas a perspectiva de sangue. Hoje era o dia do mês em que os criminosos que tinham recebido pena capital desfilavam na arena e em que os rapazes podiam usar as armas em vítimas vivas. Hoje, Caio Paulo se tornaria um matador, se tivesse estômago para tal. Cipião sabia que o centurião seria tão impiedoso com Caio Paulo quanto tinha sido com cada um dos outros quando os fez pressionar o ferro frio no peito de um homem vivo.

O centurião bateu seu bastão, pôs o capacete e segurou o punho da espada. Passou os olhos pela sala, com a respiração áspera e acelerada.

— Ora, então — rosnou ele. — Estamos prontos para agir?

Ele estalou os dedos e apontou para o mais próximo dos três escravos parados junto à parede, segurando bandejas, um jovem de músculos firmes e pele escura que parecia assírio, com o cabelo preto e crespo e os ralos primórdios de uma barba no queixo. O escravo parou por um momento, sem saber o que fazer, e o centurião acenou para ele se aproximar.

— Largue a bandeja — grunhiu. — Venha cá. — O escravo obedeceu, e o centurião apontou Cipião e Fábio. — Segurem os braços dele.

Fábio pegou o pulso esquerdo do escravo, sentindo o músculo forte do braço, e torceu às costas como aprendera a fazer com os prisioneiros na arena; Cipião fez o mesmo do outro lado. Ele sentia o escravo tenso, esperando apanhar. Não seria a primeira vez que o velho centurião usaria escravos para demonstrar um golpe de luta de paralisação ou nocaute, um risco ocupacional para os escravos que tinham o azar de trabalhar na Escola de Gladiadores.

O centurião sacou a espada. Era um gládio, mas com uma ponta em formato de folha mais alongada do que a costumeira romana, uma forma que eles sabiam ter sido copiada, por

ordem do centurião, de lâminas ibéricas que este havia encontrado em campanhas contra os cartagineses na Espanha, antes de Aníbal atravessar os Alpes e entrar na Itália. Ele a ergueu e colocou o indicador na ponta, tirando sangue, em seguida pôs a face da lâmina na palma da mão, apontando para a parte superior do abdome do escravo.

— Não no coração — disse ele. — Quero que ele viva por tempo suficiente para vocês verem como os músculos do corpo reagem a uma lâmina enterrada fundo. É assim que vocês aprendem.

O escravo arregalou os olhos de pavor, boquiaberto, babando. Gritou algo que Fábio não compreendeu, palavras em sua língua nativa, e os olhou, suplicante. O centurião grunhiu, olhou em volta e pegou um pergaminho que Políbio estivera segurando, rasgou-o, metendo o carretel de madeira atravessado na boca do escravo para funcionar como mordaça. O homem soltou um grunhido terrível e teve ânsias, soltando uma baba de vômito que emanou um odor desagradável na sala. Sua cabeça tombou para frente, e o centurião gesticulou para Fábio e Cipião segurarem cada ponta do carretel com a mão livre e mantivessem a cabeça do escravo erguida. Seus joelhos tremiam e vergavam, e Fábio sentiu o peso do corpo dele. Viu um fio de líquido marrom descer pela parte interna da perna do homem e sentiu seu cheiro, virando a cara e engolindo em seco.

Caio Paulo colocou-se na frente, mais baixo e mais magro do que os outros, mal parecendo ter idade suficiente para estar ali, preso ao chão, encarando o escravo. O centurião apontou para ele.

— Você, novato — rosnou. — Não pense que não sei quem você é: Caio Emílio Paulo, sobrinho de Lúcio Emílio Paulo, pai de Cipião e o maior general romano vivo. Servi sob o comando de seu pai quando ele era tribuno. Ele começou como um frangote mirrado exatamente como você, mas logo o endurecemos. Veremos se você possui a mesma coragem.

Ele avançou, segurou a mão direita de Caio Paulo e pôs o punho da espada nela. Recuou, e Paulo estendeu a lâmina para frente, a ponta oscilando. Por um momento ficou imóvel, e só o que Fábio ouvia era a respiração áspera do escravo, que estava tossindo e vomitando novamente. Caio Paulo desviou a visão dos olhos apavorados do escravo, e o centurião avançou, rasgando a túnica do homem, revelando os músculos retesados no abdome. Voltou-se para Caio Paulo, curvando-se para perto dele, com a cara vermelha e contraída.

— Ande, homem — berrou. — O que está esperando? Crave bem aqui até a espinha. Isso o matará em alguns segundos, mas não com a mesma rapidez do que no coração.

Caio Paulo apontou a lâmina e recuou um passo. O escravo lutava, sua respiração saindo rouca e acelerada, e Fábio e Cipião o mantiveram ereto. A ponta da espada tocou o abdome pouco acima do umbigo, mas o braço do garoto estava estendido demais para que a lâmina tivesse bom impulso; ele precisava se aproximar, porém parecia incapaz de fazê-lo. Caio Paulo olhou para Fábio, e numa fração de segundo viu tudo, o rapaz e o homem, o medo e a determinação. O centurião bufou de impaciência, batendo a mão direita na mão de Caio Paulo e incitando-o para frente, e juntos eles cravaram a lâmina bem fundo no corpo do escravo. O homem soltou um grunhido horroroso e vomitou mais uma vez, respingando sangue e bile sobre o carretel em sua boca. Caio Paulo manteve o autocontrole, cravando ainda mais até que a ponta ensanguentada saiu pelas costas do escravo, abaixo da caixa torácica. As pernas do homem arriaram, mas seu tronco e seus braços permaneceram rígidos, como se o corpo estivesse fazendo uma derradeira tentativa de resistir, agarrando-se uma última vez à vida que, Fábio sabia, estaria nos estertores da morte segundos depois.

O centurião olhou os demais.

— Veem que ainda não sai sangue do ferimento de entrada? — Ele se voltou para o garoto. — Tente puxar a espada. — Caio Paulo puxou com força, porém mal foi capaz de movê-la. O centurião grunhiu. — Neste mês, até agora lhes ensinei golpes mortais, no pescoço e no coração, que trazem a morte imediata. Mas um golpe no abdome, onde existem paredes de músculo, é diferente. Os músculos se contraem em volta da lâmina. Se estiverem em batalha, precisam ser capazes de retirar a lâmina rapidamente, ou serão mortos. Precisam torcê-la, usar o pé. Observem atentamente.

Ele empurrou Caio Paulo de lado e ergueu o pé direito contra o abdome do homem, segurou o punho da espada e a torceu com força, depois puxou de um só golpe. O sangue esguichou da ferida, e o corpo do escravo ficou flácido, as mandíbulas soltando o carretel e a cabeça arqueando para trás, boca e olhos bem abertos. Fábio e Cipião o soltaram, e o corpo caiu na poça de sangue e bile que havia se formado no chão, a cabeça rachando ao bater com força na pedra. O centurião estalou os dedos para os dois escravos restantes, apontando o corpo, depois indicou Ênio e Gulussa.

— Vocês dois, limpem esta sujeira. Quero este chão sem qualquer mácula quando eu voltar. Este sujeito não era apenas um escravo. Era um prisioneiro de guerra, um ex-mercenário, e a vida dele já estava perdida. Todo o novo lote de escravos trabalhando na Escola de Gladiadores se enquadra nessa categoria. Se qualquer um de vocês quiser praticar em um antes de confrontar os criminosos condenados, não precisa solicitar minha

autorização. — Ele limpou a lâmina da espada no pedaço rasgado da túnica do homem, embainhou-a e os olhou. — Nós nos encontraremos aqui novamente uma hora antes do pôr do sol. Os prisioneiros que serão executados este mês incluem duas jovens iniciadas para as Vestais, apanhadas *in flagrante delicto* com um escravo. Caio Paulo pode levar sua própria espada e nos mostrar o que aprendeu da lição de hoje. — Ele saiu da sala pisando duro e desceu pelo corredor, a batida de seu cajado de centurião esmorecendo no escuro enquanto ele seguia para a arena.

Caio Paulo ficou completamente imóvel, com o rosto e a túnica salpicados do sangue do homem, encarando o que tinha acabado de fazer. Cipião trouxe um balde de água da porta e uma toalha molhada, que jogou para ele.

— Limpe-se. Você e eu precisamos estar apresentáveis para uma consagração à *gens* dos Emílios no Fórum em uma hora. E, a propósito, bem-vindo à academia.

3

Na hora marcada, eles ficaram aguardando o centurião entrar na sala para levá-los à arena, onde Brutus treinara firme a tarde toda. Cipião e Caio Paulo estavam usando as túnicas orladas de roxo que vestiam para a cerimônia no templo, mas haviam retirado as guirlandas de louro que os marcavam como *viris principes*, jovens de suas *gentes* quase na idade de presidir eles mesmos os rituais. Fábio olhou por cima da balaustrada da arena, uma versão para treino menor do que as arenas ovais cercadas por tribunas de madeira erigidas para os torneios de gladiadores no Campo de Marte. Anteriormente em Roma, as lutas ocorriam na Via Sacra no Fórum, até mesmo no pátio do templo, em qualquer espaço aberto onde espectadores pudessem se reunir entre paredes e galerias. Mas como o espaço no Fórum tornara-se limitado e as multidões eram cada vez maiores, os torneios passaram a ser promovidos no Circo Máximo e depois nas arenas provisórias do Campo de Marte, ao lado do campo de treinamento militar. Nenhum espaço era satisfatório, e falava-se inclusive em construir uma estrutura de pedra permanente, com assentos em camadas e jaulas subterrâneas, para que os animais não tivessem mais de ser arrastados, rosnando pelas ruas, ameaçando a vida dos espectadores tanto quanto a dos gladiadores que os combatiam. Porém a ideia fora menosprezada pelos senadores mais conservadores que controlavam as obras públicas, aqueles que pensavam que construir uma estrutura de tal dimensão unicamente para fins de entretenimento era um uso de dinheiro frívolo e cheirava a efeminação grega; relembraram o tempo em que seus ancestrais etruscos e latinos delimitavam as arenas com o próprio corpo, deleitando-se no suor e no sangue do combate. Disseram que uma estrutura com tamanho suficiente para acomodar todos os que comparecessem aos torneios destruiria a majestade de Roma, desvalorizando os templos do Fórum e zombando dos deuses, da *pietas* e da *dignitas*, as bases sobre as quais a cidade foi construída.

Na academia, os gladiadores eram usados como parceiros de luta para os rapazes, e todos traziam as cicatrizes das tardes que passavam lutando, indo de um adversário a outro, testando suas habilidades e armas contra inimigos de Roma que tinham sido feitos prisioneiros nas guerras de conquista: ibéricos e celtiberos, gauleses e germânicos do Norte, arremessadores baleáricos e arqueiros cretenses, e espadachins de todas as regiões do leste englobadas pelo antigo império de Alexandre, o Grande. Hoje o adversário de Brutus era um gigante trácio chamado Brasis, que havia sido capturado como mercenário na Macedônia cerca de dez anos antes, mas poupado devido a suas habilidades de combate por um

comandante romano interessado em recuperar um prisioneiro que podia se destacar como gladiador, a fim de aumentar sua popularidade em meio à plebe. Brasis venceu torneios o suficiente para garantir sua liberdade, porém permaneceu na Escola de Gladiadores, e até hoje combatia leões com as próprias mãos e sua cruel faca trácia quando estava sóbrio o suficiente para fazê-lo. Fábio percebera a astúcia por trás dos olhos vidrados e se perguntou se Brasis ainda estava ali porque não tinha mais para onde ir, conforme ele alegava, ou se era pago pela facção do Senado opositora à academia que desejava um homem forte infiltrado para quando chegasse a época de livrar-se dela. A única certeza era que o homem era um lutador extraordinário com a espada e tinha aperfeiçoado as habilidades de Brutus a ponto de chegarem a se igualar, fato evidenciado pelo choque das lâminas e pelos movimentos arrastados que podiam durar horas, sem nenhum dos dois pedir clemência, sendo interrompidos apenas quando o diretor encerrava a luta subitamente e mandava um Brutus relutante para a aula seguinte.

Fábio retornou para a sala. Na hora do almoço, ouviu boatos na casa de Cipião sobre os eventos na Macedônia, e todos ficaram tensos de empolgação. Todos rezavam para que Emílio Paulo não tivesse derrotado o exército do rei Perseu, pois, mesmo sendo um triunfo para Roma, era uma sentença de morte a suas chances de ver o serviço ativo em breve. Os boatos eram de que havia uma batalha final iminente, mas que Emílio Paulo estava protelando até receber uma nova leva de legionários, bem como de tribunos necessários para liderá-los. Metelo já havia saído a cavalo naquela tarde para se unir a sua legião, e seria seguido pelos outros jovens oficiais que estavam de licença em Roma nos últimos meses durante a trégua no combate. No entanto, colocar aqueles homens no comando de tropas recém-formadas seria precipitado, e Fábio sabia que Cipião e os outros rapazes estariam de dedos cruzados para ser os próximos da fila; exceto por Metelo, que era dez anos mais velho e só estava visitando a academia, nenhum deles havia completado 18 anos ainda, então não podiam receber nomeações oficiais como tribunos de uma legião, porém um general podia fazer nomeações temporárias em seu estado-maior e vinculá-los aos manípulos em caso de emergência.

Seu efetivo na academia já estava esgotado, com Ptolomeu e Demétrio tendo partido para o Egito e a Síria no mês anterior, e Gulussa e Hipólita devendo retornar também às suas cidades natais; todos que ali ficaram, portanto, tinham boa chance de uma nomeação caso o chamado às armas viesse. Fábio já estava com 18 anos, era um ano mais velho do que Cipião e possuía idade suficiente para ser recrutado como legionário. Além disso já havia o

treinamento básico no Campo de Marte. Se o chamado às armas viesse, ele seria empossado para proteger Cipião e continuaria como guarda-costas deste, mas sabia que o próprio Cipião não patrocinaria sua ida apenas como servo oficial e insistiria em sua nomeação como legionário na linha de frente, uma exigência que Petreu também apoiaria.

Por ora, eram apenas boatos, e seu foco principal era a academia e as necessidades do dia. Ele tinha ouvido Cipião alertar Caio Paulo de que, sendo o mais jovem dos rapazes, ainda não devia cometer nenhum erro, apesar de ter passado no teste com o gládio naquela manhã. Mas Fábio deprimiu-se ao ver Caio Paulo se separar do grupo e assumir posição de sentido, evidentemente querendo agradar.

— *Strategos* — disse ele em voz alta, com uma saudação.

Fábio gemeu intimamente, e o centurião fuzilou Caio Paulo com o olhar. Cipião curvou-se para a frente e cutucou o primo.

— Por Júpiter, chame-o de centurião — cochichou.

— Mas o chamam *strategos* aqui, os escravos que me trouxeram para dentro chamam assim — cochichou Paulo em resposta. — E também os professores gregos.

— É exatamente por isso que ele detesta — disse Cipião, também aos sussurros. — Eles são *gregos*. Não sabe o que significa o bastão de videira que ele carrega, o *vitis*, a insígnia da patente de centurião? Bem, saberá em breve, porque você está prestes a experimentá-lo.

— Silêncio! — O centurião avançou um passo, batendo o bastão na frente de Caio Paulo. A cor sumiu de seu rosto, mas ele se manteve firme. Em um movimento habilidoso, o centurião torceu o bastão e bateu com força nas canelas do garoto. Paulo curvou-se para frente, apenas para recuperar o equilíbrio, depois voltou a se colocar em posição de sentido, a centímetros da cara do centurião. Fábio percebia a tentativa de Caio Paulo de não demonstrar emoção alguma, nem dor, reprimindo as lágrimas. O centurião o olhava impiedosamente, procurando por algum sinal de fraqueza. Depois do que pareceu uma eternidade, ele rosnou, bateu o bastão e passou por Caio Paulo, indo até a mesa. A cara de Caio Paulo se contorceu de dor, e Cipião o cutucou outra vez, meneando a cabeça intensamente. O centurião bateu o bastão, e todos se viraram para seguir seu olhar, que apontava o diorama de batalha.

— Eu estava ali, na linha de frente da primeira legião — disse Petreu bruscamente, apontando os blocos de madeira que representavam a infantaria romana. Ele semicerrou os olhos para Caio Paulo, depois olhou de lado para Cipião. — Na época eu era porta-

estandarte de seu avô adotivo. Após mais dez anos nas fileiras, me tornei centurião, depois primipilo, centurião maior de minha legião. Por três vezes tive essa patente, três vezes enquanto novas legiões eram criadas para novas guerras. Depois não ascendi mais porque meu pai era um mero camponês, um romano honesto que labutou a vida toda com seu gado na encosta das Colinas Albanas: o tipo de romano que os cônsules adoram elogiar, a espinha dorsal do exército, entretanto incapaz de comandar unidades maiores do que uma centúria. Porém seu avô enxergou de outra forma. Ele promoveu alguns de nós, centuriões maiores, ao comando de coortes auxiliares. Meu quinhão foram os elefantes. — Ele olhou feio para Ênio, que novamente tinha a tarefa de limpar o esterco do velho Aníbal naquele dia. — Os elefantes, observe.

— Centurião — disse Ênio com a voz trêmula.

— E então, quando ele se tornou pretor, general do exército, colocou-me no comando de suas tropas pessoais, a Guarda Pretoriana. E antes de partir para o além, escolheu-me para cuidar de vocês, rapazes. Havia tantos gregos ensinando aqui que eles começaram a me chamar de *strategos*. O nome pegou.

Políbio pigarreou.

— Tem uma linhagem ilustre. Pense nos heróis das Termópilas, da Maratona. Em Alexandre, o Grande, e seus generais. Em Perseu e sua falange macedônia.

O velho bufou.

— Quando volto à aldeia de meus antepassados, sou chamado de centurião. É assim que serei chamado quando me aposentar.

— O senhor só se aposentará quando os deuses o chamarem ao Elísio, centurião. Nasceu soldado e morrerá soldado.

Petreu bufou novamente, mas pareceu satisfeito. Políbio sabia adular. O centurião não havia chegado onde estava unicamente por sua força física: era um estrategista habilidoso que foi capaz de enxergar a capacidade incomum de Políbio na estratégia, apesar da postura que os precedia antes de adentrarem a arena.

— Já basta — disse ele, rabugento, como se respondendo a uma deixa. — Só há um modo de vencer uma guerra, e é fazendo o que nós romanos fazemos melhor: matar a curta distância, com a lança, com a espada, com as próprias mãos. Toda essa conversa de estratégia está amolecendo vocês. É hora de descermos para ajudar Brutus a executar os criminosos.

— *Ave*, centurião. — Todos se colocaram frouxamente em sentido, esperando que ele

batesse o bastão e fosse na frente. Mas, antes que pudesse fazê-lo, Cipião avançou alguns passos e se colocou diante do centurião, dirigindo-se formalmente.

— Gneu Petreu Atino, amanhã irei à tumba da família dos Cipiões na Via Ápia para homenagear meus ancestrais. De lá, marcharei por três dias pelo litoral até Literno, à tumba de meu avô adotivo Públio Cornélio Cipião Africano. O senhor sabe que ele optou por dar fim a seus dias e quis ser enterrado longe de Roma porque se sentia abandonado pelo Senado, por aqueles que invejavam sua fama e se recusavam a ouvir seus conselhos. Agora, quinze anos após sua morte, os cônsules finalmente permitiram que uma *lustratio* completa fosse realizada em sua tumba, concedendo-lhe a mais alta honraria como romano.

Petreu grunhiu.

— Assim dizem eles. Não confio no Senado. E Cipião Africano só descansará depois que Cartago for destruída.

Cipião colocou a mão na bolsa que carregava e dela tirou um traje dobrado, branco com bordas roxas.

— Quando meu pai, Emílio Paulo, estava ao leito de morte de meu avô adotivo, Cipião Africano disse-lhe que havia um lugar para o senhor em sua tumba, que o senhor levaria o estandarte para ele no além, como fez neste mundo. Minha família ficaria honrada se o senhor usasse esta *toga praetexta* e realizasse a *lustratio* em sua tumba, o sacrifício da purificação. Como *centurio primipilus* que ganhou a *corona obsidionalis*, tem permissão legal para realizar o rito.

O centurião ficou paralisado, mas Fábio viu que seus lábios tremiam de emoção. Ele segurou o bastão com força, então estendeu a mão direita rigidamente, pegando a toga. Pigarreou.

— Públio Cornélio Cipião Emiliano, aceito esta honra. Servi a seu avô neste mundo e o farei também no próximo. — Ele segurou a toga contra o peitoral e olhou para Cipião. — Literno fica a apenas uma hora de marcha dos Campos Flegrei, onde Eneias visitou o inferno. Você sabe quem mora lá.

Fez-se silêncio, uma tensão desagradável e repentina. O centurião bateu o bastão.

— Vamos, parem com isso. Ela é apenas uma bruxa velha em uma caverna.

— A Sibila — disse Políbio em voz baixa.

O centurião grunhiu.

— Ela pode ser uma bruxa velha, mas fala as palavras de Apolo em seus enigmas. Cinquenta anos atrás, estive lá com Cipião Africano, quando ele era um rapaz como vocês, e eu era seu guarda-costas. A Sibila previu o dia em que o deus se revelaria a outro Cipião, nos Idos de Março, 585 anos *ab urbe condita*. Será daqui a quatro dias, e nesse dia Cipião deve esperar por ela na caverna.

Foi a vez de Cipião olhar.

— Quer dizer eu?

— Foi vaticinado. — Ele parou. — Outro terá ido lá antes de você, parando ao cavalgar ao sul para Brindisi, aquele que traz a marca da águia.

Cipião o fitou.

— Quer dizer Metelo?

— A Sibila vaticinou isso, sobre aquele que traria a marca do sol, o símbolo dos Cipiões, e o outro, da águia. Disse que vocês eram dois jovens guerreiros de Roma, e Metelo é o único entre vocês que traz tal marca.

— E o que mais ela previu?

— De algum modo o futuro de vocês está interligado, mas como só a Sibila poderá dizer.

Cipião desviou o olhar, pensativamente. Seu futuro já estava vinculado ao de Metelo por intermédio de Júlia, e ele sabia muito bem quem seria o perdedor em tal situação. Fábio sabia que ele não iria querer viajar aos Campos Flegrei para ouvir uma bruxa velha recitar um enigma obscuro que seria interpretado por alguns como prova de que ele não tinha futuro com Júlia, um fato que Sibila podia deduzir facilmente fazendo uso de sua rede de espiões em Roma, que lhe fornecia informações as quais ela utilizava para convencer os crédulos de que possuía algum tipo de clarividência. Mas depois Fábio olhou o velho centurião e se lembrou de Políbio naquela manhã, dizendo que os soldados deviam seguir suas superstições. Petreu sabia melhor do que qualquer um deles que as guerras eram vencidas por estratégia e tática, e não por oráculos divinos, mas, como muitos que haviam sobrevivido à batalha, ele passara a acreditar que havia mais na vida do que acaso e habilidade, que a sorte era concedida pelos deuses. E a visita de Cipião a Sibila iria significar mais do que isso a Petreu; iria ser parte de uma peregrinação para honrar a memória do venerado Africano. Foi Cipião que convidou Petreu a Literno, e agora ele teria de ceder à sua vontade.

Ênio se pronunciou.

— E nós poderemos ir? À tumba de Cipião Africano, ao rito de purificação?

O centurião o fuzilou com os olhos, depois fungou exageradamente. O odor distinto de esterco de elefante vagava até eles da janela já havia algum tempo.

— Depois do que fizer esta tarde pelo velho Aníbal, não haverá possibilidade de purificação para você, Ênio, neste mundo ou no próximo. — Sua cara se abriu num sorriso raro, e os outros riram, abrandando a tensão. Ele pôs a mão no ombro de Ênio. — Sua hora chegará. Chegará para todos vocês. Vocês saberão seu destino muito em breve. A guerra está no ar.

Um tinido de correntes subiu da arena, o silvo de chibatadas e gritos de dor enquanto os prisioneiros eram trazidos. O centurião encostou o bastão no peito, ergueu as mãos e as examinou teatralmente, com os olhos brilhando.

— Mas, enquanto isso, há trabalho a fazer. Vejam, o sangue em minhas mãos, do escravo desta manhã, secou. É hora de molhá-las novamente. — Ele bateu no ombro de Políbio, fechou a mão em torno do pomo de sua espada e ergueu o bastão novamente, batendo-o no chão. — Estamos prontos? — bradou.

Todos responderam em uníssono:

— *Parati sumus*, centurião. Estamos prontos.

Quatro dias depois, Fábio estava em meio às fumarolas dos Campos Flegrei perto de Nápoles, sentindo o cheiro travoso de enxofre e desejando estar no ar fresco alguns quilômetros abaixo do monte Vesúvio, na cidade de Pompeia, onde tinha primos. Ele e Cipião foram acompanhados de Roma por Caio Paulo, que, como herdeiro distante da *gens* dos Cornélios, fora enviado para representar sua família na *lustratio* em honra a Cipião Africano; estava com eles agora, pálido e exausto. Foi difícil para ele desde o início. O velho centurião fez questão de demonstrar o que sentia por ter sido convidado por Cipião a Literno, tratando a viagem ao sul como uma marcha do exército, fazendo-os carregar nas costas um saco de pedras equivalente a uma mochila de legionário. Caio Paulo tinha apenas 16 anos, era pequeno para sua idade e foi o que mais sofreu, com Petreu acossando-o impiedosamente e com frequência estalando seu chicote nas pernas do rapaz. Quando eles chegaram a Literno, depois de três dias e noites de jornada, parando apenas para dormir ocasionalmente antes de Petreu acordá-los, Paulo mal conseguia ficar em pé; durante a cerimônia na tumba, Fábio e Cipião mantiveram-no firmado entre eles para que o garoto não desmoronasse e desonrasse tanto a própria família como Petreu, que estava

resplandecente na *toga praetexta* como sacerdote que oficiava a cerimônia para perpetuar a memória de um homem que ele considerava algo semelhante a um deus.

A marcha já havia sido bem difícil, mas fora pontuada por uma experiência que se gravou na memória de Fábio. Na Via Ápia, a alguns quilômetros nos arredores de Roma, além da tumba da família dos Cipiões, eles deram com uma fila de crucifixos de madeira sendo instalados na beira da estrada. Houvera uma revolta de escravos em uma pedreira de travertino a leste da cidade, e os culpados estavam recebendo sua punição. Eles viram a progressão de mortos por crucificação à medida que marchavam, desde aqueles mais próximos da cidade, que foram içados primeiro, aos que estavam sendo levantados naquele dia: de cadáveres cinzentos pendurados aos homens que ainda lutavam para respirar, com os olhos arregalados de medo, sem ter mais forças nos braços para manter o peito erguido e não se afogar nos próprios fluidos, com as pernas e o poste abaixo deles raiados de fezes, urina e sangue.

Caio Paulo se virou e vomitou, e o velho centurião o agarrou, puxando-o pela gola da túnica e rosnando em sua cara.

— Você pode travar todas as guerras que quiser nos dioramas e nos areais da academia. Mas nunca travará uma guerra real se não aprender a amar a visão da morte. Inspire-a para si. Aprenda a saboreá-la. Caso contrário, pode muito bem voltar e se juntar aos jovens espinhentos do Fórum para aprender oratória e refinamento social. Prefiro uma menina como Júlia em minha legião a qualquer um deles.

Ele arrastou Caio Paulo para diante da fila de crucifixos, tirou-lhe o fardo e falou com o centurião que comandava o grupo de execução, que lhe entregou alegremente o martelo, os cravos e as cordas para que os rapazes dessem prosseguimento ao trabalho. Eles passaram as várias horas seguintes erguendo e pregando prisioneiros às cruzes, suportando-os se debaterem para se libertar, e os gritos de dor quando longos cravos eram golpeados em seus punhos e pés. Fábio ficou nauseado e sabia que Cipião sentia o mesmo, mas não havia nada que pudessem fazer para amenizar a agonia dos prisioneiros; muitos eram gigantes musculosos capturados nas guerras macedônias que deviam ter sido recrutados como mercenários para lutar por Roma em vez de ser desperdiçados nas pedreiras: mais um defeito da política romana que despertara as críticas de Cipião Africano, mas a qual por enquanto eram impotentes para mudar.

No fim, Cipião e Caio Paulo postaram-se na frente de Petreu, que falava com eles.

— Quero que vocês se tornem tribunos aos quais eu serviria. Foi o que Cipião Africano

me disse para fazer dos discípulos da academia. Instrua ou destrua, disse ele. E se eu os destruir, vocês sentirão a dor e a vergonha por toda a vida. Sendo assim, é melhor que aprendam o que estou dizendo agora. Um dia vocês terão de ordenar homens à execução, alguns deles guerreiros esplêndidos como estes escravos, outros homens com quem vocês lutaram e amaram como irmãos. Terão de ser capazes de fazer isso diante de seus camaradas, sem pestanejar e sem misericórdia. Agora voltem à estrada, peguem seus sacos de pedra e marchem. Vocês têm trinta segundos ou sentirão o golpe de meu açoite.

Fábio acompanhava Cipião e Caio Paulo pelo caminho rochoso rumo à cratera, seguido por Petreu. Em algum lugar em meio à fumaça ficava a caverna de Sibila e perto dela a fresta na terra que diziam levar ao inferno. Ao chegarem ao pé da colina, passaram por fissuras tingidas de amarelo que fediam a enxofre, exatamente como o preparado de Ênio na academia. A base da cratera era uma extensão de pedra vítrea, plana como um lago, envolta em uma fumaça que espiralava e obscurecia o sol, tornando o caminho adiante escuro e proibitivo. À beira da cratera, a pedra se abaulava em formas que pareciam gigantes semiacabados, nascidos da terra, mas aprisionados na pedra antes de conseguirem sair plenamente. Políbio tinha contado a Fábio como subira ao topo do vulcão na Sicília e vira formas bulbosas como essas enquanto ainda estavam tomando forma, solidificadas de rios de pedra derretida. Ele contou que os Campos Flegrei eram verdadeiramente uma entrada ao inferno, um lugar onde a pedra sobre a qual se encontravam era apenas uma crosta por cima de um caos feroz, mas também uma entrada ao Hades contanto que tivessem a morte certa os que hesitavam perto demais da fumaça ou que escorregavam nos regatos derretidos. Fora do alcance dos ouvidos de Petreu, ele disse que aqueles que iam até ali eram iludidos, pessoas cujo desespero para saber o futuro ou encontrar o espírito de um ente querido as ludibriara a ter visões, a mente enevoada pelos vapores do vulcão e pelas folhas inebriantes que os servos de Sibila queimavam em seu fogo; o próprio Políbio sabia que as folhas não tinham nenhuma dádiva especial dos deuses, entretanto vinham da Índia, passando por Alexandria, juntamente com a droga conhecida como *lachryma papaveris*, as lágrimas de papoula. Diziam que os sacerdotes de Sibila distribuíam essas drogas livremente a qualquer um que as procurasse e que aqueles que traziam ouro recebiam doses especialmente grandes. E eram eles que continuavam voltando em busca de mais. Além disso, alguns eram aristocratas ricos que transferiram suas residências de Roma para Nápoles e para os arredores de Cumas a fim de ficar perto da fonte das drogas que começavam a consumir suas mentes.

Fábio viu formas humanas encolhidas atrás das rochas, olhando para eles. Não eram

aristocratas, mas pessoas que tinham decaído da sociedade, figuras magras com rostos e mãos enegrecidos pela fumaça. Diziam que incluíam uma seita de judeus que acreditava que um dia seu Deus viria a eles neste lugar; a maioria, porém, era de escravos fugidos e outros foragidos da justiça, aqueles no fim de suas forças que tinham ido passar seus últimos dias ali, diante dos vapores que os dominavam, na esperança de alguma salvação. Um deles correu então, um miserável sujo vestindo apenas uma tanga, os olhos vidrados como se estivesse embriagado, gesticulando loucamente e apontando uma série de pedras dispostas pelo chão da cratera. Cipião lhe atirou uma moeda e ele fugiu, depois parou e olhou para Petreu, buscando confirmação. Este assentiu, apontando para frente, e eles se viraram e seguiram a fila de pedras, os pés esmagando a superfície vítrea da cratera. Fábio sentia o calor abaixo, e ficou aliviado por suas sandálias serem espessas, mas Caio Paulo saltitava e fazia caretas, queimando o couro de suas sandálias. Depois do que pareceu uma eternidade, eles saíram do outro lado da cratera e chegaram a um monte formado por rochas que tinham desmoronado da borda, no meio das quais havia um buraco escuro e irregular do tamanho da entrada de um templo; diante dele havia uma soleira guardada por duas formas vestidas com mantos pretos que desapareceram em meio às rochas assim que se aproximaram.

Eles chegaram à Caverna de Sibila. Subiram um caminho gasto para a soleira, as pedras alisadas pelos incontáveis suplicantes que haviam escalado ali no passado. Pararam a alguns passos da soleira, sentindo o odor doce que subia das cinzas, e olharam a escuridão escancarada mais além.

— Dizem que a idade dela já conta trezentas gerações — cochichou Caio Paulo, olhando, assombrado. — Dizem que ela já era velha antes de Eneias vir aqui, e que agora está tão encolhida e enrugada que fica pendurada em uma pequena gaiola no escuro, alimentada e cuidada por seus sacerdotes como um macaco de estimação.

— Cuidado com o que diz — rosnou Petreu. — O próprio deus Apolo o ouvirá e infligirá sua punição. — Ele se virou para Cipião. — Os serviçais dela viram você, e ela sabe que você está aqui. Você deve entrar sozinho na caverna.

Cipião lançou um olhar irônico a Fábio, respirou fundo e avançou, contornando a soleira e sumindo de vista na escuridão. Por alguns minutos fez-se silêncio, e Fábio ficou tenso, detestando que Cipião tivesse saído da visão dele. Em seguida, um barulho estranho emanou da caverna, indiscernível, como o som abafado dos feitiços de um sacerdote nos fundos da cela de um templo. Alguns instantes depois, Cipião reapareceu, cambaleando até eles, o rosto corado e escorrendo suor. Passou pela soleira e se virou para olhar a caverna, ofegante.

— Você a viu? — cochichou Caio Paulo com a voz trêmula.

— Não sei. — A voz de Cipião estava rouca devido à fumaça, e ele passou a mão no rosto, a outra se apoiando em Fábio. — Os vapores da soleira eram muito fortes, com um aroma que me deixou tonto. Deve ser a erva sobre a qual Políbio nos alertou. Não tenho certeza do que vi, mas provavelmente havia alguém na escuridão, pairando ali, e senti um bafo que soprava das folhas sobre o fogo, fazendo-as crepitar e arder. Quando isso aconteceu ouvi uma voz, uma voz grave mas feminina, arcaica e cacarejante. Quase desmaiei quando ouvi.

— Bem — perguntou Caio Paulo, em voz baixa. — O que ela disse?

Cipião meneou a cabeça.

— Não tenho certeza. Era um verso, um enigma. Só o que ouvi foi isto: *A águia e o sol devem se unir, e em sua união estará o futuro de Roma*.

— Mas o que pode significar isso?

Fábio guiou Cipião alguns passos até onde Petreu os esperava e refletiu.

— Se a águia significa Metelo e o sol representa os Cipiões, então o destino dos dois é proteger Roma.

— Ele no leste, Cipião no oeste — rosnou Petreu. — Foi o que Sibila previu quando Cipião Africano e eu viemos aqui todo aquele tempo atrás. Ela disse que alguém com o nome Cipião conquistaria Cartago e teria o mundo a seus pés.

— Então não pode ser eu — disse Cipião, empurrando Fábio, cambaleando para as rochas e se aprumando sem ajuda nenhuma, piscando para uma nesga de sol que atravessava a fumaça. — O Senado é cauteloso demais para declarar guerra, e Cartago continuará um assunto pendente.

— Talvez por ora, mas a guerra contra Cartago é possível enquanto estivermos vivos — disse Caio Paulo cautelosamente.

Cipião bebeu um gole da água do odre que Fábio lhe estendera.

— Como pode saber disso?

— No dia em que partimos de Roma, passei a manhã no Fórum. Começou como um boato entre as pessoas, depois se tornou um burburinho no Senado, em seguida um clamor que tragou todo o debate, até os cônsules ordenarem à guarda que desembainhassem suas espadas para calar a todos. E então Catão se levantou do púlpito e verbalizou as palavras que

estavam nos lábios de todos.

O centurião o fitou.

— Diga logo, homem.

Caio Paulo engoliu em seco.

— *Carthago delenda est*.

No silêncio que se seguiu, Fábio levantou a cabeça e viu um corvo voando alto pelo céu, exatamente como seu pai lhe dissera ter visto duas vezes antes de navegar para a guerra. Cipião virou-se para Caio Paulo e repetiu as palavras, com a voz rouca, agora de emoção.

— *Carthago delenda est*. Cartago deve ser destruída.

O centurião fixou em Cipião os olhos que brilhavam com uma chama que Fábio nunca tinha visto ali.

— Há quase cinquenta anos, eu estive com seu avô adotivo neste mesmo local, quando a guerra era iminente. Dezoito anos depois, estávamos diante das muralhas de Cartago, endurecidos pela batalha, vendo Aníbal arrastar-se diante de nós, suplicando pela paz. Depois, o Senado hesitou para proclamar a ordem final. Agora, vocês são uma nova raça de homens, e quando aqueles entre vocês que viverem para ver esse dia estiverem diante daquelas muralhas, não haverá conciliação, nem misericórdia para com os vencidos. Isso é o que tenho ensinado a vocês na academia. Haverá muita preparação e muitas dificuldades, e eu mesmo não viverei para ver. Mas morrerei feliz sabendo que o trabalho enfim foi concluído.

Caio Paulo se colocou em posição de sentido, olhando bem à frente, revelando no rosto o tributo cobrado nos últimos dias. Cipião se aprumou e bateu a mão direita no peito, a voz ainda embargada de emoção.

— Pode contar conosco, centurião.

Quando estavam a ponto de se virar e partir, ouviram cascos de cavalo batendo na cratera, e um cavaleiro vestindo trajes de mensageiro oficial, gorjal e a túnica trabalhada com argolas douradas apareceu. Desmontou do animal, segurando as rédeas enquanto este pisoteava e relinchava em meio aos vapores, e se aproximou deles.

— Gneu Petreu Atino, detentor da *corona obsidionalis*, tenho notícias do Senado. A guerra contra o rei Perseu da Macedônia está rumando para uma batalha decisiva. Lúcio Emílio Paulo requisitou outro chamado às armas. O Senado autorizou a criação de mais uma

legião.

O coração de Fábio começou a martelar. Ele olhou para Cipião, notando os olhos do outro brilharem subitamente. O mensageiro virou-se para ele.

— Públio Cornélio Cipião Emiliano, seu pai solicita que seja nomeado tribuno militar temporário em seu estado-maior. Caio Emílio Paulo, é nomeado tribuno temporário para ser o segundo em comando do terceiro manípulo da nova legião. E Fábio Petrônio Segundo, como seu décimo oitavo aniversário já ocorreu, será legionário e porta-estandarte da primeira coorte da primeira legião, por recomendação especial do primipilo Gneu Petreu Atino.

Fábio sentiu uma onda de adrenalina e olhou o centurião, que assentiu secamente. Petreu deve ter falado em favor dele em Roma antes de eles partirem. Ele devia saber que o chamado chegaria antes que a viagem estivesse encerrada. Por isso a viagem fora realizada, para prepará-los para este momento. Cipião se aprumou e falou:

— Então é isso. Nosso tempo na academia se encerra.

O centurião pôs a mão sobre o punho da espada.

— Agora vocês devem provar sua competência no sangue. Devem aprender a matar como legionários, ganhando o respeito dos soldados mais corajosos que o mundo já conheceu. Não sei o que significam as palavras de Sibila. De uma coisa, porém, eu sei. Seu direito de comandar legionários em batalha foi conquistado. Depois, poderão atender ao apelo de Catão e liderar um exército romano de volta a Cartago.

— E hoje, centurião?

— Hoje, vocês marcham para a guerra.

Parte 2

O Triunfo de Emílio Paulo, Roma, 167 a.C.

4

Fábio fechou os olhos e respirou fundo, sentindo o peito inflar sob a couraça e inspirando o aroma inebriante de incenso que preenchia o ar. Ele abriu os olhos e ficou deslumbrado com a vista. Roma inteira parecia em chamas naquela noite, não um fogo de destruição, mas de celebração: mil bacias de óleo queimando e ladeando a rota de procissão desde o portão de Óstia, passando pelo Fórum, ao Campo de Marte. Ali, no pódio abaixo do Templo Capitolino, eles estavam no apogeu da procissão, no final da Via Sacra onde os legionários que marchavam para eles se desviavam a oeste em direção ao espaço aberto do Campo de Marte, rumo aos jogos e espetáculos que seriam realizados por toda a noite.

Ele e Cipião tinham abandonado a frente da primeira legião alguns minutos antes para subir a escada, de forma que Cipião pudesse ficar ao lado do pai Emílio Paulo enquanto a procissão chegava a seu clímax. Políbio também estava lá, atrás de Emílio Paulo, e ao lado deles posicionava-se Marco Pórcio Catão, no pódio, em sua posição de direito como estadista mais velho do Senado, ex-cônsul e censor, e também um dos amigos e partidários mais antigos de Emílio Paulo. Fábio olhou o general, que ergueu a mão direita em saudação e a manteve firme no ar enquanto cada legião passava marchando. Por baixo da armadura polida ele agora era um velho, de pele enrugada e esfolada tal como Catão, ambos veteranos que haviam estado ali presentes como jovens tribunos, assistindo a procissões triunfais muito antes de Fábio e Cipião ao menos terem nascido. Aquele dia seria o último quinhão de glória para a geração que havia combatido Aníbal, para aqueles que sabiam que logo seguiriam Cipião Africano ao Elísio, mas que só descansariam verdadeiramente depois que Cartago fosse enfim derrotada.

Fábio lançou o olhar para o jovem de armadura e para os homens mais velhos de toga que lotavam a escadaria do pódio. As mulheres patrícias estavam ausentes, aguardando nas arquibancadas erguidas por cada *gens* ao final da via de procissão, para assistir à execução dos desertores, porém Metelo e os jovens de estirpe entre os tribunos estavam todos reunidos mais abaixo, sendo acompanhados pouco a pouco por outros que deixavam a cabeceira de suas legiões e manípulos para subir a escada e ver o espetáculo, tal como Fábio e Cipião haviam feito. A ausência mais notada era do velho centurião Petreu, que tinha pendurado a armadura para sempre depois que Cipião e os outros partiram para a guerra na Macedônia e a academia foi fechada. Para ele, a guerra pertencia ao passado e suas terras nas Colinas Albanas acenavam; era novembro e ele precisava colher o milho e semear o trigo de

inverno antes da geada. Ele era um verdadeiro romano, primeiro agricultor e depois soldado, mais fiel às suas raízes de Roma do que qualquer um dos patrícios que competiam entre si, reivindicando a *gens* mais antiga e a linhagem mais forte desde Rômulo ou outro guerreiro semimítico do passado de Roma.

Mas outros também estavam ausentes. Enquanto marchavam, passando pelo *fasti* consular na frente do Fórum, Fábio viu a placa de mármore com a inscrição dos nomes de oficiais das *gentes* patrícias que haviam sido abatidos em Pidna. Entre eles estava Caio Emílio Paulo, tribuno temporário da quarta legião, falecido aos 16 anos apenas. Fábio se lembrou da última vez em que havia estado com Caio Paulo na Itália, vendo seu rosto exausto no final de sua marcha para o sul da baía de Nápoles, em seguida o corpo mutilado que ele e Cipião ajudaram a carregar à pira funerária depois da batalha. O manípulo do garoto tinha sido a primeira unidade da infantaria romana a atacar depois que os Peligni se lançaram à falange, mas depois do embate dos Peligni os macedônios ficaram precavidos para o que veio a seguir; aqueles primeiros legionários não tiveram a menor chance. Disseram alguns que Paulo gritava de pavor e se entregou em frente à falange, outros, que ele berrava como um touro e só se virou para cair sobre o corpo de um legionário ferido e tomar ele mesmo os golpes das lanças macedônias, um ato que lhe teria rendido a *corona obsidionalis*, se ele tivesse sobrevivido para atestá-lo. Toda a fileira da frente do manípulo se sacrificou nas lanças da falange para que as fileiras seguintes pudessem passar. Fábio lembrou-se da brutalidade de Petreu para com o garoto, não pior do que a brutalidade que todos experimentaram com o centurião, mas diferente devido à juventude de Caio Paulo. Ele se perguntou se naqueles últimos instantes isso o fortaleceu, ou se foi algo que acabou por alquebrá-lo. Talvez nunca fôssemos conhecer a verdade, mas ele tinha esperanças de que o espírito de Caio Paulo fosse capaz de descansar no Elísio e de manter a cabeça erguida junto daqueles que morreram com ele.

Os últimos legionários passaram, deixando a Via Sacra vazia enquanto aguardavam pela fase seguinte da procissão. Fábio olhava em volta agora, para os monumentos e templos circundados pela fumaça e ornados com guirlandas, lembrando-se de ter corrido por ali com Cipião quando eram meninos, e então de acompanhá-lo todos os dias da casa de Cipião no Palatino para a academia, na Escola de Gladiadores. Nunca, nem em sonhos, eles teriam imaginado que apenas alguns anos depois estariam de pé ali, assistindo à maior procissão triunfal já vista, não como meninos boquiabertos e invejosos dos jovens tribunos e legionários da procissão, mas como soldados que retornavam e tinham combatido e matado

pela glória de Roma.

Ele sentiu o rosto latejar e passou o dedo na cicatriz pálida onde seu ferimento finalmente começava a se curar. Já fazia um ano desde a Batalha de Pidna, um ano durante o qual ele e Cipião serviram com a força de ocupação na Macedônia enquanto Emílio Paulo tentava estabelecer uma república cliente, uma província de Roma em tudo, exceto no nome. No início, o trabalho deles foi perseguir aqueles que se recusavam a se render depois da batalha, principalmente mercenários trácios que sabiam que enfrentariam a morte quase certa se capturados. Foi um trabalho estimulante, com Cipião no comando de uma unidade de cinquenta homens da cavalaria ligeira, com Fábio como seu companheiro de armas, estendendo-se por toda a Macedônia enquanto perseguiam homens como feras selvagens, encurralando-os e sem piedade. De vez em quando, os inimigos se agrupavam, e os embates tornavam-se confrontos apropriados, de encontros breves e sangrentos de várias dezenas de homens lutando até a morte, mas com mais frequência um combate homem a homem, duelos ferozes travados pelo próprio Cipião e às vezes por Fábio com apenas um resultado possível, enquanto o restante da *ala* que cercava o campo de matança se preparava para lancear o inimigo, se ele conquistasse alguma vantagem. Cipião e Fábio deram conta de mais de uma dezena de homens dessa maneira, e depois de seis meses sentiam-se mais veteranos de uma campanha do que simplesmente sobreviventes de uma única batalha.

Encerrado o extermínio, Emílio Paulo convocou Cipião novamente a Pella, capital da Macedônia, para adquirir experiência agindo como árbitro em disputas locais, um papel ao qual ele teve dificuldade de se acostumar depois da empolgação dos meses anteriores, mas que desempenhou bem, sua reputação para *fides* e para jogo limpo tornando-o bastante requisitado por toda a região sob seu controle. Eles tinham voltado à Itália apenas três semanas antes, depois de resolver a alegação espúria de um homem que dizia ser o filho do rei macedônio derrotado, Peleu, e portanto governante por direito da nova república, um equívoco sobre o funcionamento de uma república, o qual Cipião resolveu admiravelmente explicando como Roma havia rejeitado seus reis mais de trezentos anos antes e rompera a linha de sucessão, construindo a República a partir de novos homens eleitos ao posto. Eles deviam retornar à Macedônia depois do triunfo, não para outro trabalho administrativo, mas para uma licença merecida, caçando na vasta extensão da Floresta Real Macedônia que margeava a alta cadeia montanhosa ao norte.

De repente soou uma trombeta, uma nota aguda e estridente de algum lugar atrás deles, e a multidão que ladeava a Via Sacra ficou em silêncio, prendendo a respiração em

expectativa ao que viria a seguir. De um pedestal a meia altura do Monte Palatino, um gigantesco escravo núbio arremessou uma vela acesa no ar, mirando um caldeirão de metal na tribuna abaixo do pódio. A vela girou languidamente, a chama sibilando enquanto descia e desaparecia no caldeirão, aparentemente extinta, mal tocando suas laterais. A multidão explodiu em aplausos, assombrada com tal façanha prodigiosa de pontaria. Mas Fábio sabia que não havia acabado. O barulho da multidão esmoreceu, e todos os olhos se voltaram para a extremidade da Via Sacra, onde a procissão recomeçaria. De repente uma nova explosão surgiu do caldeirão, lançando uma bola de fogo no ar até que ela também explodiu, banhando a multidão em uma chuva de faíscas e deixando uma nuvem negra que escureceu o céu acima do Fórum, destacando ainda mais as chamas ao longo da rua. Dessa vez a multidão ficou perplexa demais para aplaudir, olhando boquiaberta para algo que nunca tinham visto, um presságio das visões futuras que Fábio sabia que eles logo pediriam aos urros.

Cipião virou-se e o cutucou.

— Ênio ficará satisfeito. Eu disse que, se ele ainda não era capaz de fazer de sua mistura de nafta uma arma explosiva, pelo menos podia fazer dela um espetáculo para o triunfo. Ele trabalhou nisso por meses.

Emílio Paulo virou-se para Cipião e pôs a mão em seu ombro.

— Desfrute deste espetáculo, mas não se deixe seduzir por ele — disse ele rispidamente. — Lembre-se: existem os verdadeiros e os falsos triunfos. Um general vitorioso pode ser tratado como um deus em um dia como este, depois ser o flagelo dos tribunos no dia seguinte, expulso da cidade feito um cão. Mesmo hoje os tribunos do povo tentaram evitar meu triunfo, agitando a *plebs* e tentando fazer com que esta acreditasse que meus legionários eram imorais e descontrolados, que voltariam para saquear Roma tal como saquearam a Macedônia. E há triunfos ordenados pelos cônsules que exageraram suas vitórias, com a intenção de criar para si uma glória onde não havia nenhuma, desesperados para alegar um êxito militar durante seu ano no posto.

— A derrota de Perseu é o maior triunfo já celebrado em Roma — respondeu Cipião, elevando a voz devido ao barulho. — Com a vitória em Pidna, o senhor passou a Roma o legado de Alexandre, o Grande, e abriu o leste à conquista romana.

— Tal deve ser o julgamento da história, de homens como Políbio — disse Emílio Paulo. — Mas o julgamento de Roma sobre as realizações de um homem em vida é algo volúvel, oscilando de um lado a outro como o vento que circula por estas sete colinas. Ouça hoje

minhas palavras. Catão e eu discutimos isso e vimos tempos sombrios à frente. Até que Roma desperte verdadeiramente para a ameaça de Cartago, haverá anos em que a guerra poderá parecer uma lembrança distante, na qual seu próprio destino poderá parecer obscuro e incerto. Você deve ser fiel a si e lembrar-se do que disse Homero: melhor se realiza na vida aquele cuja sorte oscila para um lado e outro. Quando a sorte estiver a seu favor, sua capacidade de se distinguir será incitada pela força que você terá adquirido em épocas de adversidade.

Emílio Paulo voltou-se para a Via Sacra, e Fábio flagrou um olhar de Políbio, vendo a alusão de sorriso em seus lábios. Na noite anterior, caminharam juntos pela margem do Tibre, e Políbio previu que no momento do maior espetáculo haveria uma mensagem moral solene de pai para filho. Disse que era o que ele mais admirava nos romanos, sua retidão moral, algo que o fez dar as costas à Grécia e fixar residência entre aqueles que tinham sido seus algozes. Ele acreditava que era isso que tornava os romanos tão bons generais e tão diferentes de Alexandre, o Grande, cujo brilhantismo como líder de guerra era reduzido pelos excessos e pela imoralidade que felizmente pareciam muito distantes do caráter romano.

Fábio seguiu o olhar do general e viu os estandartes dos legionários tremeluzindo ao longe, onde se erguiam acima das construções das redondezas no caminho para o Campo de Marte. Emílio Paulo tinha razão sobre a inimizade do povo. Depois de partir com Políbio naquele fim de tarde, Fábio passara a maior parte do tempo nas tabernas com camaradas do primeiro manípulo da segunda legião, a unidade com a qual ele havia treinado antes de partir para a Macedônia, e vira a fúria deles. Os homens que voltavam a Roma da batalha gloriosa foram rejeitados pelas esposas em seus lares, e seus filhos os evitavam. Ele sabia, por Políbio, qual era a causa daquilo: não os tribunos do povo, mas aqueles que os subornaram para disseminar a inimizade, o mesmo grupo de senadores que se opunha à formação de um exército profissional e à fundação da academia. Era a primeira vez que Fábio percebia o poder que aqueles homens possuíam e como podiam levar a plebe para seu lado. Ele também percebeu que Metelo e seus seguidores podiam usar a inimizade daquela facção do Senado para com os Cipiões e os Emílios Paulos em proveito próprio, envenenando a opinião pública contra Cipião. Aquilo representava parte da mensagem de seu pai, sobre os tempos sombrios à frente, causados não por um inimigo externo e sim por um inimigo interno. Metade daqueles homens que estavam de pé e usando toga no pódio, desfrutando da estima do povo, logo veria Emílio Paulo banido de Roma e seu triunfo desacreditado. O general

também tinha razão a respeito disso. Neste dia os ventos sopravam a seu favor, mas no dia seguinte talvez não.

Cipião virou-se para Fábio e falou junto ao ouvido deste, lutando contra o barulho:

— A exibição pirotécnica de Ênio foi o sinal. Dê uma olhada na Via Sacra. — Ele ouvia agora os tambores, uma batida lenta, insistente e surda ao longe, marcando a segunda parte da procissão, o desfile de tesouros da Macedônia que seriam trazidos em carroças até os pés do pódio e dedicados nos templos que ladeavam a Via Sacra.

Para Fábio, a maior visão não eram os despojos da guerra, mas o próprio Cipião, corado de empolgação e resplandecente na couraça e no capacete de plumas herdado de seu avô adotivo Cipião Africano, o homem em cuja memória Fábio jurou que protegeria resolutamente o jovem Cipião, colocando-se a seu lado onde quer que o destino lhe ditasse. Hoje era o ponto culminante da vida de Cipião até o momento; a primeira vez que ele ficava ombro a ombro com os maiores estadistas e guerreiros vivos de Roma e podia apreender seu próprio destino. Fábio tentava se esquecer do lado sombrio; este também era o último dia que Cipião teria com Júlia, o dia que marcava o início de seus ritos formais de purificação com as Virgens Vestais antes de seu casamento com Metelo. A guerra pode ter endurecido Cipião, mas não a esse ponto. Fábio olhou adiante, vendo a primeira carroça de tesouros se revelar em meio à fumaça, puxada por uma parelha de bois. Por enquanto, pelo menos por algumas horas, ele esperava que Cipião pudesse deixar o futuro em suspenso, enquanto se deleitavam no maior espetáculo que Roma já vira.

Três horas depois, o espaço na frente do pódio tinha uma pilha alta de um tesouro deslumbrante de obras de arte, carregado para lá por mais de duzentos e cinquenta carroças e bigas; em destaque entre eles, uma pilha imensa de prataria, pela qual os macedônios eram famosos, incluindo taças magníficas no formato de chifres, decoradas com folhas de ouro e pedras preciosas, amontoadas em um tonel de libação que Emílio Paulo encomendou, feito de mais de vinte talentos do mais puro ouro montanhês macedônio. Fábio tinha ficado mais interessado nas carroças de armas e armaduras, nos milhares de capacetes, escudos, couraças e grevas, todos amontoados e sujos de lama e sangue seco, tal como estavam quando recolhidos do campo de batalha; entre eles Fábio identificou escudos redondos cretenses, escudos trácios, lanças macedônias e aljavas de flechas citas, uma fração da força mercenária formada contra eles em Pidna, junto à falange macedônia. Em seguida veio uma centena de bois com chifres dourados, destinados ao sacrifício naquela noite no Campo de Marte, e então a família e os escravos domésticos de Perseu e o rei deposto em pessoa, despido de sua

armadura, caminhando pesadamente de manto preto, parecendo confuso e taciturno na derrota. Depois que ele passou, houve um intervalo enquanto o último espetáculo era preparado; vinho e frutas eram distribuídos entre os espectadores por escravos que tinham sido instruídos a providenciar a bebida ao povo moderadamente, mas não tanto a ponto de ficarem turbulentos antes de a procissão findar e os sacrifícios acontecerem no Campo de Marte naquela noite.

Políbio lamentou a pilhagem da Macedônia, comentando com Fábio quantos daqueles tesouros, despojados dos templos e santuários, tinham perdido seu significado e se tornariam meros ornamentos nas casas dos ricos de Roma. Mas agora Fábio era capaz de enxergar como a maior daquelas obras, trazida ali em triunfo e oferecida nos templos, tinha adquirido um novo significado, havia recebido um novo selo de propriedade enquanto era absorvida em Roma como símbolo de conquista e poder. De agora em diante, a arte e os próprios artesãos trabalhariam segundo o gosto romano, modelando uma nova Roma assim como Políbio e os outros professores gregos da academia tinham influenciado o pensamento da geração seguinte de líderes de guerra romanos. Aquilo tornava Roma mais cosmopolita, afastando-a de suas tradições há muito estabelecidas: uma evolução perigosa para aqueles do Senado que se preocupavam com a solidez da própria base de poder em Roma, fundamentada, como era, na manutenção da antiga ordem estabelecida. Ele pensou na ironia do velho centurião, conservador até a medula, presidindo parte daquela mudança, escolhido por Cipião Africano para conduzir essa geração de rapazes a um novo formato de guerra, uma guerra em que a conquista e a dominação só seriam possíveis se fossem libertados da constituição que prendia e abreviava a ambição militar pessoal em Roma desde os dias mais tenros da República.

Enquanto esperavam, Catão passou ao lado de Cipião, o rosto rijo e vincado, vestido austeramente na toga antiquada de seus ancestrais, olhando com reprovação o grupo de professores gregos barbados no rostro abaixo, que tentavam manter uma turma de jovens indisciplinados em ordem. Até onde Fábio sabia, o único grego que Catão realmente aprovava era Políbio, e mesmo assim só porque Políbio era o historiador militar mais importante da época e um dos proponentes mais sonantes de Roma, tanto que o próprio Catão apelou para que ele fosse formalmente liberado de seu status de cativo e transformado em cidadão romano. Catão falou junto à orelha de Cipião, mas Fábio entreouviu.

— Quando eu tinha sua idade, estive exatamente neste local, quase cinquenta anos atrás, quando Aníbal atravessou os Alpes com os elefantes e ameaçou Roma. Seu pai, que está a

nosso lado agora, era como um desses rapazes abaixo, embora na época usássemos centuriões endurecidos pela batalha para mostrar a nossos rapazes como ser homens, e não esses gregos efeminados.

— Agiu bem ao apoiar a academia, Catão — respondeu Cipião, colocando a mão em concha na orelha do velho para se fazer ouvir. — Aqueles de nós que lá aprendemos sempre lhe seremos gratos. O centurião Petreu nos ensinou o *mos maiorum*, o costume ancestral.

— A academia foi ideia de seu avô adotivo, Cipião Africano — respondeu Catão. — Só o que fiz foi garantir que os rapazes das famílias que apoiam nossa causa contra Cartago tivessem a oferta de uma vaga, e que o tesouro dos triunfos de Cipião, legados por ele para esse fim, fosse usado no emprego dos melhores mestres na arte da guerra. Mas a academia está fechada, e temo que não será reaberta. Tudo o que vejo à minha volta são senadores que optariam por conciliar e negociar em vez de se preparar para a guerra. Até aqueles que nos apoiam passaram a acreditar que, com a Macedônia agora derrotada, as guerras de conquista de Roma chegaram ao fim, que seu futuro está não na glória militar, mas nos tribunais e no Senado. Nós dois sabemos o quanto estão enganados. A paz pode estar à nossa frente, porém será uma paz transitória, uma calmaria antes da tempestade. Guarde minhas palavras, Cipião.

— Aqueles de nós que passaram pela academia garantirão que seu caráter sobreviva — respondeu Cipião gravemente. — Não precisa temer nada.

Catão olhou para Metelo e para os outros jovens oficiais que se pavoneavam no pódio abaixo.

— Lembro-me de como era na sua idade, quando senti pela primeira vez o gosto da batalha e estava ansioso por sair novamente. Para mim, foram quinze anos à frente da difícil campanha antes de Aníbal finalmente ser derrotado em Zama, todo o sangue e a glória que um jovem poderia desejar. Mas, para vocês, o caminho para a próxima guerra é menos seguro, e vocês têm o fardo da expectativa. Não deve permitir que a armadura de Cipião Africano lhe pese. Um dia você a conquistará por mérito e se colocará onde agora está seu pai.

— Se os deuses quiserem, assim como o povo de Roma.

Catão contraiu os lábios.

— Chegará o tempo em que os homens não apenas esgotarão suas ambições uns contra os outros na câmara de debates, mas buscarão refúgio na intimidação e no assassinato.

Quando isso acontecer, a luta pelo poder será longa e amarga. Exércitos serão erguidos uns contra os outros, e haverá uma guerra civil. E quando Roma ressurgir, *se* Roma ressurgir, não será mais uma república. O homem que conseguir domar a nova Roma será aquele que for capaz de se livrar dos grilhões do passado e enxergar Roma como realmente é: a essência de um poderoso império, não apenas um palco de teatro de intrigas, disputas mesquinhas e discursos grandiosos no Senado, cheios de uma retórica inteligente que nada significa.

Cipião voltou-se para ele.

— Mas esses grilhões são o *mos maiorum*, o costume ancestral.

— O *mos maiorum* são a honra e o dever, e não o clientelismo e o privilégio, angariados com subornos, intriga e casamentos dinásticos — rosnou Catão. — Sou o republicano mais ferrenho que Roma já conheceu, mas se ela perder os antigos costumes de vista, prefiro que seja governada por um homem que conhece o *mos maiorum* do que por muitos que não o conhecem. Esse foi outro motivo para termos criado a academia; não era apenas para treinamento militar. Tratava-se de restaurar a honra e o dever naqueles que liderariam Roma, não só na guerra, mas também na paz. — Ele olhou para Metelo e os outros tribunos, de rosto vincado e testa franzida. — Tivemos sucesso com alguns, com você, Ênio e Brutus, com os aliados estrangeiros Gulussa e Hipólita; com outros, temo que não. São eles os perigosos, tão perigosos para você quanto qualquer inimigo estrangeiro, e você deve ficar atento. Devo partir agora. Tenho um último papel a desempenhar, no último grande triunfo que testemunharei em minha vida.

Cipião fez uma reverência para ele.

— *Ave atque vale*, Marco Pórcio Catão. Até que nos encontremos novamente. Eu me lembrarei de suas palavras.

Ele se virou para o pai, resplandecente em sua couraça dourada e seu capacete de plumas, sabendo que a essa altura do triunfo o filho daria os parabéns ao pai formalmente.

— Saudações, Lúcio Emílio Paulo Macedônico — disse Cipião, pela primeira vez usando o *agnomen* dado a ele no dia da derrota dos macedônios. — Jamais um triunfo de tal glória foi celebrado em Roma. Marte Ultor brilha sobre você.

Por tradição, o *triumphator* permanecia digno e em silêncio, presidindo o triunfo como um deus, mas Emílio Paulo permitiu-se virar e sorrir.

— Que Marte Ultor brilhe também sobre meu filho pela bravura em batalha, e sobre toda Roma neste dia. Darei as graças no santuário de nossos ancestrais em minha casa esta noite,

quando os jogos findarem. Pode se juntar a mim?

Cipião ergueu o braço em saudação para que o vissem homenagear o pai e baixou a cabeça.

— Irei, meu pai. Depois farei o sacrifício no *lararium* de meu avô adotivo Públio Cornélio Cipião Africano, que testemunha sua glória do Elísio.

Emílio Paulo fez uma mesura, mostrando o devido respeito à memória venerada de Cipião Africano, depois voltou a olhar a Via Sacra pelo Fórum. Do outro lado do Templo da Fortuna, os sacerdotes dedicavam uma estátua de Atena do venerado escultor grego Fídias, erguida no pátio do templo, e então a acompanhavam por entre as colunas. Fábio via a estátua cambalear, carregada por escravos gregos capturados em cima de uma armação, seu capacete dourado e sua túnica vermelha mais vívidos do que as cores sóbrias da escultura romana. Em todos os templos do Fórum, os deuses e deusas da Grécia estavam sendo feitos subordinados a Roma, assim como as casas dos ricos se enchiam de estatuetas de bronze e pinturas saqueadas e trazidas pelos oficiais das legiões que tinham combatido na Macedônia, despojos de guerra que eram de direito dos vitoriosos desde tempos imemoriais.

Havia, porém, mais do que apenas o saque; Emílio Paulo também encomendou ao artista grego Metrodoro pinturas dos principais eventos da campanha e ordenou que fossem afixadas nas laterais dos carros de boi repletos de tesouros que passavam pelo Fórum. Fábio sabia, por intermédio de Políbio, que Metrodoro tinha guardado sua maior realização para o final, a qual estava chegando para eles agora, uma estrutura elevada, coberta com um manto e carregada em mastros por lanceiros macedônios da falange capturada em Pidna. Eles a baixaram no espaço que restava ao lado do púlpito e marcharam para o Campo de Marte, o chicote dos feitores que estalava em seus músculos tesos provocando disparos agudos pelo ar imóvel do Fórum. O próprio Metrodoro apareceu por fim na procissão, alto e barbado, fazendo uma reverência a Emílio Paulo e pegando uma corda presa ao manto que cobria a estrutura. De repente trombetas soaram dos degraus do Templo Capitolino atrás deles, uma explosão estridente que deve ter sido audível por toda a cidade. A multidão aguardava, prendendo a respiração, vendo Emílio Paulo lhe dar o sinal. Cipião virou-se e cochichou para Fábio.

— É feito de madeira, mas é o modelo para um monumento de pedra que será erigido em Delfos, na Grécia, na frente do Templo de Apolo. Quando meu pai viajou para lá depois de Pidna, encontrou um monumento semiacabado como este, encomendado pelo rei Perseu antes de sua derrota, e parecia adequado que o vitorioso o concluísse com os próprios

ornamentos.

Emílio Paulo levantou o braço e o deixou cair. Com uma rotação, Metrodoro puxou o manto. A multidão arfou. Era um pilar retilíneo, com pelo menos cinco vezes a altura de um homem, afilado no topo e construído com blocos de madeira pintados de branco. Na base havia uma inscrição em caracteres dourados, e no alto, um friso esculpido abaixo de uma estátua dourada magnífica de um general em um cavalo empinado. O friso estava na altura dos olhos no lugar que ocupavam no pódio, posicionado engenhosamente àquela altura para que Emílio Paulo pudesse vê-lo com clareza, e todos o olhavam. Mostrava uma cena de batalha, com homens em tamanho natural pressionando e avançando, cortando e apunhalando. Era tão realista que Fábio sentia ser capaz de entrar nela. Soldados moribundos apareciam no chão com as feridas à mostra, pingando um sangue que provavelmente fora aplicado por Metrodoro pouco antes da procissão. No centro da peleja havia um cavalo sem cavaleiro que fez Fábio se lembrar de Pidna, aquele que se libertou das fileiras romanas e galopou entre as linhas, incitando-os à batalha. Ele olhou para Políbio, sabendo que Metrodoro podia ter mostrado o próprio Políbio com igual facilidade, cavalgando heroicamente pela linha da falange para quebrar suas lanças; mas Políbio trabalhara intimamente com Metrodoro para garantir um retrato fiel e deve tê-lo aconselhado a não o fazer, julgando corretamente que os romanos podiam aceitá-lo em seu meio, porém se rebelariam contra uma representação que mostrasse a batalha dependente dos atos de um grego cativo que oficialmente não estava presente nas linhas romanas.

O cavalo fez Fábio se lembrar de outro cavalo que ele e Cipião tinham visto na escultura do frontão do Parthenon em Atenas, girando e se empinando, como se estivesse se preparando para se libertar da pedra; só que, ao contrário daquelas esculturas gregas, esta não era uma batalha mitológica, mas real. Ele reconhecia a armadura e as armas dos macedônios, e seus aliados gauleses e trácios, bem como dos legionários. E a estátua equestre exagerada não era de um deus, era de um homem, claramente o próprio Emílio Paulo, sua face vincada e a cabeça de calva incipiente imediatamente reconhecível até mesmo daquela distância.

Ele leu a inscrição em ouro ao longo da base:

L. AEMILIUS L.F. IMPERATOR DE REGE PERSE
MACEDONIBUSQUE CEPET

Lúcio Emílio, filho de Lúcio, Imperador, obra criada a partir dos despojos que tomou do rei Perseu e dos macedônios. Essa seria a mensagem que os emissários gregos veriam quando

fossem a Delfos para prestar suas homenagens a Apolo. Para Fábio, o monumento parecia o símbolo culminante do triunfo. Não apenas uma obra de arte saqueada e trancada em um templo em Roma, mas uma escultura feita à moda grega e erigida no santuário mais sagrado dos vencidos, com uma nova mensagem distinta: os homens, e não os deuses, conquistariam tudo, e aqueles não eram homens quaisquer, mas romanos. Fábio se sentiu enaltecido. O futuro podia ser incerto; a sorte poderia sorrir para eles no dia seguinte, ou não. Mas, depois deste dia, qualquer coisa parecia possível.

Um dos servos lançou uma vela acesa no caldeirão de Ênio, então outro jato de fogo explodiu acima do Fórum, iluminando a estátua equestre de Emílio Paulo como se estivesse cavalgando nos céus. Mesmo depois que o clarão de luz cessou, a imagem permaneceu impressa na visão de Fábio, e então a estátua pareceu envolta em fumaça, com a luz do anoitecer destacando sua silhueta contra o céu que escurecia, uma visão igualmente assombrosa que deixou a multidão boquiaberta e em silêncio.

Depois de alguns minutos de reverência o povo começou a se agitar, ansioso para passar à próxima atração. Cipião pegou um cilindro de couro contendo um pergaminho que estivera carregando e se virou para Fábio.

— Prometi a Júlia que a encontraria na frente do Campo de Marte. O pai dela tem uma tribuna para sua família e seus clientes com vista para o final da via de procissão, e quero me assegurar de que verei os legionários marchando ao seguirem para os jogos de meu próprio manípulo. Se não formos agora, vamos perdê-los. Venha.

— Espere um momento — disse Fábio, apontando a Via Sacra. — Tem algo mais vindo aí.

A multidão também já havia visto e voltava a se calar, e os dois olharam. Para além da fumaça surgiu uma fera solitária, de lombo recurvado pela idade e pernas inchadas, a tromba se agitando de um lado a outro, os olhos vermelhos e tristes, avançando com dificuldade.

— Por Júpiter — murmurou Cipião. — Se meus olhos não estiverem me enganando, é o velho Aníbal.

Fábio olhou atentamente. Ele tinha razão. Era o elefante que Cipião Africano havia capturado do exército de Aníbal, aquele que os rapazes alimentaram e cujo estábulo limparam na Escola de Gladiadores. Ao se aproximar ainda mais, viram os riscos brancos nas laterais, onde as espadas romanas o tinham golpeado quarenta anos antes, e as marcas e os calombos em sua tromba onde pedaços da carne haviam sido arrancados. Mas ainda

avançava, um testamento desajeitado às cicatrizes de guerra. Quanto mais perto chegava, mais forte parecia; os olhos não estavam tristes mais, e sim reluziam um brilho vermelho, as pernas não mais de chumbo e sim postadas para atacar, como se a força que o mantivera vivo por todos aqueles anos de repente tivesse ressuscitado a fera de guerra dentro dele, aqui, no lugar mais sagrado de um inimigo que jamais o havia derrotado verdadeiramente.

E então, quando ele se pôs diante do pódio, viram algo ainda mais extraordinário. Alguns passos atrás, segurando uma corda presa ao elefante como se estivesse acorrentado a ele, surgia também uma única figura, de cabeça baixa. Fábio nem acreditou em seus olhos: era Catão. Juntos, homem e animal passaram pelo pódio, nenhum dos dois levantando a cabeça, ambos se arrastando para frente de maneira resoluta e desaparecendo de vista. O elefante abanando sua cauda, Catão ainda cabisbaixo. Por alguns instantes a multidão permaneceu sob um silêncio perplexo, como se nervosa, sem saber o que pensar ou fazer.

Fábio olhou para Emílio Paulo. Ele estava impassível, olhando para frente. Fábio entendeu de repente o que tinha acontecido. Haviam planejado aquilo juntos, Emílio Paulo e Catão, dois velhos que olhavam o passado mas que também partilhavam um senso de responsabilidade para com o futuro. Aquilo iria enfurecer a facção do Senado que a eles se opunha; Fábio já podia ver um movimento impaciente e ouvir bufares de escárnio vindo dos homens de toga abaixo deles. Em seu momento de maior triunfo, Emílio Paulo escolhera deixar um alerta ao povo de Roma: Cartago ainda estava lá, ferida pela batalha, porém forte, liderando Roma como o elefante puxava Catão, renovando suas forças mesmo enquanto Roma observava e nada fazia. A conquista no Oriente era uma vitória superficial enquanto Cartago ainda os desafiasse. Perseu e os macedônios jamais seriam uma ameaça a Roma; os elefantes de Aníbal pisavam e urravam nos limites da própria cidade.

Algo mais tinha acontecido. Era como se a luz que havia brilhado em Emílio Paulo tivesse mudado para Cipião. Todos conheciam o legado de seu avô adotivo e o fardo que fora posto sobre Cipião quando ele assumira esse nome. O que começara como uma celebração da vitória, na qual ele tivera um papel, tornou-se um presságio de incertezas e expectativas; e a lealdade dos legionários que viram seu valor em batalha não seria a garantia da afeição do povo de Roma, que podia ser convencido a transferir sua lealdade por simples capricho. Fábio sabia que a armadura do avô adotivo estaria pesando especialmente agora em Cipião, e que o que estava por vir nos anos seguintes seria um teste maior de sua determinação do que qualquer coisa que já tivessem vivido nos campos de batalha na Macedônia.

Cipião virou-se e pôs a mão em seu ombro, ostentando uma expressão irônica.

— O que dizem mesmo os epicuristas? *Carpe diem*. Aproveite o dia. Pela primeira vez, tentarei esquecer o futuro. Júlia está esperando por nós ao lado do Campo de Marte para assistir à execução dos desertores, e é meu dever como oficial do exército estar presente. Vamos.

5

Meia hora depois, Fábio e Cipião subiam a tribuna de madeira construída para o ramo dos Césares da *gens* dos Júlios na frente do Campo de Marte, onde a rua enfeitada para a procissão triunfal se abria para o campo de treinamento e manobras do exército. As *gentes* competiam pela melhor posição para suas tribunas, garantindo a preferência dos tribunos do povo de acordo com a extensão de suas benfeitorias à cidade desde o triunfo anterior, uma das poucas formas em que a plebe era capaz de influenciar os privilégios dos ricos. Os Césares tinham se saído excepcionalmente bem naquele ano, tendo financiado doações de grãos e a construção de uma casa de banhos pública no Monte Esquilino, tendo assim recebido uma posição de onde podiam ao mesmo tempo ver a execução dos desertores à beira da rua e os espetáculos no Campo de Marte planejados para a noite. Tais eventos incluíam rinha de ursos, lutas mortais entre prisioneiros macedônios e gladiadores e o sacrifício em massa de centenas de cabeças de gado que forneceriam carne em abundância para todos que desejassem, assadas em espetos e braseiros sobre as numerosas fogueiras que pontilhavam o campo, suas chamas já se elevando no céu do anoitecer.

Primeiro houve a execução dos desertores, um evento que Cipião era obrigado a testemunhar como oficial do exército; ele e Fábio chegaram apenas minutos antes do primeiro carro de bois, então havia pouco tempo de sobra. Subiram camadas de assentos, passando pelas senhoras elegantemente penteadas com seus filhos e os homens de togas, alguns usando a toga senatorial debruada de roxo com coroas de louro na cabeça, prêmios por conquistas cívicas. Entre eles havia alguns homens de uniforme, inclusive o irmão de Júlia, Sexto Júlio César, um companheiro tribuno que também servira na Macedônia, e seu pai ilustre de mesmo nome, veterano condecorado da Batalha de Zama que assentiu solenemente para Cipião e retribuiu a saudação enquanto ele e Fábio passavam.

Júlia estava separada das outras mulheres de sua *gens* na fila superior, com suas duas escravas em serviço, e acenou para eles quando se aproximaram. Não estava vestida como as outras e parecia ter acabado de voltar de uma de suas sessões secretas na academia; o cabelo ondulado amarrado frouxamente caía sobre os ombros, o manto fechado na cintura revelava as curvas firmes dos quadris e dos seios. Não tinha permissão para usar nenhuma ornamentação militar, mas carregava uma antiga relíquia de família, um capacete alado de desenho grego ático com o emblema da águia dos Césares na frente; era um pequeno ato de desafio que Fábio sabia ter sido permitido pelo pai dela, contrariando os desejos da mãe e

das outras Vestais. De pé ali, com o capacete, ela parecia ter sido talhada do mesmo molde das cariátides que Fábio tinha visto na Acrópole em Atenas, entretanto arrematada em estilo inteiramente romano; tinha o nariz reto e as maçãs do rosto proeminentes da família dos Césares, e o cabelo castanho-arruivado e os olhos grandes da mãe. Ao se virar para recebê-los, ela estava radiante, sem a tristeza que Fábio vira nela desde que Metelo retornara, e ele teve esperanças de que, como Cipião, ela pudesse ser capaz de desfrutar daquela noite e se esquecer do futuro, da vida que precisaria levar como senhora da *gens* dos Metelos nos anos que a aguardavam.

A multidão já começava a gritar e fazer chacota, e Fábio viu a primeira de uma fila de carroças puxada por bois entrar no campo de visão, vindo do Fórum. Cada carroça trazia uma jaula de ferro grande, e, à medida que a primeira se aproximava, ele via uma leoa africana andando de lado a outro, de olhos injetados e com a língua pendente. Ele sabia que estaria meio enlouquecida de fome, seu corpo emagrecido por dias de inanição antes do espetáculo. Atrás de cada carroça, um homem cambaleava de mãos atadas às costas e tornozelos frouxamente acorrentados, com uma longa corda se estendendo dos pulsos à jaula e outra de um laço no pescoço a um gladiador musculoso atrás dele, com a armadura completa de *bestiarius* e de tempos em tempos estalando o chicote nas costas do prisioneiro.

De uma carroça em algum lugar atrás um leão rugiu, um trovão que soou pela arquibancada como um terremoto, e a turba urrou. Todos sabiam o que viria a seguir; os prisioneiros condenados à *damnatio ad bestias*. Emílio Paulo demonstrou misericórdia para com muitos dos capturados em Pidna, com os próprios macedônios e alguns mercenários trácios aptos para o treinamento de gladiadores, mas qualquer prisioneiro que marchasse acorrentado por um triunfo era poupado apenas temporariamente. A plebe sabia disso e iria vaiar qualquer demonstração de clemência. E esses prisioneiros eram os piores, não inimigos, mas desertores, homens cujos antigos camaradas e familiares estavam entre os que clamavam por seu sangue na multidão das ruas. Roma podia enviar seus homens homenageados e coroados com grinaldas para a guerra, mas aqueles que não tivessem coragem ou bravura deviam saber que seriam tratados com mais severidade do que qualquer inimigo, voltando a Roma acorrentados e humilhados, trazidos à justiça diante da mesma multidão cuja confiança e expectativa haviam traído tão brutalmente.

A certos intervalos pela rua, grossos mastros de madeira, como postes de crucificação, foram enterrados, mas em vez de uma cruz havia uma alça de ferro presa na extremidade superior. Enquanto cada carroça se aproximava de um mastro, a multidão se retraía,

formando um espaço circular, e os que estavam na fila da frente davam-se as mãos e empurravam para trás para abrir espaço. No mastro mais perto deles, Fábio viu um gladiador descer ao lado do condutor da carroça e ir até a traseira da jaula, desamarrando a corda nos pulsos do prisioneiro, passando a ponta pela alça no mastro antes de entregá-la ao *bestiarius*. Depois colocou a mão para dentro da jaula e pegou um rolo de corrente preso a uma coleira de ferro no pescoço do leão, prendendo a outra ponta na alça do mastro. A um sinal do *bestiarius*, o condutor chicoteou os bois e a carroça avançou, fazendo com que a traseira da jaula se abrisse e o leão saltasse, seu pescoço apanhado violentamente pela corrente quando a retesou em um puxão. Enfurecida, a fera sacudiu a cabeça e rugiu, depois investiu para a multidão até que a corrente a fez parar novamente, levando-a a se esparramar no chão, a rosnar e se irritar com a coleira. Tentou novamente, atirando-se para o outro lado, depois se levantou e caminhou pela beira da clareira, babando e batendo as patas em direção à multidão, as garras chegando a centímetros dos meninos que se desafiavam a pular na frente. Fábio se lembrou de quando ele próprio fazia isso, apostando com a morte muitas vezes, instigando o leão com pernas decepadas que eles tiravam das carcaças de touro ao lado dos altares de sacrifício no Campo de Marte; os sacerdotes sempre deixavam cortes de carne para esse mesmo fim, lembrando-se da própria diversão infantil, quando atrair os leões e ganhar cicatrizes era a maneira mais rápida de angariar a estima como um guerreiro das ruas.

A multidão caiu em silêncio, vendo o leão circular sem parar. O *bestiarius* mantinha tesa a corda das mãos do prisioneiro, afrouxando-a o suficiente pela alça para que o homem pudesse recuar e se manter perto da beira da multidão, pouco além do alcance do leão. Sempre que o leão se aproximava, os meninos tentavam empurrar o homem para a frente. Na terceira ocasião, ele tropeçou e o leão o atacou antes que ele pudesse se atirar para trás, rasgando sua face e arrancando um olho. O homem gritou, caindo de joelhos, com uma aba sangrenta de pele pendurada abaixo do queixo. Às vezes o *bestiarius* permitia mais uma tentação, até que a vida da vítima estivesse por um fio, mas dessa vez ele sabia que a multidão já havia sido atiçada e queria sua recompensa. De repente ele puxou a corda e o prisioneiro arremeteu para frente, tropeçando e se contorcendo enquanto a corda puxava seus pulsos poste acima, até que ele ficou pendurado ali, os pés se debatendo e tremendo incontrolavelmente, o olho que restava acompanhando o leão que andava à volta dele. No momento em que o leão parou e olhou, percebendo que o prisioneiro agora estava a seu alcance, o *bestiarius* soltou a corda e puxou-a do pescoço do prisioneiro, levando-o de volta à segurança bem a tempo. A multidão berrou, e Fábio via agora o prisioneiro com mais clareza,

pálido de terror, as pernas marrons de fezes.

O *bestiarius* parou com os pés separados e o peito estufado, berrando para a turba:

— O leão está com fome?

A multidão urrou novamente.

— Daremos comida a ele?

Outro urro e o *bestiarius* largou a corda do pescoço e puxou a outra com a maior força que pôde, seus músculos ondulando retesados, içando o homem pelo mastro mais uma vez, até que ele ficou pendurado, com os pés chutando freneticamente e a cabeça se contorcendo de um lado a outro de pavor enquanto o leão continuava a caminhar pelo perímetro, espiando-o agora, flexionando os ombros, parando e batendo as patas no chão.

Em uma questão de segundos ele saltou e a multidão arfou. Aconteceu com tal rapidez que o homem nem teve tempo de gritar. O leão cravou suas mandíbulas nas costas e o arrancou do mastro, sacudindo-o violentamente, quebrando seus ossos como se ele fosse um animal apanhado nas planícies da África. O *bestiarius* soltou a corda totalmente e recuou junto à multidão. Uma fonte de sangue jorrou do pescoço do homem, espirrando nos meninos na primeira fila. O leão largou o corpo, sentou e começou a comer. Deu uma dentada imensa no peito do homem, mastigando as costelas e deixando um buraco em sua lateral, arrancando um pulmão e engolindo-o, a traqueia e as artérias penduradas de seu queixo. Ele as puxou para dentro e deu outra bocada, dessa vez no abdome, devorando o estômago e os intestinos do homem, a cara pingando sangue e bile.

Cipião virou-se para Júlia, que olhava com uma atenção extasiada.

— Este é o fim da diversão aqui — disse ele. — Levará a noite toda no Campo de Marte, mas prometi a meu amigo Terêncio que assistiria à peça que ele preparou especialmente para os jogos, no jardim do peristilo da casa de seu patrono Terêncio, no Palatino. Antes, no entanto, eu e Políbio marcamos de nos encontrar, quero contar a ele uma coisa que Terêncio me disse, e Políbio aparentemente também tem algo a me dizer. Quer vir comigo?

— Minha mãe pensará que desapareci e mandará as Vestais atrás de mim — disse Júlia, sorrindo. — Mas isso tornará tudo mais divertido. Ela não está olhando agora, então podemos ir.

Eles se levantaram, passando pelos outros sentados na tribuna, seguidos por Fábio. A multidão em volta do leão já começava a se dispersar, alguns rumo às outras carroças, para onde as execuções ainda iam começar, outros indo para o Campo de Marte. Fábio olhou o

leão ao passarem por ele, a barriga visivelmente inchada, o corpo desmembrado do homem reduzido a uma massa de sangue e ossos. O leão tinha apanhado a cabeça do homem em suas mandíbulas e a triturava. Ele se lembrou do banquete que se seguiria ao sacrifício dos touros no Fórum e os pedaços de carne que os sacerdotes entregariam para ser lançados no fogo abaixo do púlpito. Fábio tinha prometido encontrar a escrava Eudóxia de Hipólita ali mais tarde, então esperava que Cipião e Júlia não permanecessem na peça por muito tempo. Ele já estava começando a sentir fome.

De volta ao Fórum, eles encontraram Políbio na Basílica Emília, o grande tribunal onde ele discursara a um grupo de acadêmicos e professores gregos trazidos por Emílio Paulo a Roma para o triunfo. Ao chegarem, ele estava se despedindo de um grupo de homens de manto branco, longas barbas grisalhas e cabelos sem corte, segurando pergaminhos enrolados e olhando para a frente com altivez. Cipião virou-se para Políbio, sorrindo:

— Se não me engano, meu pai capturou a filosofia grega e a trouxe para Roma.

— Eles não são prisioneiros, mas uma delegação de Atenas — murmurou Políbio. — Vieram a convite de seu pai para ensinar os jovens depravados de Roma a pensar.

— Você parece cético, Políbio.

— Vi como é em Atenas. A sabedoria dos verdadeiros filósofos, de Sócrates, Platão e Aristóteles, foi diluída e degradada por homens que pensam que usar um manto de mestre e exibir uma barba branca ondulante os qualifica a nossa estima; a maioria é de homens como aqueles, constitucionalmente incapazes de pensamento original. Entretanto tentarão espalhar suas ideias confusas aos fracos e crédulos. Roma é como um jovem brilhante porém iletrado, ansioso para aprender, no entanto sem capacidade crítica. Estes homens não ensinam filosofia, mas a mera sofística, os jogos de palavras, e só falam em enigmas como faz Sibila, porém sem o benefício de Apolo para orientá-los.

— Você nos subestima, Políbio — disse Cipião, olhando para ele com uma seriedade fingida. — Para a maioria de nós, estes homens são apenas ornamentos, como aquelas estatuetas de bronze e pinturas que tomamos da Macedônia. Proporcionarão entretenimento após o jantar nas villas de Roma e Nápoles, em Herculano e Estabia. Sem dúvida nenhuma será imperativo ter um filósofo grego entre os escravos, assim como passou a ser de rigor ter um médico grego e um músico grego. Mas é melhor que tenham bons truques escondidos na manga. Ninguém nesses jantares irá de fato dar ouvidos ao que dirão. Eles serão meros artistas.

— Ainda assim, Cipião, sei que você comparecerá às palestras deles. Você é curioso demais para ficar de fora. Cuidado com os gregos que falam com a língua bifurcada.

Júlia o cutucou.

— Isso não inclui você, Políbio?

Cipião riu e deu um tapa nas costas de Políbio.

— De maneira nenhuma. O que Políbio realmente ama é um cavalo de batalha e a caça de javalis. Não é verdade, Políbio? Por isso você é tão fascinado por nós, os romanos. Você adora nossa praticidade. Para você, estudar história não é refletir sobre a condição humana como filósofo, mas compreender as batalhas do passado e encontrar a melhor maneira de usar a linha de conflito ou de distribuir a cavalaria ligeira. Estou certo?

Políbio o olhou intensamente.

— E por falar em caçar, soube que seu pai lhe deu a Floresta Real Macedônia como presente de maioridade. Sabia que aprendi a caçar ali quando era menino? Tem o melhor javali de qualquer floresta ao sul dos Alpes.

Cipião olhou para Júlia.

— Vê o que eu quis dizer? Fale em caçar javalis e ele é todo seu. — Ele se voltou para Políbio, sorrindo. — Tem razão. Estou ansioso para chegar lá. Mas na verdade será apenas um presente temporário, já que a Macedônia é propriedade pessoal de meu pai, no arrebol de Pidna. Daqui a alguns anos ele calcula que Roma tentará anexar a Macedônia como província e enviará um pretor. A floresta não será mais minha para a caça, então minha oportunidade é agora.

— Você disse que queria me ver — disse Políbio.

Cipião assentiu, sério de repente.

— Desde a última vez que nós o vimos, Públio Terêncio Africano andou contando a mim e a Fábio sobre Cartago.

— Terêncio, o dramaturgo? Você tem amigos interessantes.

Cipião assentiu.

— Terêncio era escravo em Cartago, e a mãe dele era africana de tribos berberes da Líbia, parentes dos númidas de Gulussa. Lembra-se do modelo de Cartago que fiz na academia?

— Aquele que você usou para planejar um possível ataque à cidade? Lembro-me de me perguntar como você teria obtido as informações. Eu pretendia perguntar a você, mas nesse

meio-tempo veio o chamado às armas. Roma não tem se dado ao trabalho de ter espiões em Cartago desde o final da guerra contra Aníbal, e agora os romanos que tentam entrar na cidade são rechaçados. Dizem que o trabalho da grande construção está em progresso, mas tudo isso fica por trás do paredão do mar e portanto é invisível aos navios que por lá passam.

Cipião olhou para trás.

— Diga a ele, Fábio.

Fábio pigarreou.

— Minha mãe trabalhou na casa do senador Públio Terêncio Lucano, que manteve Terêncio como escravo e o libertou depois de lhe dar instrução e de perceber seus talentos como dramaturgo. Terêncio e eu nos tornamos amigos quando ele ainda era escravo. Ele me disse que Cartago era muito melhor no esconde-esconde do que Roma, devido às casas muito amontoadas ao pé da Birsa, a colina da acrópole. Quando, anos depois, Cipião disse que planejava construir um modelo de Cartago, eu trouxe Terêncio e ele deu conselhos sobre a construção.

— Lembra-se de como encenei o ataque? — Cipião virou-se para Políbio. — Eu disse muitas vezes que devemos nos concentrar nas características óbvias de defesa: as muralhas, os templos, os arsenais. Essas características foram tudo que os veteranos da última guerra contra Cartago puderam me contar, mas isso foi antes de eu conhecer Terêncio. Ele me contou sobre o círculo de casas antigas que cerca a Birsa, com uma profundidade equivalente a dois ou três de nossos cortiços. Pense nas casas da plebe que nos cercam agora em Roma, derramando-se pela beira do Fórum. Um general que planejar atacar Roma dificilmente se preocuparia com elas, pois ficam em quadras urbanas e é possível passar marchando diretamente por elas pelas ruas em direção ao Fórum. Se houvesse alguma resistência, você poderia simplesmente incendiá-las porque são feitas principalmente de madeira e gesso. Nenhum defensor que se preze montaria posição ali, mas em vez disso se protegeria atrás das construções de pedra do Fórum.

— Mas Cartago deve ser diferente — disse Políbio pensativamente. — Há menos madeira disponível na África, sendo assim há um uso maior da pedra até mesmo na mais rudimentar das habitações.

Cipião assentiu, entusiasmado.

— *Exatamente*. Aquelas casas vistas por Terêncio são de pedra: as paredes de pilares retos, os espaços entre eles preenchidos com alvenaria. Terêncio disse que instalaram vigas

de madeira como assoalho, mas você não conseguiria queimá-la facilmente, a menos que fizesse chover fogo pelo teto. Para tanto, precisaria de máquinas de cerco, ou de catapultas em barcos ancorados próximos ao quebra-mar. E as casas em si parecem tocas de coelho, não são dispostas em blocos regulares, mas possuem vielas estreitas e passadiços nos telhados, bem como cisternas subterrâneas em cada casa onde a defesa pode ficar de emboscada. Foi o que Terêncio quis dizer com esconde-esconde. Uma força de ataque à distância de um arremesso de pedra da Birsa poderia pensar que ganhou o dia, mas estaria redondamente enganada. As forças de elite dos mercenários e da guarda especial, que em geral são os últimos a resistir em um cerco, aqueles que sabem que não receberiam qualquer compaixão caso se rendessem, poderiam organizar uma defesa a fundo e fazer com que a força de ataque pague caro, precisamente na hora em que os legionários começariam a voltar seu pensamento para a vitória e a pilhagem. O comandante do ataque precisaria garantir que mantivessem o ímpeto e avançassem para aquelas casas com a sede de sangue ainda intensa. Esta é uma visão tática que eu queria compartilhar com você. Estive pensando em Cartago novamente, Políbio. Preciso agradecer a Terêncio por isso.

Políbio abriu um sorriso irônico.

— Bem, eu sempre fui cético com os dramaturgos. Mas agora vejo que têm sua utilidade. — Ele se levantou e olhou pelas colunas da entrada, para as massas de soldados latinos que começavam a marchar por eles ao longo da Via Sacra, o início de uma longa procissão de aliados vitoriosos que seguiam atrás dos legionários e dos despojos da guerra. — É melhor você ir e ter sua dose de teatro antes que as festividades da noite realmente comecem. Acabo de ver Demétrio da Síria com seus guarda-costas e quero alcançá-lo para ter informações sobre outro arrivista que reivindica a sucessão de Perseu na Macedônia. Não é sempre que se tem tantos aliados de Roma na cidade na mesma época, e preciso aproveitar a oportunidade.

— Temos pouco mais de uma hora até o início da peça — retrucou Cipião. — Queria me dizer alguma coisa também?

Políbio voltou o olhar para Júlia e Cipião, e Fábio viu algo mais nos olhos dele, uma expressão hesitante, até mesmo uma tristeza.

— Hoje é uma oportunidade para vocês ficarem juntos sem que os outros os vigiem, ou saibam onde estão. Quero lhes dizer que as portas de minha pequena casa ao pé do Palatino estão abertas, e minha escrava Fabina sabe que vocês podem aparecer. Vocês não sabem quando terão essa chance novamente. Quanto a mim, irei. *Ave atque vale*. E lembrem-se do que eu disse. Aproveitem o dia.

6

O pátio da casa de Terêncio Lucano no Monte Esquilino era projetado à moda grega, com um peristilo em colunata cercando o jardim e um espelho d'água no meio. Em uma extremidade foi construído um palco para apresentações, e o jardim fora parcialmente coberto com tábuas para proporcionar assentos a uma pequena plateia. Fábio seguiu Cipião e Júlia do átrio da casa e se sentou com eles em meio às duas dezenas de outros que tinham ido ver a peça. Uma hora antes, ele havia deixado Cipião e Júlia na entrada da casa de Políbio ao pé do Palatino e voltado rapidamente pelo Fórum para encontrar Eudóxia, levando-a ao jardim oculto que ele conhecia nos limites do Circo Máximo. Eles se encontraram novamente a tempo de Júlia caminhar visivelmente pelo Fórum a caminho do Esquilino, garantindo que chegasse aos ouvidos da mãe e das Vestais que ela não tinha fugido. Durante o trajeto, passaram por Metelo e um grupo de amigos, todos bêbados, cambaleando entre as barracas provisórias montadas ao longo da Via Sacra, onde estavam servindo vinho irrestritamente agora que a procissão tinha acabado. Metelo olhou sombriamente para Cipião, vacilando levemente com um jarro de vinho na mão, e os seguiu com os amigos, gritando e zombando, até ter seu caminho desviado por sua taberna favorita perto da Prisão Mamertina. Fábio sabia que quanto mais embriagado Metelo ficasse, mais iria querer reivindicar Júlia como sua futura esposa, e que não haveria nada que Cipião pudesse fazer para impedi-lo sem provocar agitação entre as *gentes*. Fábio só podia torcer para que a casa de Terêncio Lucano ficasse longe o suficiente das tabernas para impedir Metelo de fazer uma entrada ali, e que ele e Cipião pudessem retirar Júlia depois da peça e devolvê-la à casa dos Césares antes que Metelo pusesse as mãos nela.

Quando se sentaram, um homem maduro com a pele negra de um africano os viu do palco e se aproximou com um sorriso largo.

— Júlia, Cipião Emiliano, Fábio. Bem-vindos, meus amigos. Fico feliz que tenham aparecido. Estamos aguardando a chegada de meu patrono e dono desta casa, Terêncio Lucano, que está fazendo o sacrifício no templo de Castor e Pólux, orando, creio, pelo sucesso de minha peça.

Cipião olhou ao redor.

— O lugar é muito agradável, embora pequeno e, receio, demasiado afastado esta noite.

Terêncio suspirou.

— Enviei planos ao Senado para a construção de um teatro em estilo grego em Roma,

mas foram rejeitados pelo edil encarregado das obras públicas sob a alegação de que um teatro com assentos transformaria os romanos em gregos efeminados.

Cipião sorriu.

— E o que você disse?

— Eu disse que ele tinha razão, que os traseiros romanos ainda não eram duros o bastante para assentos de pedra.

— Você sabe mesmo como agradá-los, Terêncio. Fico admirado por você ainda não ter sido acossado de Roma.

Terêncio meneou a cabeça, triste.

— Como dramaturgo, não se pode vencer. Eu queria apresentar obras minhas, peças no estilo realista, bem ao gosto romano. Mas não, quem financia minhas produções insiste em pastiches de peças gregas muito conhecidas porque, dizem, é o que o povo quer. Na realidade, é o que querem meus patrocinadores, não o que meus fãs desejam. Meus patrocinadores querem o velho, mas meus fãs querem o novo. Meus patrocinadores querem repetições das mesmas velhas peças que renderam potes de dinheiro no passado e assim, imaginam eles, acontecerá novamente. Estas pessoas estão aqui hoje apenas porque são clientes de Terêncio e devem favores a ele. Ficarão conversando durante toda a apresentação, mal prestando atenção. O teatro foi reduzido a um lugar para encontrar os amigos e trocar mexericos, antes de procurarem a verdadeira diversão nas tabernas.

Cipião ainda carregava o pergaminho que recebera do escravo da casa no pódio enquanto eles assistiam à procissão, e Terêncio apontou para o objeto.

— Pelo visto, você trouxe algo mais para se entreter também. De que se trata o livro?

— Meu pai me permitiu pegar o que quisesse da Biblioteca Real Macedônia. É uma cópia da *Ciropédia* de Xenofonte, a vida de Ciro, o Grande, da Pérsia. Pensei que teria uma oportunidade de discuti-lo com Políbio durante um intervalo nos trabalhos, mas isso foi antes de saber que eu poderia passar algum tempo com Júlia.

— Você lê por instrução, e não por prazer?

Cipião o olhou com seriedade.

— Quero saber como viver a boa vida, Terêncio. Xenofonte foi discípulo de Sócrates. Mas é verdade que meu interesse em aprender está em sua aplicação prática, algo que Políbio me ensinou. Xenofonte tem uma visão prática dos problemas da guerra. E Ciro, o Grande, é

alguém que me intriga; de certo modo, ele era um governante ideal, um déspota benevolente. Quero saber o que faz com que as pessoas sigam alguns governantes voluntariamente, mas não outros.

Júlio o cutucou, sorrindo.

— Se pretende se tornar o próximo Alexandre, o Grande, não pode aprender isso. Ou você tem esse dom, ou não tem.

— É bem verdade. Mas Alexandre pode ter aprendido uma ou duas coisas sobre administração do império. Ainda estamos limpando a bagunça dele.

— Ele não teve precedentes — disse Terêncio. — Mas você tem, nele. Deve cuidar para que a memória de suas realizações não sobreviva apenas em fragmentos, como as folhas caídas de outono, secas e quebradiças, em vias de se esfarelar até virar pó.

— Você supõe que terei uma vida digna de registro.

— Ah, terá, Cipião. Não precisamos das palavras de um oráculo para saber disso.

— Bem, Políbio cuidará de minha memória. Ele já concluiu suas *Histórias* da Primeira e da Segunda Guerras Púnicas, embora esteja protelando a publicação do segundo volume até que possa visitar Zama, no Norte da África, e ver o campo de batalha por conta própria. Não é sempre que um soldado tem como amigo íntimo o maior historiador da época, um homem que partilha de meu fascínio não apenas pela organização militar, mas também por uma compreensão prática de estratégia e tática.

— Então vamos esperar que, quando completar sua biografia de Cipião Emiliano, ele não a protele como com esse outro volume. As histórias que permanecem inéditas na morte de um autor têm o hábito desagradável de ser alteradas por seus inimigos, ou de desaparecer completamente.

Júlia se manifestou.

— Escreverei uma história de Cipião Emiliano, se Políbio não o fizer. Acompanharei sua vida como se estivesse com ele em todos os momentos, mesmo a distância.

Fábio olhou para Cipião e viu uma sombra tremeluzir no rosto dele. Todos sabiam que o tempo estava se encurtando para ele e Júlia. Terêncio se curvou e deu um tapinha no pergaminho.

— Ouvi Políbio falar, nesta mesma casa, depois do jantar. Cuidado com um governo monárquico, disse ele. Roma se tornou grande porque se livrou de seus reis três séculos atrás.

— Mas os cônsules não são reis? — bradou Cipião, sua infelicidade alimentando a paixão, abandonando a cautela ao vento e pouco se importando se alguém o entreouvira. — E o pontífice máximo, e os príncipes do Senado, e os tribunos do povo? Não são governados por um comitê de reis?

— Mesmo assim, são reis eleitos.

Cipião bufou.

— Reis eleitos por apenas um ano, que não têm tempo para grandes feitos, não têm tempo para reformas nem para desenvolver uma administração correta nas províncias, e cujo mandato é dominado por atos processuais e obrigações sociais. A vida que rejeitei quando fui para a academia.

— Um destino que seu avô adotivo Cipião Africano escolheu para você.

— Gostaria de ter idade suficiente para falar com ele. Gostaria que ele tivesse dito que viu algo em mim. Cresci me sentindo um intruso, desprezado até pelos Cipiões por não ter interesse em fazer o jogo político, como se eu não tivesse preparo para tanto.

— Talvez fosse esse o desígnio dele — disse Terêncio. — Ele sabia que não faria bem a um menino saber que seu destino era maior do que o daqueles que o cercavam. Ele sabia que para realizar a grandeza é necessário ser um intruso. Sabia que pela luta contra a opinião adversa, por se sentir inadequado ocasionalmente, você se tornaria uma pessoa mais forte e que, depois que percebesse suas forças, desenvolveria uma ambição ardente para compensar aqueles sentimentos que teve quando criança, uma ambição que lhe permitiria ascender acima de todos os outros.

Júlia se voltou para Cipião.

— Todavia, ele sabia que sua ambição precisaria ser freada, controlada. Então seu pai nomeou Políbio como seu mentor. Meu pai, Sexto Júlio César, diz que não há maior controle para o ego de um homem do que o aprendizado com um bom historiador, que é capaz de mostrar como os homens que ascendem à grandeza podem cair na obscuridade com a mesma rapidez.

Houve uma comoção à porta, e o coração de Fábio se deprimiu. Metelo entrou cambaleando no peristilo, seguido por um grupo de amigos. Olhou em volta e os espiou, acenando com um jarro em direção a eles.

— Por que não veio farrear conosco, Cipião? Com medo das *prostibulae* nos bordéis? Talvez tenha se esquecido de como se faz, passando tempo demais na companhia daqueles

eunucos gregos.

Fábio viu os nós dos dedos de Cipião empalidecerem enquanto ele se agarrava à beira do assento, então segurou-lhe o pulso.

— Controle-se — cochichou. — Ele o está provocando, mas são apenas palavras. Se sacar a espada, então será outra questão.

— Se ele falar de Políbio, cortarei sua garganta — grunhiu Cipião.

— Ele é inteligente demais para isso — murmurou Júlia. — Ele pode escarnecer dos gregos, mas sabe o quanto Políbio é respeitado no Senado por sua perícia militar. Sabe fazer o jogo e não está tão embriagado quanto parece.

Metelo cambaleava no palco, e pegou outro jarro de seus companheiros.

— Ou talvez você não possa pagar — gritou Metelo, erguendo o jarro para a plateia e bebendo um gole generoso. — Talvez Cipião Emiliano tenha dado todo seu dinheiro às mulheres porque ele é incapaz de as favorecer de outra maneira.

— É de minha mãe que ele fala, e de minhas irmãs, que ajudei a sustentar com minha herança de Africano — murmurou Cipião, os dentes cerrados de raiva. — Mesmo assim, ainda sou um homem mais rico do que ele. E é melhor que ele não fale da generosidade de meu pai.

Júlia balançou a cabeça.

— Ele não vai fazer isso hoje, no dia do triunfo de seu pai. Ele o fará quando o nome de Paulo tiver desbotado da memória e ele puder ridicularizá-lo entre os amigos por voltar de Pidna sem pensar nos próprios bolsos. Usará isso contra você, para mostrar uma fraqueza de caráter em sua *gens*.

— Não é uma fraqueza, mas uma força — grunhiu Cipião.

Júlia virou-se para ele.

— Você deu a fortuna de sua avó adotiva Emília a sua mãe Papira. Pagou os dotes de suas irmãs adotivas. E, quando estivemos juntos esta noite, você me disse que quando chegar o dia dará sua parte da propriedade de seu pai a seu irmão e pagará metade do custo dos ritos funerários com que, por direito, como filho mais velho, só ele deveria arcar; e então, quando sua mãe Papira morrer, você legará a fortuna de Emília que deu a ela a suas irmãs de sangue.

— Farei tais coisas — disse Cipião em voz baixa, observando Metelo, que empurrava os

atores e dançava sozinho no palco, parodiando a apresentação, em seguida quebrou o jarro no chão e gargalhou para os companheiros, voltando-se e fazendo uma mesura desdenhosa à plateia.

— Você foi generoso com os outros, Cipião — disse Júlia rapidamente, como se soubesse que sua hora estava chegando. — Fez da magnanimidade uma virtude, e Políbio e os outros podem tê-lo como exemplo. Mas tenha cuidado. Roma desconfia de generosidade demais, e isso se voltará contra você. Metelo dirá que você usou sua riqueza para compensar as críticas que outros fizeram a seu caráter, e que isso apenas mostra com mais clareza ainda as fraquezas que ele quer encontrar em você. É hora de você ser generoso consigo, Cipião. Deve se esquecer da opinião dos outros e olhar o próprio futuro.

— Júlia! — A voz embargada de Metelo berrou do palco, e ele acenou em direção a eles. — Foi por você que vim aqui. Está na hora de eu ter uma prova de meus direitos de matrimônio. Eu me privei das *prostibulae* esta noite para mostrar a você que sou digno. Ao inferno com este teatro. Vamos embora agora.

Cipião levantou-se repentinamente de seu lugar, atravessou o peristilo e partiu para cima de Metelo, empurrando-o com força contra a parede do palco e o prendendo pelo peito. Sacou a faca que carregava no cinto e a colocou no pescoço de Metelo, forçando-lhe a cabeça para cima. Por alguns instantes, Cipião manteve posição, o rosto raivoso, enquanto todos observavam em meio a um silêncio aturdido. Metelo esticava a cabeça de lado, olhando a lâmina.

— Ande, Cipião — disse entre dentes. — Melindroso demais para ver sangue? Só o que você faz é caçar. Isso o amoleceu. Deveria tentar matar homens um dia.

Fábio apareceu atrás de Cipião e segurou seu pulso com um aperto firme, puxando a mão com a faca e arrastando-o para trás enquanto vários companheiros de Metelo faziam o mesmo com ele. Ele se desvencilhou, aprumou-se, depois foi até Júlia, pegando-a pelo braço e puxando-a para seu grupo.

— Eu me lembrarei disso, Cipião Emiliano. É melhor tomar cuidado.

Fábio ainda segurava Cipião enquanto o bando se afastava. Terêncio sentou-se no canto, arriado, com a cabeça entre as mãos, e a plateia começou a se levantar e partir. Cipião parecia perplexo com o que havia acontecido, desacostumado a perder o controle, como se sua fúria contra Metelo tivesse sido desencadeada para substituir a impotência que sentia com a partida de Júlia; agora que ela se fora, ele parecia petrificado de descrença. Fábio o sentia

tremer e via o sangue pulsar por suas veias. Júlia olhou para trás uma última vez enquanto viravam a esquina, e então se foram. Fábio soltou Cipião, tirou a faca da mão dele e a recolocou na bainha, depois o guiou, segurando-lhe o ombro, para fora da casa, e ganhou a rua, voltando-se em direção ao Fórum.

— E agora, para onde? — disse ele.

Cipião olhou fixa e severamente à frente, para onde os extraviados do grupo de Metelo ainda podiam ser vistos, um deles vomitando junto a uma porta.

— Ao santuário de minha casa no Palatino, para homenagear a memória de meu avô adotivo Cipião Africano. Depois caçaremos na Macedônia. Preciso ficar bem longe dos homens e de Roma. Partiremos esta noite.

Fábio viu Cipião erguer o braço e tocar o disco de prata *phalera* em seu peitoral, o qual tinha ganhado por bravura em Pidna. Era capaz de imaginar o que Cipião estava pensando. O disco fora presente de um pai a um filho que por direito não devia estar ali, era um ano mais jovem do que o ideal para ter sido nomeado à fileira de tribunos militares. Apenas Fábio sabia que ele havia merecido a condecoração verdadeiramente, que a *phalera* não era um sinal de favoritismo, que Cipião correra sozinho para a falange abrindo caminho pelas fileiras do inimigo até estar pingando com o sangue macedônio. Mas Cipião sabia perfeitamente que havia outros que não veriam dessa maneira, detratores e inimigos de seu pai e de seu avô, aqueles que zombavam de suas realizações em Pidna como exagero e chegavam a usar a condecoração da *phalera* contra ele. No mundo inconstante de Roma, o patrocínio de seu pai que o levara a Pidna e o colocara no primeiro degrau da escada militar também podia ser sua ruína, permitindo que os detratores alegassem que ele sempre tivera o caminho facilitado e se agarrara nas togas do pai e do avô, os quais jamais poderia esperar imitar.

Fábio o conhecia o suficiente para ler seus pensamentos. Cipião amava e odiava Roma. Amava Roma por lhe proporcionar o caminho para a glória militar, mas odiava Roma por lhe subtrair Júlia. Ele se lembrou do que Cipião lhe dissera naquela noite em que dividiram um jarro de vinho, olhando as estrelas no Circo Máximo. Um dia ele voltaria para casa usando uma couraça própria, mais magnífico do que aquela que possuía, feita de ouro e prata recebidos por suas conquistas, condecorado não com imagens de guerras do passado, mas com as próprias vitórias, uma cidadela em chamas com um general assomando sobre o líder derrotado do maior inimigo de Roma. Ele voltaria para celebrar o maior triunfo que Roma já vira. Esperaria até receber a bajulação do Senado, e então lhes daria as costas e desprezaria os

costumes que haviam lhe trazido tanta infelicidade hoje, no dia do triunfo de seu pai, e também o dia do noivado de Júlia. Ele deixaria o Senado indefeso, impotente, porque levaria o povo consigo, os legionários e centuriões, e juntos forjariam o maior exército que o mundo já vira: o exército que se libertaria dos grilhões de Roma e varreria o que estivesse no caminho, liderado por um general cujas conquistas tornariam comparativamente irrisórias as conquistas de Alexandre, o Grande.

Os últimos dos homens à frente deles se afastaram, trôpegos, gritando palavras balbuciadas de desdém, um deles arremessando um jarro de vinho pela metade, que se espatifou e deixou uma mancha vermelha na rua. O brilho das imensas fogueiras no Campo de Marte já podia ser visto, o sinal de que o derramamento de sangue da noite estava bem encaminhado.

Fábio se virou para Cipião, que olhava fixamente para a frente. Lembrou-se de quando eles brigaram lado a lado nas vielas de Roma quase dez anos antes, repelindo a turma que resolveu persegui-los, e depois Fábio ajudou Cipião a se levantar e lhe espanou a poeira. Cipião riu de prazer quando descobriu um novo amigo e parceiro de briga, da liberdade que descobrira nas ruas, fora das convenções repressoras de sua formação aristocrata, convenções que agora lhe tiravam Júlia. Mas Fábio também se lembrou da rigidez que vira naqueles olhos, uma rigidez que outros a sua volta viam e temiam, um medo que levava os meninos que agora eram jovens embriagados a ridicularizarem-no por ele não ser um deles. Fábio cuidaria para que a rigidez permanecesse, para que Cipião saísse daquela tempestade do mesmo jeito que superara o desprezo dos outros, para que não caísse na amargura e na autodestruição. Sabia o que precisava fazer.

Ele se virou para Cipião.

— Lembra-se daquele cervo que você pegou no alto do Falerno no verão passado?

Cipião estava em silêncio, ainda olhando fixamente. Depois de alguns instantes, baixou a cabeça e assentiu.

— Era início de verão. Lembro-me bem — respondeu ele em voz baixa. — A neve ainda jazia em alguns trechos, nos pontos mais altos das montanhas. — Ele semicerrou os olhos para Fábio. — Não tente me consolar, Fábio. Não preciso disso.

— Só estou pensando no equipamento de caça de que precisaremos na Macedônia. Não estaremos procurando apenas por cervos lá, mas javalis. Políbio disse que o lugar proporciona a melhor caçada de javalis que ele já experimentou. Precisaremos de lanças, assim como de

arcos. E eu tenho um novo filhote para treinar como cão de caça. Sempre é melhor treinar um cachorro no local onde se quer usá-lo, e a Floresta Real Macedônia pode ser seu lar. Eu o treinarei para farejar javalis.

Cipião abriu um sorriso cansado.

— Um cão. Ele tem nome?

— Rufo. Pelo barulho que faz. Não consigo fazê-lo parar de latir. Foi um presente de Eudóxia.

Cipião respirou fundo.

— Então Rufo nos acompanhará. Precisaremos pegar nossas coisas esta noite. E não fique muito íntimo da tal escrava. É provável que passemos um bom tempo longe.

Houve uma súbita comoção mais à frente na rua, e alguém irrompeu pela turba, correndo até eles. Era Ênio, segurando o capacete e ensopado de suor.

— É o velho centurião, Petreu — disse ele, ofegante. — Precisamos ir até ele agora. Vão tentar matá-lo.

Cipião o segurou pelos ombros.

— Acalme-se, homem. O que houve?

Ênio baixou a cabeça, respirou fundo algumas vezes, depois olhou para Cipião, com o suor pingando de seu rosto.

— Depois da exibição pirotécnica no Fórum, mandei meu *fabri* pegar uma merecida bebida. A taberna mais próxima da Via Sacra é aquela ao lado da Escola de Gladiadores, lembra-se, de propriedade daquele patife Petrônio? Alguns de nós costumávamos escapulir para lá entre as aulas. Um de meus centuriões voltou correndo para dizer que havia ocorrido uma briga contra Brasis, o antigo gladiador da Trácia que costumava lutar com Brutus. Jamais confiei nele, embora fosse o melhor combatente com espada na escola. Estava embriagado e cortou as pernas de meu *fabri* com sua adaga *sica* trácia, depois saiu berrando que ia matar alguém naquela noite. Antes, foi visto entocado num canto da taberna com um homem de manto e capuz que Petrônio disse a meus homens ter reconhecido como um senador, Caio Sexto Calvino. Ele deu a Porcus algumas moedas de uma bolsa de dinheiro. Foi depois que Sexto Calvino partiu que Brasis começou a beber pesadamente e a esbravejar.

— Sexto Calvino — disse Cipião severamente. — Um dos piores inimigos de meu avô adotivo Cipião Africano. Ele tentou levá-lo a julgamento sob falsas acusações de apropriação

indébita de fundos públicos e se opôs violentamente à criação da academia.

— Meu *fabri* viu Sexto Calvino passar por alguém na rua e lhe entregar a bolsa de dinheiro logo após sair, e então esta pessoa entrou na taverna. Todos os meus homens o reconheceram. Era Porcus Entéstio Supino.

Fábio assobiou baixinho.

— Por que será que isso não me surpreende?

— Ele faz pequenos serviços como portador a pedido de Metelo, não é? — perguntou Cipião.

— Mais do que isso — respondeu Fábio amargamente. — Ele se tornou o braço direito dele. Algumas vezes é difícil dizer quem é o líder ali.

— Você o conhece?

— Nós dois conhecemos. Lembra-se daquela noite em que você e eu nos conhecemos, quando você desejava ver como eram as ruas à noite e seguiu para as margens do Tibre? Porcus e o bando dele estavam me perseguindo, e você se enfiou na confusão.

— Então *aquele* era Porcus — exclamou Cipião. — Você nunca se referiu a ele pelo nome.

— Ele era alguns anos mais velho do que eu, e me perturbava incessantemente. Ele levou minha mãe à doença que a matou. Ele e seu bando perturbaram meu pai quando ele estava em seu pior momento, eu era jovem demais para defendê-lo, e o assédio moral o levou a falecer prematuramente também. Um dia conseguirei minha vingança, mas me vingarei sozinho.

— Por que ele iria querer a morte de Petreu? — disse Cipião.

— Porque Metelo está sob a influência de Sexto Calvino e da facção deles no Senado. Metelo enxerga suas glórias futuras na Grécia, não em Cartago, e enxerga Petreu como uma influência maligna. As riquezas da Grécia e o poder no leste são o futuro que Porcus também vislumbra para si. Mas também há uma motivação pessoal. Porcus tentou se alistar nas legiões para a guerra da Macedônia, depois de irmos a Pidna, mas Petreu foi demovido de sua aposentadoria e encarregado do recrutamento como última realização depois da academia, e ele rejeitou Porcus. Alegou que sua reputação o precedia, e disse que ele era um covarde.

— Mas Porcus era um menino de rua dos distritos do Tibre, sua própria casa — disse

Cipião. — Era o terreno fértil para os melhores legionários.

Fábio balançou a cabeça.

— Nem sempre. Lembra-se de como ele ficou afastado, se regozijando enquanto seu bando nos espancava? Porcus tramava para que os outros fizessem o trabalho sujo por ele. E é isso que fará agora, deixará Brasis bêbado e então pagará para que ele vá atrás de Petreu.

— Bem, ele atiçou Brasis, de fato — disse Ênio. — Meu *fabri* entreouviu tudo. Porcus disse a Brasis que os mercenários trácios capturados em Pidna foram selecionados para execução amanhã à tarde, o que é bem verdade. Mas acontece que um deles é irmão de Brasis. Porcus também lembrou a Brasis uma história que o velho centurião Petreu costumava nos contar, da época em que ele era um jovem legionário, sobre como um tribuno inexperiente entregou sua coorte a um grupo de mercenários trácios, e os romanos prontamente lhes passaram a espada, incluindo o próprio irmão de Petreu, que nunca falou de nenhum antagonismo para com os trácios, mas queria apenas nos mostrar que nunca deveríamos nos render aos mercenários. Mas Porcus meteu na cabeça de Brasis que Petreu falou a Emiliano para dar atenção especial aos trácios na execução de amanhã, como vingança pelo que fizeram com seu irmão há todos aqueles anos.

Cipião o encarava.

— É exatamente o que Sexto Calvino e sua facção querem que ele pense. É uma armadilha. Eles têm tentado encontrar uma forma de se livrar de Petreu desde que Cipião Africano o nomeou para a academia. Ele nunca moderou suas opiniões sobre a necessidade de um exército profissional ou seu desdém pelo Senado, e a plebe o respeita. Onde ele está agora?

— Em sua fazenda nas Colinas Albanas. Meu *fabri* o ajudou a construir um novo celeiro de pedra lá há apenas alguns meses. A esposa morreu há muito tempo e os filhos são adultos, então ele mora só.

— Estive lá também, na semana passada mesmo — disse Fábio. — Eu havia prometido passar algum tempo com Petreu quando ele voltou da Macedônia, para contar a ele sobre Pidna e ajudá-lo a construir um alpendre para algumas mudas de oliveira. Elas não darão frutos em seu tempo de vida, mas ele me legou a terra.

— E Brasis?

— Foi visto pela última vez indo para o portão de Óstia. Não sem antes saquear a Escola de Gladiadores, totalmente embriagado, procurando uma espada.

Fábio se aprumou.

— Precisamos alertar Petreu.

Cipião pôs a mão no ombro de Ênio.

— Vou encontrar Brutus, que estava com a Guarda Pretoriana de meu pai, mas pode ser poupado, agora que a cerimônia principal acabou. Fábio e eu tiraremos nossa armadura cerimonial e estaremos no portão daqui a uma hora. Se corrermos, poderemos chegar às Colinas Albanas antes da meia-noite. Depois de todas as batalhas que travou e de tudo que fez por Roma, não permitirei que Petreu morra em sua cama nas mãos de um gladiador trácio embriagado. Nem vou me esquecer do que nossos inimigos têm preparado para nos destruir. Agora, andemos.

Quatro horas depois, Fábio subia o aclive infestado de tojo do sopé das Colinas Albanas, seguido de perto por Cipião e Brutus. Ele os tirou da estrada por um curto atalho em terreno acidentado, onde havia passeado com seu cachorro Rufo poucos dias antes, quando havia ficado com Petreu. Suas pernas eram arranhadas pelo mato espinhoso, mas ele não se importava. Sentiu cheiro de queimado e teve um mau pressentimento. Brasis estava pelo menos meia hora à frente deles e, a essa altura, já devia ter chegado à fazenda.

Ele chegou ao cume da colina, agora com os outros dois ao lado. À frente havia uma ravina rasa que Fábio havia percorrido com Rufo, e do outro lado a fazenda, talvez à distância de meio *stade*. Era uma noite enluarada e eles viam as construções com clareza. Para além do prédio principal, ele viu uma língua de fogo no pátio, evidentemente a origem do cheiro. Por alguns instantes Fábio teve uma sensação dominadora de alívio. Talvez Petreu tivesse se abrandado e acendido a própria fogueira em celebração ao triunfo. Talvez Brasis nem tivesse conseguido chegar ali, afinal, e tivesse desmaiado de bêbado em uma vala em algum lugar nos arredores de Roma. Talvez não tivessem de constranger e enfurecer Petreu ao surgir em seu resgate, quando não havia um bom motivo para tal.

Mas então ele viu algo que o fez congelar. A chama saltava de trás da construção, sobre o telhado, e tomava o estábulo onde Fábio tinha dormido com Rufo. E Petreu apareceu de trás, com seu andar inconfundível de pernas arqueadas, carregando um tição em uma das mãos e uma espada na outra, perseguido pela figura cambaleante de Brasis. Passou o tição sobre a pilha de madeira, os cavacos se acendendo instantaneamente no ar seco, depois o atirou no telheiro onde guardava sua prensa de azeitonas e o estoque de azeite. Em segundos toda a fazenda estava em brasa, uma concentração de chamas que crepitavam e explodiam altas no céu. E então Petreu parou no pátio da frente, no lugar onde ele e Fábio haviam se

sentado juntos apenas alguns dias antes, vendo o sol se pôr sobre a Roma distante, e cambaleou, caindo pesadamente sobre um dos braços e lutando para se levantar. Sob a luz do fogo eles viam que a túnica dele estava ensopada de sangue, que também vertia das costas dele, formando uma trilha. Fábio entendeu o que ele fazia com o tição, por que havia incendiado sua fazenda. *Ele estava acendendo a própria pira funerária*.

Não havia possibilidade de chegar lá a tempo de ajudá-lo. Eles ficaram assistindo, impotentes, quando Petreu cambaleou para trás, claramente com ferimentos graves, e encarou seu agressor. Ele investiu, sua lâmina se enterrando fundo em algum lugar da cintura de Brasis. Depois Petreu escorregou e caiu, e Brasis estava em cima dele, cortando e golpeando, metendo a lâmina fundo no corpo do centurião, repetidas vezes, até que ele ficou imóvel. Em seguida Brasis se levantou, cambaleou para trás, curvou-se novamente para a frente e pegou o cadáver pelos cabelos, decapitando-o de um só golpe, erguendo a cabeça por um instante enquanto ela sangrava. Depois embainhou a espada, pôs a cabeça em um saco preso ao cinto e se virou em direção a Roma, apoiando as mãos nos joelhos e tentando recuperar as forças. A espada de Petreu ainda estava cravada em seu corpo e ele tinha cortes abertos nos braços e nas pernas. Petreu não se deixou abater sem cobrar seu preço. Lutou como um legionário até o fim.

Fábio se sentia em um torpor. *O velho centurião estava morto*.

Brutus berrou de repente, de punhos estendidos e músculos tensos, os olhos ensandecidos, encarando a cena. Cipião colocou-se diante dele e tomou sua cabeça nas mãos, encostando-se em sua testa.

— Dê o pior de si, Brutus. E quando acabar, coloque o corpo do centurião nas chamas de seu amado lar. Esta será sua pira funerária. Devo me afastar, mas você não deve se preocupar. Fábio cuidará de mim. *Ave atque vale*. Encontrar-nos-emos novamente, neste mundo ou no próximo.

Ele o segurou por mais alguns instantes, depois soltou e se virou para o fogo. Brutus sacou a espada e avançou, esmagando o mato espinhoso como um touro ao investir pela ravina e subir para o outro lado, de espada erguida, uivando de fúria.

Cipião virou-se para Fábio.

— Volte a Roma sob o manto da escuridão e pegue o que precisarmos para a floresta. Esperarei por você aqui.

— Seu pai sentirá sua falta no rito de dedicação a Cipião Africano.

— Encontre-o antes de partir e conte o que aconteceu. Ele deve pelo menos ser capaz de silenciar Sexto Calvino, se Brutus não o alcançar primeiro. Continuaremos a ter inimigos no Senado, mas aqueles que tomarem este caminho devem saber com quem estão lidando. Mandarei um recado a meu pai assim que chegarmos à Macedônia.

Sua voz estava rouca, sem emoção, mas dotada de uma determinação fria. Fábio viu, para além da angústia do jovem, a dureza naqueles olhos que ele vira pela primeira vez todos aqueles anos atrás. Ele veria Cipião sair da tempestade e tirar forças dela, as forças de um soldado.

Houve um berro do aclive oposto, reverberando pela ravina. Eles se viraram para o fogo e viram a figura de Brutus em silhueta, em contraste às chamas, de espada erguida, segurando algo na outra mão. Era a cabeça decapitada de Brasis.

Cipião segurou Fábio pelos ombros e o virou para Roma.

— Agora vá.

Fábio começou a correr.

Parte 3

Macedônia, 157 a.C.

7

Fábio puxou as rédeas de seu cavalo, guiando-o em torno da lama que escorria de uma fonte subterrânea irrompida no caminho pela floresta. Seu cão de caça Rufo saltou a lama e pulou à frente, em direção aos dois cavaleiros que começavam a contornar as rochas expostas, onde um córrego da montanha cortava a encosta. A profundidade do leito do rio mostrava que na primavera era uma torrente furiosa, neve derretida que descia das montanhas que se erguiam para além da margem norte da floresta. Os lenhadores haviam contado a eles que o caminho fora usado anos antes para levar toras de carvalho para a construção da tumba do rei Felipe, pai de Alexandre, o Grande, muitos *stades* de distância ao sul, na planície da Macedônia adjacente ao mar. Os lenhadores tinham vindo ao extremo norte para escolher as árvores mais duras, aqui, nas encostas mais baixas da montanha, pois era onde o carvalho dava lugar ao pinho, ao abeto e ao cedro, antes de estes também se esgotarem, restando apenas neve e pedras irregulares para além da margem da floresta, um lugar onde pouquíssimos lenhadores atreviam-se a se aventurar.

Fábio e Cipião tinham ido para lá não para admirar os carvalhos, mas para caçar o ardiloso javali real da Macedônia, uma criatura semimítica que diziam espreitar nos cantos mais distantes da mata, nas encostas da montanha. Os lenhadores falavam dele aos sussurros, uma fera tão grande quanto um touro, que conseguia correr mais do que qualquer corcel, com presas capazes de arremessar cavalo e cavaleiro bem alto no ar e um pelo tão grosso que desviava qualquer lança, exceto as mais fortes. O javali havia se tornado uma obsessão de Cipião, seu prêmio definitivo, uma caçada que parecia prestes a levá-los para além do mundo dos homens, ao lugar que apenas um Hércules ou um Teseu poderiam ter esperanças de conquistar.

Eles ficaram procurando por sinais de escavação, por revolvimentos na terra que dessem a Rufo um cheiro a seguir. Rufo crescera e se transformara em um cão belo, lustroso e ágil, tão veloz quanto uma lebre, e se tornara uma companhia muito próxima de Fábio e Cipião nos dias e noites frios que passavam juntos na floresta, com a pelagem preta e branca do animal ficando cada vez mais densa e espessa à medida que o inverno se aproximava. Nos três anos desde que tinham saído de Roma para viver na floresta, Rufo se tornou um cão de caça habilidoso como jamais viram, competente na perseguição de cervos e ursos que eles rastreavam pela densa mata das encostas mais baixas e na captura de faisões e perdizes que eles às vezes tinham sorte de derrubar com uma flecha. Ali no alto, porém, onde o ar era

mais rarefeito e eles eram oprimidos por uma névoa fria e constante, Rufo parecia intimidado, saindo de vista raras vezes, mesmo quando havia um cheiro forte de caça. Fábio passou a depender do sexto sentido de Rufo e partilhava da apreensão do cão.

Na noite anterior, eles haviam fortalecido o acampamento com estacas afiadas contra um bando voraz de lobos que agora já os estava perseguindo havia dias, deixando Rufo nervoso e alerta. Os lobos estavam atrás das carcaças deixadas depois de cada caçada de sucesso, o que significava que Fábio, Cipião e Rufo sempre avançavam rapidamente depois de abater a presa, mas agora já fazia vários dias que ele e Cipião tinham matado um animal; os lobos estavam começando a olhá-los com mais maldade, voltando-se à ideia de fazer dos caçadores sua presa. Fábio acendeu uma fogueira maior do que a de costume e ficou acordado durante a maior parte da noite, de lança na mão, Rufo a seu lado, observando a beira da clareira em busca dos olhos que refletiriam a luz do fogo. Desde então, os ganidos e uivos prosseguiam intermitentemente pela floresta, um som enervante à luz do dia. Talvez os lobos também estivessem começando a sentir que tinham se desviado para muito além de seu lugar de direito, seguindo Cipião do mesmo jeito que Fábio fizera, em uma jornada que os estava guiando perigosamente para perto do reino dos deuses. Ele olhou novamente os dois cavaleiros à frente, para o companheiro Cipião. Estava feliz por Políbio ter vindo. Ele colocaria juízo na cabeça de Cipião, trazendo-o de volta à realidade. Era hora de voltarem a Roma.

Uma rajada de neve varreu a trilha, tirando os cavaleiros de vista. Fábio bateu os calcanhares no cavalo e investiu para a frente, deslizando e escorregando nas pedras úmidas. Os cavaleiros entraram novamente em seu campo de visão e ele se aproximou. Políbio os havia alcançado uma hora antes, soprando sua trombeta para avisá-los, vindo do acampamento de lenhadores a um dia de cavalgada dali, depois de chegar à Macedônia, vindo de Roma. Políbio conhecia a floresta como a palma da mão, tendo aprendido a caçar ali quando menino, mais de trinta anos antes, mas quando chegou pareceu deslocado com sua barba bem-aparada e o manto caro. Seus anos em Roma o faziam se assemelhar mais a um mestre e literato do que a um guerreiro e caçador. Fábio sabia que Políbio odiaria ouvir isso, lembrando-se do quanto o outro se orgulhava de sua tenacidade e experiência militar. Cipião, por sua vez, tinha a barba desgrenhada, os cabelos na altura dos ombros, amarrados na nuca como os de um bárbaro, a pele bronzeada e impregnada da terra da floresta. Parecia ter mais do que seus 28 anos, como um veterano de guerra desgastado, ainda que, precisamente porque não havia guerras para combater desde Pidna, quase 12 anos antes, que

agora eles estavam ali, travando uma guerra substituta contra os animais da floresta e não contra homens.

Fábio tinha esperanças desesperadas de que Políbio trouxesse notícias de um novo conflito, de uma nova convocação às armas em Roma que levaria Cipião de volta. Ele cavalgou em direção aos dois homens, mantendo a distância de um cavalo, mas perto suficiente para ouvi-los conversando. Políbio estava examinando o arco de Cipião, e então o devolveu. Claramente, estivera lançando um olhar crítico sobre o equipamento de caça dos dois, depois gesticulou para a aljava de lanças de caça de javalis que Cipião carregava em uma bolsa de couro na frente de sua sela, inclinada para trás, ao longo do flanco do cavalo, para que não o atrapalhasse quando ele cavalgasse, embora acessível para rápida utilização.

— Já matou um homem com uma lança para javalis, Cipião?

— Nunca tive a oportunidade. E talvez nunca venha a ter. A guerra parece coisa do passado.

— Não tenha tanta certeza disso. E quanto à lança, um dia, depois de uma batalha, quando tivermos desertores a punir, mostrarei como funciona. A cabeça de ferro achatado da lança é larga demais para ser torcida dentro do corpo; assim, você a força para penetrar ao máximo, a retorce fora do corpo, depois puxa e retira. É uma arma ideal para a cavalaria em uma peleja, quando o cavalo está quase imóvel e o cavaleiro tem a chance de arremeter, torcer e retirar violentamente. A chave da lâmina é seu formato simétrico, como uma folha de salgueiro, com uma borda afiada feito navalha tanto atrás como na frente da folha.

Cipião sorriu.

— Você sempre foi uma mina de sabedoria, Políbio. Um verdadeiro mentor para um jovem aristocrata romano. Ensinou-me ética na guerra, estratégia e como matar. E, mais importante para mim agora, ensinou-me a caçar. Não poderia haver educação melhor.

— Foi sobre isso que vim lhe falar, Cipião. Sobre o que você está fazendo de sua vida. Mas, primeiro, tenho uma pergunta. — Ele olhou as lanças atentamente. — Que madeira é essa? É segmentada, como um caule de junco do Nilo. Nunca vi nada parecido.

Cipião pegou uma das lanças e entregou a Políbio, que a ergueu e analisou atentamente.

— Extraordinária — murmurou Políbio. — Tão leve, e mesmo assim tão forte. E é colunar, cada segmento tem o comprimento do anterior, não se afunila como um galho de árvore normal. Estou correto em pensar que é oca?

Cipião assentiu com entusiasmo.

— Lembra-se na academia de como Ptolomeu e eu costumávamos sair de Roma a cavalo pela Via Ápia à noite e caçar porcos-do-mato nos pântanos de Pontine?

— Lembro-me bem demais de Ptolomeu — respondeu Políbio pensativamente. — Sabia que no Egito ele agora é chamado de *philomater*, "amante de sua mãe"? Mas o maior problema não são seus afetos pela mãe, é o casamento com a calculista irmã Cleópatra. Eu lhe disse, quando ele era menino, para sempre se lembrar de que ele era de linhagem macedônia, que só porque sua família governava o Egito desde os tempos de Alexandre não queria dizer que eles precisavam se comportar como faraós e se casar com os próprios irmãos. Ele foi correndo a Roma com o rabo entre as pernas duas vezes desde a tomada do Egito, primeiro quando seu amigo de outrora Demétrio da Síria o invadiu, depois quando seu próprio irmão o usurpou. E por *duas vezes* Roma teve de libertá-lo. E Demétrio não tem se saído muito melhor na Síria. Os problemas daqueles reinos são uma lição sobre como *não* abandonar um império: sem estrutura, sem administração. O legado de Alexandre foi como se o homem mais rico do mundo tivesse morrido sem deixar testamento. Ptolomeu e Demétrio são os únicos que ainda estão lá, pois são aliados de Roma e é mais conveniente manter tudo assim do que anexar o Egito e a Síria como províncias, todavia o apoio a eles logo se provará uma dor de cabeça maior do que invadi-los. Um general romano, um conquistador de Cartago, digamos, pode olhar para o Oriente e enxergar uma sucessão de reinos que tombarão perante ele como as colunas de um templo num terremoto.

— Cartago ainda parece um sonho impossível. O Senado é autocentrado demais para ordenar um ataque ou sancionar um exército permanente que cuidaria da ameaça. Roma está se tornando fraca.

— Não seria a geração mais velha que combateria em Cartago, mas sua geração, uma geração que deve agir com lisura e se tornar tenentes e cônsules. Os melhores dessa geração abandonaram Roma, e, se ficarem afastados por tempo demais, nunca terão permissão para voltar.

— O que houve com o senador Sexto Calvino, a propósito? Sei que ele morreu logo depois de sairmos de Roma. Meu pai enviou-me uma mensagem.

— Um acidente terrível. Por acaso, Brutus viu. Ele foi atropelado por um carro de bois e depois espetado pelos touros. Seu corpo ficou tão mutilado que mal pôde ser reconhecido.

— Parece coisa de Brutus.

— Aqueles que estavam contra você, entre eles Sexto Calvino, foram incitados naquela

noite do triunfo pela ascendência de seu pai Emílio Paulo, pela súbita popularidade de sua *gens* em meio à plebe e pela ameaça vista por aqueles senadores de uma tomada de poder iminente, talvez de uma ditadura. Alguns podem ter sido movidos genuinamente por temores constitucionais, mas a maioria estava simplesmente protegendo os próprios interesses investidos na ordem estabelecida. Petreu era visto como a rocha que mantinha você e os outros jovens tribunos presos à sua causa, e livrar-se dele foi um jeito de afrouxar esses laços e reduzir a ameaça sem chegar ao extremo do assassinato político, ao homicídio de um companheiro patrício. Sua partida pode tê-los convencido de que haviam vencido, mas há outros, seus rivais, que ainda o verão como uma ameaça. Isso jamais cessará, e você deve estar sempre em guarda, mesmo aqui.

— Roma, quando parti, estava debilitada pela falta de orientação, capaz apenas de olhar para as próximas eleições consulares, para qual casamento vincularia uma *gens* a outra.

Políbio lançou um olhar penetrante a Cipião, em seguida se voltou para diante.

— Gostaria de saber mais sobre estas lanças. Você ia me falar de Ptolomeu.

Fábio entendeu o que Políbio estava fazendo. Ele estava atraindo Cipião para fora, falando apaixonadamente de assuntos que sabia que calavam fundo em Cipião, embora Cipião tivesse professado desdém por eles quando partira para o exílio autoimposto na floresta. Talvez Políbio fosse o único capaz de arrancá-lo de sua melancolia, mas precisaria manipulá-lo com cautela caso quisesse que cavalgassem juntos daquela floresta para Roma.

Cipião pegou na aljava mais uma das lanças para javalis, mostrando sua flexibilidade ao batê-la na mão.

— Ptolomeu também era um apaixonado pela caça e talvez essa tenha sido sua ruína.

Políbio olhou incisivamente para Cipião.

— Foi a ruína de muitos homens. De alguns porque o sucesso na caça lhes deu ilusões de grandeza, de outros porque eram destinados à grandeza, mas dissiparam toda a energia na caçada.

— Você sempre disse que era a capacidade e não o destino que fazia um grande homem. A alegria da caçada é que diz respeito inteiramente a capacidade, e ninguém o está incomodando com expectativas de destino, de antepassados orgulhosos ou traídos por seu curso de ação. Aqui, na floresta, a caça se assemelha a uma batalha, onde se vive o momento, onde tudo depende de sua coragem e perícia individual, não do destino.

— Fale-me de Ptolomeu. Das lanças.

— Ele me procurou nos jogos funerais de meu pai, três anos atrás. Convidou-me a me unir a uma expedição às cataratas distantes do Nilo, onde dizem viver crocodilos imensos, feras envoltas em mito como o javali real que procuramos hoje. Eu disse a ele que depois que tivesse sucesso eu lhe enviaria uma cabeça de javali em salmoura como prova, tomaria um navio a Alexandria e me juntaria a ele. Enquanto isso, ele me enviou algumas de suas lanças e eu substituí a ponta fina de ferro que usam para penetrar o couro do crocodilo pela cabeça em folha de nossas lanças para javalis. Quanto à curiosa madeira, ele afirma vir de uma ilha chamada Taprobana, ao extremo no mar da Eritreia.

— *Taprobana* — disse Políbio, assombrado. — Fica no sul da Índia, a uma distância enorme.

— Ptolomeu disse que os egípcios recebiam mercadorias ali desde o tempo dos faraós, enviadas em embarcações nativas pelo mar da Eritreia até a costa do Egito, e depois levadas pelo deserto ao Nilo. Traziam inclusive mercadorias de um império distante chamado *Tina*, inclusive *serikon*, o tecido fino feito do casulo de mariposas. Esta madeira é chamada *mambu*. É incrivelmente forte para seu peso, o que significa que, com doze ou quinze pés, são leves como nossos dardos de arremesso. Se a ponta de aço se quebra, a madeira se espatifa em lascas afiadas que ficam firmes pela força do segmento abaixo dela, o que significa que o cabo sozinho ainda pode ser usado como lança. E, por fim, como o ar em cada segmento é isolado dos segmentos adjacentes, um pedaço de *mambu* atirado no fogo explodirá quando o ar em seu interior se aquecer e se expandir, disparando lascas letais para todos os lados. Os guerreiros nativos daquelas regiões as utilizam quando atacam aldeias e cidades, arremessando *mambus* em construções incendiadas para matar e aleijar qualquer ocupante que ainda esteja dentro delas.

— Fascinante — murmurou Políbio. — Material perfeito para as lanças de arremesso longas, distribuídas em uma carga de assalto a cavalo. Os sármatas e os partos usaram lanças desse tamanho, e Alexandre as experimentou com sua cavalaria. Mas elas eram inibidas pela espessura e pelo peso da madeira necessários para uma lança. Se puder ser adquirido em quantidade suficiente, este *mambu* poderia armar todo um novo ramo da cavalaria e estimular muito a eficácia de um ataque sobre uma linha de infantaria.

— Por ora, vamos caçar javalis, e é só o que importa aqui — disse Cipião, esporeando o cavalo. — Ainda temos algumas horas de luz do dia e não quero ter de acampar depois da linha das árvores. Já está bem frio, e o vento lá em cima agravará tudo. — Eles tinham subido várias centenas de pés durante a conversa, procurando por sinais de javalis no

terreno. Políbio se pôs ao lado de Fábio e apontou a névoa cinzenta no alto da copa das árvores.

— Lembra-se quando você e Eudóxia, a escrava celta de Hipólita, aquela das Ilhas Albion, vieram aprender grego e lhes mostrei um mapa do mundo de Eratóstenes para apontar de onde ela vinha? Outra margem do mundo fica por aqui, em algum lugar à nossa frente.

— Não me lembro do mapa, mas me lembro *muito bem* de Eudóxia, Políbio. Eu tinha 14 anos e ela havia acabado de desabrochar como mulher.

— Diga-me, Fábio. Você tem alguém agora, talvez em Roma?

Fábio pigarreou.

— É Eudóxia. Confesso que *gostaria* que fosse ela, acima de tudo. Mas não nos vemos há três anos, desde que Cipião e eu viemos para cá. Quase nada do mundo nos alcança, exceto por intermédio dos lenhadores.

— Então tenho boas-novas para você. Eudóxia está bem, desenvolveu-se e é uma jovem bonita. Tem muitos pretendentes, mas os mantém à distância de um braço. Isso me surpreendeu, mas agora entendo por quê. Veja, eu a conheço bem, a recebi em minha casa quando Hipólita partiu para se juntar a Gulussa no Norte da África.

Cipião recuou para se colocar ao lado deles, e virou-se para Políbio, falando com perplexidade.

— Hipólita e Gulussa?

— Não é o que parece. Segundo a tradição númida, um príncipe pode ter muitas esposas, e duvido que ela compactue com isso. Zeus sabe que em sua terra natal, na Cítia, a mulher provavelmente tem de matar todas as concorrentes pelo homem que deseja, algo que consigo imaginá-la fazendo. A verdade é que o pai de Gulussa, Massinissa, ficou tão impressionado com ela em sua visita à academia que a convidou a liderar uma coorte de arqueiros da cavalaria em seu exército. Assim ela partiu para se juntar a eles com Gulussa. Se Roma entrar em guerra contra Cartago novamente, eles serão nossos aliados. Sua aliança conosco foi garantida na academia. Foi essa a visão de seu avô Africano, e sua sabedoria foi confirmada.

Cipião olhou para Políbio severamente.

— Se Roma *não* entrar em guerra contra Cartago, Cartago eclipsará Roma pelo sucesso de seu comércio, e Roma tomará o caminho das cidades etruscas e será esquecida na história, lembrada apenas pela obstinação introspectiva de seus senadores e por sua incapacidade de

criar um exército profissional.

— Palavras corajosas, Cipião, pronunciadas por aquele que se afastou da outra visão de Africano, aquela que dizia que você devia ser o homem a erguer a tocha contra Cartago e concluir o trabalho.

Cipião não respondeu, e Políbio virou-se para Fábio.

— Quanto a Eudóxia, direi que você pensa nela. Com sorte, você estará lá para dizer isso pessoalmente.

— Foi ela quem me deu o cão, Rufo — disse Fábio. — É de uma raça especial utilizada nas clareiras da floresta em Albion para proteger seus animais contra os lobos, e nos planaltos desse país para pastorear ovelhas. O velho centurião Petreu me deixou um pedaço de terra nas Colinas Albanas a leste de Roma, um campo íngreme, próprio para as ovelhas. Um dia, levarei Rufo para lá e cuidaremos de meu rebanho juntos.

— Com sua prole de futuros legionários e a mãe Eudóxia ao seu lado?

— Se os deuses assim desejarem.

Cipião virou-se para ele.

— A não ser que você deseje combater como mercenário para alguma outra potência, Fábio, pode cuidar de seu rebanho mais cedo do que pensa. Roma parece não ter mais apetite para a guerra.

Políbio voltou-se para Cipião.

— Se você retornar a Roma, poderá convencer o Senado da ameaça de Cartago. Só então será capaz de assumir o legado de Cipião Africano.

— Meu pai, Emílio Paulo, deu-me a Floresta Real Macedônia para cuidar depois da Batalha de Pidna — respondeu Cipião. — É meu dever honrar seu legado também.

— Pidna já está quase 12 anos no passado, e seu pai morreu há três anos — respondeu Políbio. — Depois de Pidna, ele sabia que não haveria guerra na Grécia por algum tempo e lhe deu a floresta para aprimorar suas habilidades de caça e manter seu olho afiado. Mas talvez você tenha se viciado na caçada.

— Olhe para este lugar — disse Cipião, gesticulando para as árvores e os túneis escuros no mato em volta delas. — Um homem pode se perder aqui e ainda encontrar muito do que viver. E sei que você partilha de minha paixão. Foi você que me ensinou a acertar cervos sobre o lombo de um cavalo.

— É bem verdade. Mas você agora tem 28 e ainda não conseguiu uma magistratura em Roma. Se permitir que lhe escapem outras nomeações e continuar afastado do olhar público, jamais será eleito questor. Agora tem idade suficiente, e, se não for eleito na mais tenra idade possível, isso será uma mancha contra você no futuro.

— Questor, edil, pretor, cônsul — resmungou Cipião. — O *cursus honorum* traça a vida de um homem e, com ele, viver não vale a pena. Se não houver guerra, prefiro ficar aqui caçando a morrer de tédio nos tribunais.

— Se você não obtiver esses postos, jamais terá o alto-comando. Só pretores e cônsules podem liderar um exército romano para a guerra.

— Esta é a estupidez de tudo — criticou Cipião. — Se tivéssemos um exército profissional, eu pelo menos poderia estar treinando legionários no Campo de Marte. A realidade é que os generais são escolhidos com base em sua capacidade de se lembrar de detalhes obscuros da constituição romana e de arbitrar nos tribunais sobre quem é dono de qual parede entre duas casas ao lado do Fórum Boário. Não foi esse futuro que meu avô Cipião Africano previu para nós quando meninos ao criar a academia e nomear você meu mestre.

— Talvez não — disse Políbio, olhando para Cipião. — Mas ele conhecia a virtude de uma carreira equilibrada e precisava manter aqueles que seriam generais bem preparados na política da cidade. As necessidades de Roma devem superar as ambições daqueles que liderariam seus cidadãos à guerra.

— Bem, então, a balança pende erroneamente — disse Cipião. — E não haverá mais generais brilhantes, pois aqueles que assim poderiam sê-lo ficaram indolentes e preguiçosos nos tribunais, e qualquer centelha de gênio militar que talvez tivessem quando jovens terá sido extinta na época em que receberem exércitos para comandar. Enquanto isso, os legionários das guerras anteriores não têm florestas reais como eu para manter suas habilidades afiadas, e começam a ficar recurvados e cínicos nas tabernas de Roma. — Ele esticou o pescoço. — Não é assim, Fábio?

Fábio impulsionou o cavalo para se colocar entre os dois homens.

— Se não há a menor possibilidade de existir um exército profissional, tudo que os veteranos pedem são algumas semanas de treinamento todo ano com o gládio e o pilo, mesmo que isso signifique suportar os berros dos centuriões. Dizem os velhos que durante os muitos anos de guerra contra Aníbal os meninos viam seus pais voltarem com ferimentos e histórias de batalhas sangrentas, e ansiavam pelo dia em que também teriam idade para se

alistar. Agora que a guerra é uma lembrança distante, tudo que os meninos conhecem é o espólio das pilhagens que veio da Grécia depois de Pidna, ouro e prata que permitiram que seus pais dissipassem a vida bebendo nas tabernas e contando histórias da guerra que ninguém mais quer ouvir, das quais eles próprios mal se recordam. Da próxima vez que Roma necessitar criar legiões, os recrutas serão moles, de olho apenas na pilhagem. Tudo que foi aprendido nas guerras passadas estará perdido. Os velhos soldados bebem para afogar a vergonha de saber que o próximo exército romano em campo não terá chance alguma contra os profissionais e mercenários de nossos inimigos. Sei disso muito bem, porque meu pai foi um deles, um veterano de Canas, e morreu em uma briga que testemunhei, defendendo a honra do exército romano de suas recordações contra aqueles que riam dele.

— Aí está — disse Cipião, olhando para Políbio. — Não são apenas os aspirantes a generais que ficaram cínicos, mas legionários como Fábio, que não deveria estar cavalgando aqui como ajudante de caçador, procurando javalis e cervos, mas tornar-se centurião em uma legião romana, treinando todos os dias no Campo de Marte, praticando manobras de batalha e invadindo modelos de fortificações construídos por Ênio e seus engenheiros.

— Sob seu comando, Cipião — disse Fábio.

Políbio fitou Cipião.

— A única maneira de você fazer com que isso aconteça é estando em Roma.

— Outro motivo para eu permanecer aqui. O povo da Macedônia solicitou especificamente que eu arbitrasse suas disputas, e entre eles e Roma. Tenho a reputação de cumprir minha palavra, de *fides*. Foi o que você me ensinou na academia.

— Essa reputação lhe servirá bem — disse Políbio com cautela. — Mas você não detém um posto oficial aqui. Não vagueie em território alheio.

— Que quer dizer?

Políbio puxou as rédeas do cavalo e os outros dois também pararam, Fábio a uma curta distância logo atrás. Políbio virou-se em sua sela e olhou para Cipião.

— Foi o que realmente vim lhe falar. Não o estou mais aconselhando a voltar a Roma pelo bem de sua carreira. Digo-lhe para fazer isso por seu próprio bem-estar. Há uma ameaça a você, e esta floresta não é mais um lugar seguro. Metelo foi nomeado procônsul da Macedônia.

8

Eles cavalgaram em silêncio por alguns minutos, subindo a trilha da floresta. Agora o ar estava mais cortante, com a névoa fria que emanava da neve nos arredores e os densos grupos de carvalho e bétula abaixo dando lugar a uma mistura de abetos e moitas à medida que se aproximavam dos limites da floresta. Cipião cavalgava um pouco mais à frente, e Fábio sabia que ele havia ficado incomodado com as notícias de Políbio. Sua rivalidade com Metelo ia muito além dos embates juvenis daquela última noite em Roma, quando Cipião o encurralou na parede do teatro; Fábio sabia que a ameaça de vingança de Metelo tinha sido real. Mas havia mais do que isso. O casamento arranjado de Júlia com Metelo fora o principal motivo para Cipião sair de Roma, assim como seu desgosto em relação às *gentes* e exigências sociais que lhe limitavam a vida e o prendiam ao *cursus honorum*. Fábio ficava satisfeito com qualquer notícia que ajudasse a convencer Cipião a voltar a Roma, mas sabia que, para Cipião, fazê-lo apenas em função da chegada de Metelo só incitaria o ressentimento do homem e do mundo de Roma que havia criado tal infelicidade. Não era a primeira vez que Fábio rezava pela guerra, para colocar Cipião de volta aos trilhos. Ele olhou a névoa, esporeando o cavalo para mais perto dos outros dois. Havia uma estrada rochosa adiante, em muitos sentidos.

Políbio cavalgava junto a Cipião.

— Tem notícias de Andrisco?

Cipião deu de ombros.

— Um governante insignificante da Eólia, na Ásia Menor, com ilusões de grandeza, que tem como fantasia ser o próximo rei da Macedônia. Parece que viver à sombra de Alexandre, o Grande, faz isso aos homens. Ele não é o único.

— Agora ele é mais do que isso. Chegou à Macedônia com um guarda-costas trajado com uma armadura antiga de modo a parecer um dos companheiros de Alexandre na famosa escultura de Lísipo, comemorativa da Batalha de Gravisco, algo que todo menino macedônio deve tomar como parte de sua educação. Andrisco pode ser um arrogante, mas sabe manipular as pessoas. Chegou logo depois de ficar sabendo da nomeação de Metelo, porque este se ofereceu para reconhecer sua reivindicação dando a ele as florestas reais.

— Sabendo que Emílio Paulo as dera a mim, e sabendo que eu estaria aqui — disse Cipião severamente.

— Apesar de sua reputação de justo entre os macedônios, Andrisco, com o amparo de Metelo, poderia facilmente angariar apoio contra você entre macedônios dissidentes. Haverá muitos que sentirão amargura pela tomada romana e para com aqueles que os derrotaram. Seus feitos em Pidna podem se voltar contra você, de forma que sua bravura ao atravessar a falange e perseguir os macedônios em fuga pode ser vista como mera carnificina de homens que desejavam se render.

— Metelo também combateu em Pidna. E em Calínico, três anos antes disso. Ele tem mais sangue macedônio nas mãos do que eu.

— Mas ele não é filho de Emílio Paulo, o homem que levou o caos à Macedônia, capturou Perseu e o humilhou, fazendo-o desfilar no triunfo por Roma, e que condenou milhares de nobres macedônios ao exílio permanente.

— Você parece pesaroso, Políbio.

— E como poderia não estar? Agora sou jurado a Roma, mas também sou um grego aqueu, e os macedônios são meus parentes. E é sempre uma desgraça quando uma raça de guerreiros antes orgulhosos é posta de joelhos, mesmo que você esteja do lado dos vitoriosos.

— E quanto a Andrisco?

— Antes de eu vir para cá, mandou uma delegação a Roma, com uma oferta de aliança com seu reino da Eólia. Ele próprio não iria, pois sabia que a notícia de sua alegação de ser filho de Perseu se espalhara e temia a prisão.

— E ele tem razão?

Políbio parou.

— Creio que ele é filho ilegítimo de Perseu com uma meretriz de Ílio, local da antiga Troia, do outro lado do Helesponto, na Ásia Menor. Perseu esteve lá quando jovem, buscando inspiração do espírito de Aquiles, assim como Alexandre, o Grande, havia feito. Outros guerreiros gregos haviam estado lá, e as mulheres locais fomentaram um bom comércio em torno disso. Meus informantes disseram-me que ela levou o filho à sua casa em Edremit, próximo de Eólia, e morou lá, na obscuridade, até ela lhe contar a identidade do pai. As pessoas acreditaram prontamente, afinal ele guarda semelhanças físicas com Perseu, embora não compartilhe do mesmo encanto ou inteligência. Todos dizem que ele é um jovem cruel e rancoroso que, como todos os valentões, tem seu séquito de bajuladores com ideias afins, ansiosos para obedecer às suas ordens.

— E como receberam a embaixada dele em Roma?

— Existem alianças importantes que ainda precisam ser firmadas na Ásia Menor, com Pérgamo, por exemplo, mas quase ninguém tinha ouvido falar de Eólia, que dirá de Edremit. A embaixada foi motivo de risos.

— Exceto, ao que parece, por parte de Metelo — disse Cipião.

Políbio assentiu.

— Metelo tinha acabado de ser informado de seu posto na Macedônia e evidentemente pensou que Andrisco teria sua utilidade. Há rumores de que, além das florestas, ele ofereceu uma espécie de posto administrativo a Andrisco, como mediador entre os macedônios e ele mesmo. Andrisco concordou em liderar uma força irregular de mercenários trácios para manter o povo macedônio sob controle.

— Para fazer o trabalho sujo de Metelo, você quer dizer — disse Cipião, irritado. — A mim, me parece uma armadilha, para benefício de Metelo e de Andrisco, mas não do povo da Macedônia. No fim, não funcionará a favor de Metelo. Ele não conhece o povo macedônio como eu. Eu lhes dei minha palavra de honra em minhas negociações e ficam satisfeitos. Com Andrisco em meu lugar, como mediador chefe com Roma, alguns se sentirão traídos.

— É possível — disse Políbio. — Eles podem começar a se ressentir dele como subordinado de Roma. Mas não devemos subestimar o homem. Ele e seus seguidores usarão a glória passada da Macedônia, e sua alegação de ser filho de Perseu. Sua subserviência a Metelo poderia ser vista como uma exploração astuta dos romanos para recuperar um ponto de apoio na Macedônia. Antes que você se dê conta, Andrisco será o pretendente ao trono macedônio.

— Metelo pode ter mais em mãos do que aquilo pelo qual barganhou — disse Cipião.

— Ou a base para uma vitória fácil e um triunfo espetacular. Também não devemos subestimar Metelo. Ele é um homem capaz de engendrar uma guerra para seus próprios fins.

— E ele era o estrategista mais perspicaz da academia.

— Se Andrisco conseguir desenvolver uma base de poder, então deveríamos levar mais a sério as outras embaixadas que sei que ele enviou. Uma foi a seu velho amigo Demétrio na Síria, solicitando assistência militar do reino selêucida para expandir sua área de influência na Ásia Menor.

Cipião grunhiu.

— Demétrio já tem o bastante nas mãos. Lembra-se dele na academia? Passou toda a

infância como prisioneiro em Roma e depois meu avô Africano decidiu enviá-lo à academia para fazer dele um bom aliado, como Gulussa e Hipólita. Mas nunca funcionou realmente. Ele sempre recebia delegados desonestos do Oriente, tentando influenciá-lo para esse ou aquele lado. Quando as autoridades por fim fizeram vista grossa e permitiram que ele escapasse de Roma, nenhum de nós alimentou qualquer esperança de que ele resolveria os problemas do reino selêucida. Foi outra confusão deixada na esteira de Alexandre. A corte em Damasco é um ninho de ratos, em que todos sempre matam uns aos outros.

— Então você ficará mais preocupado com a outra embaixada de Andrisco. Dessa vez, ele próprio foi. A Cartago.

Cipião puxou as rédeas do cavalo e fitou Políbio.

— *A Cartago*. Para quê? Os cartagineses mal têm força militar para proteger suas fronteiras contra os númidas, que dirá entreter uma aliança com uma cidade-estado obscura na Ásia Menor. Dificilmente acho que a marinha cartaginesa partirá em seu resgate quando ele decidir marchar contra Roma, ou contra quem quer que ele pretenda confrontar. Na última contagem eles possuíam cerca de dez navios, e nenhum deles navegava há anos.

— Não tenha tanta certeza disso, Cipião. Muitos em Roma viram a guerra contra Aníbal como a guerra para finalizar todas as guerras, e quando Cartago finalmente se rendeu Roma estava exaurida demais por décadas de derramamento de sangue para levar a guerra à sua conclusão e destruir Cartago de uma vez por todas. Consequentemente, muitos em Cartago sentiram que o fim foi um armistício, não uma derrota. Apesar das reparações de guerra, do confisco de seu território e da redução de seu exército e da marinha, os cartagineses ainda conseguiam manter a cabeça erguida e olhar para um futuro ressurgente. Seu avô adotivo Cipião Africano enxergou o perigo, mas foi abatido pelo Senado. Estavam preocupados demais com o próprio poder, em como o comando de destruição de Cartago poderia fazer dele uma figura grande demais para ser limitada pela constituição de Roma, um rei em formação. Depois de sua morte, quando você era um menino, Roma desviou os olhos de Cartago e o velho inimigo recuperou seu poder. Sob o pretexto de reconstruir seu porto comercial, os cartagineses também reconstruíram seu porto de guerra circular, cercando-o com molhes.

— Tem certeza disso?

— Do programa de reconstrução, sim. Dos detalhes, apenas por relatos de segunda mão de mercadores. Para ter certeza, para convencer verdadeiramente o Senado da ameaça e permitir o planejamento de um ataque, precisamos que alguém se infiltre em Cartago e

avalie suas forças e seus desafios táticos diante de uma força de assalto romana, alguém que eles mesmos esperem estar intimamente envolvido no planejamento de um ataque.

— Está tentando me seduzir, Políbio?

— É uma missão para quando Catão tiver recrutado apoio suficiente para seu apelo insistente em eliminar Cartago, e para quando você mesmo tiver obtido o *status* necessário em Roma para que as pessoas lhe deem ouvidos, para pender a balança em favor da guerra.

Cipião ficou em silêncio por um momento, olhando à frente, pensativo, virando-se em seguida para Políbio.

— Diga-me, quando Metelo vier à Macedônia, Júlia virá com ele?

— Ela permanecerá em Roma.

— Você a tem visto?

Políbio o olhou com astúcia.

— Em um jantar, na casa de Catão. Ela perguntou de você. Disse que não tinha notícias suas desde o triunfo de seu pai, quase dez anos atrás.

Cipião ficou em silêncio por um momento, depois respondeu em voz baixa.

— Como ela está?

— A *gens* dos Metelos está no centro da cena social em Roma. As matriarcas são famosas por controlar as jovens, casando-as em suas *gentes* com mão de ferro, e Júlia estará muito ocupada com visitas e arranjos casamenteiros. Há banquetes generosos em sua casa quase diariamente.

— Ela ficará entediada — disse Cipião. — Esta não é a vida que ela pretendia ter.

— Ela tem um filho — disse Políbio, olhando enviesado para Cipião. — Nascido um ano depois do triunfo de seu pai. E uma filha, nascida no ano passado.

— Metelo ficará satisfeito por ter um filho homem.

— Metelo raras vezes está em Roma e pouco mudou, exceto que agora vive suas pândegas junto às esposas e filhas dos aspirantes a *novi homines*, ao mesmo tempo que não se esquece das *meretices* de Óstia e das tabernas do porto.

— Júlia cumpriu seu dever. Deu à luz os filhos dele.

— E, afastando-se de você, salvou sua reputação. Sua esposa, Cláudia Pulchra, não tem a mácula do escândalo, mantendo as matriarcas de sua *gens* satisfeitas com sua união com as

gentes dos Cornélios Cipiões e dos Emílios Paulos.

— A não ser pelo fato de essa união não ter gerado descendentes — disse Cipião sombriamente.

— Não é de se admirar, quando você não partilhou os aposentos com ela em dez anos inteiros desde o casamento, nem mesmo a viu desde os jogos funerais de seu pai, quatro anos atrás, quando foi obrigado a aparecer junto dela com sua *gens* para os sacrifícios públicos em homenagem a ele.

— Reprova-me, Políbio?

— Haverá indagações. Você deve obedecer às convenções de Roma se quiser alcançar um nível no qual possa se libertar delas.

Cipião bufou.

— Bem, esta é uma convenção que declinarei. Todos em Roma sabem que eu amava Júlia, mas que sou um homem de *fides* e não me comportarei como Metelo. Se Pulchra honrasse seu nome, então eu poderia pelo menos satisfazer meus quadris com ela, mas isso jamais acontecerá. Prefiro viver como sacerdote celibatário nos Campos Flegrei, a meio caminho de Hades.

Políbio gesticulou à volta deles.

— Para alguns, é o que parece sua estada na Macedônia. Uma fuga da realidade.

Cipião incitou o cavalo a prosseguir.

— Nada me induzirá a voltar aos aposentos de minha esposa em Roma.

Políbio ficou em silêncio por alguns minutos, estimulando o cavalo a subir em um trecho difícil da trilha. Fábio sabia que ele não havia exaurido suas tentativas de convencer Cipião a partir, que, como todos os bons oradores, ele ainda teria uma última carta na manga. Ele rezava para que fosse apenas uma coisa. Políbio chegou ao topo de uma rocha, parou o cavalo e se virou.

— Há mais uma coisa que você deve saber — disse ele. — Não mencionei ainda para não suscitar falsas esperanças, mas ei-lo. Ouvem-se os primeiros rumores de guerra na Espanha. Há insatisfação entre os Arévacos da Numância, que reconstruíram as fortificações em torno de *oppida* deles.

Cipião puxou as rédeas do cavalo, os olhos reluzentes.

— Conte-me mais.

— Ao contrário de Cartago, onde eles estão desprezando as restrições romanas para a reconstrução, o procurador romano na Hispânia Citerior permitiu que os celtiberos o fizessem, alegando que os aterros são um símbolo importante de força e que permitir a reconstrução destes pode incitar o orgulho marcial abatido quando um exército romano os derrotou durante a Primeira Guerra Celtibera, quando você era menino. Espera-se que os gratos celtiberos sejam persuadidos a se tornar nossos aliados em vez de se deixar empregar por nossos inimigos, como no passado. Mas outra opinião é de que o procurador alegará que eles se fortificaram demasiadamente, para além da permissão que tinham, um pretexto para a guerra dado por aqueles em Roma que aspiram ao consulado e veem a perspectiva de triunfo fácil.

— Não há nada de fácil no combate aos celtiberos — disse Cipião. — Meu pai afirmou que eles estavam entre os guerreiros mais formidáveis do exército de Aníbal.

— O que nos leva de volta a Cartago — disse Políbio. — Com a cidade praticamente rearmada e hostil, ela estará procurando mercenários para reforçar seu exército. Uma guerra contra os celtiberos poderia ser uma guerra contra aqueles que nos confrontariam nas muralhas de Cartago. Poderia ser o primeiro passo para recuperar o legado de Cipião Africano.

Fábio viu Cipião semicerrar os olhos na neblina, depois se aprumar na sela e respirar fundo. Havia fogo em seus olhos. *Políbio tinha conseguido*. Cipião virou-se para ele.

— Antes que eu o informe de minha decisão, terminarei esta caçada. Talvez não haja javalis a encontrar, mas não ficarei satisfeito até chegar aos limites da floresta. O tempo está fechando. Em frente.

9

Depois de uma última subida complicada, os cavalos romperam os limites da floresta e chegaram em terreno aberto. À frente deles, a encosta estava coberta por imensos fragmentos de rocha, espatifadas e irregulares, como armas de gigantes de alguma batalha prodigiosa na aurora dos tempos. Para além dali, Fábio via os primeiros trechos de neve, e então um banco de nuvens bem acima, cobrindo os picos nevados que ele vira nos dias limpos nas clareiras da floresta abaixo. Era um lugar proibitivo, e ele entendia por que os antigos o consideravam a morada dos deuses. Ele se lembrou da última vez que ele e Cipião tinham ido até ali, quase dez anos antes, na véspera da Batalha de Pidna, quando subiram correndo a encosta do Olimpo e ficaram no cume como deuses, observando um mundo que parecia disponível a eles. Bem abaixo, o campo de batalha parecia se estender como nos jogos de estratégia que Cipião e os outros haviam feito na academia meses antes, como se a verdadeira guerra pudesse ser pouco diferente de um jogo, muito acima do cheiro de sangue e da angústia dos feridos que eles viveriam quando descessem novamente. Mas isso havia sido há muito tempo, e agora as coisas eram diferentes. Cipião não era mais um jovem de estirpe desejando seu primeiro comando, mas tinha feito de si um pária, desprezando a carreira que se estendia diante dele em Roma e atormentado por seu amor por Júlia. E não haveria a ideia de subir um pico montanhoso hoje. Se quisessem ter alguma chance de pegar um javali, teriam de permanecer na margem da floresta, contornando o mato, onde diziam que a grande fera se escondia, mantendo-se de guarda alta o tempo todo para evitar seu ataque frenético.

Cipião viu algo no chão, desceu do cavalo e passou o manto pelo corpo. Uma rajada de neve os varreu como um sopro frio das montanhas, e Fábio estremeceu. Logo a temperatura cairia abaixo de zero e o lugar ficaria sob muitos pés de neve, intransponível até a primavera. Cipião ajoelhou-se e apontou uma pedra virada e um trecho de perturbação recente no solo, depois olhou para Políbio.

— Javali?

Políbio curvou-se em sua sela, observando.

— Justamente onde eu esperava que um javali cavasse em busca de raízes, perto dos limites da floresta. Precisamos ver se há um rastro de cheiro. Fábio, onde está seu cão?

Fábio se sobressaltou e olhou em volta. Haviam se esquecido de Rufo no último trecho desajeitado da subida. Ele se ergueu nos estribos, espiando a neblina que agora rolava para

baixo e envolvia a margem da floresta, reduzindo a visibilidade a menos de cinquenta pés. Pôs os dedos na boca para assoviar, mas pensou melhor. O instinto lhe dizia para não entregar a posição do grupo, nem revelar que sabiam do desaparecimento do cão. A sensação de desconforto que havia experimentado mais cedo tinha voltado, dessa vez mais forte.

— Rufo nunca se afasta sozinho — disse ele. — Por isso nem me dou ao trabalho de ficar de olho nele.

— Lobos? — perguntou Políbio.

Fábio balançou a cabeça, franzindo o cenho.

— Eles ficaram nos seguindo na floresta, mas, se tivessem apanhado Rufo, teria havido uma luta, e nós teríamos ouvido. É possível ouvir Rufo latir a milhas de distância.

Cipião o olhou, depois para Políbio.

— É possível que alguém estivesse nos seguindo?

Fábio sentiu o sangue correr pelo corpo e não tinha mais frio. Seus sentidos estavam aguçados, e ele de repente pareceu ouvir os ruídos na floresta com mais clareza, galhos ondulando ao vento, estalos no mato rasteiro. Ele voltava ao posto de guarda-costas de Cipião, e não mais era seu companheiro de caçada. Desceu do cavalo, entregou as rédeas a Cipião e apontou a encosta.

— Leve os cavalos para a neblina e esconda-se entre as pedras. Quando for seguro para sair, soprarei minha trombeta três vezes.

Políbio desmontou e se juntou a ele.

— O que pretende fazer?

— Se houver alguém nos seguindo, pode estar fazendo isso há algum tempo e saberá que Rufo responde a mim, que volta assim que assovio. Se pegou Rufo, pode estar tentando me induzir a voltar pela trilha e procurar por ele. Se ele me pegar, os dois serão uma presa mais fácil. Assoviarei, mas não voltarei pela trilha.

Políbio lhe estendeu a lança para javalis.

— Precisará de uma arma.

Fábio abriu o manto, revelando o punho de uma adaga celta que o pai lhe dera.

— Tenho tudo de que preciso. Mas, se estiverem nos seguindo, pode muito bem ter um arco, e na margem da floresta ficamos ao alcance de uma flecha. Vocês precisam chegar àquelas rochas. *Agora*.

Ele pôs os dedos na boca e soltou um assovio longo e penetrante, repetindo três vezes. Esperou em silêncio por alguns minutos, mas Rufo ainda não aparecia. Depois bateu na traseira do cavalo e viu Cipião e Políbio conduzirem os três animais pela neblina. Tirou o manto, largou-o e se agachou, correndo para a margem da floresta à esquerda da trilha, abaixando-se ao avançar pelo bosque de abetos e pinheiros que margeava a mata. A folhagem densa se abria para pinheiros mais espaçados, e ele seguiu com mais facilidade a um platô pantanoso pelo qual tinham passado ao subir, um resíduo da torrente da montanha que havia transbordado durante o degelo da primavera. Ele contornou a beira do charco, com o cuidado de se manter escondido da trilha, cerca de quinhentos pés à direita.

A meio caminho pela beira do charco, um pequeno riacho o cortava e drenava a água lamacenta pela encosta, borbulhando pelo mato abaixo dele. Tinha apenas três pés de largura, mas Fábio sabia que as margens do outro lado seriam menos sólidas do que aparentavam, saturadas com a água do charco. Ele viu uma pedra no meio do riacho, pulou e ficou nela, sentindo-a afundar ligeiramente sob seu peso, depois se lançou para a margem oposta, torcendo para que o ruído do córrego tragasse qualquer barulho. Ao atingir a margem, ela cedeu em uma cascata de lama e pedras, e ele se debateu freneticamente em direção às raízes das árvores que ficaram expostas, agarrando-se a uma delas e se rebocando para a beira. Praguejou em silêncio pelo barulho. Qualquer um na trilha teria ouvido. Ele precisaria se arriscar com um inimigo que agora podia estar esperando que ele viesse daquela direção, e o pegaria com facilidade caso tivesse um arco.

Mas de repente ouviu outro ruído, um estrondo imenso pelo mato, um grunhir e ofegar que nunca havia escutado. Uma fera gigantesca passou por ele, resfolegando e babando, suas presas projetadas para a frente e os olhos vermelhos com cor de fogo. Sumiu antes que conseguisse registrá-la devidamente, um borrão de preto, disparando pelo charco, espirrando lama e esmagando o mato do outro lado da trilha, concentrada em alguma perseguição desconhecida. Fábio deitou-se de costas, tentando controlar a respiração, e fechou os olhos por um momento. *O javali real macedônio*. Cipião não ficaria nada satisfeito por ele ter visto um deles e por eles não terem conseguido caçá-lo. Mas ele agradeceu aos deuses por jamais terem tido essa chance. Suas lanças teriam se espatifado nos flancos do bicho como gravetos, e eles teriam sido espetados como os prisioneiros no Circo. Ele abriu os olhos e prendeu a respiração, ouvindo atentamente. O barulho do javali foi tragado pela floresta. Ele tinha esperanças de ouvir latidos. Se Rufo estivesse vivo, o javali poderia incitá-lo e seu latido seria audível por milhas. Mas não havia nada, apenas o cacarejo e o borbulhar discrepante do

córrego e um silvo sinistro na copa das árvores, do vento que descia pelas encostas da montanha.

Ele se deprimiu. Rufo era seu elo com Eudóxia ali, e ele não suportava pensar que o cão se fora. Sentiu uma raiva se agitar em seu íntimo, uma sede de sangue que não experimentava desde que ficara na linha em Pidna e vira os macedônios matarem seus camaradas feridos com lanças. *Quem quer que tenha feito isso pagará*.

Ele refletiu. O barulho do javali teria encoberto o ruído de sua queda. Ele ainda podia ter uma chance. Ajoelhou-se, procurando por algum barulho fora do comum, e então voltou a caminhar pela beira do charco, mantendo-se abaixo do nível da margem. A lama que agora secava em seu corpo o camuflava, ajudando-o a se misturar à vegetação. Ele sairia na trilha perto do último lugar onde vira Rufo trotando ao seu lado, quando cavalgou para os limites da floresta. Alcançou o leito seco do rio, olhando atentamente para os dois lados, daí ultrapassou os troncos que atravessavam o leito, onde tinham sido derrubados pelos lenhadores que cortavam madeira para a tumba de Felipe da Macedônia cento e cinquenta anos antes. A trilha seguia a linha do córrego do outro lado, e, depois de passar pelo último tronco, Fábio se agachou bem ao lado das marcas deixadas pelos cascos de seus cavalos menos de uma hora antes. A neve começava a cair mais densamente, rodopiando da encosta da montanha, reduzindo a visibilidade a menos de cem pés. Se suas conjecturas estivessem corretas, o assaltante estaria em algum lugar à frente, olhando de cima da encosta, de costas para Fábio, esperando que ele descesse a trilha a partir da beira da floresta.

Fábio tirou a adaga do cinto, a lâmina reluzindo fracamente, porém as bordas afiadas no ponto que ele havia amolado junto ao fogo na noite anterior. Segurava-a na mão esquerda, apontando a lâmina para baixo, e caminhava lentamente com o charco à direita, meio que esperando ouvir o silvo de uma flecha após cada passo. Depois de cerca de vinte pés, viu um corvo preto e grande saltando com determinação pelo terreno rochoso na trilha, e então mais outro. Eles brigavam por algo, bicavam, arrancando carne. Fábio viu um borrifo de sangue nas pedras, depois o pelo preto e branco familiar, e a empenagem de uma flecha se projetando dele. Fechou os olhos, tentando se controlar. Não podia parar agora, nem perturbar os corvos. Ele passou, esgueirando-se, agarrando a adaga com a maior força possível, de olhos concentrados à frente, mal respirando.

E então, em um vão entre a neve, ele viu. Cerca de vinte pés à frente, um homem deitado de bruços atrás de uma pedra, de frente para a encosta, com um arco cita retesado diante de si e uma flecha preparada. Usava um casaco de pele de ovelhas, mas o capuz estava

arriado e os cabelos pretos e longos caíam em tranças às costas dele. Fábio o reconheceu do acampamento de lenhadores três dias antes, um montanhês corpulento que alegava ser de Panfília, na Ásia Menor, que Fábio tomou por um simplório. O homem havia se oferecido para guiá-los à melhor área de caça de javalis, mas um dos lenhadores puxou Fábio de lado e o alertou para que ficasse atento; o homem tinha chegado apenas dias antes e não tinha conhecimento da floresta, mas sabia muito sobre Cipião e estivera indagando sobre seu sucesso na caçada, mesmo antes de ele e Fábio chegarem ao acampamento. Fábio não dera importância ao fato, mas agora se lembrava de como os lenhadores ficaram perplexos, como se tivessem medo dele. O homem chegou a brincar com Rufo e lhe atirou um graveto, dando-lhe pedaços de carne, até que Fábio o deteve. Agora ele sabia como o homem havia atraído Rufo para a morte. Havia planejado isso por dias. Fábio sentiu o corpo explodir de fúria, o desejo de matar quase incontrolável.

Ele se aproximou mais. Um corvo atrás dele grasnou, e o homem se mexeu. Fábio ficou petrificado, prendendo a respiração. Em seguida o homem puxou o capuz para cima e voltou à sua posição. Fábio se curvou, de cabeça baixa, exatamente como Rufo teria feito, todo seu ser concentrado na presa. Em seguida disparou para a frente, saltando com a adaga em riste no mesmo instante em que o homem percebeu que havia algo errado, caindo pesadamente nas costas do sujeito e batendo a cara dele na pedra. O homem uivou de dor, esguichando sangue da boca. Fábio puxou o capuz e o agarrou pelas tranças, trazendo sua cabeça para trás o máximo possível, segurando a adaga em seu pescoço. Posicionou o rosto perto do ouvido do homem, próximo o suficiente para sentir-lhe o cheiro de suor e gordura do cabelo.

— Encontramo-nos de novo, panfiliano — rosnou ele em grego, puxando o cabelo do homem para trás e vendo o choque em seus olhos. — Se quiser que isto seja rápido, conte-me quem o enviou.

O homem tossiu e cuspiu dentes, sangue escorrendo pelo nariz, depois retorceu os lábios e forçou a cabeça contra a mão de Fábio, tirando sangue da adaga que cortava a pele de seu pescoço. Ele lutou novamente e ficou imóvel quando Fábio puxou-lhe a cabeça para trás, perto do ponto de ruptura.

— Vá para o Hades — murmurou ele, a boca cerrada de dor.

Fábio retirou a adaga do pescoço do homem e bateu sua cara na lama, perto da pedra. Levou a adaga à mão estendida do homem, cravando com força e torcendo para que os ossos e tendões quebrassem e se rompessem. Sentiu o homem convulsionar de dor e arquear-se para cima, tentando respirar na lama. Ele retirou a adaga e voltou a levá-la ao pescoço do

homem, tirando a cara do outro da lama e puxando-lhe a cabeça para trás novamente. O homem tossiu e vomitou, espalhando sangue, lama e saliva, os olhos cobertos de lama, o nariz quebrado e torto.

Fábio se aproximou novamente de sua orelha.

— Diga-me o que quero ouvir e talvez eu decida poupá-lo por tempo suficiente para que Cipião o interrogue. Daí ele pode decidir seu destino. Talvez ele seja generoso.

O homem cuspiu e disse alguma coisa. Fábio se abaixou, ouvindo atentamente.

— Repita — rosnou.

O homem assim o fez, e Fábio ouviu o nome. *Então foi isso.* Ele manteve a faca no pescoço do homem e olhou a mão mutilada, percebendo o corte vermelho e distinto na face interna do pulso do homem, marca de um arqueiro que usava sua arma sem a guarda de couro para o punho. Lembrou-se de como ele havia adquirido tal marca: os tufos de pelo branco e preto na trilha atrás, os corvos. Soltou a cabeça do homem, ergueu-o pela cintura até que ficasse meio ajoelhado e levou a ponta da adaga a um local pouco abaixo do esterno. O homem enrijeceu, apavorado.

— O que está fazendo? — murmurou ele, pingando sangue do rosto. — Você disse que me pouparia.

— Eu disse talvez. E então me lembrei de meu cão.

Em um golpe rápido, ele cravou a adaga até o cabo, atravessando o coração e os pulmões do homem, retorcendo-a para obter o máximo efeito. Retirou-a, depois agarrou a cabeça do sujeito e torceu de lado, quebrando-lhe o pescoço. Viu os olhos do homem revirarem e seu último suspiro se cristalizar no ar frio. Levantou-se, limpou a adaga em um monte de relva e a embainhou, em seguida pegou a trombeta e soprou três toques curtos. A neve agora caía mais forte, já cobrindo o corpo do homem com um manto espectral e começando a ocultar as marcas de casco na trilha à frente. Fábio partiu correndo para a beira da floresta, para onde tinha visto Cipião e Políbio pela última vez. Eles precisariam descer pela encosta da montanha antes que as trilhas ficassem intransponíveis. Tinham pouco tempo a perder.

* * *

Quinze minutos depois, Fábio alcançou Cipião e Políbio, que tinham deixado as rochas quando ouviram a trombeta e levaram os cavalos de volta aos limites da floresta. Fábio encontrou um fio d'água de uma fonte pelo caminho para lavar a lama do rosto e das mãos, mas percebeu que estivera suando profusamente, e a parada na fonte, seguida pelo vento

acre da montanha, o congelara, fazendo-o tremer. Ele pegou o manto e se enrolou nele, então pegou o odre oferecido por Políbio, engolindo o vinho, agradecido. Limpou a boca nas costas da mão, devolveu o odre e pegou as rédeas do cavalo.

— Era o panfiliano do acampamento dos lenhadores — disse ele a Cipião, virando-se para Políbio. — Ele se ofereceu para nos guiar, mas fomos acautelados contra ele. Tinha chegado apenas dias antes, fazendo perguntas sobre Cipião.

Políbio grunhiu.

— Deu a ele uma chance de dizer quem o mandou?

— Ele matou meu cão. Mas teve sua chance. Foi Andrisco.

Políbio olhou para Cipião severamente.

— Andrisco pode ter sido aquele que deu instruções a esse homem, mas Metelo estaria por trás disso.

Cipião olhou pensativamente a encosta da montanha, semicerrando os olhos contra a neve e o vento.

— Parece que mesmo aqui, na morada dos deuses, não consigo escapar da índole vingativa de Roma.

— A única maneira de superar Metelo será ascendendo pelo *cursus honorum*, como ele fez, e tornar-se senador, qualificando-se como legado. Você estará mais protegido dele em Roma, onde mostrará a força de sua personalidade e o poder de sua *gens*, e será mais difícil para ele miná-lo. Em lugares como este, à beira do desconhecido, você não está mais seguro. Sua morte numa caçada não despertaria suspeitas, apenas pesar entre aqueles de sua *gens* e entre seus partidários que o viram aparentemente desprezar seu destino e fugir o mais distante possível para além dos limites do mundo.

Cipião olhou a marca dos rastros que vira mais cedo, agora apenas formas na neve.

— Sem Rufo não temos esperança de caçar um javali real. Talvez tenhamos nos afastado demais no refúgio de caça dos deuses e esta seja uma fera que nenhum homem pode ter esperanças de ver.

Fábio começou a falar, mas se conteve, fingindo uma tosse. Cipião ainda não havia se decidido, e Fábio não queria ser aquele que o convenceria a ficar ali por mais tempo. Ele contaria sobre seu encontro com o javali em um momento oportuno, mais tarde, talvez quando Cipião finalmente estivesse usando seu capacete de legado e tivesse voltado a mente

da caçada para a guerra.

— Uma decisão sensata, Cipião. — Políbio montou em seu cavalo e o conduziu para que ficasse de frente para a descida da encosta, então olhou a copa das árvores a oeste. — Precisamos retornar pelo mesmo caminho, ou há uma rota que evite o acampamento dos lenhadores? Onde havia um a serviço de Andrisco pode haver outros. É melhor que acreditem que desaparecemos e que a tarefa foi concluída, ou seremos perseguidos por toda a Macedônia até escaparmos.

Cipião assentiu.

— A cerca de cinco *stades*, descendo a trilha, há um caminho estreito que leva a oeste, contornando a beira das montanhas até chegar ao reino de Épiro. É árduo, mas temos nossas mantas para dormir e podemos caçar para comer. Assim que chegarmos à margem do Adriático, podemos encontrar um navio que nos leve a Brindisi e à segurança.

— Devemos deixar o corpo exposto? Escondê-lo pode atrasar os outros ao nosso encalço.

Cipião montou em seu cavalo, meneando a cabeça.

— Não. Usaremos duas toras deixadas aqui pelos lenhadores e crucificaremos o cadáver no meio da trilha. Quem vier por esta trilha esperando encontrar nossos corpos saberá que jamais deve atravessar o caminho de Cipião Emiliano.

Políbio gesticulou para Fábio.

— Ou de seu guarda-costas.

O cavalo de Cipião empinou-se, sentindo o cheiro de algo que Fábio sabia poder ser o javali, e Cipião puxou as rédeas com força, até que o animal desceu as patas no chão, bufando e relinchando como um cavalo de batalha prestes a atacar. Ele o controlou novamente e olhou para Fábio, assentindo seu reconhecimento.

— Teve um feito de coragem hoje, Fábio Petrônio Segundo, e não me esquecerei disso. Quando eu liderar um exército romano, você será primipilo da primeira legião.

Fábio semicerrou os olhos para ele e balançou a cabeça.

— Torne-me centurião, se eu merecer, mas prefiro permanecer como seu guarda-costas. Alguém precisa lhe dar cobertura enquanto os dois discutem estratégia e a melhor maneira de usar uma lança para javalis para matar um homem.

Políbio sorriu e pôs a mão no ombro de Fábio.

— Lamento por seu cão. Ele o aguardará no Elísio. E você permanecerá guarda-costas de

Cipião, qualquer que seja a patente que ele lhe der, eu cuidarei disso. Um dia, Roma perceberá o valor de homens como você e criará um exército profissional que conquistará o mundo. — Um vento cortante desceu pela encosta da montanha, eriçando a crina dos cavalos. Ele se afastou do cavalo de Fábio e puxou o capuz, virando-se para Cipião. — O inverno está sobre nós. Precisamos partir. A Roma?

Cipião lhe lançou um olhar de aço, vendo Fábio montar e bater os calcanhares nos flancos do cavalo.

— Crucificaremos primeiro o homem que matou nosso cão. Depois, a Roma.

Parte 4

Intercacia, Espanha, 151 a.C.

10

Uma águia deu um voo rasante sobre as colinas, seu grito ressoando pelos vales, a batida das asas ásperas e duras no ar úmido. Fábio levantou a cabeça de seu trabalho, respirando fundo, sentindo o gosto do suor que escorria pelo rosto a manhã toda. Tirou o capacete, enxugou com as costas da mão a barba por fazer e virou a cabeça para o céu, desfrutando pela primeira vez da umidade fria do lugar. Havia começado a chuviscar novamente, a chuva perene que parecia ter envolvido aquelas colinas baixas por três meses inteiros desde que ele e Cipião desembarcaram de Roma, uma nuvem baixa permanente no abrigo das altas montanhas ao norte que dividiam a Espanha da Gália. Ele se convencera de que realmente gostava da chuva; sentir o sol novamente só o lembraria da última vez que vira Eudóxia e o filhinho dos dois, que completava um ano agora, brincando ao lado das águas espumantes do Mediterrâneo. Ele olhou a encosta, as muralhas do *oppidum*, a cidadela cercada dos celtiberos. Havia mulheres e crianças ali também, mas ele ainda não as tinha visto, apenas os maridos e pais quando investiam de cabelo desgrenhado e gritando, brandindo as espadas de dois gumes que provocavam medo em todos, exceto nos inimigos mais empedernidos pela batalha.

A catapulta a poucos metros atrás dele liberou sua carga com um solavanco estridente, enviando uma bola de fogo por sobre a muralha, a além do *oppidum*. Agora já fazia uma semana, dia e noite, a cada hora, que chovia morte e destruição, atormentando lentamente o inimigo à submissão. Antes disso tinham sido disparos de pedra sólida, espancando a muralha até que uma brecha foi aberta, permitindo a entrada dos legionários, obrigando o inimigo a recuar à sua segunda defesa na frente de suas cabanas e casas. A tomada da muralha fez com que o trabalho que realizavam agora parecesse redundante, cavar uma vala abaixo do aclive externo do *oppidum*. Mas Ênio sabia como manter os *fabri* felizes, homens recrutados do ramo de construção em Roma que gostavam sobretudo de cavar trincheiras, erguer paliçadas e operar máquinas de cerco que os faziam se lembrar dos grandes guindastes de contrapeso ao lado do rio Tibre, usados para retirar blocos de mármore de porões de navios. Fábio também esteve com muita disposição para contribuir, lembrando-se das horas que passara como jovem recruta, construindo fortificações de treino no Campo de Marte, e de como o velho centurião lhe dizia que a construção fazia parte do trabalho de um soldado tanto quanto o combate. E, apesar de seu desconforto na vala, usar a armadura de legionário novamente ainda lhe provocava uma onda de satisfação, qualquer que fosse a tarefa à mão. Já fazia 17 anos desde Pidna, e, mesmo depois de semanas de trabalho pesado,

desde que tinham chegado à Espanha, ele ainda sentia a mesma novidade e empolgação de pegar em armas por Roma que sentira pela primeira vez como jovem recruta na Macedônia havia todos aqueles anos.

Houve um forte urro de satisfação ao lado dele, e um som de água espirrando. Os dois elefantes que haviam trabalhado arduamente na muralha a manhã toda arriaram na poça de lama na base da vala, refrescando-se e usando as caudas para espantar as moscas que enxameavam em volta deles. Mas no alto da encosta o terceiro elefante labutava sob o olhar vigilante de seu condutor númida, usando a tromba para retirar pedras da beira irregular da brecha e limpar o entulho a fim de facilitar a passagem das tropas de assalto. Depois de romper a muralha e forçar a defesa de volta ao *oppidum*, Cipião consolidou seus ganhos, abrindo rapidamente a entrada principal para permitir o acesso de mais homens; porém, depois de ver as linhas de defesa secundárias, uma paliçada de madeira pelo centro do *oppidum* cerca de quinhentas jardas à frente, ele decidiu não prosseguir, optando ao invés disso por retirar suas tropas para a brecha e deixando o espaço aberto como um alvo para o caso de o inimigo decidir atacar.

Agora eles estavam aguardando havia quase uma semana, uma semana durante a qual os celtiberos suportaram ainda mais fome e infelicidade, bombardeados pelo granizo e pela chuva que haviam transformado o lugar em um lodaçal e pelas bolas de fogo que os artilheiros de Ênio lançavam às casas por sobre as muralhas, onde até mesmo sob chuva o breu e o óleo ardentes incendiavam os telhados de palha das habitações e obrigavam as pessoas a saírem a campo aberto, desprotegidas dos elementos e das cargas das catapultas. Era difícil acreditar que aguentariam por tanto tempo, mas Fábio soube por outros legionários da resistência celtibera e de como um cerco como aquele podia durar até cada pessoa ali dentro morrer de inanição ou por sua própria espada.

Ele olhou de soslaio para Cipião, que estava recurvado sobre o diorama tático que ele e Ênio tinham criado usando lama e pedras da margem do rio. Cipião agora tinha quase 35 anos, o rosto mais áspero do que da última vez em que foram juntos à guerra, a barba por fazer e o cabelo bem curto pontilhado de grisalho. Já fazia seis anos desde que tinham partido da Macedônia, seis anos que Cipião se dedicara aos tribunais e às câmaras de debate de Roma com relutância, um fardo que conseguiram atenuar passando meses de cada ano caçando no sopé dos Apeninos e nas altas encostas das montanhas Cisalpinas, ao norte, e em Roma, trabalhando diariamente com os gladiadores para mantê-los em forma e preparados para a batalha. Ao contrário de seus contemporâneos em Roma, que haviam sucumbido ao

comodismo, Cipião estava tão musculoso e robusto quanto os *fabri* que trabalhavam agora em volta deles, tão à vontade cavando uma vala como ficava participando dos combates de espada ou corpo a corpo que mantinham os legionários em forma enquanto esperavam que o cerco esgotasse os celtiberos e os obrigasse ao combate novamente.

A couraça de Cipião era moldada no mesmo formato da musculatura do tronco humano, um legado dos Emílios Paulos que antigamente era um exemplo esplêndido do trabalho etrusco com metal, mas que agora estava marcada e amassada pela guerra. Fora usada pelo pai de Cipião quando jovem tribuno na guerra contra Aníbal e por seu avô na guerra anterior, o primeiro grande embate contra Cartago, mais de cem anos antes. A guerra contra Cartago nunca se distanciara de seus pensamentos, nem mesmo quando ele se afastava de Roma. Eles só estavam combatendo ali, agora, porque os celtiberos haviam apoiado Aníbal em sua marcha pela Espanha a Roma mais de sessenta anos antes, e desde então se mostraram um obstáculo às tentativas romanas de alcançar os distritos de mineração de ouro mais além, a noroeste. A guerra foi deflagrada três anos antes e suprimida pelos romanos somente depois de uma árdua campanha naqueles sopés isolados, esgotando a energia de atacantes e defensores. Mas então, com a paz iminente, Licínio Luculo foi eleito cônsul e decidiu criar uma nova legião e terminar o trabalho na Espanha do seu jeito, renegando as promessas feitas aos celtiberos por seus predecessores. Todos sabiam que a campanha caminhava para um triunfo fácil, a primeira oportunidade em quase duas décadas de um cônsul liderar um desfile de vitória por Roma, e que os celtiberos foram tratados com um desdém que enfureceu aqueles que haviam combatido contra eles e aprendido a respeitar seu senso de honra como guerreiros.

Secretamente, Cipião desprezava Licínio Luculo, um *novus homo* rude com pouca formação militar, e considerava a guerra renovada na Espanha uma distração da ameaça iminente de Cartago. Mas Cipião tinha acabado de ser eleito senador e vira seu futuro preso em Roma, sem outra oportunidade de alcançar a reputação militar de que precisaria para ser nomeado ao comando de uma legião ou do exército quando chegasse a época de um ataque a Cartago. Pela primeira vez, Políbio estava ausente, longe, na Grécia, aconselhando a Liga Aqueia sobre sua organização militar, e Cipião se viu forçado a ruminar a questão sozinho, ponderando as próprias ambições e o senso de destino contra sua consciência por se unir a uma guerra desonrosa. E então, alguns dias antes de Licínio Luculo e sua legião partirem de Roma, chegou a ele a notícia de que um grupo de senadores mais velhos, adversários de Catão e desconfiados de qualquer um com o nome Cipião, estava engendrando uma

nomeação para ele como edil na Macedônia, um posto que teria sido uma folga bem-vinda de Roma, exceto pelo fato de o novo governador provincial ser seu arquirrival Metelo. Ele discutiu o assunto com Fábio, e a sorte foi lançada. Eles se lembraram do que havia ocorrido na floresta da Macedônia seis anos antes, e não desejavam terminar seus dias sendo apunhalados em algum beco de Pela.

Cipião procurou Licínio Luculo quando estava formando a legião no Campo de Marte e se apresentou como voluntário. Aceitou a nomeação de tribuno militar, não para ficar entre os jovens que lideravam os manípulos e as coortes, mas como um oficial do estado-maior de Licínio Luculo, para agir como emissário quando chegasse a época de discutir as condições com os celtiberos novamente. Licínio Luculo tirou partido da reputação de *fides* de Cipião, de cumprir com sua palavra, um papel que Fábio sabia pesar na consciência de Cipião, dada a dubiedade de Licínio Luculo para com os celtiberos. Cipião e Fábio só estavam ali, na Intercacia, enquanto esperavam que a chuva cessasse e a estrada para o litoral voltasse a ser transitável, tendo marchado para o campo dez dias antes com uma centúria reduzida do *oppidum* de Coca, onde Licínio Luculo ficou acampado com sua legião. Ênio já estava ali, comandante da pequena força de cerco, e submeteu-se a Cipião porque sabia o quanto este ansiava por ver a ação, lembrando-se de sua superioridade nos anos de academia. A principal força de Ênio era uma coorte de *fabri* que pretendia concluir as fortificações antes da chegada da legião de Licínio Luculo, momento em que este último esperava que o *oppidum* se rendesse e outra vitória fosse acrescentada a seu cesto sem qualquer necessidade de arriscar a própria pele liderando seus homens na batalha.

Fábio observou Cipião ficar de pé, espiando as muralhas. Ele não estava usando o disco de prata *phalera* que o pai lhe dera por bravura em Pidna. Cipião disse a Fábio que Pidna fora combatida quando a maioria dos legionários ali presentes eram meninos e seria uma antiga história de guerra contada por seus pais. Todos sabiam que ele era filho do lendário Emílio Paulo e neto adotivo de Cipião Africano; todos sabiam que os príncipes costumavam usar condecorações conferidas a eles pelos reis, mesmo nunca tendo visto a ação. Ele não descansaria nos louros do passado, mas conquistaria seu respeito perante seus olhos. E foi o que ele fez uma semana antes, irrompendo pelas muralhas à frente dos legionários, o primeiro a subir nos escombros e ver os guerreiros celtiberos recuarem a sua segunda posição defensiva, a muralha atravessando o centro do *oppidum* que cercava as cabanas e corredores de madeira de seu povoado. As marcas recentes que brilhavam no peitoral de Cipião, daqueles poucos momentos de combate feroz no alto das muralhas, tinham um significado

muito maior para ele do que qualquer condecoração que Roma pudesse lhe conferir. E ali, onde jamais aconteceriam batalhas já encenadas, onde a guerra significava dias e semanas de cerco tedioso pontuado por momentos apavorantes de violência, quando os celtiberos atacavam repentinamente, o combate individual era a chave para a reputação de um homem. Nenhum general um dia chegaria a liderar uma legião plenamente formada na batalha naquela parte da Espanha, onde a topografia de colinas e vales pluviais confinados era adequada apenas para a ação de pequenas unidades, de manípulos e coortes liderados por centuriões e tribunos, ou durante cercos em lugares onde os próprios celtiberos estavam preparados para dar combate, em terreno íngreme, abaixo dos *oppida*, ou em espaços confinados pelas muralhas que mais pareciam arenas para duelos de gladiadores do que campos de batalha para exércitos.

Fábio sabia que havia outro motivo para Cipião não usar a *phalera*. Ele não a usava desde a noite do triunfo de seu pai em Roma, quando fora escarnecido por Metelo e Júlia estivera a seu lado pela última vez. Foi a noite em que Cipião entendeu que tinha perdido Júlia, e quando endureceu sua decisão de não permitir que o desprezo dos outros e as convenções de Roma borrassem o foco que tinha em seu destino. A Espanha deveria ser seu campo de prova, e ele se provaria não como filho de Emílio Paulo, ou neto de Cipião Africano, mas como um soldado, combatendo o inimigo de perto tal como faziam os legionários, quando a luta era pela sobrevivência e por seus camaradas, e não por qualquer outra glória ou honra.

Fábio pulou da vala e se aproximou de Cipião e Ênio. Olhou o diorama, as marcas na lama que Cipião tinha feito com sua vareta, e apontou um sulco comprido.

— Se isto significa o rio, não está muito certo — disse ele. — Ele faz uma curva para o sul, para além do campo dos *fabri*.

Cipião meneou a cabeça.

— Isto não é Intercacia, mas a Numância. Se conseguirmos derrotar os celtiberos, precisaremos tomar a Numância.

— É o maior baluarte deles — disse Ênio.

Cipião franziu os lábios, olhando pensativamente.

— O maior ponto fraco dos celtiberos é sua estrutura de clãs, o que significa uma ausência de controle estratégico geral. Eles são pastores de ovelhas, assim como em Roma éramos condutores de gado nos tempos de Rômulo, leais a nossas famílias e a nossos clãs em cada uma das sete colinas, mas partilhando a aliança com elas apenas quando éramos

atacados por uma confederação das tribos latinas. É um ponto fraco dos celtiberos, mas é também o que torna a guerra árdua para nós, pois precisamos combater cada tribo pouco a pouco e fazer o cerco a cada *oppidum* por vez, sem garantias de que a queda de qualquer *oppidum* tornará menos complicado o cerco à seguinte, pois seus habitantes podem ser de diferentes clãs e normalmente hostis entre si.

— É como se estivéssemos combatendo várias pequenas guerras sucessivamente — murmurou Ênio. — Você pode encerrar cada guerra negociando a paz e cumprindo sua palavra, dando ao chefe um senso de derrota honrada, até a indiferença das outras tribos que continuam em guerra. Mas se descumprir sua palavra, a história é outra; os clãs podem reagir se unindo e representando uma oposição mais unificada. É o que parece ter acontecido agora com a chegada de Licínio Luculo e seu repúdio ao acordo que pacificou os celtiberos no ano passado.

Cipião assentiu.

— A dinâmica da guerra contra os celtiberos mudou. Os arévacos são a maior tribo e Numância encontra-se no mapa como principal *oppidum* da região. Tome a Numância e demais *oppida* dessa tribo podem cair diante de você sem resistência, e a guerra estará encerrada.

— É esse o plano de Licínio Luculo? — perguntou Fábio.

A expressão de Cipião era impassível.

— Ele possui apenas uma legião, recém-formada e inexperiente. Pretende vencer cercos suficientes para ter um triunfo, depois partir. Mas, ao entrar na Espanha tendo apenas a glória pessoal em mente, ele deu início a uma guerra contra Roma que só será extinta com a tomada da Numância, talvez daqui a anos. É isso que Ênio e eu estivemos projetando.

— E o que você faria? — perguntou Fábio.

Ênio apontou com sua vareta.

— Este é o rio Douro. Eu construiria torres em cada margem do rio, em dois lugares, distando quinhentos pés. As torres do lado mais próximo do rio seriam próximas o bastante para os arqueiros despejarem flechas dentro do *oppidum*. Eu cercaria o *oppidum* com uma fossa profunda e uma trincheira, e as dobraria perto da entrada principal, onde uma grande força de ataque seria capaz de sobrecarregar um único sistema de valas.

Cipião sorriu para ele.

— Falou como o verdadeiro engenheiro. Você construiria mais um conjunto de muralhas

em volta de Roma se tivesse a oportunidade.

— Isso não é uma pilhéria. A cidade está ficando grande demais para as Muralhas Servianas. Agora elas somam mais de duzentos anos. E quanto mais casas de madeira se espremerem fora de suas paredes, mais provável que sofram um incêndio arrasador.

— Políbio e um de seus amigos cientistas da Alexandria fizeram um cálculo matemático sobre as muralhas da cidade — disse Cipião. — Determinaram que, a menos que se tenha uma população ainda mais densamente aglomerada do que a de Roma, vivendo em habitações que precisariam ter oito ou dez andares de altura, você simplesmente não teria efetivo suficiente em uma cidade para defender seus limites exteriores.

Ênio assentiu.

— As muralhas da cidade servem apenas para exibição.

— É preciso uma defesa a fundo, com uma área menor de fortificação para onde se recuar. Foi o que os celtiberos fizeram aqui em Intercacia uma semana atrás.

— Lembra-se de Políbio nos levando a Atenas e mostrando a Acrópole? É algo que os gregos fizeram bem, nós, não.

— Porque o espírito romano é ofensivo, não defensivo. Mas os celtiberos, como os gregos, geralmente se voltam para dentro; é incomum que se expandam para além de suas fronteiras e tomem demais *oppida* adjacentes. Roma, por sua vez, tem se voltado para fora por séculos, devorando as tribos circundantes e depois as cidades-estados dos gregos e dos cartagineses, expandindo-se eternamente.

Ênio o fitou com ironia.

— Sim, e veja o que acontece quando invasores alcançam Roma: os gauleses duzentos e cinquenta anos atrás e, por muito pouco, Aníbal no tempo de nossos avós. O Monte Capitolino, onde o povo se refugiou dos gauleses, foi dominado facilmente e continua sem fortificação. Um dia Roma chegará ao limite da expansão e sofrerá da mesma fraqueza do cálculo de Políbio, por não ter efetivo suficiente para defender as fronteiras. Todavia, grandes esforços serão feitos para fortificar as fronteiras em detrimento da própria Roma, que continuará vulnerável e cairá.

Cipião resmungou.

— Os celtiberos consideram os *oppida* seus refúgios, assim como os gauleses. As porções mais baixas de suas muralhas são feitas de pedra; a estrutura superior é de madeira com telhados de palha, vulneráveis ao fogo. Esse é seu maior ponto fraco na defesa. Eles nada

sabiam sobre as máquinas de cerco quando as muralhas foram projetadas.

Ênio assentiu.

— Eu traria baterias de balistas e catapultas, para disparar sólidos e bolas de fogo.

Cipião franziu os lábios.

— O rio ainda é o ponto fraco.

Ênio olhou por um instante, depois traçou uma linha atravessando o sulco entre as duas pedras.

— Que tal isto? Você prende um cabo grosso entre as torres dos fortes, retesando para que se estenda na superfície da água. Através dele, passa pedaços ocos de tronco de árvore para que formem uma barragem. Assim não há como os barcos serem despachados do *oppidum* e alcançarem a segurança.

Fábio olhou para ele.

— Tenho uma sugestão.

— Diga o que pensa.

— Já esteve nas corridas de biga no Circo Máximo, quando prendem lâminas nas rodas?

— Um ótimo espetáculo, carnificina total — disse Ênio. — Não apenas pelo que as lâminas fazem às bigas quando se travam, mas aos condutores que caem entre elas.

— O que quer dizer, Fábio? — perguntou Cipião. — A Numância fica muito longe do Circo Máximo, e as bigas simplesmente atolariam aqui.

— Não as bigas, Cipião, mas aqueles troncos flutuantes. Uma semana depois de chegarmos à Espanha, fui com uma patrulha de reconhecimento à Numância, para avaliar as defesas. Agora que sei que seu modelo pretende representar o *oppidum*, reconheço o trecho do rio. Nos pontos onde você colocou as torres, ele corre especialmente veloz, ficando mais estreito, em particular quando é inchado pelas chuvas que parecem cair aqui o tempo todo. Em vez de ver esse clima como um impedimento, podemos voltá-lo para nosso proveito. Remos afixados como os raios de uma roda em cada extremidade das toras as farão girar com a corrente.

— Entendi — disse Ênio com entusiasmo. — Prenda lâminas se projetando para fora pela extensão das toras e elas ceifarão como as rodas de uma biga. Não só os barcos serão incapazes de atravessar, como também nenhum nadador.

Fábio pegou a vareta de Cipião e traçou duas linhas pelo sulco.

— O rio é quase vadeável nestes trechos. Coloque suas torres e as barragens de troncos ali e as lâminas praticamente roçarão o leito. Quem estiver a nado será incapaz de mergulhar por baixo.

Ênio assentiu, olhando para a lama.

— Uma sugestão brilhante, Fábio. Merece entrar no livro de Políbio. Se os intercacianos continuarem a cobrar de nossa paciência e resistirem por mais tempo, manterei meus *fabri* ocupados, fazendo-os construir uma barragem experimental no rio para ver como funciona.

Cipião deu um tapa no ombro de Fábio.

— Vamos torná-lo general já.

— Centurião servirá, Cipião. Um dia, quando o merecer.

Ênio olhou para Cipião.

— Desde que nosso cerco funcione. Como você disporia seus homens?

— Um terço para forças de assalto, um terço na reserva. Um terço da reserva para subir e guarnecer as muralhas do inimigo depois que a força de assalto tiver cruzado as brechas feitas pela artilharia, inclusive todos os arqueiros e arremessadores disponíveis. A linha de vanguarda da reserva incluirá *fabri* prontos para avançar e providenciar escadas e equipes de demolição, se necessário. O terço restante da força compreenderá a balista e as turmas de catapulta, a cavalaria pesada para repelir qualquer investida do inimigo e a cavalaria ligeira para perseguir qualquer um que escape do *oppidum* a fim de procurar ajuda.

Ênio sorriu para ele.

— Ora, *isso* vai diretamente para o livro.

— Tive muito tempo para preparar. Quando não estava caçando e treinando, estive planejando jogos de guerra. Os tribunais e a câmaras de debate só me tomavam algumas manhãs por semana. Eles fecharam a antiga Escola de Gladiadores onde mantínhamos a academia, mas Fábio e eu conseguimos recuperar a mesa de diorama, onde estudávamos as batalhas. Sempre que Políbio e qualquer um dos outros estavam por perto, nós nos reuníamos em uma sala que anexei especialmente à minha casa no Palatino para recriar as grandes batalhas do passado, alterando as variáveis, tentando mudar o resultado, como nos ensinaram a fazer. Provavelmente simulamos Zama umas cinquenta vezes, o mesmo número de Canas. Mas meu fascínio especial sempre foi pelos cercos.

— Por que será? — disse Ênio olhando para Cipião. — Deixe-me adivinhar. Uma grande

cidade na margem sul do Mediterrâneo, com portos cercados e uma acrópole elevada abrigando um templo a Baal Hamon, e um lugar onde sacrificam crianças. O maior inimigo de Roma, ainda não conquistado.

— É só nisso que penso. É meu destino.

— Bem, Intercacia não é Cartago, e você tem apenas quinhentos homens aqui, dois terços dos quais são *fabri*.

— Os *fabri* também são legionários.

— Claro, os melhores.

— Então eles formarão a força de assalto, e a centúria que eu trouxe comigo de Coca aguardará na reserva.

— Isso é sensato. Aprendi, em meus três anos na Espanha, que o general sempre deve usar os homens de que dispõe como sua força de cerco para realizar um último ataque. Usar tropas recentes provocaria insatisfação entre aqueles que passaram semanas e meses diante das muralhas e desperdiçaria o conhecimento que eles colheram dos costumes do inimigo, de seus pontos fracos. Mesmo legionários que parecem esgotados encontram uma energia renovada com o fim em vista e lutarão com mais selvageria do que as tropas recém-formadas.

— Então aqueles que estavam primeiro nas muralhas comigo na semana passada formarão a linha de frente da força que usarei para entrar no *oppidum*.

— E há algo mais que não aprendemos na academia. O comandante de cerco não deve permitir que as próprias tropas ou o inimigo pensem que ele está em retirada por covardia ou falta de agressividade. Seu plano para o cerco da Numância é sensato porque mostra determinação e esforço, que você almeja o longo prazo e pretende seguir até o fim. O comandante mais fraco que pretende apenas dar um espetáculo de força pode deixar um rio sem defesa, dependendo de seu fluxo como uma fronteira natural, ou colocar linhas de piquetes onde você cavaria valas e construiria um fosso. Você pode convencer alguns de Roma de que tentou ao máximo combater um inimigo inexpugnável, mas seus soldados pensariam o pior de você, e assim também o inimigo. Eles podem pensar que você não tem nervos para um assalto, ou que você crê que seus soldados não o possuam. Se seus soldados acreditam que você não tem fé neles, você jamais os liderará à vitória.

Cipião abriu um sorriso.

— Mas o que você realmente gosta em meu plano é que ele envolve muito trabalho inventivo de engenharia para você e os seus *fabri*.

— O que representa mais uma vantagem. Mantém os homens ocupados. É para isso que foram treinados, e não para se sentar o dia todo, esperando por um inimigo. Eles gostam sobretudo de ver fortificações brotando em volta deles, isso intimida o inimigo.

Fábio olhou a brecha nas muralhas a cem jardas acima das encostas, vendo as sentinelas no meio do entulho, em guarda por qualquer sinal de atividade inimiga. Lembrou-se do velho centurião em Roma rosnando para os rapazes, refreando seu entusiasmo por se unir à batalha na primeira oportunidade. *Não combata homens desesperados*, dissera ele. *Deixe que se esgotem pela fome e pela sede. Tome uma cidade sitiada apenas se estiver certo da vitória*.

Cipião olhou para Ênio.

— Lembra-se de uma vez quando fomos levados para ver os leões e o que o chefe da Escola de Gladiadores nos disse sobre preparar animais selvagens para os jogos?

Ênio assentiu.

— Ele disse que os gladiadores experientes devem se recusar a travar combate com as feras até saber que elas foram tomadas pela fome, esse inimigo invencível.

— Ele disse que a fome enfurece a fera, mas também a enfraquece. Um leão faminto dará um espetáculo maior, porém é mais fácil de matar. Disse que você deve escolher o melhor momento para o espetáculo, quando a fera estiver enfurecida pela fome, mas ainda forte o suficiente para dar combate, entretanto de guarda baixa e com a fome deixando-a vulnerável a seu golpe mortal.

— Mas a guerra não é uma disputa de gladiadores — argumentou Fábio.

— Não tenha tanta certeza disso — respondeu Ênio. — Você ainda não entrou em campanha contra esse inimigo por tanto tempo quanto eu. Não pode escolher entre forçar uma cidade à fome e atacar, uma ou outra. Deve satisfazer seus próprios homens, que esperarão por um final sangrento, e também a honra de um inimigo que só se permitirá ser conquistado depois de ter sido derrotado em batalha. Só então eles se sujeitarão.

— Deixemos que a fome faça seu pior, em seguida ofereceremos as condições — disse Cipião.

— Os intercacianos só se sujeitarão quando não puderem mais lutar. Comerão couro fervido, as próprias roupas. As esposas e crianças os estão observando e esperarão que lutem até a morte diante dos olhos. Aqueles que sobreviverem pedirão a morte em lugar de se submeterem à escravidão.

— Então terão seu desejo realizado — disse Cipião.

Ênio apontou o diorama.

— Assim, a última fase na Numância. O que você faria depois de eles se renderem?

— Não cometeria o erro cometido em Cartago sessenta anos atrás. Eu arrasaria completamente a Numância. Dividiria seu território igualmente entre cada *oppidum* ao redor, para fazer amizade com aqueles que antes foram nossos inimigos. Pelo mesmo motivo, levaria os filhos dos guerreiros sobreviventes a Roma, não para humilhá-los, mas para exibi-los em minhas procissões triunfais como os adversários nobres e dignos que são. E os educaria como oficiais romanos, como Gulussa e Hipólita, e os colocaria encarregados de uma força celtibera auxiliar para lutar com Roma enquanto avançamos ao norte pelas montanhas em território gaulês, que é para onde eu iria depois de conquistá-los. O legado do cerco da Numância não seria o triunfo vazio de um inimigo tão derrotado que jamais poderia se reerguer, mas a celebração de um inimigo transformado em um combatente por Roma.

Ênio sorriu para ele.

— Você parece ter acabado de sair da academia. Políbio teria orgulho de você. Mas eu servi contra os celtiberos por três longos anos, e uma longa campanha esgota um comandante, Cipião. As intenções nobres se perdem na lama e na sordidez. Você pode ficar menos magnânimo na derrota, menos inclinado a atentar para o futuro. Quando vir seus próprios homens sofrendo e morrendo por ganhos pequenos, o desejo de encerrar a guerra pelos meios que forem possíveis estreitará sua visão do inimigo e o deixará menos misericordioso. E depois de um longo cerco, você deve também ceder aos desejos de seus homens. Um general fraco pode concordar que saqueiem e massacrem. Um general mais forte os impedirá de passar dos portões da cidadela conquistada, mas será um homem que seguirão por nenhum outro motivo além de encontrar forças em sua virtude e em sua honra. Você seria tal general?

Cipião pegou seu protetor de couro para o pulso e o afivelou, semicerrando os olhos para as muralhas do *oppidum*.

— Bem, só o que posso lhe dizer é que Licínio Luculo definitivamente *não é* tal general. O que dizem os centuriões, Fábio?

Fábio ajudou Cipião a amarrar as tiras de couro do protetor de pulso.

— Aqueles que serviram aqui, como Ênio, dizem que a paz com os celtiberos foi duramente conquistada, e que Licínio Luculo só reacendeu o conflito na esperança de uma

vitória fácil para dar a impressão de que a guerra foi vencida durante seu consulado. Dizem que ele atiçou sua nova legião com promessas de saques que os veteranos sabem não poder ocorrer entre os celtiberos, ato que pode levar apenas a destruição e carnificina por legionários maltreinados que procuram retribuição depois de nada encontrar para pilhar. Os veteranos respeitam os celtiberos como guerreiros e preferem que sejam nossos aliados e camaradas em armas. Esperam muito de você, Cipião. Os poucos que estiveram em Pidna sabem de sua coragem em batalha, mas é seu nome que lhes dá esperanças. Um filho de Emílio Paulo e neto do grande Cipião Africano só pode liderá-los a uma glória maior. Eles não anseiam por uma campanha na Espanha, mas na África.

Cipião ergueu o outro braço, e Fábio pegou o outro protetor de couro.

— Primeiro preciso provar minha capacidade aqui. Pidna foi há 17 anos e tenho o dobro da idade que tinha na época. Poucos centuriões devem ter estado lá.

Ênio meneou a cabeça repentinamente para a trilha acidentada que levava à tenda, onde um homem a cavalo aparecera ruidosamente e desmontara ao lado do posto da guarda.

— E por falar em Licínio Luculo, parece um de seus ordenanças. Ouçamos o que ele tem a dizer.

11

O mensageiro que desmontou do cavalo correu até eles, colocando a mão direita no peito em saudação. Era um homem que Fábio conhecia e em quem confiava, Quinto Ápio Probo, legionário experiente da velha guarda que tinha sido feito mensageiro porque sabia cavalgar e se ferira na perna.

— Tenho notícias de Coca. O *oppidum* caiu.

Ênio olhou para ele incisivamente.

— Caiu? Mas minhas catapultas não estavam prontas. Sem elas, nunca teriam rompido as muralhas.

— Não foi necessário. Foi uma rendição negociada.

— *Negociada*? Lúcio Licínio Luculo? Essa vai para os livros.

— Não foi o general que se encarregou das negociaçoes. Foi o tribuno maior de seu grupo, Sexto Júlio César.

— Ah — respondeu Ênio. — O irmão de Júlia. — Ele se virou para Cipião. — Ele é linguista e fala o idioma deles. Um de seus escravos domésticos em Roma era um velho chefe tribal celtibero, um guerreiro que Aníbal arregimentou para sua causa quando marchou por aqui com seus elefantes a caminho de Roma. Lembra-se dele, Cipião? Ele nos ensinou a usar a espada ibérica de dois gumes.

Cipião assentiu, depois olhou o homem.

— Você parece incomodado, Quinto Ápio. Há mais a dizer, não? Pode falar com franqueza. Tem a minha palavra.

Quinto deu um pigarro.

— Sexto garantiu a segurança do povo em troca da permissão deles para uma guarnição romana ocupar o *oppidum* da negociação. O próprio Licínio Luculo os levou para dentro. Mas era um manípulo da nova legião, os homens que o próprio Licínio Luculo havia recrutado do quarto distrito de Roma, prometendo saques e forçando o alistamento daqueles que se recusassem a se apresentar. Fui criado junto daquela região e sei como eles são. Dão os melhores legionários, se treinados com mão de ferro, caso contrário, os piores. A única ação que esses homens viram foram guerras entre gangues em Roma depois das corridas de biga, a única disciplina, o açoite dos procuradores militares quando foram conduzidos para os navios à Ibéria.

O queixo de Cipião estava severamente cerrado.

— E o que houve?

— Licínio Luculo permitiu que pilhassem o *oppidum*. Mas todos nós sabemos que os celtiberos têm pouco a oferecer. São criadores de ovelhas e de gado, e não comerciantes. Aqueles novos recrutas foram estragados por histórias do saque da Macedônia e pensam que toda cidade estrangeira tem pilhas altas de ouro e prata. Mas quando nada encontraram em Coca, Licínio Luculo lhes deu a segunda opção. Ele é um general bom o suficiente para saber que os homens enviados à guerra que ainda não mataram quererão saciar sua sede de sangue, e então, quando tiverem acabado, isso lhes ocupará a mente pelos dias seguintes, até quererem mais.

Cipião deu um passo para trás, fechando os olhos por um momento e pressionando a ponte do nariz.

— Não me diga.

— Todos os habitantes homens. Foram cercados e despedaçados à morte, depois incendiaram o lugar.

— Por Júpiter — murmurou Ênio.

Cipião respirou fundo e cerrou os dentes.

— Há quanto tempo?

— Seis horas. Vim o mais rápido que pude. Devo alertar você de que Licínio Luculo está a caminho, e seus homens esperam mais do mesmo. Devem chegar ao cair da noite.

— A legião inteira?

Quinto assentiu.

— Inclusive o manípulo que entrou no *oppidum*. O lugar não precisa mais de uma guarnição.

Ênio grunhiu.

— Pelo menos trarão as balistas. Assim posso começar a bombardear Intercacia adequadamente. Se não se renderem em breve, será a única maneira de forçarmos sua rendição. Será apenas uma questão de tempo antes que eles saibam o que aconteceu em Coca. Eles usam corredores para passar notícias de *oppidum* a *oppidum,* e às vezes não conseguimos alcançá-los.

Quinto virou-se para Cipião.

— Ainda pode haver uma chance de você negociar uma rendição antes da chegada de Licínio Luculo. Os prisioneiros celtiberos que nos serviram de intérpretes nos postos de comando disseram-me que só há dois romanos conhecidos do exército na Espanha que merecem sua confiança, Sexto Júlio César e Cipião Emiliano. Sexto negociou a paz com eles no ano passado, antes de Licínio Luculo chegar e começar a própria guerra, mas agora, evidentemente, eles terão perdido toda a fé na capacidade de Sexto de fazer seu general cumprir o lado romano do trato. Com você, porém, pode ser diferente. Você não fez parte da campanha anterior, assim eles não conhecem seus padrões. Só o conhecem como alguém que partilha o nome de Cipião Africano, o grande general que derrotou Aníbal e foi magnânimo com os guerreiros celtiberos do exército derrotado de Aníbal, mantendo apenas alguns como escravos em Roma e executando somente os chefes tribais. É possível que eles ainda deem ouvidos e confiem em você.

— Somente se eu mostrar a eles que posso apoiar minhas palavras com a força — murmurou Cipião, semicerrando os olhos para as muralhas em meio à garoa. — Preciso atacar o *oppidum* e colocá-los de joelhos. Apenas quando virem que os legionários estão sob meu comando acreditarão em minha palavra.

Ênio o fitou.

— Tenha cuidado ao assumir tais questões para si, Cipião Emiliano. Lembre-se de que Licínio Luculo é seu general e seu patrono. Pense em onde você estaria sem ele.

— Sei muito bem — disse Cipião. — Eu estaria de volta à Macedônia, em um edil provincial subserviente a Metelo, estabelecendo um tribunal de uma cidade tão obscura que mal valeria Metelo tentar me fazer desaparecer para sempre, com minha sobrevivência contínua como oficial empacada, dando a ele algo pelo qual se gabar. Tenho de agradecer à rudeza de Licínio Luculo, uma natureza que permitiu que ele não tivesse consideração nenhuma pelo Senado quando me apresentei voluntariamente para a Espanha e consegui que adiassem minha nomeação à Macedônia. Mas também sei como isso funciona em Roma. Licínio Luculo é cônsul, mas apenas por um ano. Ele é um *novus homo*, um novo homem de uma família desconhecida. Já foi colocado em prisão domiciliar pelos tribunos por sua mão pesada no recrutamento para sua legião em Roma, e agora contraria instruções expressas do Senado ao reacender a guerra, quando devia apenas vir aqui estabelecer uma guarnição. Tenho de ser grato a Licínio Luculo e a sua guerra por dar minha primeira nomeação em campo desde Pidna. Mas um Licínio Luculo não é patrono para um Cipião. Nunca ascendi acima de tribuno militar, e daqui a um ano estarei recapitulando uma carreira militar que

não seria digna da inveja de ninguém, uma promessa não cumprida.

— E o que fará? — perguntou Ênio.

Cipião fez uma pausa antes de responder.

— Sempre me lembro das palavras de meu pai. O único caminho verdadeiro para a glória é por seus próprios feitos no campo de batalha, como guerreiro e como líder de homens, e só esses feitos lhes garantirão sua reputação. Conquistarei a estima de meus homens e a confiança de meus inimigos. Se houver um futuro para Cipião Emiliano, será conquistado por sua reputação e por sua *fides*, sua palavra de honra.

Ênio o olhou, depois apontou as muralhas com a cabeça.

— Levará uma força de assalto pela brecha?

— Temos cinco horas até o poente, então chegará a legião. Os celtiberos estão sempre atentos, mas não estarão esperando um ataque tão tarde. Quando estaremos prontos?

Ênio o olhou atentamente.

— Temos quinhentos homens esperando por cada palavra sua. Estão ansiosos para ir. Podemos lançar um ataque dentro de uma hora.

Cipião assentiu, então olhou para Quinto. Sua expressão era tensa, e ele tinha fogo nos olhos.

— Encontre um pilo e afie sua lâmina. Vamos à guerra.

Quinto o saudou e saiu. Fábio se virou para Cipião.

— Deve saber que há insatisfação entre os centuriões.

Cipião o fitou.

— Fale com franqueza.

Fábio fez uma pausa.

— Trata-se de Licínio Luculo ser um *novus homo*. Esse é outro motivo pelo qual ele necessita oferecer pilhagens e sangue a seus homens. Eles sabem que ele veio do nada, que é um deles, que há duas gerações seus familiares eram açougueiros no Fórum Boário. Os legionários esperam que um dos seus ascenda ao posto de primipilo, mas não a comandante de exército. Ele é um demagogo, como um dos tribunos do povo em Roma, aproveitando-se desses homens como se ainda fossem os bandidos de rua indisciplinados que eram quando ele os cercou, e não legionários. Os legionários esperam que seus oficiais sejam patrícios com uma linhagem venerável de serviço militar em suas famílias, homens que liderarão a partir

do front. Licínio Luculo não é nenhuma dessas coisas. Você pode pensar que ainda precisa se provar digno de sua linhagem, Cipião, mas os centuriões experientes o seguirão em detrimento de Licínio Luculo, sempre.

Ênio falou em voz baixa.

— Guarde essas reflexões para si, Fábio. Cipião é apenas um tribuno, e temos um manípulo de quinhentos homens, a maioria de *fabri*. É aqui, diante das muralhas de Intercacia, que ele deve conquistar sua reputação, e não como um usurpador reagindo à insatisfação de alguns centuriões. Quando ele for legado, talvez, mas não agora. Roma o destruiria por infringir as regras.

— Não culpo Licínio Luculo por ordenar o recrutamento — disse Cipião pensativamente. — Ele foi punido porque conduziu o assunto como deve ser feito, sem favoritismo, e recusou-se a dispensar aqueles que ouviram promessas dos tribunos. Ele pode ser rude e um general fraco, mas não é corrupto. Os tribunos do povo tratam Licínio Luculo com severidade porque ele é um *novus homo*, um deles, um homem de origens plebeias que renegou suas raízes e almejou se tornar patrício. Não o culpo tampouco por isso. Mas o culpo por induzir os homens a se alistarem oferecendo-lhes recompensas, e por trazê-los até aqui sem treinamento básico. Como não houve outra guerra desde Pidna, a maior parte dos veteranos existentes já estava com o exército na Espanha, e essa nova legião é compreendida quase inteiramente por homens não versados na guerra, desprovidos de disciplina ou de habilidades, ou do ceticismo do veterano que recebe as promessas de pilhagens com cautela. — Cipião pôs a mão no ombro de Fábio. — Nosso tempo para coisas maiores virá, Fábio. Até lá, devo mostrar minha lealdade para com meu general. E, por ora, temos outros *oppida* a tomar.

Quinze minutos depois, eles subiam um caminho acidentado onde fragmentos maiores de pedras caídas da brecha tinham sido afastados pelos elefantes. No alto, os dois sentinelas junto à muralha se puseram de lado e olharam pela abertura. Bem à frente havia uma grande área aberta, sem vegetação ereta e marcada por poças de lama, ocupando talvez um terço do espaço dentro das muralhas externas do *oppidum*. Para além dali, havia uma muralha interna, construída com pedras irregulares como as da muralha onde estavam em pé e cercada por uma paliçada de madeira que ainda sobrevivia em certos lugares em sua altura original, com uma torre de observação parcialmente queimada ainda intacta acima da entrada. Pelos espaços calcinados da paliçada, criados pelas bolas de fogo de Ênio, eles viam as casas rudimentares dos celtiberos, de telhado de palha e circulares como as antigas

cabanas de Rômulo no Monte Palatino em Roma. Fábio virou-se para o optio encarregado do destacamento de sentinela, o veterano grisalho com apenas uma orelha que ele pensou ter reconhecido de uma convocação de jovens recrutas anos antes em Pidna.

— Quantos calcula que ainda estão lá dentro?

O optio olhou a paliçada.

— Talvez duas centenas de guerreiros e o mesmo número de civis, a maioria mulheres e crianças. Mas o número cai a cada hora. Dê uma olhada naquela pequena procissão à esquerda.

Fábio seguiu o olhar do outro até uma pequena abertura no muro interno, cerca de cinquenta pés à esquerda da entrada, abaixo da torre. No terreno aberto à frente havia um fogo que bruxuleava baixo, e ele percebeu que devia ser a origem do leve odor de carne queimada que vagava pela brecha na muralha. Ele distinguia várias figuras através da fumaça, arrastando algo para o fogo, e mais outros em volta, aparentemente correndo ao acaso de um lado a outro.

— É alguma espécie de ritual? — disse Fábio. — Um terreno sagrado?

— É sagrado, é bem verdade — disse o optio severamente. — Um dos prisioneiros disse que a área aberta diante de nós é usada para combates homem a homem entre guerreiros, para resolver disputas e selecionar o próximo chefe tribal. Mas o que ocorre ali agora é um ritual diferente.

Ênio olhava por um longo tubo com lentes de cristal em cada extremidade o qual Fábio se lembrava de tê-lo visto montando na academia. Ele o passou a Cipião, que estava equilibrado em uma pedra, e o apontou para o fogo e as pessoas, fechando um olho e semicerrando o outro pela lente.

— Por Júpiter — murmurou ele. Baixou a cabeça, depois passou o tubo a Fábio, que se apoiou na borda estilhaçada da abertura e olhou por ele.

A imagem oscilava, distorcida, borrada nas bordas com explosões de cores, como um arco-íris entrando e saindo de foco, mas depois de alguns instantes ele percebeu que o centro da lente não era distorcido e fixou o olho na visão, ampliada quatro ou cinco vezes em relação à imagem que ele conseguia ver a olho nu.

O que ele viu foi o retrato do horror. As pessoas que iam ao fogo arrastavam corpos humanos, cobertos de lama, formas emagrecidas que mal podiam ser distinguidas dos vivos, vestidos apenas em trapos e com os cabelos longos e embaraçados. Uma vez perto da

fogueira, atiravam os corpos nas brasas e esperavam até que se incendiassem. Mas outros também estavam ali, rondando a pira feito abutres. Fábio viu um deles investir e puxar um cadáver, cortando-o freneticamente com um machado e se afastando, trôpego, segurando um braço, enterrando os dentes na carne. Aqueles que haviam trazido o cadáver correram atrás dele quando ele tentou fugir e o derrubaram, atacando-o na lama até que ficasse imóvel. Em torno da cena, Fábio via outros que haviam escapado com seu prêmio, agachados na lama feito cães, mordendo os nacos de carne desmembrada. Fábio baixou o tubo e o ofereceu ao optio, que balançou a cabeça.

— Estive vendo isso o dia todo — disse ele. — Não quero ver mais.

Ênio virou-se para Cipião.

— Podemos dizer o quanto gostamos de sujeitar uma cidade pela fome, traçando linhas de batalha na areia e empurrando soldados de brinquedo por paisagens modelo na academia. Mas esta é a realidade. Podemos deixar que a fome vença a guerra por nós, mas não há honra em assistir a um povo orgulhoso reduzido a isto.

Cipião se ergueu, de joelhos, expondo o corpo pela brecha por um instante. Uma flecha passou sibilando de repente e bateu em sua couraça, dando cambalhotas para longe. Todos se abaixaram atrás da linha da muralha, e Cipião olhou a marca onde a flecha havia batido em seu peito. Ele olhou para Fábio, depois para Ênio.

— Muito bem. Já vi o bastante. Com os seus *fabri* e a minha centúria, teremos trezentos homens para romper por esta brecha. Entraremos em formação naquele espaço aberto e desafiaremos seus guerreiros a saírem e nos encontrarem. — Ele se virou para o optio. — O que me diz, legionário? Seus homens estão prontos?

— Aguardamos seu comando — grunhiu o homem, puxando parte da espada da bainha. — Acabemos com isto.

12

Meia hora depois, a força de assalto romana se alinhava por dentro da muralha, cerca de quatrocentos homens distribuídos em três filas que se estendiam por um trecho de cerca de 500 jardas. Cipião e Fábio estavam algumas jardas à frente da fila, ao lado do primipilo dos *fabri*, enquanto Ênio permanecia junto a uma reserva de cem homens na muralha, de onde também podia ver seu acampamento e orientar o fogo de sua única catapulta.

O plano de montar um assalto preventivo fora frustrado pelos celtiberos, que claramente estavam observando com atenção e arremeteram de sua paliçada assim que viram os legionários entrarem em formação. Agora estavam ali, talvez trezentos deles, berrando em desafio, gritos penetrantes e solitários que se elevavam constantemente a um só urro, uma linha irregular a cerca de mil pés dos romanos, em um campo que caía das duas fileiras de soldados a um leve declive para uma faixa de terreno plano no centro, a cerca de quinhentos pés de onde Fábio se encontrava.

Ele sentiu o cabo de sua espada pesando na mão. Ele e Cipião viram o sangue celtibero pela primeira vez nas lâminas de suas espadas uma semana antes, quando investiram pela brecha e tomaram a muralha. Agora sua adrenalina disparava novamente, e ele ansiava por mais. *Chegou a hora*.

Cipião virou-se para o primipilo, depois para Fábio. Ergueu a espada, e a boca se abriu em um rosnado. Por alguns segundos, Fábio só conseguiu escutar o martelar do sangue nos ouvidos, e então arremeteu, correndo com a maior rapidez possível para os celtiberos, de espada erguida, gritando a todo volume.

Agora ele via o meio do campo com mais clareza, uma faixa de terreno plano de cerca de trinta pés de largura, aonde duas encostas convergiam. Havia poças de água parada criadas pelas chuvas recentes e trechos de terreno manchados pela lama. Era um aspecto natural, uma área pantanosa que normalmente estaria coberta de relva, mas algo que poderia ter sido protegido e mantido para dar a ilusão de terreno firme e contínuo. Naquele instante Fábio percebeu que havia alguma coisa errada. *Era uma armadilha*. Os celtiberos podiam estar reduzidos pela fome e pela exaustão, mas o que parecia um ataque desesperado e desorganizado na realidade era um truque, ludibriando os romanos a pensar que podiam encontrar os celtiberos na metade do caminho e destruí-los facilmente. Eles estavam sendo atraídos para um massacre, assim como ele e Cipião uma vez conduziram um búfalo enfurecido para um leito de rio seco e fundo lodoso, deixando o animal atolado

chafurdando, uma presa fácil para suas lanças. Se continuassem sem controle, os legionários atolariam da mesma maneira, lançados em uma confusão, distraídos pela necessidade de ficar de pé, momento em que tirariam os olhos do inimigo e os celtiberos teriam uma vantagem.

Fábio sabia que o chefe celtibero os estaria observando com olhos de águia; se Fábio tentasse deter os legionários agora, mostrando que tinha visto a armadilha, o chefe tribal também interromperia o ímpeto da própria investida. Mas Fábio podia fazer o jogo deles: iria levá-los a pensar que os romanos seguiam diretamente para o lamaçal, ignorando seus perigos. Ele correu mais à frente, com a maior rapidez possível, de espada bem erguida. Tudo parecia estar acontecendo lentamente. Os celtiberos pareciam uma maré alta e espumante descendo a encosta, agitando espadas e braços, espirrando a água lamacenta no alto, como um chuvisco salpicando a crista de uma onda furiosa. Agora Fábio estava a menos de cem pés da lama e contava os segundos. *Um. Dois. Três.* Parou subitamente e se virou, cambaleando de lado para recuperar o equilíbrio, e berrou a plenos pulmões:

— *Alto. Manter posição*!

O primipilo dos *fabri* viu, entendeu e repetiu o comando, que foi transmitido pela linha de centuriões e optios de cada lado. Em poucos segundos, toda a força romana tinha estacado, em terreno firme, bem na beira do lamaçal.

Os centuriões berraram outra ordem:

— Posição *defensiva*.

Os homens à frente se agacharam e colocaram a base dos *pila* no chão, virando-os para o inimigo e agarrando-se firmemente a essas lanças romanas com as mãos. Entre eles, a linha seguinte de homens mantinha seus *pila* na horizontal, aproximando-se para formar um paredão eriçado de lanças, de pernas entreabertas e flexionadas para resistir ao ataque iminente. Atrás deles, a terceira linha permanecia de pé, com os *pila* posicionados para o arremesso e as espadas em riste, prontos para cortar qualquer um que conseguisse passar.

Cipião alcançou Fábio, então os dois ficaram à cabeceira da linha, ofegantes, com todos os músculos do corpo tensos, segurando as espadas firmemente. O cálculo de Fábio tinha funcionado: era tarde demais para os celtiberos pararem. Seus chefes só podiam incitar os homens a avançar ainda mais, aumentar o ímpeto do ataque para que conseguissem passar pelo lamaçal antes que atolassem.

Os centuriões berraram novamente:

— *Firmes! Manter posição*!

As linhas de *pila* pareceram estremecer em uníssono, abaladas pela aproximação ameaçadora do inimigo. Um ou outro guerreiro agora se distinguia com mais clareza enquanto descia a encosta, os mais rápidos correndo à frente, gritando e agitando os escudos, depois os descartando para correr a passo ainda mais acelerado. Alguns usavam antigos capacetes corintos e couraças romanas tomados de batalhas passadas, outros, nada mais do que a túnica de lã áspera. Mas todos portavam dardos ou a espada curva de dois gumes celtibera. Os gritos e berros tornaram-se um urro constante novamente, golpeando os ouvidos de Fábio, e, enquanto se aproximavam da lama, ele sentia um frio no rosto, como se o deus da guerra estivesse correndo pelo pântano em sua biga, roçando neles o vento frio da morte.

Fábio mal conseguia respirar. Segurou a espada com a maior firmeza possível, tentando manter o controle. E então o primeiro guerreiro voou para a lama, escorregou e investiu loucamente, correndo para um dos *pila* a poucos pés à esquerda de Fábio, quebrando-a quando a ponta passou por seu pescoço e caindo em meio a um borrifo de sangue. Outro o seguiu, e mais outro, cada um deles lancetado e golpeado até a morte pela linha de legionários da retaguarda. Um dardo errou Cipião por pouco, mas pegou a parte superior da coxa do primipilo, cortando a artéria e fazendo o sangue esguichar em uma fonte pulsante, ensopando Cipião e Fábio. O primipilo caiu com um grunhido, a mão apertando a ferida, e seu lugar foi tomado pelo segundo centurião da coorte, que se virou e berrou para a linha de legionários da retaguarda:

— *Preparem-se com seus* pila.

Ele viu a massa principal de celtiberos chegar à lama e berrou novamente:

— *Lancem*.

Os *pila* zuniram pelo ar acima de Fábio como flechas, algumas sendo rechaçadas por armaduras, outras encontrando seu alvo, derrubando dezenas de guerreiros em uma massa confusa na qual os muitos que vinham atrás tropeçavam. Toda a massa pareceu deslizar para a frente, pela lama, e se espremer na linha romana, os guerreiros contorcendo-se e gritando enquanto os legionários golpeavam mortalmente qualquer um que não tivesse sido morto pelos *pila* da linha de frente.

Fábio sentiu o coração disparar. Era chegada a hora de avançar. Cipião rugiu e mergulhou no atoleiro. As duas linhas de frente de legionários baixaram os *pila* e o

seguiram, com espadas em riste. Depois Fábio também seguiu para o pântano, arrastando-se adiante com lama até os joelhos, golpeando e apunhalando. Um celtibero de cabelos ruivos trançados voou para ele assim que Fábio retirou a espada de um corpo, e ele deu um golpe ascendente com toda sua força, pegando o homem sob o queixo e cortando toda sua mandíbula até a testa, deixando um montinho de sangue, muco e cérebro onde antes estivera seu rosto. O homem caiu com um grito, e Fábio avançou, cravando a espada na cabeça de outro homem, depois cortando um pescoço exposto com a ponta, as jugulares explodindo em uma cortina de sangue, borrifado em seu rosto e nos olhos. Ele piscou intensamente, golpeando a espada às cegas, e quando sua visão clareou viu que os legionários já haviam avançado, atrás de Cipião, que seguia pelo pântano de lama e sangue em direção à encosta distante.

De repente uma trombeta soou, grave e ressonante, não romana, mas de algum lugar nas linhas celtiberas. O guerreiro que Fábio estivera perseguindo bateu em retirada rapidamente, e ele viu outros fazerem o mesmo, à direita e à esquerda. Os legionários que haviam avançado para combater o inimigo cambalearam, ofegantes, olhando os celtiberos em retirada, alguns com a cara vermelha e cuspindo, outros pálidos devido ao choque do combate. Havia durado apenas alguns minutos, mas dezenas de corpos jaziam amontoados na lama, a maioria de celtiberos, embora fosse possível ver entre eles o brilho de uma armadura romana aqui e ali. Fábio tateou a mão esquerda, percebendo pela primeira vez que havia um corte de espada, e então levantou a cabeça. Os centuriões berravam pela linha, ordenando que os homens voltassem para terreno firme e que aqueles que tinham ficado na linha se aprumassem e pegassem seus *pila* mais uma vez, de prontidão para outra investida.

Mas, em vez disso, um único guerreiro veio avançando, um velho de cabelos compridos e raiados de cinza que ainda não tinha participado do combate, com armadura e armas ainda reluzentes e limpas. Usava uma couraça musculosa que parecia etrusca, e seu capacete era como um dos gregos que Fábio vira entalhado no Parthenon, em Atenas. Ele se lembrou de que muitos celtiberos haviam servido como mercenários em épocas de paz em sua terra, lutando por Cartago na última guerra, e que as cicatrizes de batalha e as armaduras saqueadas foram o único pagamento que quiseram. Aquele homem não tinha idade suficiente para ter servido a Cartago, mas poderia ter estado entre os mercenários no lado macedônio em Pidna. A órbita de seu olho esquerdo era vazia, e ele tinha um vergão claro no rosto, provavelmente provocado por um golpe selvagem décadas antes, quando era jovem. Atrás dele, um rapaz magricela portava o grande chifre curvo de touro que havia

sinalizado a retirada. Fábio percebeu que o homem devia ser o chefe tribal. Ele parou à beira da lama, resplandecente na armadura, os pés plantados em desafio, olhando para os romanos e concentrando-se em Cipião, que estava de pé, pingando lama, a uma curta distância, observando-o atentamente.

O homem apontou para ele.

— Você é Cipião — berrou com a voz rouca, falando em latim com sotaque acentuado. — Meu avô combateu um Cipião em Canas, e agora lutarei contra um Cipião em Intercacia.

— Desafia-me? — berrou também Cipião em resposta.

— Sob meu comando, meus guerreiros voltarão e lutarão até a morte, e muitos outros romanos morrerão. Ou a contenda pode terminar com um único combate.

— Quais são suas condições?

— Que meus homens possam baixar as armas e sair livres, que as mulheres e crianças de Intercacia não sejam molestadas e as casas que restam não sejam queimadas. E que eles sejam alimentados. Eu soube que a palavra de um Cipião é uma palavra de honra. Assim é?

Cipião semicerrou os olhos para ele.

— Assim é.

— Então tenho sua palavra?

— Eu lhe dou minha palavra.

— Assim, que comece o combate. — Ele largou o escudo, cravou a espada no chão e retirou o capacete, pegou uma correia estendida a ele pelo menino e prendeu os cabelos. O rapaz desamarrou sua couraça e a tirou.

Ele usava apenas seu kilt, revelando o tronco que antigamente era bem musculoso, mas agora mostrava a idade, as cicatrizes de muitas guerras destacando-se como vergões vermelhos na pele clara. Cipião tirou a própria armadura enquanto o chefe pegava a espada e mancava pela lama, arrastando uma perna. Fábio entendia por que o homem não havia se juntado antes à luta: teria achado praticamente impossível permanecer de pé. Enquanto seus guerreiros se fechavam em um semicírculo atrás deles, Fábio sentiu que já haviam feito aquilo antes, assistindo a duelos pela honra, por mulheres e pelo poder naquele mesmo lugar, contendas das quais o chefe tribal, em seus anos de juventude, sem dúvida nenhuma se saíra muitas vezes vitorioso. Dessa vez seria diferente. O combate contra Cipião só podia ter um resultado, e todos sabiam qual era. As condições nem mesmo consideravam a vitória

do chefe, e, se chegasse a tal ponto, ele mesmo não poderia dar um golpe mortal em Cipião. Se o fizesse, resultaria apenas em um ataque por parte dos soldados romanos, que causariam um alvoroço e massacrariam o povo celtibero, cujo futuro, portanto, dependia da sobrevivência de Cipião e do cumprimento de sua promessa. O chefe tribal estava se sacrificando por suas mulheres e crianças, de uma forma consagrada que também deixaria seus guerreiros satisfeitos por a honra ter sido feita e seus rituais, observados.

Fábio virou-se e olhou para Cipião, seu tronco endurecido e a espada preparada ao lado, a expressão severa e sem emoção. Ele era capaz de adivinhar os pensamentos que passavam pela mente do outro. Quando meninos, sonhavam com as guerras como contendas gloriosas, como batalhas entre exércitos e guerreiros em que os melhores combates eram aqueles travados de igual para igual, não só pela glória e por Roma, mas como testes de virilidade em que o vitorioso podia sair enaltecido por matar um oponente que poderia ter vencido facilmente. Porém a realidade da guerra raras vezes era assim. Era desigual e desorganizada. Podia haver honra na palavra de Cipião, em sua *fides*, mas não haveria glória para ele naquele combate. Cipião estava fazendo o necessário para permitir que os guerreiros inimigos saíssem com dignidade, uma decisão que podia aumentar a probabilidade de se tornarem aliados de Roma no futuro e salvar seus legionários da morte desnecessária. Mas isso seria pouco mais do que uma execução, o destino do chefe tribal tão certo como as mortes dos desertores que eles viram ser atacados pelos leões nos jogos triunfais depois da Batalha de Pidna. Após anos ansiando para voltar à guerra, Cipião via um fim horrível, e Fábio sabia que ele estaria endurecendo para demonstrar a completa determinação no que precisava fazer.

Ele sabia que Cipião não fingiria a luta, que respeitaria o orgulho do velho guerreiro, lutando contra ele de homem para homem com toda sua força pelo tempo que durasse. O chefe mancou na lama e parou a pouca distância de Cipião, de pernas separadas e a espada estendida diante de si, segura por ambas as mãos, a lâmina voltada para baixo. Cipião assentiu e de repente o homem lançou a espada como uma foice em seu peito, cortando a pele e fazendo-o cair para trás, cambaleando um pouco. O homem ainda tinha força nos braços e habilidades de uma vida inteira com a espada celtibera, sua lâmina mais longa do que o gládio romano, porém menos versátil em combates corpo a corpo. Seu ponto fraco estava na pouca mobilidade, e Cipião precisaria contorná-lo e passar sob o arco da lâmina, esquivando-se dela e atacando. Cipião avançou, dessa vez agachando-se com a espada preparada, erguendo-a apenas a tempo de aparar outro golpe cruel do chefe que quase

derrubou seu gládio. Ele recuou novamente e se agachou ainda mais, disparando de lado repentinamente e pegando o chefe desequilibrado enquanto tentava girar o corpo para confrontá-lo. Cipião investiu com rapidez e passou a espada com força na perna saudável do homem, afastando-a da panturrilha a tempo de evitar outro golpe. O homem vacilou, praticamente caindo, a lama abaixo dele brilhando de sangue fresco do ferimento, fumegando no chão frio.

O chefe mostrara habilidade e coragem diante de seus guerreiros, mas agora não esperariam mais nada. No golpe seguinte, Cipião aparou a lâmina, desviando-a, depois saltou, e dessa vez cravou a própria espada no abdome do homem, atravessando-lhe o corpo até chegar no punho e prendendo-o junto a si, oscilando com ele na lama. O chefe vomitou uma bile amarela manchada de sangue, então Cipião o empurrou para trás e moveu a espada para cima e para baixo, abrindo um corte imenso da pélvis do homem até a caixa torácica. Retirou a espada, e o chefe tribal caiu de costas, cambaleando e se contorcendo. Com isso o corte se abriu e seus intestinos se derramaram, azulados, vermelhos e fumegantes, pingando sangue. Ele baixou a cabeça com seu único olho, o rosto branco como um lençol, a expressão de quem não compreendia nada. Seus intestinos caíram em alças no chão, e ele tropeçou, estatelou-se de frente e se ergueu de joelhos, pegando-os em meio à lama, tentando recolocá-los no lugar.

Fábio olhou para Cipião. Era hora de acabar com aquilo. Cipião baixou a espada e se pôs sobre as costas do chefe, achatando-o e o prendendo ali, empurrando sua cabeça para a lama fluida. O homem tossiu e balbuciou, arqueando o corpo subitamente em uma última exibição de força, tirando o equilíbrio de Cipião e levantando-se, trôpego, de braços estendidos e cabeça erguida, berrando algo para o céu. Ele viu sua espada na lama e cambaleou para ela, arrastando as entranhas consigo. Cipião saltou novamente e o derrubou, dessa vez sem tentar afogá-lo, mas segurando sua cabeça firmemente em uma chave de braço. O homem entendeu o que ele tentava fazer e resistiu, seu pescoço e a cabeça rígidos contra a pressão. Depois cedeu, sua energia esgotada. Naquele instante, Cipião torceu a cabeça do outro rapidamente e o corpo ficou flácido. Cipião puxou a cabeça do chefe tribal pelos cabelos, voltou a se ajoelhar e a cortou com um único golpe de espada, segurando-o no alto por um momento para que todos vissem, largando-a na lama em seguida.

Fábio estava tonto, como se tivesse se esquecido de respirar. Ele relaxou, depois inspirou profundamente. *Acabou*.

Cipião se colocou de joelhos, depois de pé, cambaleando para trás e quase caindo

novamente. Estava coberto de sangue da cabeça aos pés. Estendeu a mão a uma poça de lama ao lado do corpo do chefe tribal e lavou a cara, depois pegou um tecido atirado a ele por um dos *fabri*. Limpou os olhos e se virou de frente para os guerreiros celtiberos que ainda estavam em semicírculo, em silêncio, olhando. Por alguns momentos nada aconteceu, e Fábio deixou que a mão caísse no punho da espada novamente. Em seguida os guerreiros começaram a baixar as armas e a se virar para a colina, onde a entrada para a paliçada estava aberta e as mulheres e crianças saíam, também testemunhas do combate. Cipião ficou onde estava até o último deles deixar o local, depois se virou e saiu da lama, chapinhando e escorregando até chegar a terreno firme. O legionário que tinha dado a ele o tecido entregou-lhe um odre de vinho, ele o virou e bebeu, grato, depois fechou os olhos enquanto despejava vinho no rosto e no pescoço, deixando que pingasse no chão. Enxugou a cara novamente, devolveu o odre e olhou para Fábio. Seus olhos estavam duros, ardiam de fervor. Ele passou os olhos pelos legionários e ergueu o braço direito.

— Homens, aproximem-se. — Os legionários chegaram mais perto, formando uma roda em torno dele, várias centenas de homens exaustos e sujos de lama.

Dentro do espaço, o segundo centurião estava recurvado sobre o corpo do primipilo, cruzando sua espada no peito deste. Fábio o encarou, a mente vazia. Haviam se passado menos de quinze minutos desde que o primipilo tinha levado o golpe de dardo na perna, porém parecia pertencer a um passado distante demais para ser lembrado.

Cipião os saudou com a mão erguida.

— Hoje vocês travaram um duro combate com honra, contra um inimigo digno que será honrado na derrota, permitindo-se que os guerreiros sobreviventes voltem ilesos a suas famílias. — Ele se virou para o corpo no chão e para o segundo centurião. — Ao primipilo, *ave atque vale*. Ao novo primipilo, você é um sucessor digno. A todos que tombaram aqui hoje, nós nos encontraremos novamente no Elísio. — Ele se virou para Fábio e colocou a mão ensanguentada em seu ombro, os olhos faiscando. — Legionário Fábio Petrônio Segundo, você conquistou a insígnia de um centurião. Como comandante de nossa força, Ênio deveria promovê-lo, mas ele estava observando das muralhas e terá visto você em ação neste dia. Ao localizar o perigo e impedir nosso avanço, como fez, você venceu a batalha para nós e salvou a vida de muitos romanos.

Ouviu-se o grito de aprovação dos legionários. Fábio virou-se para Cipião.

— Você conquistou a estima de seus homens, Cipião Emiliano. Nenhum legionário se esquece do comandante que luta contra um chefe inimigo em combate homem a homem.

Cipião enxugou a boca com as costas da mão e olhou os legionários reunidos.

— Um dia, em breve, poderei liderar um exército. Vocês, homens, serão minha guarda pessoal? Não posso lhes prometer pilhagens. Mas posso prometer glória. E para aqueles que são *fabri*, posso prometer muita escavação, construção e trabalhos de cerco.

O novo primipilo colocou-se em posição de sentido.

— Conhecemos seu destino, Cipião Emiliano. Sabemos onde liderará seu exército. E o seguiremos a qualquer parte, neste mundo ou no próximo.

Cipião assentiu e deu um tapinha no ombro dele também.

— Que bom. E agora creio que há uma carroça de vinho falerno lá embaixo, enviada antes de a legião para estar pronta para o estado-maior de Licínio Luculo. Creio que descobrirão que a carroça sofreu um acidente e as ânforas se quebraram, não acham? Mas tratem de diluir com muita água do rio. Precisamos manter a mente lúcida para os ritos funerários de nossos companheiros abatidos em luta e para construir uma pira alta o suficiente para mandá-los a seu lugar de direito junto ao próprio deus da guerra. Só então, quando o fogo estiver aceso, poderemos deixar que o vinho corra livremente e relaxaremos.

13

Vinte minutos depois, Cipião estava diante de Ênio, que descera de seu posto nas muralhas e se dirigia a ele.

— Sou o único oficial com a patente de tribuno que viu o que você fez hoje. Eu o recomendarei à *spolia opima*, por derrotar um líder inimigo em combate corpo a corpo. Você deve tirar a armadura de seu adversário e prender a um carvalho, depois levar a Roma e dedicar no templo de Júpiter Ferétrio. Você será apenas o quarto na história romana a receber tal honra, como Rômulo recebeu por derrotar Acro depois do rapto das sabinas. Será o maior herói vivo de Roma. Sua reputação militar estará garantida.

Cipião colocou a mão ensanguentada no ombro de Ênio, curvando-se para ele e respirando com dificuldade. Limpou a lama e a saliva da boca com a outra mão, depois o rechaçou, virando-se e olhando o corpo do chefe tribal.

— Lembra-se do que Aquiles fez em Troia? Ele despiu Heitor caído e arrastou o corpo pelas muralhas, provocando o inimigo e afligindo a esposa e os filhos de Heitor. E então, apenas dias depois, o próprio Aquiles estava morto, tombado por uma flecha no calcanhar, o único lugar onde era mortal. É uma alegoria, ou assim me disse Políbio. Aquiles deixou que o orgulho e a exaltação o dominassem e se esqueceu de proteger seu ponto vulnerável, assim como Ícaro voou perto demais do sol e a cera de suas asas derreteu. — Ele enxugou o rosto novamente, depois se aprumou, olhando o círculo de soldados romanos que estiveram assistindo ao combate, e os celtiberos restantes do outro lado. — Receberei a *corona muralis* por ser o primeiro nas muralhas de Intercacia no assalto ao *oppidum* na semana passada. Receber a *spolia opima* no dia do triunfo de Licínio Luculo em Roma seria eclipsar sua glória e angariaria a mim desconfiança e inveja que poderiam se tornar vantajosas nas mãos de Metelo e seus seguidores, aqueles que nunca me veriam comandar uma legião. Hoje, há muitos entre os legionários que travaram as próprias batalhas dignas da *spolia opima*. Pouco me importa a estima de Roma, mas importa-me muito a estima desses legionários. Você e sua coorte de *fabri* formarão a essência do exército que um dia liderarei. Quando seus homens avançarem para a batalha, sempre se lembrarão desse dia diante das muralhas de Intercacia. Essa será minha recompensa.

Ele voltou ao corpo do chefe tribal, pegou a espada e a colocou junto dele. Arriou-se em um joelho, na lama, e baixou a cabeça brevemente, depois se levantou. Uma mulher de cabelos desgrenhados apareceu com duas crianças pequenas à beira da lama, seguindo para o

corpo. Cipião voltou e se colocou novamente ao lado de Ênio.

— Mande o optio soar a retirada. Daremos a eles tempo para homenagear e queimar seus mortos. Ordene ao intendente que traga duas carroças de grãos e deixe na entrada de sua paliçada. Este povo sabe que está derrotado. Mas se confiam em minha palavra, devem saber que sou magnânimo na vitória. Cumprirei a palavra que dei ao chefe.

— Alguns guerreiros sobreviventes se matarão. Já vimos isso ocorrer entre os celtiberos.

— Que assim seja. Eles combateram bem e merecem partir desta vida com honra. É melhor do que ser colocado na espada, como sem dúvida Licínio Luculo deseja fazer àqueles que se recusarem a se render, mesmo em cativeiro. Mas não são estes que levaremos a Roma. Queremos seus filhos, aqueles que podem ser treinados e nutridos para ser nossos aliados. — Ele olhou para a mulher e os meninos novamente. — Os filhos dela devem viver. Logo saberão do massacre em Coca. E não devem pensar que os legionários de Licínio Luculo terão rédeas soltas em seu *oppidum* e que sofrerão o mesmo destino.

— E por falar em Licínio Luculo, recebi a mensagem de que a legião está a menos de uma milha daqui. Ao cair da noite, chegarão ao acampamento. O que quer que eu faça?

— Pegue seus *fabri* e conserte a brecha na muralha. Ponha homens lá e na entrada do *oppidum*. Eles devem manter os homens da legião de fora e os celtiberos dentro dela. Depois que você vir o fogo das piras funerárias e souber que os celtiberos terminaram seus ritos, leve em marcha o restante de sua coorte para ocupar a cidade. Ninguém tem permissão para sair de seu posto até que a legião tenha partido.

— O que sabe dos planos de Licínio Luculo?

Cipião observou os legionários se afastarem das muralhas e voltarem à entrada do acampamento, e viu as outras mulheres celtiberas começarem a procurar pelos cadáveres de seus homens na lama. Não havia nenhum som, nenhum grito de lamentação, apenas o sussurro do vento sobre as muralhas e o crepitar distante do fogo das casas que ainda ardiam no *oppidum*. No campo de batalha, o calor subia dos corpos e se misturava à umidade do ar, formando uma névoa fina, flutuando alguns pés acima do chão, como se as almas dos mortos estivessem sendo arrancadas em um miasma espectral. Fábio viu Cipião encarando a cena atentamente, e então se virando para Ênio.

— Licínio Luculo reacendeu uma guerra que ainda ferverá por muito tempo no futuro, como aquelas brasas ardentes no *oppidum*, e só terminará quando a própria Numância cair. Se seus *fabri* não perceberam o que fizeram hoje, esta campanha poderia ter se estendido

como as outras, por meses, provavelmente anos. Mas agora que temos a Intercacia para somar à Coca, Licínio Luculo terá o que veio buscar. Tem vitórias suficientes para um triunfo.

— E você?

Cipião abriu um sorriso.

— Um rio para lavar a lama e o sangue, depois algum vinho e comida. Mas não neste lugar. Licínio Luculo enviou-me em uma missão e não quero que ele mude de ideia quando vir que terminamos o trabalho aqui por ele.

— Uma missão? Você ainda não me contou.

— Encontrar mais elefantes para esta campanha. Ele sabe de minha amizade com Gulussa e seu pai Massinissa. Ele pensa que o nome Cipião é mágico na África e que os elefantes surgirão das dunas de areia de Numídia assim que eu chegar. Quer cinquenta deles, elefantes que serão inúteis aqui se ele voltar para casa agora.

— Você pode enviá-los diretamente a Roma, para seu triunfo. Ele pode fingir que nossos três elefantes eram cinquenta, e que ele esteve à cabeceira deles.

— Ele pode atravessar os Alpes com eles, tal como Aníbal, que isso não me diz respeito. Com a queda de Intercacia e esta campanha encerrada, procurarei outra nomeação como enviado especial à Numídia. Há grandes coisas em ação na África. Políbio sugeriu isso seis anos atrás na Macedônia, quando era apenas um boato. Mas ontem recebi um recado de Gulussa. Os cartagineses estão se rearmando. Seu novo porto circular está concluído, e foram construídas galés nos estaleiros. Eles recrutaram mercenários da Gália e os mandaram às fronteiras do território cartaginês. É apenas uma questão de tempo até que tenham um embate com as forças de Massinissa. Se Roma der apoio e jogarmos nossas cartas corretamente, poderá ser o início do último confronto contra Cartago, o qual Catão reivindicava em Roma há duas gerações.

Ênio segurou a mão de Cipião, os tendões de seus braços duros e fortes.

— *Ave atque vale*, Cipião Emiliano Africano. Que a Fortuna sorria para você.

— Talvez agora eu possa ter direito a esse *agnomen*. Mas será necessário Marte Ultor, o deus da guerra, e não apenas Fortuna.

— Lembre-se do que nos ensinou Políbio. Não são os deuses que vencem as guerras, apenas os homens.

Cipião apontou o campo com a cabeça.

— Não apenas homens. Legionários romanos.

— Quando nos convocar, nós nos uniremos a você.

— Talvez não este ano, nem mesmo no seguinte. Mas será em breve. Posso sentir o cheiro, o odor de areias do deserto da África soprando para o norte, do mesmo jeito que sopravam nos tempos de meu avô. Haverá guerra novamente antes que você e eu estejamos velhos demais, e é essa guerra que está em nosso destino.

— Agora vá. Ouço o martelar da legião que se aproxima.

Cipião soltou a mão de Ênio, deu-lhe um tapa no ombro e se virou para Fábio.

— Uma galé ligeira espera por nós em Tarraco. Se cavalgarmos agora, chegaremos lá ao amanhecer e estaremos com Gulussa em quatro dias. Não temos tempo a perder.

Parte 5

África, 148 a.C.

14

Fábio e Cipião estavam no convés de uma pequena galé mercante na costa do Norte da África, sua única vela quadrada ondulando no alto. Remaram firme a manhã toda para se afastar o máximo possível da praia, revezando-se nos remos com a tripulação, a vela recolhida e o vento a estibordo. Mas então o capitão concluíra que já haviam se afastado o suficiente da baía para que não fossem soprados à margem antes de alcançar seu objetivo, e ordenou que estendessem a vela e virassem o timão a estibordo, levando os lemes a apontarem a proa para sudoeste e a embarcação a avançar pelas ondas rumo a terra firme com o vento em sua alheta de boreste. Fábio havia acabado de ajudar o timoneiro a empurrar o timão para a direita e amarrá-lo às amuradas, para contrabalançar a tendência da embarcação de correr a favor do vento. Eles ajustaram as cordas da vela para mantê-la no melhor ângulo, permitindo que se enchesse de vento sem deformar e se agitar, e para evitar que se enchesse demais e arriscasse a embarcação de virar.

Fábio transpirava ao sol e bebeu um gole de um odre de água. Desfrutara dos remos, empurrando com força enquanto a embarcação cortava as ondas em águas tranquilas, mas agora que estavam subindo e descendo a cada pico ele se sentia consideravelmente menos à vontade. Mal acreditava que estavam ao alcance da vista de Cartago, suas muralhas caiadas esparramando-se pela orla a menos de uma milha, elevando-se ao Monte Birsa com seu templo no centro. Ele sabia que devia ficar apreensivo, pesando suas chances de entrar e sair de lá vivo, porém, com o movimento da embarcação piorando em vez de melhorar, viu-se rezando pela terra, em qualquer lugar, quaisquer que fossem os perigos. O quanto antes chegassem melhor.

Ele olhou para Cipião, cujos pés estavam firmemente plantados no convés, oscilando com a embarcação e olhando para a frente. Deixara que o cabelo e a barba crescessem por vários meses antes daquela missão para parecer mais um mercador e menos um soldado romano disfarçado. Nos três anos desde que haviam partido da Espanha, suas feições tornaram-se mais delineadas e a pele mais escura e marcada pelo sol africano. Agora ele contava 37 anos, velho para ser tribuno, mas ainda saboreava a oportunidade que a patente lhe dava de liderar homens no front e sabia que suas chances de comandar uma legião aumentavam, caso o Senado finalmente fosse convencido a se envolver em uma guerra total. Foram três anos de trabalho árduo, de ações menores apoiando Gulussa e seus númidas nas margens do deserto, embates violentos contra patrulhas cartaginesas que exploravam constantemente a

área de vegetação rasteira, pressionando as fronteiras que tinham sido acordadas por tratado com Roma mais de cinquenta anos antes. Seis meses atrás, Cipião e Gulussa começaram a sentir que havia algo maior em ação, um fluxo crescente de mercenários chegando ao front, provenientes do campo de treinamento cartaginês sob as muralhas da cidade, uma concentração de homens suficiente para forçar uma ruptura nas linhas. Eles sabiam que, caso isso acontecesse, pouco poderiam fazer para impedir e que a Numídia seria invadida. A missão proposta por Cipião era uma última tentativa de dar provas das intenções cartaginesas para que Políbio levasse a Roma e apresentasse ao Senado. Haveria aqueles que desconfiariam disso, sabendo da posição e das suspeitas exageradas de Cipião, mas sua reputação de *fides* seria suficiente para persuadir até os mais descrentes. Sua missão representava um risco imenso, no entanto era melhor do que morrer no deserto. Tudo dependia do que encontrassem no dia.

Fábio engoliu em seco, concentrando-se no horizonte, conforme o capitão havia instruído quando notara seu desconforto, examinando a costa ao sul. Atrás deles ficava Bou Kornine, a montanha cujos picos gêmeos tinham a forma de chifres de touro e que era um sinalizador para a navegação desde os tempos em que os fenícios tinham chegado ali, séculos atrás. Na orla, abaixo das encostas, ficava o acampamento romano, seu ponto de embarque na noite anterior. O local de desembarque na praia, de alguns anos atrás, era agora um entreposto semipermanente, com centenas de novas tropas passando por ali a cada semana a caminho do reforço às forças númidas ao sul. O que tinha começado como uma missão secreta de conselheiros e treinadores, de homens experientes da Macedônia e da Espanha tornara-se uma força expedicionária na região em seus primeiros embates contra a vanguarda do exército inimigo, com coortes de mercenários enviados para explorar os pontos fracos pelas linhas númidas. Nenhum dos dois lados estava preparado ainda para uma guerra plena. Os cartagineses estavam meramente ocupando território reclamado, deles por direito, e os romanos estavam vindo em auxílio a seus aliados númidas, a quem estavam ligados por tratados. Mas Fábio lembrou-se do que Políbio dissera na academia: que todas as fronteiras maldefinidas eram os pontos de deflagração mais prováveis para uma guerra, e um exemplo era o antigo território cartaginês cedido a Massinissa após a derrota de Aníbal. Algo estava prestes a estourar, quando Asdrúbal estivesse pronto para uma batalha total e quando Roma se dispusesse a se envolver no último estágio de uma guerra que fora predestinada todos aqueles anos antes, quando Cipião Africano fora obrigado pelo Senado a poupar Aníbal depois de sua derrota em Zama e permitira que Cartago escapasse da destruição definitiva.

Ele pensou em Asdrúbal, um homem que poucos do lado romano tinham visto, o qual havia se elevado ao poder detrás das muralhas de Cartago depois que a cidade se fechou para os visitantes indesejados. Diziam que era monstruoso, um touro de homem que usava uma pele de leão e fingia rugir como uma fera, embora demonstrasse carinho para com sua jovem e bela esposa e seus filhos, regalando-os com presentes tirados dos espólios das guerras cartaginesas anteriores contra as ricas cidades gregas da Sicília. Havia alguns dentro do Senado, inimigos de Catão, que criticavam Asdrúbal, pintando-o como um fanfarrão cabeça-oca, mas Cipião era esperto demais para menosprezar um sujeito que um dia poderia encará-lo em batalha. Asdrúbal se mostrara impetuoso, arrogante, um apostador disposto a correr riscos que poderiam sugerir um pendor à autodestruição, porém mais frequentemente, em seus confrontos com a cavalaria de Gulussa e com seus conselheiros romanos, ele se provara um estrategista hábil e implacável. O amigo deles, Terêncio, o dramaturgo que passara a infância em Cartago, dissera que Asdrúbal se gabava por ser da mesma linhagem do grande Aníbal em pessoa, um legado que Cipião sabia não poder se dar ao luxo de ignorar; Cipião sabia quanta força e quanto senso de propósito ele mesmo tinha ganhado com o próprio legado de Cipião Africano, arquirrival de Aníbal, e como qualquer conflito iminente com Asdrúbal deveria ser encarado seriamente.

Fábio tinha andado bem inquieto nos últimos meses, no limbo de uma guerra que não existia oficialmente, mas ele e Cipião estavam prestes a entrar em um mundo ainda mais turvo, tomando os caminhos da espionagem e do subterfúgio que eram domínio de Políbio e seus agentes. Eles tinham retirado a armadura para viajar com um mercador de vinho italiano e seu criado, e Fábio se sentia pouco à vontade e exposto sem suas armas. Cipião passou horas naquela noite discutindo Cartago com o *kybernetes*, o capitão da embarcação, um grego aqueu dos livros de Políbio que oferecera seu navio para a missão, e eles revisaram a topografia da cidade repetidas vezes. Fábio se lembrou do modelo de Cartago construído por Cipião Africano no *tablinum* de sua casa no Palatino e das histórias contadas pelos escravos, de como o velho costumava se retirar para seus aposentos e ruminar sobre o assunto. O jovem Cipião Emiliano também ia para lá, convidando o amigo Terêncio, o dramaturgo, a meditar com ele. Quando Cipião frequentava a academia, ele conhecia a região como a palma de sua mão. Terêncio havia demolido a antiga estrutura do porto e um arco de habitações em volta do Birsa, a acrópole de Cartago, dizendo que novos prédios secretos estavam sendo construídos nos dois lugares. Era o que Fábio e Cipião estavam prestes a descobrir, além do que mais pudessem descobrir sobre as intenções cartaginesas. Cipião estava convencido de que havia mais no rearmamento de Cartago do que a

provocação de Asdrúbal, de que sua beligerância era algo mais do que apenas a transformação da cidade em uma fortaleza condenada que venderia caro sua existência quando chegasse o momento.

Fábio engoliu em seco novamente, agora se sentindo gravemente nauseado, na esperança de não transparecer o quanto passava mal. Jamais gostara de travessias por mar, e aquele era o menor barco em que havia estado em mar aberto, balançando e oscilando como uma rolha. No momento, para ele, os cartagineses podiam ter todo o mar que quisessem. Os romanos podiam ter levado a melhor sobre eles em batalhas navais do passado, mas não eram de natureza marítima. E o único lugar adequado para um romano combater era em terra. Ele fechou os olhos, se arrependendo disso instantaneamente, depois proferiu uma pequena oração de graças por o *kybernetes* ter ordenado baixar a vela e tripular os remos. Eles agora estavam a menos de um *stade* de distância e manter a vela erguida teria sido se arriscar a serem levados para a praia. Haveria uma navegação espinhosa à frente para que pudessem passar com segurança pelo longo cais e chegassem à entrada do porto.

Ele olhou a fachada reluzente da cidade, protegendo os olhos do brilho do sol. Toda a orla norte tinha como fundo uma muralha defensiva de cerca de quinze pés de altura, diante da qual havia um amplo cais, à frente de uma linha contínua de escritórios e depósitos construídos junto à muralha. O cais era exposto demais para servir de doca, exceto para os barcos maiores, um dos quais era visível perto da extremidade oeste. A maioria das embarcações entrava em um complexo protegido a leste, onde as mercadorias eram descarregadas e transportadas a depósitos ao longo da orla em carros de boi e lombo de escravos. Um porto mais além, para embarcações com cargas de alto valor ou expedições comerciais controladas pelo estado, ficava em uma posição sem saída para o mar por trás, na qual se entrava por um canal ao sul, levando a um segundo porto com as mesmas características topográficas dos estaleiros. O canal para esses portos era fortemente guardado, e eles sabiam que não fazia sentido procurar ancoradouro ali sem atrair atenção indesejada. Em vez disso, o capitão ordenou ao timoneiro que conduzisse a embarcação para a extremidade leste do cais, mandando que os remadores travassem os remos quando se aproximassem e navegassem pelo restante do caminho usando a cinética resultante do esforço. Fábio e Cipião passaram à popa atrás do timoneiro, mantendo-se afastados enquanto ele empurrava o timão para virar o leme na direção que o capitão apontava de sua posição na proa, levando a embarcação habilidosamente ao porto externo.

Enquanto o ímpeto diminuía, a embarcação se aproximava de uma seção aberta do

embarcadouro, esbarrando nas redes de arbustos penduradas no cais para atenuar o impacto. O timoneiro puxou as cavilhas que travavam o leme rapidamente e empurrou o timão para a frente, erguendo os lemes à amurada para que não fossem danificados pelo cais ou por outras embarcações. Fábio o ajudou, empurrando o timão com força até que os remos ficassem na horizontal, mas Cipião continuou onde estava, sabendo que os oficiais de vigia podiam olhar com desconfiança um mercador ajudando um servo e a tripulação. O timoneiro e o capitão pegaram os cabos de amarração da proa e da popa e saltaram do barco, prendendo-os em alças reforçadas de pedra instaladas na lateral do cais. Deixaram alguma folga nas cordas, o suficiente para suportar a baixa de um ou dois pés na maré naquela época do mês, depois os marinheiros deitaram uma prancha da amurada ao cais, conduzindo Cipião e Fábio por ela. Fábio desembarcou pesadamente, feliz por estar em terra de novo, mas vacilando precariamente. Deu alguns passos pelo cais para conseguir que as pernas voltassem a funcionar, então parou e olhou em volta. Esqueceu-se do mar e sentiu-se tomado de empolgação. *Eles estavam em Cartago*.

Meia hora depois ainda estavam no cais, esperando que um mensageiro voltasse com a chancela de mercador que o capitão enviara como credenciais à autoridade portuária. Fábio e Cipião olhavam a paisagem, absorvendo cada detalhe discretamente. Centenas de ânforas de cerâmica estavam encostadas à sombra sob a muralha da cidade; escravos as pegavam pelo gargalo e pela base afunilada, carregando-as nos ombros para os depósitos e mercados ao longo do cais. Fábio via ânforas de azeite de oliva cartaginês — formas longas e cilíndricas, com pequenas alças abaixo dos gargalos —, mas havia um número muito maior de ânforas de vinho, bojudas, de gargalos compridos e alças. Ele reconheceu os tipos distintos com alças altas de Rodes e Cnido, feitas para transportar vinhos gregos da melhor qualidade, e, mais além do cais, um lote grande de ânforas de vinho de corpo mais longo, produzido na Itália perto da baía de Nápoles, a antiga região grega agora controlada por Roma onde os vinhedos eram cultivados desde que os primeiros colonos gregos tinham chegado ao sopé do monte Vesúvio, séculos antes, mais ou menos na época em que os fenícios colonizaram Cartago. Cipião também vira as ânforas e virou-se para o *kybernetes*, falando em voz baixa, para não ser ouvido por terceiros.

— Pensei que todo o comércio entre Roma e Cartago estivesse proibido pelo tratado que se seguiu à Batalha de Zama. É por isso que minhas credenciais atestam que sou um mercador independente, romano, mas sem representar o estado.

— Com Roma, sim, mas não com outras cidades da Itália que ainda se consideram

agentes livres no que diz respeito ao comércio — respondeu o *kybernetes*. — Onde há lucro a ser auferido, os mercadores sempre encontram um jeito de contornar um tratado comercial.

— Claramente há grandes lucros a auferir por aqui — murmurou Cipião. — Muito mais do que o Senado em Roma teria acreditado. Este lugar parece mais próspero do que a Óstia. Mas certamente todo este vinho não está sendo importado para consumo de Cartago, não?

O capitão bufou.

— Você se esquece de sua história. Esse povo é fenício, os comerciantes mais astutos que o mundo já viu. Vê aquela embarcação no final do cais?

Ele apontou para uma embarcação que tinham visto ancorada junto à orla exposta ao se aproximarem, uma embarcação cuja boca era larga demais para entrar no porto fechado, porém grande o suficiente para se livrar de uma tempestade menor sem grande dificuldade. Fábio protegeu os olhos contra o sol, seguindo o olhar de Cipião.

— É enorme — comentou Cipião. — Parece uma das embarcações que se meteu em Óstia a caminho de Massália na Gália, carregando vinho italiano para negociar com os chefes tribais guerreiros do interior.

— Ela é exatamente isso — disse o capitão com melancolia. — Vê minha embarcação aqui, a *Diana*? Ela pode transportar no máximo quatrocentas ânforas. Aquela bem ali, a *Europa*, pode transportar dez mil.

— Vejo os escravos retirando ânforas de vinho, e outros levando para dentro — disse Cipião. — A menos que eu esteja enganado, as que saem são italianas e as que entram são gregas, de Rodes e Cnido.

O *kybernetes* assentiu.

— A *Europa* deve ter navegado com sua carga de vinho italiano diretamente de Nápoles à Gália, mas desviou-se ao sul para Cartago. Em vez de levar o vinho italiano à Gália, levará o grego.

— Não entendo. Onde está o lucro?

— Você precisa pensar como um fenício. Poseidon sabe, se fizéssemos a mesma coisa, estaríamos todos ricos. Funciona da seguinte maneira. No momento, o empreendimento mais lucrativo em todo o Mediterrâneo é o comércio de vinhos para a Gália. Fez grande parte da riqueza dos romanos: os proprietários dos estados vinícolas da Itália, os navegadores, os intermediários em Massália que negociam com os gauleses. Mas não havia como os cartagineses conseguirem uma posição nisso. Se aparecessem em Óstia ou em

Nápoles, ou em Massália, oferecendo seus serviços como transportadores, isso *suscitaria* a ira de Roma. Se você não pode se unir a um empreendimento comercial, sempre pode miná-lo. Um consórcio de mercadores cartagineses, apoiado pelo conselho de governo, fez um acordo secreto com mercadores gregos em Rodes. Foi acertado rapidamente: os gregos também passaram a se ressentir por causa do predomínio do vinho italiano no Ocidente, que afastava seu próprio produto.

Cipião assentiu lentamente.

— E os gregos teriam tomado conhecimento dos esquemas comerciais dos cartagineses, que invariavelmente davam lucro a todas as partes envolvidas.

— Correto. Com base nisso, os gregos concordaram em abastecer os cartagineses com o vinho da melhor qualidade que pudessem produzir, mas sem que nenhum dracma fosse desembolsado antecipadamente. Os cartagineses então substituem o vinho italiano nessas embarcações pelo grego e enviam a Massália. Antes de se envolver nesse empreendimento, pesquisaram o mercado, naturalmente, fiéis a suas origens fenícias, enviando agentes que chegaram com amostras de vinho nos *oppida* da Gália, descobrindo que os bárbaros tinham o gosto refinado e eram tranquilamente capazes de apreciar os vinhos gregos superiores. Assim, com cargas de dez mil ânforas gregas chegando a Massália, os gauleses verão que podem obter vinho de qualidade superior em abundância. O comércio de vinho italiano sofrerá um colapso e os cartagineses auferirão os lucros.

— E se o conselho cartaginês tem uma parcela do negócio, é investido na cidade.

O *kybernetes* fez um gesto apontando o quebra-mar.

— Como acha que essas novas fortificações foram financiadas? Grande parte do mármore vem da Grécia e os pedreiros não saem barato. Você ficará admirado com o que verá em seu interior. Cartago talvez ainda não controle os territórios além-mar, como fez três gerações atrás, mas por trás destas muralhas é uma cidade mais rica do que nunca.

Fábio apontou o navio de ânforas junto ao cais.

— Há uma coisa que me confunde. Como os cartagineses convenceram aquele navegador romano a desviar sua embarcação para cá? Dizem que uma única ânfora de vinho italiano pode ser trocada na Gália por um escravo, e em Roma os escravos são vendidos a um alto preço ultimamente porque houve muito poucas guerras para proporcionar uma boa seleção. Se uma carga de vinho italiano vale dez mil escravos, então o proprietário poderia ganhar uma fortuna nos mercados de escravos em Roma. Por que entrar em um esquema cartaginês

quando tais lucros já são certos?

— Porque os cartagineses espalharam a notícia de que ofereceriam o dobro da margem de lucro, o equivalente a dois escravos por ânfora, se os navegadores levassem o vinho grego em vez disso. Eles dão garantias, mesmo no caso de naufrágio. Quanto mais vinho grego de alta qualidade inundar o mercado gaulês, mais certeza os cartagineses terão de que os gauleses rejeitarão as ânforas italianas inferiores. O resultado será a queda do comércio de vinho italiano, especialmente se os cartagineses continuarem a oferecer contratos mais lucrativos aos transportadores que antes levavam o vinho italiano, convencendo-os a navegar a Cartago, como a embarcação *Europa*, e carregar vinho transportado da Grécia para a viagem ao norte, a Massália. Depois que os cartagineses monopolizarem o mercado gaulês, poderão aumentar o preço de um para dois escravos, e até três, e exigir outras mercadorias que sempre foram especialidade fenícia, em particular o cobre e o estanho para o bronze, bem como o ferro.

Cipião assentiu.

— Metais que estão em escassez na África e são necessários para que produzam as próprias armaduras e armas.

— Há, porém, mais do que isso — disse o *kybernetes* em voz baixa, olhando em volta novamente para ter certeza de que ninguém estava escutando. — Há um lado sombrio do qual não vai gostar. É um segredo conhecido que muitos senadores romanos das antigas *gentes*, homens que professam desprezar o comércio e investir apenas em terras, tiveram enormes lucros permitindo que intermediários retirassem vinho de suas propriedades e exportassem para Gália. Mas existem outros senadores, *novi homines*, novos homens, sem riqueza nas terras, que não estão a fim de sujar as próprias mãos com o comércio.

— Sei disso — disse Cipião severamente. — Servi a um deles na Espanha, Licínio Luculo. Ele fez fortuna depois do triunfo na Espanha, usando o dinheiro dedicado a ele por seus colegas do Senado para comprar um grande estoque de excedentes de grãos da Sicília a um preço mínimo, e então o vendeu a um valor extorsivo no ano seguinte às mesmas pessoas quando houve uma seca. Ele costumava comprar terras, mas as *gentes* não se esqueceram de como fez sua fortuna.

— Há boatos de que um grupo desses homens se uniram e compraram a embarcação que você vê hoje junto à carga, em um acordo secreto muito lucrativo para o proprietário, e que fizeram o mesmo com várias outras cargas de vinho italiano. Os boatos também dizem que esses mesmos senadores são aqueles que se opõem fortemente a uma ação militar contra

Cartago, bem como na Grécia.

— Por Júpiter — murmurou Cipião. — Isso vai ao cerne de nosso problema para convencer Roma a entrar na guerra. Agora entendo o que Catão e Políbio enfrentam

— Tenho outra pergunta — disse Fábio. — Com todo aquele vinho italiano sendo descarregado aqui, o que os cartagineses vão fazer com ele? Não é possível que bebam eles mesmos, ou vendam aos gregos. É melhor largar no mar.

O *kybernetes* ergueu os olhos.

— Os fenícios? Jogar fora uma mercadoria negociável? Não é provável. Isso faz parte de outro esquema, de lucratividade ainda maior. Ao lado do porto interno, longe de olhos curiosos, começaram a construir imensos depósitos, de tamanho suficiente para abrigar uma embarcação grande como este transportador de ânforas no cais. Logo esses depósitos estarão cheios, não de ânforas de vinho, porém de algo ainda mais precioso, sacos de uma especiaria exótica chamada *pipperia*. Vem da Índia, e será enviada pelo mar da Eritreia à costa do Egito, depois transportada pelo deserto até o Nilo e Alexandria, e para Cartago. Os primeiros gregos a alcançarem o litoral sul da Índia descobriram que os mercadores de especiarias de lá adoram seu vinho e queriam mais; até o vinho italiano inferior é um néctar para eles. É para lá que todas estas ânforas se destinam.

— Mas transportar dezenas de milhares de ânforas pesadas pelo deserto egípcio seria um empreendimento dispendioso — disse Cipião. — Eu estive lá e sei que o custo seria proibitivo.

— Os cartagineses estão preparados para tanto, assumindo o custo do transporte com os lucros do comércio com a Gália. Pretendem enviar apenas o suficiente para semear o comércio, trazendo de volta cargas de *pipperia* e outras especiarias e luxos do Oriente, o suficiente para incitar a demanda entre os ricos da própria Roma: entre as esposas daqueles cuja cobiça exploraram para criar este comércio, para começar, os senadores cuja embarcação você vê agora no cais. Mas então os cartagineses deixarão de exportar vinho e passarão a outra mercadoria que os indianos adoram, algo transportado muito mais facilmente e com margens de lucro bem maiores. Refiro-me ao ouro: ouro em moeda, barras de ouro, ouro bruto, ouro em qualquer forma. Os cartagineses canalizarão o ouro do Mediterrâneo para o Oriente, despojando a riqueza das nações para criar na própria cidade a nação-estado mais rica que o mundo já viu, aqui, onde estamos agora.

— Como eles conseguem o ouro? — perguntou Fábio. — Outro esquema engenhoso de

comércio?

O *kybernetes* não respondeu, mas ergueu os olhos para Cipião, que se virou para Fábio, a expressão dura.

— Tem outra origem. Dessa vez a antiga malícia fenícia volta à retaguarda e a nova força cartaginesa assume a dianteira.

— O que quer dizer?

— Refiro-me à guerra. Não à guerra de defesa, mas de conquista. Guerra contra Roma, guerra no Oriente. Guerras que podem até ver Cartago aliada àqueles romanos que parecem já ter se unido a ela.

Fábio sentiu um arrepio frio pela espinha. Eles não falavam mais de extinguir um antigo inimigo, de encerrar questões e satisfazer a honra, nem do próprio destino de Cipião. Falavam da guerra que poderia mudar tudo, uma guerra capaz de engolir todo o mundo conhecido, da margem do mar da Eritreia aos cantos mais distantes da Gália e das Ilhas Albion. De repente, o motivo para Cipião estar ali para coletar informações parecia tão importante que ele se sentiu tonto, como se estivesse postado em um dos pontos centrais da história. Os riscos não poderiam ser maiores.

O *kybernetes* olhou para Cipião.

— Talvez agora você tenha visto tudo de que precisa. Até mesmo Políbio pouco sabe a respeito disso, uma vez que meu conhecimento de tais planos veio desde que o vi pessoalmente pela última vez. E eu não podia confiar em terceiros para contar a ele. Mas agora você viu o suficiente com os próprios olhos para acreditar que o que digo é verdade.

Cipião parou por um momento, de olhos semicerrados, e balançou a cabeça.

— Você nos falou da ameaça estratégica. Mas viemos aqui também para avaliar o desafio tático de um assalto a Cartago. Preciso ver os soldados, o equipamento, as fortificações, o novo porto de guerra. Sem essas informações, teremos sérias dificuldades. E ainda não posso usar a ameaça estratégica como argumento em Roma. Se o que você disse for verdade, há muitos no Senado contra nós, nomes que posso imaginar, mas sugerir em público que são traidores de Roma sem provas claras de escalada militar cartaginesa destruiria meu argumento, e provavelmente minha vida. São as provas detalhadas de preparação para a guerra que me garantirão a vitória. Depois disso, refletirei sobre o que você me contou e decidirei como moldar minha estratégia depois que o exército que eu liderar for vitorioso, caso me deem o consulado.

O *kybernetes* acenou para alguém, então viram que o mensageiro que tinham enviado com a chancela voltava da alfândega.

— Que bom — disse o capitão. — Não há guardas retornando com ele, assim poderemos passar. — Ele se virou para Cipião e falou com vigor: — Fico feliz que esteja confiante. Mas falarei com franqueza. Pelo que vi das forças romanas até agora na África, aquelas que auxiliam o exército de Massinissa, não estou tão seguro assim. Você tem muito trabalho a fazer, Cipião Emiliano. Talvez o nome de seu pai e o do grande Cipião Africano carreguem o peso da história adiante. Enquanto isso, lembre-se de que por ora você é um mero mercador e deve desempenhar seu papel com cautela. Deve ficar atento.

15

Em geral, a guarda da entrada do porto externo através da muralha da cidade era de aparência tipicamente cartaginesa: homens de pele morena, cabelos pretos cacheados e barba, descendentes de antepassados fenícios que séculos antes tinham deixado sua terra natal no leste do Mediterrâneo para escapar do turbilhão que se seguiu à Guerra de Troia, descobrindo Cartago pouco antes de o príncipe troiano Eneias aportar pela primeira vez na costa da Itália e deitar os olhos na região de Roma seiscentos anos antes. Os dois guardas mais próximos de Fábio portavam longas lanças de arremesso com base de bronze para que não enferrujasse quando batessem em terreno úmido, bem como as espadas curvas *kopis* de estilo grego: armas de aparência temível, com lâmina afiada na face interna, entretanto menos eficaz em combates corpo a corpo do que a espada romana de arremesso de lâmina reta. Em vez de armaduras de metal, usavam o característico corselete cartaginês de linho endurecido, sem espessura suficiente para desviar uma investida determinada, porém com o exterior branco e um peso menor que os tornavam mais adequados para o sol africano do que a armadura de metal romana.

Seu equipamento mais impressionante era o capacete, feito de ferro altamente polido com uma coroa bulbosa que se erguia e se estendia para a frente, e peças faciais destacáveis; as peças cobriam o rosto inteiramente, deixando apenas aberturas para os olhos e a boca, e eram trabalhadas em relevo para representar os pelos faciais. Ver aqueles capacetes fez Fábio prender a respiração e se lembrar dos sonhos de infância. Eram exatamente como o pai os descrevera da Batalha de Zama mais de cinquenta anos antes, a última vez que os romanos encontraram os cartagineses em uma batalha convencional. Políbio, em suas *Histórias*, escarneceu dos cartagineses por usarem mercenários demais e por colocarem em campo uma força recrutada sem treinamento constituída pelos próprios cidadãos, mas Fábio sabia pelo pai que as fontes de Políbio haviam exagerado para desviar a atenção das deficiências na linha romana, em especial a divisão de forças dentro de cada legião segundo a experiência e a qualidade de suas armas e armaduras. Vendo esses guardas ali hoje, confiantes em sua postura e na forma como seguravam seu armamento, tão parecidos com a descrição de seu pai daqueles que supostamente eram recrutas maltreinados, Fábio começava a entender como a batalha de infantaria em Zama durara horas antes de a cavalaria de Massinissa chegar e pender a balança em favor dos romanos. Entretanto, aqueles homens hoje não pareciam sombras do passado, uma força policial simbólica consentida a um inimigo derrotado, mas guerreiros altamente treinados e endurecidos, homens que provavelmente

sangraram nos embates de fronteira nos últimos três anos com a cavalaria de Gulussa e as forças expedicionárias romanas. Se houvesse mais homens como aqueles reunidos dentro das muralhas de Cartago, um assalto à cidade pelos romanos não seria a vitória fácil que alguns tinham previsto.

O *kybernetes* voltou da conversa com o oficial aduaneiro, assentiu para Cipião e gesticulou para a entrada da muralha da cidade, depois da torre da guarda.

— Vocês estão autorizados a passar ao corredor dos mercadores, nome que eles dão à colunata entre o porto externo, onde estamos agora, e os dois portos interiores, o porto retangular para o comércio controlado pelo estado e o porto de guerra circular. Oficialmente, vocês não podem ter acesso àqueles portos internos ou à cidade. Se encontrarem um jeito de fazer isso, estarão por conta própria. Zarparei assim que vocês retornarem. Seu propósito declarado é concluir um acordo com um mercador de vinho cartaginês e não mais do que isso. Se demorarem mais do que o necessário, os guardas portuários ficarão desconfiados. E se eu entrar no corredor dos mercadores com vocês, estarei sujeito a servir à força à marinha cartaginesa. O único lugar onde os marinheiros têm imunidade é aqui fora, e estarei ocupado com os fornecedores para abastecer meu barco de suprimentos. O que quer que aconteça, não devem jamais revelar seus nomes. Para Cartago, apanhar o herdeiro de Cipião Africano em missão secreta dentro de suas muralhas seria soar a sentença de morte para qualquer tentativa romana de tomar a cidade. Eles iriam exigir um resgate extorsivo, expondo-o como motivo de riso que minaria o prestígio romano em toda parte e destruiria o moral das legiões. É muito melhor morrer lutando ou cair pela própria espada do que ser ameaçado de captura. Boa sorte.

Ele se afastou em direção a um vendedor de cordame junto ao cais. Cipião passou pelos soldados com confiança, Fábio ficou a uma distância adequada atrás dele, e instantes depois estavam atravessando a muralha da cidade. O espaço em colunata por onde haviam entrado era longo e estreito, ladeado não por depósitos, como o cais, mas por pequenas *officinae* com mesas e bancos de mármore. O lugar se assemelhava menos ao caos animado da praça de mercadores que Fábio conhecia bem do porto de Roma em Óstia, paradeiro favorito dele quando menino, do que aos tribunais do Fórum, com grupos de homens envolvidos em discussões solenes. Sentado no escritório ao lado da entrada, estava um homem de manto tingido de roxo, a cor que os fenícios extraíam de uma espécie rara de concha; era o jeito mais fácil de localizar um oficial do estado cartaginês. Na mesa de pedra diante dele havia uma balança romana e uma fila de pesos em encaixes entalhados no tampo, e no fundo da

officina, uma caixa-forte de pedra guardada por dois soldados corpulentos. Evidentemente era uma instalação de troca, e Fábio conseguia ver outras entremeadas entre as colunatas. O lugar era claramente administrado por autoridades cartaginesas e não por mercadores independentes, e suas transações não eram os acordos pequenos de um típico negócio de transporte em Óstia, realizando em vez disso permutas de alto valor, o que era evidenciado por uma transação que alguns oficiais faziam mais abaixo, em que o prato da balança continha uma pilha alta de moedas de ouro.

Cipião caminhou pela colunata, olhando os dois lados como se procurasse por determinado mercador, depois se virou despreocupadamente para Fábio e assentiu para a colunata oposta.

— Tem uma entrada entre as colunas — disse ele com a voz baixa. — É uma passagem estreita guardada por dois soldados a meio caminho daqui, fora da vista de qualquer um, a não ser que se esteja olhando atentamente. Deve levar aos portos fechados. Nosso disfarce de mercador e seu servo não nos servirá de mais nada se quisermos passar por ali. Nossa única chance será como soldados cartagineses. Quando eu der o sinal, você cuida daquele à direita.

Fábio seguiu Cipião quando ele virou no beco e se aproximou dos soldados, que usavam armas e equipamento do mesmo estilo daqueles dos homens da entrada. Ambos tinham as peças faciais abaixadas, cobrindo o rosto, mas, a julgar pelas longas barbas, pareciam mercenários do Oriente, talvez assírios. O homem da esquerda avançou um passo, batendo a lança no chão.

— Não têm permissão para passar — disse ele, seu grego pouco compreensível. — Por ordem do almirante.

— O almirante? — perguntou Cipião, fingindo ignorância. — Então é por aqui que se chega ao porto circular?

— Sim, mas não ao porto que vocês desejam — grunhiu o homem. — Seu porto fica no lugar de onde vieram. Vocês, mercadores, são ainda mais tolos do que eu pensava. Não têm senso de direção.

Cipião se virou, fingindo uma expressão confusa, mas na realidade olhando a viela para se certificar de que não estavam sendo observados. Captou o olhar de Fábio e assentiu quase imperceptivelmente. Com um movimento rápido como um raio, ele girou o corpo e deu um forte murro no pescoço do soldado, segurando-o enquanto ele caía e torcendo sua cabeça

violentamente de lado até ouvir o estalo nos ossos. No mesmo instante, Fábio fez o mesmo com o outro homem, segurando sua cabeça e baixando-o gentilmente no chão. Não houve barulho, nem sangue. Eles arrastaram os dois homens para fora da viela até um canto escuro atrás de um muro, depois os despiram rapidamente, tirando as próprias roupas e vestindo a armadura dos soldados, colocando os capacetes e fechando as peças faciais para cobrir o rosto. Os corpos jaziam de olhos abertos, apanhados pelo choque da morte imediata. Cipião jogou as roupas descartadas sobre os cadáveres para que parecesse uma pilha de trapos. Pegaram as lanças, saíram da viela, viraram-se e caminharam com rapidez pelas colunas de um pórtico que se estendia em ângulo reto do corredor dos mercadores por várias centenas de pés, depois deram uma guinada para a direita por uma abertura em direção a uma cintilação de água.

Cipião parou por um momento, procurando ouvir qualquer sinal de perseguição, sem escutar nada. Fábio respirou fundo e viu que suas mãos tremiam. Isso sempre acontecia depois que ele matava, a onda de adrenalina, como beber um gole caprichado de vinho ao final de uma longa corrida, seu coração bombeando o néctar pelas veias e fazendo-o tremer. E não era que ele gostasse de matar. Tirar a vida daqueles dois homens lhe parecera o primeiro ato do fim de jogo, como se o assalto a Cartago finalmente estivesse em ação.

Saíram na margem do porto retangular cercado, uma bacia que levava a uma entrada fortificada no lado leste, com a montanha de picos gêmeos de Bou Kornin visível ao fundo. Fábio percebeu que o porto devia ficar posicionado paralelo ao outro, o porto externo, onde a *Diana* atracara, só que era inteiramente artificial e sem litoral. Havia outros dois barcos atracados ali, um deles um típico navio mercante de casco largo no estilo fenício, com olhos pintados abaixo da proa, e outro com uma estrutura mais suave que não era nem uma embarcação de guerra, nem mercante, tinha amuradas mais altas e mais fortes do que Fábio estava acostumado a ver. O embarcadouro estava ladeado por cestos com pedaços de pedra, alguns reluzentes e metálicos. Enquanto passava com Cipião, um escravo desceu de uma prancha e levou outro cesto ao chão, transpirando e praguejando. Então olhou com tristeza para Fábio, que parou para observar.

— Fique à vontade para dar uma ajuda, se não tiver nada melhor para fazer — disse o escravo em um grego de sotaque acentuado. — Eu estou acabado.

— O que tem nos cestos? — perguntou Fábio.

— Minério de estanho, das Cassiteritas, as ilhas de Estanho — disse o homem. — Pelo menos é assim que os marinheiros púnicos chamam o lugar, com o nome grego, mas eu

conheço por um nome diferente. Alguns de nós, do oeste da ilha, chamam-na de Albion, outros, de Bretanha. Era meu lar, onde eu era feliz cuidando de minha vida até que fui apanhado durante a incursão de um chefe tribal vizinho, vendido aos gauleses, negociado por uma ânfora de vinho com um transportador italiano, depois dado de presente por ele a um mercador cartaginês para acertar algum acordo. Então cá estou, escravo de um capitão fenício que estava prestes a me levar por mar de volta à minha terra natal para ajudar a carregar mais destas coisas. Eu não me importaria muito se os transportassem em lingotes, que seriam mais fáceis de carregar. Eles o mantêm como minério bruto porque o peso das pedras age como lastro nos mares turbulentos do oceano Atlântico.

— Poderia ser pior — disse Fábio. — Você poderia ser escravo nas galés.

— Ou limpar o esterco de elefantes nauseados. — O homem meneou a cabeça para a extremidade do porto. — Vê aquele estaleiro? Estão construindo *elephantegoi*, transportadores de elefantes. Dizem que nem Aníbal tinha embarcações especializadas para elefantes como esta.

Fábio seguiu o olhar dele, então se voltou para o escravo. Este claramente não morria de amores pelos cartagineses e era tagarela. Fábio sabia que fazer mais perguntas poderia ter suscitado desconfianças se o homem não fosse um escravo, mas neste caso ele podia assumir um risco calculado. Ele enfiou a mão em uma bolsa em seu cinto e pegou uma das moedas de ouro macedônias que Cipião lhe dera mais cedo, caso precisassem subornar informantes em potencial, e a atirou ao homem.

— Conte-me mais.

O sujeito pegou a moeda, fitou Fábio por um instante e escondeu o ouro rapidamente. Ele desatou a falar animadamente com Fábio, contando mais sobre os transportadores de elefantes, porém, depois de alguns minutos, um homem moreno apareceu no convés, estalando o chicote e fuzilando-o com os olhos. Fábio gritou para o escravo, como se o estivesse repreendendo por falar com ele, depois voltou a andar. Não podiam arriscar atrair olhares desconfiados, e parar para conversar com o escravo fora abusar da sorte. Cipião ficou esperando à beira do canal que ligava o porto retangular ao porto de guerra circular, e Fábio apressou-se a se juntar a ele, cochichando:

— É exatamente como disse o *kybernetes*. Os cartagineses estão importando metal não apenas da Gália, mas também das ilhas Albion. Esta carga vale seu peso em ouro.

Eles passaram rapidamente pelo pórtico ao lado do canal para o porto de guerra. À

medida que se aproximavam, uma estrutura extraordinária entrava em seu campo de visão. O *kybernetes* a descrevera na noite anterior, mas ainda não a tinham visto de dentro. O porto era construído em torno de uma bacia circular que Fábio estimava ter um *stade* e meio de diâmetro, cerca de mil pés, com largura suficiente para acomodar os *quadriremes* de quatro séries de remos, e os *quinqueremes*, de cinco séries, que tradicionalmente eram as maiores embarcações da frota cartaginesa. No centro da bacia havia uma ilha de talvez meio *stade*, composta por uma estrutura circular que se erguia a uma torre de vigia no meio. O mesmo estilo de pórtico com telhado fora usado em volta da ilha e na margem externa da bacia, um desenho uniforme que tornava a estrutura mais grandiosa do que qualquer coisa já construída em Roma. O mais extraordinário de tudo: os espaços entre as colunas serviam como estaleiros, em torno da borda externa, bem como da ilha. Ele conseguia ver as proas de embarcações de guerra se projetando dali, galés que tinham sido trazidas para cima em planos inclinados. Devia haver pelo menos duzentas aberturas, pelo menos metade delas ocupada. Lá do outro lado, uma seção de galpões era usada para a construção de embarcações, com estacas de madeira e cordame visíveis, e os cascos parcialmente construídos de embarcações apoiados em moldes de madeira. Apenas uma embarcação de guerra flutuava na bacia, trazida ao embarcadouro pouco além da entrada, um pequeno *lembos* de uma série de remos parecida com os barcos que Fábio vira na frota romana em Miseno, na baía de Nápoles, usada por turmas de remadores para transportar pessoas e mensagens mais rapidamente do que as galés maiores eram capazes de fazer.

Fábio lembrou-se de Políbio na floresta macedônia dez anos antes, contando então dos boatos de que os cartagineses estariam reconstruindo seu porto de guerra; a estrutura não devia ser muito mais antiga do que isso. O aspecto do mármore ainda era novo e brilhava como um espelho, e pilhas dele jaziam em um pátio de construção junto à entrada. O mármore era uma pedra de alta qualidade que provavelmente viera da Grécia, e as colunas do pórtico eram de uma linda pedra cor de mel que Fábio reconhecera de uma tigela que Gulussa lhe mostrara, extraída de uma pedreira recém-descoberta em território númida, a sudeste de Cartago. Aquele porto não era de construção precipitada, feito por um povo desesperado para restaurar parte do vestígio de seu orgulho militar, mas um arsenal muito superior a qualquer coisa da própria Roma ou do mundo grego, uma estrutura construída por um povo que confiantemente esperava projetar seu poder mais uma vez bem além daquelas praias.

Ele sabia que Cipião estaria utilizando cada segundo para avaliar as implicações táticas de

um embate naval contra as novas embarcações de guerra cartaginesas. Pouco antes da entrada do porto circular havia outro posto de controle, dessa vez um posto que Fábio sabia nunca poder esperar penetrar, embora conseguissem se aproximar o bastante para ter uma visão melhor do que havia em seu interior. Dois guardas com lanças firmemente plantadas barraram seu caminho quando eles se aproximaram.

— Ninguém entra sem autorização — disse um deles em grego, imaginando que eles fossem mercenários, e não cartagineses. — Eu sou o *optio* da guarda. Declarem suas intenções.

Cipião colocou-se diante do homem e o saudou, levando o punho ao peito.

— Mensagem urgente de Asdrúbal a Amílcar, *strategos* da esquadra de *pentereis*.

O homem grunhiu.

— Não conheço nenhum comandante de esquadra com esse nome, mas sou novo neste trabalho. Do próprio Asdrúbal, você diz? Precisarei ir à ilha do almirante para descobrir. Espere aqui. — Ele estalou os dedos e outro homem saiu da casa da guarda ao lado para assumir seu lugar.

Parecendo irritado, o *optio* saiu pisando duro pela beira do porto em direção a uma ponte de madeira que levava à ilha no centro. Cipião bocejou, suspirou fundo e se afastou do porto, fingindo desinteresse. Andou lentamente de volta ao porto retangular, parando e colocando as mãos nos quadris, quando sabia que estava fora do alcance dos soldados. Fábio o seguiu e falou em voz baixa.

— Quem no Hades é Amílcar, o *strategos*?

— Um em cada três homens em Cartago parece se chamar Amílcar, então é provável que exista alguém com esse nome ancorado no porto. Imaginei que o guarda da entrada não saberia o nome de todos os capitães e comandantes de esquadra, mas vi uma galé de cinco carreiras de remos nos abrigos do outro lado, uma *pentereis*. Só podemos esperar que o *strategos* da esquadra não se chame Amílcar. Nossa chance de avaliar este lugar é agora, antes que o *optio* volte, mas precisamos ter cuidado. Não queremos demonstrar interesse demais.

Cipião espreguiçou-se, virou-se e voltou para a frente dos guardas, espiando para além deles e tamborilando os dedos na coxa com impaciência.

— Trate de aguardar, soldado — disse um dos guardas. — É sempre complicado encontrar as pessoas neste lugar. São duzentos e vinte galpões para verificar, além do quartel-

general na ilha.

Cipião torceu os lábios.

— Você sabe como é. Se eu não voltar ao Birsa logo com minha mensagem entregue, terei problemas. De qualquer modo, pensei que este lugar fosse o orgulho de Cartago. Devia ser o auge da eficiência.

O homem bufou.

— Há quanto tempo está em Cartago, soldado?

— Apenas alguns dias. Somos mercenários italianos, nos metemos em problemas quando estávamos com o exército de Demétrio na Síria e acabamos como escravos nas galés, mas depois fugimos da embarcação neste porto e oferecemos nossos serviços à guarda antes que nosso capitão pudesse nos reclamar.

— Bem, se são remadores habilidosos, guardem segredo disto. Caso contrário, os cartagineses os recrutarão para suas galés de guerra. Eles construíram este porto e estas embarcações, mas não têm escravos para tripulá-las. Cartago não realizou guerras de conquista desde a época de Aníbal, e a guerra é o único jeito de se conseguir um bom suprimento de homens aptos para as galés. Se querem minha opinião, foi por isso que declararam guerra contra Massinissa novamente, não para conquistar mais algumas milhas quadradas de terras, e sim para capturar númidas a serem usados como escravos nas galés.

O outro guarda se juntou à conversa.

— Dizem que também vão usar gauleses, trazidos como escravos por comerciantes de vinhos. — Ele apontou a ilha com a cabeça.

O *optio* estava voltando, e os dois guardas se colocaram em posição de sentido. Depois de alguns minutos, o *optio* contornou o pórtico e marchou até eles, olhando para Cipião com desconfiança.

— Há um Amílcar capitão do trirreme, atualmente subordinado à infantaria, mas não um comandante de esquadra do *pentereis*. Na realidade, não existe tal esquadra. Resta apenas uma dessas grandes embarcações, e é uma relíquia. Os navios maiores da frota agora são trirremes. Se não puder se explicar, eu o levarei ao almirante para interrogatório.

Ele assentiu rispidamente para os dois guardas, que entreabriram as pernas e seguraram as lanças de prontidão. Fábio sentiu a pulsação se acelerar: aquele era precisamente o tipo de encontro que tinham desejado evitar. Cipião fingiu indiferença, dando de ombros.

— Foi uma nomeação nova, de um dos primos de Asdrúbal. Talvez fosse mais uma patente honorária. Este lugar é tão isolado que a informação não é transmitida com frequência suficiente ao Birsa, e Asdrúbal estava concentrado em outro lugar, na guerra com Massinissa. Voltarei e direi a ele que seu primo Amílcar não foi visto e que as embarcações ainda estão em construção. Talvez isso o convença a vir aqui pessoalmente para uma inspeção.

— Não faça isso — disse o homem rispidamente. — Você ainda não conhece Asdrúbal. Se ele descobrir a falha e perder a paciência, cabeças vão rolar.

Cipião deu-lhe um tapa no ombro.

— Só o que nós soldados queremos é uma licença do serviço e ir para as tabernas, não é verdade? Disseram-nos que, se não encontrássemos Amílcar aqui, ele poderia estar no santuário de Tofete, pois também é um sacerdote. Vamos até lá procurar por ele.

— A rota mais próxima fica bem à nossa frente. Eu os acompanharei, passando pelos guardas. — O *optio* se virou e andou para a esquerda, para o lado sul do pórtico em torno do porto, e Cipião e Fábio o seguiram.

Caminharam alguns pés para dentro do *lembos* e passaram pelos primeiros estaleiros, depois viraram à direita por uma abertura no pórtico. Instantes depois, o *optio* os deixou no posto da guarda e estavam na cidade propriamente dita, em uma rua que corria paralelamente à alta muralha de contenção do complexo do porto. Saíram rapidamente de vista dos soldados e passaram pelo movimentado mercado de peixes que ladeava a rua. Cipião virou-se para Fábio enquanto andavam, falando com urgência.

— Você viu aquele *lembos*?

— Parecia romano.

— *Era* romano. Vi fardos de *pila* na proa. Nenhum outro soldado carrega lanças como as nossas. E as ânforas de vinho e óleo de oliva para a tripulação eram italianas.

— Capturado?

Cipião balançou a cabeça.

— Esse seria um ato de guerra, e eles não podem correr tal risco antes de terem os escravos para tripular os remos e nos confrontar no mar.

— Até lá, este porto de guerra é, então, uma ameaça vazia.

— Mas pode bastar apenas uma vitória no campo para se abastecer de escravos

suficientes. Depois que acontecer, a ameaça será muito real.

— Precisaremos dizer a Gulussa para redobrar seus esforços e não deixar que seus homens sejam capturados.

— Não creio que precisemos nos preocupar — respondeu Cipião. — Os homens dele lutarão até a morte.

— Há mais uma coisa — disse Fábio, contornando um par de carros de boi. — As embarcações de guerra que vi nos galpões eram pequenas, a maioria delas *liburnae*, com no máximo duas carreiras de remos.

Cipião assentiu.

— Só havia alguns trirremes. Essa é a informação mais importante que conseguimos até agora para Políbio. Sabemos que eles não têm efetivo para uma frota de grandes galés como no passado. Mas ontem à noite o *kybernetes* disse que muitos capitães mercantes cartagineses foram recrutados pelo estado. Esses homens comporão um quadro muito experiente de oficiais para uma nova frota de *liburnae*, com os remadores da esquadra de elite talvez composta não de escravos, mas de mercenários atraídos pela promessa de pagamento mais alto e uma parte dos lucros. A *liburna* é adequada para romper o bloqueio e levar recados aos aliados. Mas também é adequada para outro tipo de guerra, perfeitamente de acordo com um estado que se orgulha de sua perícia e brutalidade no comércio.

Fábio parou e o encarou.

— Está dizendo o que acho que está dizendo?

— Alguns chamariam de guerra comercial, chegando à sua conclusão lógica.

— Você está falando de pirataria patrocinada pelo estado.

— Com uma frota desse porte, Cartago pode varrer os mares dos rivais e as *liburnae* podem voltar em segurança para sua toca. Os lucros para o estado podem ser menores no que eles realmente saquearem do que garantindo que as embarcações mercantes cartaginesas e seus parceiros comerciais tenham o monopólio das rotas marítimas. As cargas de navios capturados podem inclusive ser divididas entre as tripulações das *liburnae* como incentivo. Com sua constituição atual, Roma ficaria impotente para impedi-lo. Veja a dificuldade de conseguir que os cônsules concordem em criar legiões para uma campanha que pode se estender bem além de seu ano no posto, sem lhes dar nenhuma glória. Imagine os problemas para reprimir a pirataria organizada nessa escala. Seria uma guerra fiduciária com Cartago, mas precisaria ser travada pouco a pouco no decurso de anos, até mesmo décadas. Exigiria

que Roma sancionasse um almirante com um escopo diferente de qualquer outro conferido a um líder de guerra e autorizasse a formação de uma marinha verdadeiramente profissional. O Senado em Roma está envolvido demais na própria política e na rivalidade entre as *gentes* para permitir tal coisa, e Cartago sabe disso.

— Há outro propósito para aquelas *liburnae:* é servir como embarcações de escolta — disse Fábio. — É outra coisa que o escravo que carregava o minério de estanho observou a mim. Na extremidade do porto retangular existe outro estaleiro, com imensos moldes de madeira e uma embarcação sendo construída a partir da quilha. Ele disse que a madeira era cedro-do-líbano, fornecida por um comboio que ficou sob escolta naval do rei Demétrio da Síria, com seu filho levando uma delegação especial da Síria ao encontro do próprio Asdrúbal na entrada do porto.

— *Demétrio?* — exclamou Cipião. — Então ele finalmente se voltou contra Roma.

— É possível que ele não enxergue dessa forma — disse Fábio. — Talvez só esteja se alinhando à nova Roma, uma Roma que vê Cartago como aliada.

Cipião avançou severamente.

— Tem algo mais a me dizer?

— Fica pior. O navio em construção tinha no mínimo o tamanho da *Europa*, o imenso transportador de ânforas que vimos no cais. Entretanto, o escravo disse que não era para transporte de ânforas, mas um *elephantegos*, transportador de elefantes. Disse que estava sendo construído por egípcios especializados em embarcações para trazer elefantes e outras feras da costa do mar da Eritreia, da terra que chamam de Punt. Disse que os construtores navais chegaram com uma delegação de seu outro amigo, Ptolomeu Filometor, rei do Egito, e que sua esposa e irmã Cleópatra os acompanhava.

— Por Júpiter — murmurou Cipião. — Ptolomeu também? Ele nunca foi talhado para ser rei. Cleópatra deve estar por trás disso.

— Com Demétrio e Ptolomeu apoiando Cartago, talvez em aliança secreta com Metelo na Macedônia e seus partidários no Senado em Roma, isso significa que mais da metade daqueles que fizeram a academia agora está alinhada contra você e contra a Roma que você foi treinado para defender. Demétrio e Ptolomeu passaram a vida adulta envolvidos na política de poder da Síria e do Egito, mas ambos foram treinados na academia por Políbio e pelo velho centurião; colocados à frente de um exército, podem ser estrategistas e táticos formidáveis. Se houver uma guerra mundial, o equilíbrio de poder pende perigosamente

contra nós.

— Uma *guerra mundial* — exclamou Cipião. — Podemos chegar a tanto?

— Pense naquele *elephantegos* — disse Fábio. — Que outro propósito tal embarcação poderia ter para os cartagineses senão o de mandar elefantes à guerra? Vi outros estaleiros mais além, para outras embarcações em construção. Construtores especializados em fazer grandes embarcações para elefantes podem muito bem transferir suas habilidades para a construção de transporte de tropas.

— Compreendo agora o que você quis dizer com as *liburniae* servindo como perfeitas galés de escolta — disse Cipião. — Se os cartagineses têm a intenção aumentar suas reservas de ouro, encontrarão pouco na África para além das cidades númidas, apenas centenas de milhas de deserto intransponível. O que vimos aqui, os portos e os navios, não serve apenas para aumentar o comércio e controlar as rotas marítimas. Cartago está construindo uma frota de invasão, uma frota que pode desembarcar tropas em qualquer lugar ao longo da margem do Mediterrâneo e sitiar as grandes cidades da Grécia e do Oriente. Com apoio de Demétrio e de Ptolomeu, bem como de Metelo, todo o território do império de Alexandre pode ruir diante de tal aliança.

— E enquanto Metelo se concentra na consolidação do Oriente, Asdrúbal pode deitar os olhos em outras paragens. O legado da história continua tão firmemente arraigado para Cartago como permanece para nós, um legado que gerações de guerra e derramamento de sangue ainda não resolveram.

— Quer dizer que ele visa à conquista de Roma.

Fábio assentiu.

— Cartago pode ser um assunto pendente para você, para a *gens* dos Cipiões. Mas Roma também é um assunto pendente para Cartago. Assim como Cipião Africano colocou-se diante de Cartago após a Batalha de Zama e deu as costas, Aníbal se pôs à vista das muralhas de Roma antes de também ser obrigado a retroceder. Assim como você tem o legado de seu avô, Asdrúbal tem o legado de Aníbal.

— Todavia, não estamos preparando uma frota de invasão, temos apenas uma força simbólica na África e um Senado hesitante — murmurou Cipião.

Fábio semicerrou os olhos, vendo o sol se pôr no céu a oeste.

— Para onde agora? Não temos muito tempo.

Cipião respirou profundamente.

— Lembra-se de Intercacia? Os celtiberos defenderam seu *oppidum* a fundo, com aquela segunda muralha dentro do circuito principal. Pelo que Terêncio me disse, os cartagineses podem ter feito o mesmo. Vimos evidências da estratégia ofensiva de Asdrúbal, mas agora precisamos ver seus planos de defesa. Passaremos ao santuário de Tofete e subiremos a rua principal a partir do porto em direção ao Birsa. Precisamos ver o máximo que conseguirmos. Andemos.

16

As vielas estreitas dos dois lados da rua entravam fundo nas sombras, e Fábio olhou à frente, vendo que o sol já havia se posto atrás do nível do Birsa.

— Não temos muito tempo — disse ele. — O *kybernetes* queria ir para mar aberto ao anoitecer. Se os corpos daqueles soldados forem encontrados e suspeitarem de nós, mandarão uma daquelas galés *liburna* em nosso encalço. Precisaremos usar o manto da noite para remar o mais rápido possível e chegar a nosso cordão naval, e isso fica a mais de dez milhas a leste.

Cipião assentiu.

— Partiremos daqui a meia hora, no máximo. Lembra-se da maquete de Cartago que meu avô Cipião Africano construiu, aquela que nosso amigo dramaturto Terêncio me ajudou a modificar? Ele me falou do labirinto de antigas casas púnicas onde costumava brincar quando menino, e quero ver se os cartagineses as derrubaram durante toda essa reconstrução para criar uma zona de batalha final antes do Monte Birsa.

Eles correram pela rua, agora subindo para que, quando se virassem, pudessem vislumbrar o mar distante para além dos portos, reluzente acima dos telhados. As construções de cada lado agora eram mais altas, pareciam mais muros de fortaleza do que uma fachada de rua, e à medida que ambos se aproximavam do final da rua viam os telhados guarnecidos com ameias e interligados por torres baixas. Marcharam com determinação, passando por várias pessoas. Depois Cipião parou e olhou os muros, avaliando o campo de disparo para flechas e lanças.

— É exatamente como pensei que fosse — disse ele severamente. — Os cartagineses planejaram a defesa para ocorrer no fundo, estreitando deliberadamente as ruas que levam ao Birsa para afunilar uma força de ataque por elas, a este lugar, onde uma força escondida poderia aparecer repentinamente nos muros e fazer chover a morte. A única maneira de contra-atacar seria montando um ataque de velocidade e ferocidade suficientes para irromper e dominá-los, com arqueiros na vanguarda para disparar nestes muros e manter a defesa recuada. A hesitação de uma força de ataque sendo apanhada em uma luta na rua faria deste lugar uma armadilha mortal. O assalto a Cartago pode terminar bem aqui.

Fábio assentiu.

— Nesta fase de um assalto, com seu último baluarte ameaçado, eles podem montar

ataques suicidas, enfiando combatentes pela rua para tentar deter o avanço. Embora esses atacantes possam ser mortos em segundos, seria necessário apenas alguns, atirando-se um depois do outro, para provocar uma parada no avanço, depois as tropas de assalto seriam mortas em grande número pelos homens nos muros, pois assim seriam capazes de encontrar seus alvos. Seria preciso a mais forte liderança para manter a determinação dos legionários e o avanço da força de assalto.

— E o uso criativo de escudos — murmurou Cipião, semicerrando os olhos para os muros. — Ênio e eu discutimos um novo exercício para o *testudo*, para cerrar escudos e formar uma barreira protetora contínua acima de uma coorte em marcha. Precisamos praticar, não em espaço aberto, mas nas ruas e vielas de uma cidade onde os centuriões possam treinar os legionários a erguer e baixar os escudos de acordo com a largura e a direção de uma rua.

— Precisaríamos encontrar uma cidade púnica com desenho semelhante — disse Fábio. — Uma cidade com alinhamentos de rua e esquemas de casas similares.

— Conheço exatamente o lugar — respondeu Cipião. — Kerkuane, na margem oriental depois do cabo, o lugar onde os fenícios supostamente aportaram quando vieram à África pela primeira vez. A cidade foi abandonada depois da guerra entre Roma e Cartago há um século e nunca voltou a ser ocupada. Ênio já esteve lá para testar um novo mecanismo de cerco contra os pontos fracos das muralhas púnicas. Seria o lugar perfeito para praticar a guerra urbana.

— Precisamos nos lembrar do que estamos combatendo — disse Fábio. — Asdrúbal não é um homem racional como Aníbal. É desafiador e aguentará até a morte. Se ele contagiou seus guerreiros com o mesmo espírito, cobrarão caro por este lugar. Os homens necessários para ataques suicidas por estas ruas não seriam mercenários. Você pode pagar um homem para arriscar a própria vida, mas não para enfrentar a morte certa. Esses só poderiam ser cidadãos cartagineses.

Cipião assentiu.

— Se eles se dedicaram tanto à construção dessas defesas, também terão homens treinados para este fim: homens com uma aliança fanática com Cartago, talvez sob influência dos sacerdotes. Uma coorte de guerreiros suicidas com apenas um objetivo: atirar-se ao atacante nestas ruas.

Eles chegaram a um conjunto de prédios abaixo da margem do Birsa, onde a encosta

começava a ficar mais íngreme em direção à plataforma do templo, no alto da colina. À direita, a via processional subia ao Birsa a oeste, o lugar onde o sol da manhã lançava uma luz brilhante nos degraus de pedra. Mas a rua onde estavam chegava ao fim antes de um denso aglomerado de casas, estruturas unidas por escadas de madeira e pedra nos telhados que permitiam o acesso pelo alto dos prédios. Embora tivessem passado por alguns poucos na rua ao subir, as vielas à frente fervilhavam de gente: escravos carregando nos ombros ânforas e outras mercadorias, mulheres andando entre as casas com cestos de alimentos, crianças correndo e brincando. Fábio plantou a lança no chão e se postou como se estivesse em guarda.

— Este parece um bairro antigo, como as descrições de cidades antigas no Oriente que ouvi contadas por escravos em Roma — disse ele. — Parece que o programa de reconstrução ainda não se estendeu até aqui. Talvez este bairro tenha significado especial, como a casa de Rômulo no Monte Palatino, preservada porque foi a primeira parte da cidade a ser colonizada.

Cipião fitou as casas com os olhos semicerrados.

— Creio que há mais nisso. Acredito que foi deixada assim deliberadamente. Se uma força de ataque conseguisse chegar a este ponto, os cartagineses sobreviventes poderiam recuar por entre estas casas, entocando-se. Esta é a linha de defesa resistente derradeira.

— Se você quisesse tomar este bairro sem incorrer em perdas maciças, precisaria impelir seus homens para dentro das casas sem hesitação, tendo atiçado seu ardor para o combate individual. Asdrúbal pode guardar seus melhores guerreiros para esta luta.

Cipião assentiu.

— É bem verdade. Vi tudo o que precisávamos ver. Temos toda a munição de que necessitamos para dar a Políbio e Catão em sua luta contra o Senado. Agora devemos retornar.

Eles deram uma última olhada nas casas púnicas e no Birsa mais adiante, o branco reluzente de seu mármore iluminado por trás pelo brilho vermelho do sol de fim de tarde. Fábio se perguntou se um dia voltariam ali e se a rua onde estavam agora seria um rio de sangue. Eles se viraram e andaram rapidamente para os portos, dobrando incisivamente quando a rua se abriu para uma avenida mais larga pouco além da fachada fortificada que formava a segunda linha de defesa. Ouviram um embate de armas e comandos aos gritos à direita. Cipião parou e virou-se para Fábio.

— Isto parece um campo de treinamento. Vamos dar uma olhada.

Diante deles, havia um espaço onde os prédios tinham sido demolidos para criar um campo aberto. Um muro baixo o cortava, mantendo a fachada de rua, ligando as casas fortificadas próximas do Birsa às construções abaixo. No meio do muro havia uma entrada e dois guardas. Para Fábio, pareciam montanheses do norte da Macedônia ou da Trácia, homens imensos de olhos escuros e barbas espessas. Cipião aproximou-se deles audaciosamente, falando em grego.

— Mensagem de Asdrúbal ao *strategos* — disse. Fábio ficou tenso, mantendo o braço preparado ao lado da espada, observando enquanto o guarda à esquerda os fitava com desconfiança.

O homem falou em grego:

— Nunca vi vocês dois — disse ele. — Não são ibéricos, nem gregos. Parecem romanos.

Cipião bufou e cuspiu.

— Romanos por nascimento, mas não por aliança. Combatemos como legionários em Pidna, mas desertamos. Os generais pensavam que estávamos lutando unicamente pela honra de Roma e ficaram com todo o saque. Acredita nisso? Vou lhe dizer, quando os romanos ficam sem homens, saem em busca de mercenários, mas não pense em se juntar a eles. De qualquer modo, bebemos demais em uma noite em Tiro e acordamos acorrentados aos remos de uma galé, só que conseguimos fugir quando a embarcação atracou no porto daqui algumas semanas atrás, e oferecemos nossos préstimos. — Ele viu o formato característico da aljava nas costas do homem, confirmando sua nacionalidade. — É bom rever os trácios. Passamos dez anos depois de Pidna com um bando de mercenários trácios, bebendo e desfrutando das meretrizes pelos reinos do Oriente, trabalhando onde o pagamento era certo. Eles dizem que, um dia, quando a estrela de Roma se apagar, um trácio ascenderá e tirará o viço de Alexandre, o Grande, liderando o exército que conquistará todas estas terras. Pelo que vi dos trácios, não duvidaria disso.

O guarda olhou nos olhos de Cipião com firmeza, depois grunhiu, abrindo um sorriso torto.

— Tem toda razão. Quando estamos de folga, vamos a uma taberna perto do mar que serve vinho trácio. Pergunte pela taberna de Menander. Encontre-nos lá esta noite. O proprietário tem duas egípcias que sempre procuram carne fresca. Vocês podem nos mostrar do que são feitos. — Ele apontou a porta com a cabeça. — Leve sua mensagem para dentro.

Mas não se demore demais. Se demorar, eles os usarão para a prática da espada.

— Mercenários?

O homem balançou a cabeça.

— Cartagineses. Não são muito mais do que meninos, e nenhum deles viu uma batalha. Mas vêm sendo treinados dessa forma entra dia, sai dia, desde que estamos estabelecidos aqui. Disseram que são os primogênitos da nobreza cartaginesa, poupados do sacrifício em Tofete para que treinassem e se tornassem os últimos defensores de Cartago, a força suicida pessoal de Asdrúbal para quando os romanos finalmente tiverem coragem de assaltar este lugar. Vou lhe contar, quando isso acontecer, eu e Skylax aqui já teremos ido embora. Vamos nos acorrentar a uma galé para partir. Entre os mercenários, apenas os celtiberos de cabeça dura ficarão por aqui porque combatem pela honra e não pelo saque. Ficar aqui, quando os romanos aparecerem no horizonte, será uma passagem só de ida ao Hades.

Cipião fitou o homem, olhou em volta e falou em voz baixa.

— Conhecemos um *kybernetes* que pode ajudá-los. Ele não procura escravos, mas os melhores mercenários que puder encontrar, para uma força de elite que se junte a Andrisco, o Macedônio, em sua tentativa de recuperar o reino de Alexandre. — Ele colocou a mão em sua túnica e pegou uma bolsa de couro, abrindo-a e derramando moedas de ouro na mão. — Estes são estáteres de Alexandre, o Grande, feitos de ouro trácio. Há mais ouro neste único saco do que você receberá em um ano servindo a Cartago, e isso é só para começar. — Ele recolocou as moedas na bolsa e pegou outra, entregando uma a cada homem. — Há outra bolsa para cada um de vocês no navio e mais uma quando chegarem à Macedônia. Uma vez lá, o verdadeiro pagamento começa. Vocês farão parte da guarda pessoal de Andrisco, à distância de uma pedrada da Trácia. Serão enviados para lá para recrutar outros ao exército macedônio. Chegarão em casa como homens ricos.

O trácio olhou seu companheiro, fitou Cipião novamente e assentiu devagar, sopesando a bolsa na mão e deslizando-a para dentro da túnica.

— Estávamos procurando uma saída há meses.

— Esperem por nós aqui. Quando entregarmos nossa mensagem, desceremos ao porto juntos. Haverá outros.

O homem apontou a cabeça para a abertura.

— Ainda deseja entrar ali?

— O *kybernetes* conhece um romano disposto a pagar por informações. Se eu puder dizer

que vi esses cartagineses com meus próprios olhos, ele acreditará. O romano paga bem, e haverá uma parte para vocês.

— Muito bem. Procure não ser visto.

Cipião assentiu para Fábio, e os dois entraram. A entrada levava a uma passagem estreita até uma abertura maior atrás de algumas colunas. Fábio falou baixinho com Cipião:

— Isso foi arriscado. O que pretende fazer com esses homens?

Cipião respondeu rapidamente, em voz baixa:

— Políbio disse que, sempre que possível, devíamos coagir um ou dois soldados que dessem descrições em primeira mão, em uma tentativa de convencer o Senado. Eles não acreditariam em cartagineses, duvidando de sua sinceridade, mas podem acreditar em mercenários que não têm lealdade investida para com este lugar. Depois que estivermos no navio e eu contar a eles quem realmente sou, garantindo sua segurança e suas recompensas, ainda concordarão em prosseguir conosco, tenho certeza. Eles não têm alternativa, uma vez que voltar a Cartago depois da deserção seria enfrentar a execução certa. Mas antes também serão úteis quando marcharmos para o porto juntos, tornando-nos uma unidade mais crível. Os trácios podem alegar à polícia aduaneira que estamos em uma missão do próprio Asdrúbal para inspecionar as embarcações recém-chegadas, e na escuridão, com nossas peças faciais abaixadas, não seremos reconhecidos, mesmo que soem o alarme. Quando souberem que os trácios também fugiram, o navio provavelmente já terá escapado.

— Acredita que eles têm as informações de que precisamos?

— Esse homem já nos deu pistas valiosas sobre o moral da força mercenária e a probabilidade de ser esvaziada pela deserção quando da chegada de um exército romano. Acredito que possa haver o suficiente deles para defender a área do porto, impondo uma resistência firme, mas, depois que rompermos as defesas do porto, o caminho estará livre pela cidade até chegarmos a este ponto, onde os últimos defensores serão cartagineses preparados para morrer por sua cidade.

Fábio apontou adiante.

— Chegamos.

Eles olhavam um amplo espaço do tamanho de cerca de um estádio, semelhante à área de treinamento da Escola de Gladiadores em Roma. À frente, havia uma unidade de soldados em formação de manobra, com o tamanho aproximado de uma centúria, marchando para a frente e de lado e gritando em uníssono, batendo as lâminas das espadas

nos escudos. As armaduras e armas brilhavam como prata, deslumbrantes mesmo à meia-luz. Estavam equipados como Fábio jamais vira, com couraças musculosas e capacetes no estilo corinto, as guardas de nariz e peças faciais se estendendo abaixo do queixo. Pareciam uma visão do passado, como os hoplitas gregos, soldados que Fábio só vira em escavações e pinturas.

A um comando vociferado, se viraram e ficaram bem de frente para os dois, e Cipião e Fábio rapidamente recuaram para trás das colunas antes de espiarem novamente, com cautela. Seus escudos eram inteiramente brancos, exceto por uma crescente lunar vermelha pintada sobre um triângulo truncado em relevo. Fábio o reconheceu da entrada do santuário tofete, por onde tinham passado ao subir, o símbolo da deusa Tanit. Ele se lembrou do que o mercenário tinha dito, que aqueles eram homens que haviam recebido uma segunda chance, que escaparam do sacrifício ao nascimento e passavam a vida treinando para outro tipo de sacrifício, uma dívida para com a deusa cujo símbolo ostentavam tão acintosamente nos escudos.

— Por Júpiter — cochichou Cipião. — É *hieros lockos*, o Batalhão Sagrado.

Os soldados marcharam novamente, viraram-se e seguiram em direção a um grupo de homens abaixo dos muros que davam para o Birsa, e Fábio via que incluíam sacerdotes de mantos brancos, assim como oficiais de armadura. Ele se virou para Cipião.

— Mas pensei que o Batalhão Sagrado fosse história antiga.

— Foi destruído quase duzentos anos atrás na Batalha do Crimissus, na Sicília, contra Timoleão de Siracusa, e novamente por Agátocles uma geração depois, nos arredores de Cartago — respondeu Cipião. — Eles eram a elite do exército de cidadãos cartagineses, mas desde então Cartago tem dependido de mercenários.

— Entretanto, pelo que nos disse o trácio, os mercenários não mais defenderão Cartago.

— Então os cartagineses refizeram o Batalhão Sagrado — disse Cipião severamente. — Por todos estes anos, enquanto Roma fazia vista grossa, Cartago reconstruiu não só seu poderio naval, mas também sua força de infantaria mais temida.

— Se combateram até a morte duas vezes, isso faz parte de sua história sagrada, e eles estarão preparados para fazer o mesmo outra vez.

— Treinam para a guerra nestas ruas, na viela que se estreita até o Birsa e entre as antigas casas do bairro púnico. Quando uma força de assalto chegar a este lugar, saberá que não tem chances de sobrevivência, que a guerra significa vender a vitória ao mais alto custo possível.

Estes homens estão sendo treinados para se lançar à morte. São guerreiros suicidas.

— Todavia, se um assalto não acontecer logo e Cartago recuperar suas forças, tal batalhão pode rapidamente ser transformado em uma unidade ofensiva, uma força de vanguarda ou em uma guarda especial para Asdrúbal.

Um sopro estridente veio de duas trombetas e eles se viraram para olhar a entrada do muro, onde os sacerdotes e oficiais estavam parados. Os trombeteiros se afastaram e uma figura passou, seguida por várias outras. A primeira figura era um homem imenso, de ombros largos e musculosos, vestindo uma pele de leão com a cabeça boquiaberta por cima da própria cabeça do homem, a barba trançada e aparada em formato quadrado. Fábio olhou e vacilou. Só um homem em Cartago usava um manto de pele de leão. *Era Asdrúbal*. Ele parecia a encarnação de tudo que fazia de Cartago um lugar a ser temido: a persistência de um fenício e a força de um númida. Era extraordinário pensar que estava ao alcance de uma pedrada de Cipião, herdeiro do romano que colocara Cartago de joelhos, aquele mesmo cujo destino desde a infância fora se postar diante daquelas mesmas muralhas e enfrentar o sucessor do grande Aníbal.

Asdrúbal desceu a escada e plantou os pés firmemente separados, olhando as fileiras de guerreiros de frente para ele. De outra entrada, ao sul, um grupo de escravos puxava um touro que dava pinotes, os olhos vermelhos de medo. Um sacerdote entregou a Asdrúbal uma espada, imensa e curva, uma que Fábio nunca vira, e ele se virou para o touro. Os escravos o arrastaram até parar, vários deles segurando cada perna e outros dois, o pescoço. Dois sacerdotes empurraram uma tigela larga de metal para baixo do touro e recuaram enquanto o próprio Asdrúbal avançava, parando diante do animal. De repente, ele investiu contra o touro e segurou seu pescoço em uma chave de braço, torcendo e desequilibrando o bicho. Com a outra mão, cravou a espada pelo pescoço do touro de baixo para cima, trazendo a lâmina para fora de modo que a cabeça fosse praticamente decepada. O touro emitiu um arroto oco terrível, então um jato de bile saiu de seu estômago e fontes de sangue jorraram na tigela. Depois de alguns segundos, o fluxo de sangue se reduziu, Asdrúbal deixou a carcaça cair pesadamente na terra e os sacerdotes retiraram a tigela, agora transbordante. Um deles mergulhou um corno para bebida no sangue e o ergueu alto, voltado para Bou Kornine, a montanha de picos gêmeos visível apenas ao longe, acima dos telhados a leste.

Um por um, os soldados se aproximaram e beberam longamente do chifre, deixando que o sangue escorresse livremente por seus rostos e peitorais, o sacerdote completando o

recipiente com frequência. Ao se afastar, cada guerreiro retirava o capacete, e Fábio via que o trácio tinha razão. Eram apenas meninos, de 16 ou 17 anos, e alguns mal eram capazes de desenvolver uma barba. Fábio sentiu um calafrio repentino de familiaridade. Eram idênticos aos meninos da academia em Roma todos aqueles anos atrás, a idade que ele e Cipião tinham quando partiram pela primeira vez para a guerra na Macedônia. Se Roma não atacasse Cartago, se os treinadores daqueles meninos conseguissem enxergar além do suicídio deles, poderiam ser tratados como a próxima geração de líderes de guerra cartagineses, como Cipião e os outros tinham sido para Roma.

Ele sabia o que Cipião tinha de fazer. Precisava endurecer-se contra a inocência daqueles meninos, contra seu entusiasmo pela guerra e pela sede de honra, virtudes que o próprio Cipião valorizava acima de qualquer outra coisa. Cipião precisava retornar antes que ficassem muito mais velhos, encabeçando um exército que subiria as ruas daquela cidade como um maremoto. Precisava garantir as trevas para as quais aqueles meninos haviam sido treinados. Precisava matar a todos.

Fábio olhou os homens que tinham saído da entrada com Asdrúbal. Dois eram sacerdotes e outros dois eram evidentemente oficiais cartagineses, vestidos não de armadura, mas com mantos debruados de roxo. Foi o quinto homem que chamou sua atenção, um sujeito musculoso e atarracado de cabelo grisalho curto, vestindo um *chiton* grego, um traje que parecia incongruente ao seu físico.

Fábio olhou fixamente. Depois percebeu por que a roupa lhe parecia estranha. Era porque, da última vez que vira aquele homem, ele estava vestindo armadura, não uma armadura cartaginesa ou grega, mas a cota de ferro e o capacete de legionário romano.

Ele se virou para Cipião.

— Na plataforma, ao lado de Asdrúbal. Acabo de reconhecê-lo, aquele de *chiton*. É meu velho inimigo Porcus Entéstio Supino.

Cipião o olhou.

— Tem certeza?

— Quando alguém lutou com você com a frequência com que ele o fez quando éramos meninos, você conhece cada contorno de suas feições.

— Mas ele é servo de Metelo. Quero dizer, seu companheiro soldado, assim como você é de mim. E Metelo está na Macedônia.

— Ele também é a versão de Políbio para Metelo. É algo que eu nunca poderia ser, um

emissário astuto. Ele deve estar aqui a mando de Metelo.

Cipião baixou os olhos, refletindo bem.

— É claro. Aquele *lembos* no embarcadouro, justamente a embarcação que o trouxe em alta velocidade da Macedônia.

— Cuidadosamente escondida no porto de guerra, com sinais de uma tripulação romana.

— Uma missão que o Senado nunca poderia ter sancionado — disse Cipião.

— Muito embora alguns de seus membros mais poderosos pudessem tê-lo feito em segredo.

— O que quer dizer? — indagou Cipião.

— Lembre-se do que o *kybernetes* nos disse. Sobre o envolvimento de senadores romanos naqueles empreendimentos comerciais cartagineses.

— Acredita que Metelo pode ser um deles?

— Sou um simples legionário, Cipião. Não consigo raciocinar sobre acordos comerciais, mas aprendi um pouco de estratégia militar. Creio que é ainda pior do que o *kybernetes* sugeriu. A meus ver, uma embaixada secreta de Metelo aqui cheira a uma aliança militar em andamento.

Os olhos de Cipião se estreitaram.

— Uma aliança entre o governador romano da Macedônia e Asdrúbal de Cartago.

— Talvez não apenas o governador da Macedônia. Talvez ele pretenda ser mais do que isso. Sabemos que Metelo tem sido um aliado secreto de Andrisco, porém talvez não seja Andrisco o detentor de pretensões ao trono da Macedônia. Sempre pareceu apenas uma questão de tempo até Andrisco deixar de ser útil e Metelo encontrar uma desculpa para destruí-lo. Lembra-se de como Metelo sempre foi fascinado por Alexandre, o Grande? Quando eu costumava ouvir você na academia reproduzindo as batalhas do passado em jogos de guerra, Metelo sempre levantava o nome dele, invariavelmente em tons de reverência. Dizia que a principal coisa que a academia havia lhe ensinado foi que, se ele fosse Alexandre, teria solidificado seus ganhos e não se estenderia demais.

— Um novo Alexandre — suspirou Cipião. — O principal inimigo de Roma afinal não tem sido Cartago. É ela mesma, uma força sombria desencadeada porque Roma não tem sido capaz de proporcionar a satisfação na carreira a homens como Metelo, homens que não seriam apenas reis, mas imperadores.

Fábio ficou em silêncio por um momento. *Homens como você também, Cipião Emiliano.* Ele olhou os soldados.

— Eles poderão nos ver se nos mexermos agora. Mas, assim que o último guerreiro passar, devemos ir. Precisamos chegar ao porto e depois a Políbio. Não temos tempo a perder.

Eles observaram a última fileira de homens beber suas libações. A mente de Fábio estava em disparada. A missão dos dois a Cartago revelara bem mais do que poderiam ter imaginado. Cartago não só estava se rearmando, mas também à beira de se tornar o estado mais rico já conhecido. Ainda pior, estava conduzindo negociações com um romano que a maioria no Senado acreditaria ser um de seus generais mais leais, mas que poderia estar prestes a se estabelecer como o sucessor de Alexandre, o Grande, governante de uma nova Roma no Oriente.

Roma se permitira a complacência. Um só homem estava no caminho da nova ordem mundial, e era Cipião Emiliano. Todavia, o futuro do próprio Cipião, sua capacidade de liderar um exército para destruir Cartago e fazer o pêndulo voltar a Roma, pesava na balança. E poucos em Roma sabiam tão bem quanto Fábio como a lealdade do próprio Cipião era incerta e o que ele seria capaz de fazer se um dia se postasse nas ruínas em chamas do templo que assomava agora acima deles.

O último cartaginês passou por eles, limpando a boca e jogando gotas de sangue no chão. Fábio olhou nos olhos de Cipião e assentiu para ele.

Sua mente voltou aos homens que tinham matado junto ao porto. Eram apenas dois, mas seriam os primeiros de muitos. Cipião voltaria à cidade.

Eles se viraram para a viela, onde os dois trácios estavam aguardando, e começaram a correr.

17

Próximo à fronteira númida, cinco meses depois

Fábio puxou as rédeas do cavalo e parou, olhando o cavaleiro solitário de capacete de crista emoldurado contra a luz do início de manhã no acampamento à frente. Durante os meses desde sua missão secreta a Cartago e o retorno ao acampamento do quartel-general romano, ele e Cipião se dedicaram incansavelmente à causa de Gulussa, ajudando a reunir e a treinar a cavalaria númida nas planícies e nos cerrados semidesérticos no extremo sul de Cartago. Fábio saboreava a vida de soldado novamente, mas naquela manhã estava cansado e faminto, coberto de poeira da cavalgada noite afora; ele sabia que, assim que se deitasse com os outros no barranco abaixo, apagaria como uma vela e dormiria por horas.

Gulussa calculava que ainda teriam cinco dias de cavalgada árdua pela frente antes de chegarem ao pântano seco abaixo de Cartago, sua última estirada depois das semanas que passaram vasculhando os limites externos do reino de seu pai em busca de homens que juntassem forças à cavalaria que ele e Hipólita estavam preparando para resistir às incursões cartaginesas no território da Numídia. Agora estavam todos ali, mais de mil homens com seus cavalos, apinhados no barranco abaixo, as fogueiras de café da manhã pontilhando a margem do córrego raso onde davam de beber aos animais e dormiam durante as horas quentes do dia. A ida ao barranco havia representado um desvio de algumas horas a oeste de sua rota principal, mas Cipião planejara visitar aquele lugar desde o início; o próprio Fábio recebera instruções estritas de Políbio para anotar tudo que visse. Políbio ansiava vir ele mesmo, mas seu retorno a Roma para dar um relatório a Catão de sua missão de reconhecimento em Cartago o tivera lá por meses a mais do que o esperado, intercedendo firmemente por sua causa no lugar do cada vez mais enfermo Catão, que agora já havia passado dos 90 anos. Apesar das provas esmagadoras dos preparativos cartagineses para a guerra, o debate ainda era complicado contra aqueles que desprezavam a importância da África em favor da Grécia e do Oriente, e que até argumentavam pela retirada do apoio a Massinissa em sua tentativa de defender a integridade de seu reino contra a ressurgência de Cartago. Fábio sabia que Políbio guardara sua munição mais potente para o final, a prova de cumplicidade de senadores romanos do mais alto nível com os planos cartagineses, temendo que uma tentativa prematura de expor os culpados fosse desacreditada e voltada contra eles, a não ser que já tivessem a seu lado a maioria do Senado. Mas também sabiam que o tempo se encurtava, que aquele jogo de espera não podia se estender muito mais, pois Cartago

continuava a se rearmar. Políbio teria de jogar suas cartas logo, arriscando-se à censura e ao desterro, para ele e Cipião, se muito em breve não houvesse movimento em seu favor no Senado.

Fábio bebeu um gole do odre, depois despejou água na crina do cavalo, curvando-se para trás enquanto o bicho sacudia a cabeça e relinchava. Logo estariam de volta ao regato e o cavalo poderia beber o quanto quisesse. Ele observou Gulussa subir a crista do barranco para se juntar a ele, ainda com seu manto para se proteger do frio da noite, e juntos seguiram pelo terreno rochoso até a figura na escarpa. Para Cipião, ir a Zama era uma peregrinação pessoal: foi ali que seu avô adotivo Cipião Africano conquistou sua maior glória quase sessenta anos antes, quando os dois exércitos foram àquele lugar, à beira do desconhecido, para decidir se Cartago ou Roma governaria como a maior potência que o mundo já vira.

Eles chegaram à crista da escarpa e puxaram as rédeas ao lado de Cipião. À frente deles o terreno caía em uma planície como uma tigela rasa, limitado ao sul e a oeste por outras cristas. Sabiam que o acampamento romano ficava bem abaixo deles e que o cartaginês estava a mais ou menos uma milha sob a crista oposta, a oeste. Havia pouco para se ver, apenas uma área erma de arbustos e terreno pedregoso, um pastor de cabras e seus poucos animais inconstantes atravessando o centro da depressão ao longe, nada que sugerisse que um dos eventos mais decisivos da história tivesse ocorrido ali apenas duas gerações antes. Do outro lado da crista ficava a fronteira do reino de Massinissa, não com outro reino qualquer, mas com o deserto africano, uma vasta extensão que ia do Egito à costa do Atlântico e do sul ao desconhecido. Fábio se lembrou de cavalgar com Cipião e Políbio dez anos antes na floresta macedônia, e de Políbio estendendo um mapa-múndi de Eratóstenes. Eles haviam se aproximado da margem norte até então, e agora estavam no sul. Se alcançariam as outras extremidades, a oeste e a leste, dependeria do que aconteceria ali na África, se Cipião seria capaz de se erguer sobre uma cidade conquistada e de enxergar através da névoa da guerra horizontes além do mundo restrito que os senadores de Roma haviam delineado para si mesmos.

Fábio pronunciou a palavra a meia voz: *Zama*. Era o nome que os veteranos deram àquele lugar, baseado em uma colônia próxima de berberes, e era o nome que Fábio crescera ouvindo dos lábios de velhos bêbados nas tabernas e de pedintes amarfanhados nas ruas em volta do Fórum. Era um lugar o qual poucos em Roma que não haviam estado em combate poderiam imaginar, tão afastado das paisagens da Itália. Na academia, Políbio dissera que o Norte da África era o terreno perfeito para batalhas isoladas, e Fábio agora entendia por quê.

Havia poucas colônias humanas que estorvassem manobras militares em larga escala, ou altas cadeias montanhosas e complexas linhas costeiras que impedissem o transporte e a comunicação. Aníbal e Cipião Africano escolheram aquele local de batalha, o lugar onde o terreno não daria uma clara vantagem tática a nenhum dos dois lados e tudo dependeria da natureza e da disposição das formações: infantaria, cavalaria, elefantes. Era o equivalente mais próximo que ele vira na vida real de um jogo de guerra desenvolvido em tabuleiro, o tipo de exercício abstrato com que os rapazes começavam na academia antes de passar aos dioramas, que representavam batalhas reais onde o terreno e a topografia eram variáveis importantes.

Cipião esporeou o cavalo e eles seguiram para o centro do campo de batalha. Ao longo do caminho, passaram por pedras empilhadas e galhos espinhosos que delimitavam o local do acampamento romano, ainda visível depois de mais de sessenta anos, e então passaram pelas rochas queimadas contendo fragmentos de ossos escurecidos que marcavam o lugar onde os prisioneiros cartagineses foram amontoados e queimados até a morte. Mais adiante, no próprio campo de batalha, Fábio viu entre os arbustos e a poeira os detritos que haviam escapado dos catadores de batalha, parte deles talvez enterrada por anos e recentemente descoberta pelo vento do deserto: as pontas enferrujadas de lanças, uma espada celtibera quebrada, um amontoado de armaduras enferrujadas ainda com a pele mumificada e as unhas das patas de um elefante. Gulussa apontou para ossos de perna embranquecidos de um esqueleto humano, sem armas e armadura, com o crânio esmagado, as costelas já separadas devido à ação de cães selvagens e de raposas que sem dúvida nenhuma terminaram o trabalho ali ao passarem por quaisquer outros restos humanos que surgissem do terreno poeirento.

Eles prosseguiram e se colocaram no centro da depressão. Cipião parou e virou o cavalo para ficar de frente para as linhas cartaginesas, assim como seu avô Africano provavelmente fizera. Fábio fez o mesmo, então fechou os olhos por um momento, ouvindo apenas a respiração dos cavalos e um leve vento oeste que roçava nos arbustos baixos, fazendo os cavalos virarem a cabeça em direção a eles. Lembrou-se do pai, que havia lutado ali quando jovem legionário e que depois fora um daqueles velhos veteranos nas tabernas, contando as mesmas histórias de batalha aos poucos que quisessem ouvir. Fábio fora um deles, e abriu os olhos. O pai lhe contara como os elefantes de guerra cartagineses investiram, oitenta deles, diferente de tudo que os romanos já haviam visto. Aníbal e seus elefantes entraram para a história, mas nos anos desde que ele os liderara pelos Alpes os romanos apreenderam seus

pontos fracos e Africano usou uma técnica que aprendera com caçadores de marfim: uma manada de elefantes sempre procura os espaços que consegue enxergar, recusando-se a investir em uma densa massa de homens. Em Zama, eles foram canalizados para espaços que se abriam na linha romana e abatidos um por um ao arremeterem pelo corredor, todos morrendo atrás das linhas romanas. Depois disso, a cavalaria de Massinissa e as *alae* romanas nos flancos atacaram, afugentando a cavalaria cartaginesa e perseguindo-os pelo campo de batalha, deixando que a infantaria os espancasse. Apenas com a volta da cavalaria romana é que o dia finalmente foi decidido, obrigando Aníbal a se postar de joelhos diante de Cipião Africano e deixando milhares de mortos e moribundos espalhados pelo campo de batalha.

Mas não foram as táticas e o curso de batalha que Fábio se flagrou tentando imaginar. Foram os momentos de combate que seu pai descrevera: períodos curtos de uma selvageria sem igual, cortando e golpeando, esmurrando e mordendo. A infantaria em Zama parecia duas feras equivalentes envolvidas no combate mortal, chocando-se e se retraindo, sem parar, esgotando as reservas do outro, mas sem jamais desistir. Para seu pai, aqueles minutos de combate moldaram sua vida; ele nunca conseguira se livrar deles, lembranças que o mantinham acordado e transpirando à noite, que ele só era capaz de controlar com a bebida e a violência que destruíram sua vida e fizeram com que a família o temesse. Fábio o odiara por isso, e o desprezava e se afastava quando as mesmas histórias velhas e balbuciadas lhe eram repetidas. No entanto, anos depois da morte do pai, quando ele já era um soldado, arrependeu-se amargamente disso, depois de Pidna, quando ele próprio viveu o turbilhão e o horror da batalha e começou a compreender tudo que o pai enfrentara.

Fábio aprendeu em Pidna que só aqueles que viveram a batalha podiam compreender verdadeiramente o que ela significava. Mas ali, em Zama, mesmo como veterano de combate, ele se sentia um intruso. O lugar pertencia àqueles que lutaram e morreram aqui, e sua história estava presa a eles. Políbio podia escrever o que quisesse sobre o grandioso esquema de batalha, sobre suas táticas e a configuração do terreno, mas a verdade estava nas experiências individuais que nunca podiam ser contadas, ou eram apenas mal recordadas por aqueles que ainda viviam e tinham suportado as trevas daquele dia. Na poeira e nas pedras daquele lugar estavam impressos feitos de coragem e a última resistência desesperada que permaneceriam para sempre, fatos conhecidos apenas pelos deuses que presidiram a batalha, assim como Cipião e os outros presidiam os jogos de guerra na academia em Roma.

Gulussa se pôs ao lado, Cipião se virou para ele.

— Seu pai Massinissa deve ter trazido você aqui. Zama foi cenário de seu maior triunfo, bem como de Cipião Africano.

— Viemos aqui depois de eu voltar da academia em Roma, quando você e os outros foram nomeados tribunos para a guerra contra a Macedônia. Eu falei a meu pai da inveja que sentia por vocês entrarem em batalha, então ele me trouxe até aqui para me mostrar como foi. Na época, havia muito mais a ser visto, ossos humanos e as carcaças desmoronadas e dessecadas de elefantes que não queimaram inteiramente nas piras funerárias. Era uma cena melancólica, e aprendi que até as maiores batalhas podem ser esquecidas rapidamente, deixando poucos vestígios. Meu pai me dizia que as batalhas só são dignas se você as usar para destruir um inimigo, ou estão condenadas a se repetir. Ele tinha razão: aqui estamos novamente, enfrentando Cartago exatamente como fizemos antes em Zama.

— Na academia era o contrário, Gulussa. Nós invejávamos você. Sabíamos que Massinissa estava em guerra constante contra seus vizinhos e pensávamos que você tinha um futuro glorioso à frente.

Gulussa lhe abriu um sorriso cansado.

— Glorioso não, Cipião. Essa não é a palavra certa. Vinte anos de incursões, de perseguição a saqueadores e bandidos no deserto, de retaliação contra aldeias do deserto por abrigar fugitivos. Matei o suficiente, centenas de vezes, mas em raras ocasiões com alguma glória, e só agora, com Cartago invadindo nossas terras, liderei minha cavalaria pela primeira vez contra um inimigo adequado, em escaramuças e perseguições. Levei minha vida planejando isso, mas ainda não tive uma batalha digna do nome.

— Sua hora chegará, Gulussa. Você seguirá os passos de seu pai.

— Naquele dia, meu pai Massinissa me deu um conselho interessante. Foi algo que ele esteve tentando apreender por mais de sessenta anos de experiência em guerras, testemunhando numerosas batalhas. Quando menino em Cartago, foi discípulo de um matemático grego, um de seus mestres preferidos, e isso o fez pensar que talvez pudesse haver uma fórmula em sua observação.

— Continue.

— Ele viu batalhas suficientes com condições iniciais muito semelhantes prosseguindo de forma muito diversa, e observou que a pequena alteração de uma variável no início pode mudar todo o curso dos acontecimentos. E assim a vitória certa torna-se uma derrota retumbante. Às vezes não havia lógica aparente nisso, nem uma sequência óbvia de efeitos a

partir daquela mudança; porém, a certa altura da batalha, toda a estrutura parecia desmoronar. Como as pequenas variáveis se alteram o tempo todo, tal como o deslocamento de uma centúria ou de uma coorte na ordem de batalha, ele passou a duvidar que as batalhas pudessem ser previstas, que, além da garantia de que sua formação fosse forte o suficiente para render bom combate, tudo repousava no colo dos deuses. Entretanto, ele começou a observar uma coisa muito interessante. Quanto mais uniforme sua força, quanto mais homogênea, mais improvável é o resultado catastrófico por causa de uma pequena alteração. Quanto mais variada sua força, quanto mais heterogênea, maior é a probabilidade de você ter problemas. Ele disse que Cipião Africano teve sorte ao vencer naquele dia em Zama porque suas tropas tinham precisamente esse ponto fraco.

Cipião saltou do cavalo, alisou um trecho do terreno e desembainhou a espada, usando a ponta para marcar três linhas paralelas na terra. Olhou para Gulussa, corado de empolgação.

— Isto combina perfeitamente com o que discuti quando fizemos o jogo de guerra de Zama na academia. Esta era a ordem de batalha de Cipião para cada legião: *hastati* na vanguarda, *principes* na segunda linha e *triari* na terceira, com *velites* nos flancos. Todos que estudaram a batalha sabem que a balança quase pendeu contra nós quando os *hastati* foram rechaçados depois do primeiro ataque cartaginês. Mas o ponto fraco que Massinissa identificou estava na divisão geral das forças: as legiões não eram homogêneas na linha de batalha. Por que insistiríamos em organizar nossas legiões dessa maneira, com divisões que remontam aos tempos dos cidadãos guerreiros, quando suas armas e armaduras e seu papel na batalha se baseavam na própria riqueza pessoal? Alegamos ter abolido a prova de riqueza, agora que todos os recrutas têm acesso a armas e equipamento básico, mas ainda mantemos essas divisões em treinamento e na ordem de batalha com base na idade e na experiência. Como pode ser sensato colocar todos os homens inexperientes em uma divisão, a *hastati*, e empurrá-los ao front se não são mais do que um amortecedor humano, descartáveis e praticamente inúteis?

— Os centuriões vêm ruminando sobre isso há anos — disse Fábio. — A dispensa das legiões depois de cada campanha é algo que impede que a experiência dos veteranos seja transmitida aos novos recrutas. Se você não os misturar nas mesmas unidades, os recrutas terão de aprender tudo da forma mais difícil, sozinhos, e os generais terão uma força de combate muito menos eficaz.

— Exatamente. — Cipião apagou as linhas na terra e bateu a espada na palma da mão, fitando o campo de batalha. — Roma precisa de um exército profissional. É a única solução.

— Você teria muita dificuldade para convencer o Senado disso — disse Gulussa. — Aqueles que não têm experiência de batalha, e estes compõem a maioria do Senado romano hoje, recapitulariam Zama e diriam que a organização militar existente bastou para derrotar Aníbal, então, por que mudar? E legiões mais fortes e mais coesas dariam exércitos mais fortes e produziriam generais mais fortes que poderiam voltar a Roma de olho em uma ditadura, ou mais. É isso que realmente os apavora.

Cipião embainhou a espada e montou no cavalo, puxando as rédeas.

— Veremos sobre isso. A tomada de Cartago exigirá um exército profissional, ou um general que já será visto como uma ameaça por aqueles no Senado que se opõem à mudança.

— Meu pai disse algo mais — falou Gulussa. — Aníbal era um homem honrado, que aceitou a derrota. Mas Asdrúbal é diferente. Na Espanha, você experimentou a resistência dos chefes tribais celtiberos, aqueles que prefeririam morrer a se desonrar pela rendição. Asdrúbal é mais do que isso: possui um imenso rancor contra Roma e é obsessivamente desafiador. Esta é uma coisa muito mais perigosa. Não haverá saída honrosa para ele, nem um combate homem a homem, como o que você travou com o chefe de Intercacia. Asdrúbal só cairá quando a cidade de Cartago cair. Esse é outro aspecto que o Senado em Roma deve compreender. A rendição de Aníbal não proporciona um prenúncio do que está por vir se Cartago fosse sitiada agora. Essa nova guerra, se acontecer, só pode terminar na completa destruição de Cartago e de Asdrúbal.

— Vamos esperar que Políbio tenha sorte em sua missão — disse Cipião severamente. — Por ora, devemos honrar aqueles que caíram aqui naquele dia, cujos espíritos nos observam do Elísio. Há um que deve se juntar a eles, cujos desejos devo cumprir agora. Em seu leito de morte, prometi que um dia voltaria a Zama e que cuidaria para que seu general se reunisse aos amados legionários por toda a eternidade. Devo cavalgar pelas linhas de batalha e eles devem ver que Cipião Africano retornou. Agora, deixem-me.

Fábio tinha visto o alabastro de cremação lacrado no alforje de Cipião, algo que ele raras vezes perdia de vista. Enquanto Roma durasse, Cipião Africano seria homenageado por sua *gens* em seu *lararium* de família e na tumba da Via Ápia, mas seu espírito estaria ali, junto àqueles que ele mais honrara. Fábio pensou no próprio pai e no velho centurião Petreu, homens que tinham estado ali naquele campo de batalha juntamente a Africano, ambos agora também entre os espíritos. Fábio engoliu em seco, fechou os olhos e pronunciou os dois nomes baixinho, depois esporeou o cavalo e seguiu Gulussa, que já estava a meio caminho da subida da crista. Ele ouviu Cipião galopar pela planície atrás de si, mas não

olhou para trás. Em alguns minutos o sol romperia a névoa, e ele queria voltar ao córrego para seu cavalo beber e depois encontrar uma pedra atrás da qual poderia dormir. Estava morto de cansaço e ainda tinham um caminho longo e difícil antes de chegarem ao acampamento romano nos arredores de Cartago.

Três semanas depois, estavam sentados bebendo vinho na tenda de Cipião no entreposto da cavalaria que ele comandava, cerca de dez milhas a leste de Cartago, na margem de uma lagoa ao alcance da vista da montanha de picos gêmeos de Bou Kornine. Políbio voltara de Roma dois dias antes com a notícia da morte de Catão. Ele e Cipião conversaram por horas depois disso, com Fábio sempre em serviço, pensando nos vários cursos possíveis de ação. Ficou claro para Fábio que a única maneira de prosseguir com o plano seria com o próprio Cipião voltando a Roma; sua permanência na África por mais tempo como mero tribuno não promoveria nem sua causa nem sua carreira. Agora havia veteranos suficientes em Roma, que haviam servido com Cipião na Espanha e na África, para incitar sua popularidade em meio à *plebs*, e Catão morrera com a satisfação de trazer os tribunos do povo para a causa deles. Se Cipião pudesse ser convencido a voltar agora, o pêndulo poderia tombar em favor deles. Uma coisa parecia certa: se voltasse à África, não seria mais como tribuno. Se houvesse guerra, Cipião não aceitaria nada menos do que uma legião. E como senador com o apoio dos tribunos do povo ele tinha chances de suscitar uma eleição de emergência ao consulado, embora oficialmente ainda fosse jovem demais. Os acontecimentos agora poderiam se acelerar caso Cipião aproveitasse a oportunidade apresentada a ele por Políbio de defender sua causa, voltando a Roma.

Um dos legionários na entrada da tenda adentrou e falou em voz baixa com o centurião encarregado da guarda, que se virou para Políbio.

— Parece que há um homem aqui que quer vê-lo. Ele alega ter vindo em uma galé ligeira de Pela. É macedônio e se chama Filipo.

À menção do nome, Políbio levantou-se de um salto e saiu da tenda, seguido pelo legionário. Voltou minutos depois com uma expressão solene.

— Filipo é um de meus informantes. Trabalha no estado-maior de Metelo como intérprete para o comandante mercenário trácio, que pouco sabe latim, então ele escuta tudo que acontece no quartel-general do exército romano na Macedônia. Parece que quatro dias atrás Metelo derrotou e matou Andrisco em uma grande batalha, em Pidna.

— Em *Pidna*? — exclamou Cipião. — O mesmo lugar onde meu pai Emílio Paulo celebrou sua vitória? A batalha de meu primeiro derramamento de sangue?

Políbio olhou severamente para Cipião.

— Meu informante me disse que Metelo escolheu o campo de batalha deliberadamente para tentar lançar uma sombra sobre as realizações de seu pai. O exército de Andrisco era uma força desorganizada, e a batalha foi um massacre. Mas Metelo a está apresentando como uma grande vitória, como a conquista definitiva da Macedônia, como se tivesse concluído o que seu pai deixou por fazer vinte anos atrás. Ele se gaba a seus oficiais de que os Cipiões e os Emílios Paulos fizeram uma grande cena indo à guerra, mas depois de vencer uma ou duas batalhas fáceis voltaram correndo para casa com o rabo entre as pernas porque não tiveram coragem de terminar a tarefa. Ele está falando de você, é claro. E tem mais. Ele desmontou um monumento em Dion, o cavaleiro de bronze de Lisipo que representava os companheiros de Alexandre, o Grande, mortos na batalha de Gravisco. Vangloria-se com a ideia de que isso eclipsará qualquer coisa que seu pai tenha levado a Roma. Diz que, diferentemente da riqueza que alega que seu pai levou para os próprios cofres, ele dará os bronzes ao povo e os dedicará no pátio de um novo templo a Júpiter e Juno que ele custeará e construirá no Campo de Marte.

Cipião se levantou de punhos cerrados, tentando controlar a fúria.

— A Batalha de Pidna foi uma das maiores proezas militares de Roma, uma batalha contra a maior falange macedônia já formada em campo. E se Metelo refere-se a meu pai ter partido sem ter anexado a Macedônia como província, foi porque Emílio Paulo estava obedecendo a ordens expressas do Senado. Também foi seu próprio instinto, que se mostrou correto, de que a pacificação da Macedônia exigiria uma guarnição romana permanente, o que o Senado também não permitiria. Ele não voltou com o rabo entre as pernas, nem meu avô de Zama. Ambos estavam obedecendo a ordens de Roma. E quanto ao monumento a Gravisco, meu pai e eu o visitamos depois da batalha para depositar coroas de flores, homenageando os companheiros de Alexandre. Nunca teríamos sonhado em profanar sua memória, retirando-o dali. Metelo mostrou seu verdadeiro caráter no que fez. Ele não é um soldado de Roma.

Fábio falou em voz baixa:

— Tem razão, mas você precisa ter cuidado para não soar defensivo demais. No que diz respeito aos legionários aqui, a notícia significa que mais algumas ânforas de vinho serão abertas hoje à noite, assim, diga o que quiser, essa notícia será motivo de comemoração. Poucos legionários têm razões para desprezar Metelo, como nós.

— E esse é um motivo para você retornar a Roma — disse Políbio, voltando-se para

Cipião. — Você terminou o que veio fazer aqui. Conquistou a *corona civilis* e a *corona obsidionalis*. Na Espanha e na África, você se preparou por todos aqueles anos quando não havia guerra iminente. Ninguém duvida de sua coragem e liderança. Mas você ainda é um tribuno militar. Deve retornar a Roma para assumir seu lugar no Senado e deixar sua marca. Só então receberá uma legião ou um exército para comandar. E esta notícia aumenta as chances contra você, mais uma vez. Metelo irá celebrar um imenso triunfo e tentará obscurecê-lo. Você deve se apresentar como sucessor não apenas de seu avô e de seu pai, mas também de Catão, da causa que ele tomou como própria. E você deve continuar em guarda. Metelo pode acreditar que agora não precisa tentar armar seu desaparecimento como fez dez anos atrás, quando Andrisco era aliado dele e você estava na floresta macedônia. Mas se ele se sentir ameaçado novamente, se vir sua ascensão ao Senado e o aumento do apoio popular a você, daí você deve ter cuidado. Fábio, permaneça com Cipião o tempo todo. Já pedi a meu informante para que sua galé ligeira ficasse disponível para sua travessia a Roma. Você chegará lá antes que Metelo volte da Macedônia, e deve aproveitar a oportunidade para deixar sua marca. Martele na mente do povo aquelas palavras de Catão. *Carthago delenda est. Cartago deve ser destruída*. Se vai haver uma conquista final de Cartago, é um Cipião que deveria se postar em triunfo na plataforma do templo. O povo deve saber disso, e é você que deve lhe dizer. Agora vá.

Parte 6

Cartago, 146 a.C.

18

Fábio se postava de pés separados na alta plataforma de madeira acima do porto, seu capacete junto ao lado esquerdo do corpo e a mão direita segurando o pomo da espada. A cicatriz no rosto estava latejando, como sempre acontecia antes de uma batalha. Ele respirou fundo, saboreando os poucos momentos que tinha sozinho ali. O sol ainda não havia subido acima da montanha recortada do Bou Kornine, do outro lado da baía, a leste, seus picos gêmeos marcados como chifres de um touro gigante contra o brilho rubro do amanhecer. Ao sul, o azul pastel do céu parecia se fundir ao horizonte, uma mancha de vermelho opaco escurecendo as colinas áridas e a planície que levava ao litoral. Há dias soprava um vento oriundo do deserto, cobrindo tudo com uma fina poeira avermelhada, irritando seus olhos e fazendo a garganta arder. Hoje tal vento tinha amainado, e ele conseguia tomar uma golfada de ar sem tossir. O travo de poeira ainda era presente, um sabor acobreado, e aquilo fazia suas veias latejarem, como se ele tivesse acabado de beber um trago de vinho, acelerando sua pulsação. Tinha gosto de sangue. *Tinha o gosto da guerra.*

Foram três anos extraordinários desde que ele e Cipião voltaram da África a Roma, levando à eleição de Cipião como cônsul e a seu retorno à África como general pouco mais de um ano antes. A eleição ao mais alto posto em sua idade tinha sido sem precedentes, mas revelou a urgência com que Roma finalmente fora convencida a considerar a ameaça de Cartago. Os quase cinquenta anos de pressão de Catão foram recompensados, auxiliados em seus últimos anos por Políbio e depois por Cipião; depois de voltar a Roma, Cipião finalmente se lançou à briga política, percebendo que a morte de Catão poderia tornar seus esforços fundamentais para virar a opinião a favor da guerra. Para imensa satisfação de Cipião, não foi o poder de sua *gens* nem suas manobras políticas que lhe garantiram a vitória, mas sua reputação militar; e esta era a reputação não de um patrício que ascendera rapidamente ao alto comando, de um homem como Metelo, mas de um soldado que a conquistara arduamente como tribuno na Espanha e na África, um oficial que liderara do front, ao lado de quem muitos veteranos em Roma tinham lutado, alguém a quem podiam afiançar pessoalmente.

Aqueles no Senado que Cipião desprezava, os que representavam a ordem social que lhe provocara tanta angústia pessoal, não foram fundamentais em seu sucesso; foi sua posição de soldado entre os legionários, os veteranos e suas famílias que obrigou o Senado a apoiá-lo, incluindo até mesmo seus inimigos, que temeram que a falta de apoio os levasse a uma

sublevação popular e à instalação de Cipião como ditador. Estes incluíam os senadores que Cipião e Políbio sabiam ser traidores de Roma, que haviam realizado negociações secretas com Cartago para encher os próprios bolsos e que viam a ascensão de Metelo na Macedônia e na Grécia como a força motriz de uma nova Roma no Oriente. No caso, Cipião e Políbio não precisaram expor esses homens para conseguir que Roma apoiasse sua causa, mas seria um trunfo se houvesse qualquer sinal de que o Senado retiraria seu apoio. Por ora, ele estava seguro em sua base de poder; sua consideração por seus legionários se recompensara no apoio que a plebe lhe dera, e ele, por sua vez, proporcionaria àqueles homens a vitória e o futuro gloriosos que mais do que recompensariam sua confiança nele.

Fábio olhou para a vasta extensão da frota romana ancorada atrás dele, e para o acampamento das legiões na planície sul. Havia outro motivo para a eleição emergencial de Cipião ao consulado. A guerra contra Cartago tinha sido abertamente declarada mais de dois anos antes, encerrando o período de conflito incerto durante o qual Roma oficialmente só fornecia treinamento e conselheiros para seu aliado Massinissa em sua tentativa de combater as incursões cartaginesas em território númida. Com a chegada das legiões, a fortaleza cartaginesa em Útica foi tomada, Cartago foi obrigada a abrir mão de todos os ganhos territoriais, e houve até um avanço romano nos subúrbios do norte da própria cidade, embora rapidamente repelido. No entanto, a campanha não saiu conforme o esperado. Cartago se tornou uma cidade sitiada, mas a guerra rapidamente chegou a um impasse. Havia o risco de a determinação romana despencar, de o apoio do povo esmorecer e de as eleições seguintes gerarem cônsules conciliadores em vez de dados à guerra. A pressão a mais de Políbio fez as eleições tomarem o rumo contrário, impôs a Cipião o ônus de levar o cerco adiante, uma tarefa que ele assumira com imenso prazer. Em seis meses de atividade extraordinária, ele fez valer todo o poderio de Roma, reunindo a maior força de assalto já vista. Agora não passava de uma questão de dias, possivelmente menos de 24 horas, para que fosse dado o último sinal. Nenhum exército esteve mais bem preparado para encerrar um cerco que podia mudar o curso da história.

Fábio olhou a pluma de seu capacete. Cipião fora fiel a sua palavra, dada cinco anos atrás, quando promovera Fábio a centurião depois do cerco de Intercacia. Ao ser feito cônsul, promoveu Fábio a primipilo, centurião chefe, não de qualquer legião, mas do estado-maior, o que significava que Fábio era o centurião maior de todo o exército sob comando de Cipião. Era uma responsabilidade enorme, conferindo-lhe autoridade *de facto* até sobre os tribunos menores, o homem a quem os legionários consultavam, assim como faziam com

Cipião. Ele se lembrou do velho centurião Petreu em sua promoção; ele voltou à fazenda nas Colinas Albanas para recolher as cinzas que foram enterradas em um jarro por Brutus depois da noite terrível em que Petreu foi assassinado, e então as levou à tumba de Cipião Africano em Literno, conforme prometera a Petreu que faria, atendendo a um pedido pessoal de Africano. Parte dele ainda ficava assombrada com os velhos centuriões grisalhos que ele via entre as legiões diante de Cartago, por isso precisava lembrar a si que ele agora também tinha mais de quarenta anos e teria uma aparência igualmente curtida para os jovens legionários presentes ali hoje. Ele pertencia a um quadro minguante do exército que servira sob o comando de Emílio Paulo em Pidna, a última grande batalha travada por um exército romano, então suas lembranças eram partilhadas nas tendas apenas por outro centurião, e não por seus novos recrutas. Seu trabalho como primipilo maior era manter a disciplina do exército, e ele não podia mais comungar com os homens e contar histórias de guerras passadas junto à fogueira; e isso servia para seus pais e tios nas tabernas de Roma, veteranos que contariam sobre Pidna exatamente como seus pais contaram sobre Zama, e como os que estavam presentes ali hoje, os que sobrevivessem, contariam sobre o cerco final em um conflito que absorveu o sangue romano e seria valorizado dali a um século.

Ele se lembrou de ir com Cipião à caverna da Sibila na véspera de sua partida para a guerra na Macedônia, mais de vinte anos antes, quando eram pouco mais do que meninos. Ali também havia um cheiro, o fedor de enxofre subindo do inferno e a fragrância das folhas que ela jogava na lareira e deixara sua cabeça tonta. A intenção dele era ficar do lado de fora enquanto Cipião entrava, mas correu e entrou em segredo na caverna por alguns instantes depois da partida dos outros. Ela tocou nele, um dedo encarquilhado se estendendo no escuro, e falou em enigmas que sabia estarem apontando para seu destino, para o destino de Cipião e Roma, embora ainda não soubesse o que significavam. Tudo que sabia hoje era que estavam perto do final de uma guerra que tinha devastado Roma por gerações e eliminado os melhores de seus homens nos campos de batalha através de metade do mundo civilizado.

Alguns dias antes dessa visita, ele se lembrava de se postar diante de um mapa do Mediterrâneo na academia em Roma enquanto o velho centurião Petreu traçava a marcha de Aníbal sobre os Alpes mais de cinquenta anos antes, mostrando onde haviam combatido na Gália, na Itália, no Norte da África. Mas sua vareta sempre voltava a um assunto pendente: a própria cidade de Cartago. Fábio agora olhava a cidade, um aglomerado de construções de telhado plano e ruas estreitas que levavam ao grande templo no Monte Birsa, local onde a rainha Dido de Tiro firmara seu título quase setecentos anos antes, séculos que

viram Cartago ascender de um entreposto comercial fenício à cidade mais poderosa do Ocidente, com colônias na Sicília, Sardenha e Espanha, e ambições que quase eclipsavam a própria Roma.

A torre em que ele se postava tinha sido construída por Ênio e seus engenheiros na ilha do almirante, no centro do porto circular, onde a frota cartaginesa antigamente era abrigada em galpões que se irradiavam da praia. O porto fora tomado depois de uma luta feroz alguns dias antes, deixando a faixa costeira ensopada de sangue e com um amontoado de cartagineses mortos, seus cadáveres ainda ardendo nas piras funerárias do lado de fora. Era apenas um ponto de apoio na cidade, mas significava que o poderio naval cartaginês fora esmagado de uma vez por todas. Cipião ordenou que seus legionários não prosseguissem, porém em vez disso consolidassem sua posição para que pudessem explorar o ponto fraco agora exposto nas defesas cartaginesas atrás do porto a fim de garantir que, quando ele desse a ordem, o maior assalto anfíbio e terrestre da história varresse a cidade como um maremoto.

O inimigo morto no porto era de soldados, principalmente mercenários; à frente havia milhares de civis, homens, mulheres e crianças, apavorados e protegendo-se em suas casas, contando suas horas finais. Na noite anterior, em sua embarcação em alto-mar, Políbio lera para eles passagens de *A queda de Troia,* de Homero, e de *As troianas*, do dramaturgo Eurípides, querendo lembrá-los do custo da guerra. Olhando da embarcação para Cartago, o luar cintilando nas ondas que marulhavam na praia, ouviram a história de Astíanax, o corajoso filho de Heitor, príncipe de Troia, um menino que tinha sido arremessado para fora das muralhas de Troia pelos gregos vitoriosos mil anos antes, a mãe chorando enquanto era levada para a escravidão. Por um tempo Fábio deixou que a peça o afetasse e pensou na própria esposa Eudóxia em Roma e no jovem filho deles. Mas agora, à luz fria do amanhecer, a compaixão lhe parecia uma fraqueza. Agora a morte, e só a morte, fosse de soldados ou de civis, era apenas um cálculo de guerra.

No dia anterior, verificaram além das muralhas e viram o general cartaginês Asdrúbal: um urso de homem, bronzeado pelo sol, com uma barba trançada, sua armadura envolta em uma pele de leão com mandíbulas que se abriam sobre sua cabeça. Seu povo pode ter querido se render, olhando desesperadamente a frota romana reunida com suas legiões, mas a história pesava muito sobre Asdrúbal, líder de uma cidade que vivera uma moratória e talvez nunca mais ressurgisse. Asdrúbal ordenou que seus soldados queimassem as safras e derrubassem as oliveiras, negando-as aos romanos, mas também eliminando a última fonte de alimentos para o próprio povo, um gesto suicida de desafio. Ele executou prisioneiros

romanos à plena vista das legiões, garantindo que não demonstraria piedade alguma. Colocou-se contra uma máquina de guerra mais poderosa do que qualquer outra na história, instigando-a, provocando-a. Para Asdrúbal, só havia uma saída, e levar o máximo de seu povo consigo parecia ser seu próprio cálculo de guerra.

Fábio olhou para trás, e por alguns instantes, fitando o horizonte, era como se estivesse suspenso no ar acima da paisagem; sentia como se tivesse subido para se juntar aos deuses e mover as questões humanas como peças de um jogo, como os dioramas de batalha onde Cipião e os outros praticaram anos antes na academia. Depois ouviu Cipião e Políbio subindo a escada para se juntar a ele e voltou repentinamente à realidade. Eles não eram deuses, mas Cipião era cônsul e general do maior exército que Roma já reunira, e aquela torre havia sido construída para que tivessem uma visão precisa do campo de batalha, para preparar o ataque mais devastador a uma cidade que a história já testemunhara.

— *Ave*, Fábio Petrônio Segundo, primipilo.

Políbio apareceu primeiro e abriu um sorriso. Sua aparência havia mudado pouco com o passar dos anos, exceto pelos fios prateados na barba e pelas rugas em torno dos olhos, e vê-lo com sua couraça decorada e capacete corinto fez Fábio voltar à última vez em que vira Políbio de armadura, mais de vinte anos antes, no campo de Pidna, quando investira sozinho contra o poderio da falange macedônia.

Fábio o saudou.

— *Ave*, Políbio. Alguma notícia de Ênio?

— Os homens dele estão limpando o que resta do entulho ao lado das muralhas. Nós nos uniremos a eles em breve para ver os preparativos em primeira mão.

Cipião veio da escada, usando o peitoral que herdara do avô, recém-polido, mas com as marcas e cicatrizes de guerra deliberadamente mantidas.

— É melhor que ele se apresse — disse com impaciência, colocando-se ao lado deles. — Pretendo ordenar o ataque hoje.

— Ele sabe disso. Estará preparado.

Fábio virou-se para seu general.

— *Ave*, Cipião Emiliano Africano.

Cipião pôs a mão em seu ombro.

— *Ave*, Fábio, meu velho amigo. Estamos perto de entrar em batalha novamente.

Preparado para o assalto?

— Estive preparado a minha vida toda.

Fábio olhou para Cipião e Políbio. Os dois homens eram muito diferentes, um deles mais um homem de ação e o outro, por inclinação, um erudito, mas eram amigos íntimos desde que se conheceram, quando Políbio fora nomeado mestre de Cipião em Roma. Às vezes Políbio esquecia-se de quem era general e quem era conselheiro, mas tinha um conhecimento enciclopédico de história militar e dava bons conselhos, mesmo que ocasionalmente Cipião não lhe desse ouvidos. Em todos aqueles dias, Fábio estava deliberadamente se dirigindo a Cipião por seu nome completo: como Africano, o *cognomen* que herdara do avô adotivo, o grande Cipião Africano que tinha confrontado Aníbal mais de cinquenta anos antes, mas cuja intenção de esmagar Cartago fora frustrada pela fraqueza do Senado em Roma, por homens que queriam conciliar em vez de destruir. Eles aprenderam sua lição nos cinquenta anos seguintes, viram Cartago ressurgir, viram seus líderes de guerra se tornarem desafiadores, e agora Cipião se postava diante das muralhas da cidade como fizera o avô, pronto para concluir o trabalho.

Naqueles cinquenta anos, surgira uma nova geração de oficiais romanos: impiedosos, profissionais, treinados juntos na arte da guerra. Eles queimaram e esbravejaram em seu caminho pela Grécia, onde o rival de Cipião, Metelo, agora estava pronto para tomar Corinto, e sob o comando de Cipião trouxeram Roma de volta às muralhas de Cartago. Os melhores estavam ali, aqueles homens que não morreram em batalha ou ainda não estavam na Grécia: Ênio, chefe da coorte especialista de engenheiros *fabri*; Brutus, um monstro de homem com sua cimitarra curva, tão diferente do gládio romano; e na planície ao sul o príncipe númida Gulussa e a princesa cita Hipólita, ambos colocados sob as asas de Roma em tenra idade e agora prontos a liderar sua cavalaria no ataque contra a muralha sul da cidade. Todos estavam no auge da capacidade de combate, firmes, fortes, experientes, exatamente o que queria o velho centurião Petreu, que os treinara em Roma.

Cipião tirou a mão do pomo da espada e gesticulou para a cena.

— Amanhã será um dia para suas *Histórias*, Políbio.

— Se você me permitir escrever. Parece que troquei meu buril por um gládio.

Cipião abriu um sorriso.

— Seu dia chegará. No além, talvez.

— Devemos ter um bom ponto de observação para ver a batalha daqui.

Cipião apontou o vergão vermelho na coxa, um ferimento que nunca havia se curado inteiramente.

— Não consegui isto aqui ficando para trás, consegui? A única vista que terei será o túnel de fumaça e sangue esguichado enquanto eu seguir Brutus no ataque. Assim que as trombetas soarem, estarei à frente de meus legionários.

— Sabe que isso contraria meu conselho. — disse Políbio. — Este exército pode combater sem um Brutus, mas não sem um Cipião. E se você seguir Brutus, esperando matar, ficará decepcionado. A última vez que o segui em batalha foi em Pidna, quando ele estava aperfeiçoando o golpe transverso com sua espada: um corte da virilha à cabeça e depois, no mesmo golpe, enquanto as duas metades ainda estão de pé, outro corte pela cintura. Um homem feito em quatro pedaços. Não restará nada vivo em seu caminho.

— Pedirei a ele o favor de me deixar alguns. Inteiros.

Cipião recolocou a mão no pomo da espada e observou o horizonte. Tinha adquirido a cicatriz na perna mais de vinte anos antes, contra a falange macedônia, como o tribuno menor que sempre liderava seus homens do front. Fábio lembrava-se bem de como o velho centurião Petreu conquistara sua maior honraria, a *coroa obsidionalis*, matando seu tribuno quando ele fraquejara e liderando pessoalmente seu manípulo, vencendo a batalha. Ele nunca deixou que os meninos da escola se esquecessem disso. Talvez estivessem destinados a altas patentes, a comandar manípulos, legiões, exércitos, mas sempre estariam sob o olhar vigilante dos próprios centuriões, jamais capazes de errar. Era assim que o exército romano operava. O centurião lhes ensinara bem.

Um som de berro veio do porto, seguido por um xingamento. Olharam para baixo, onde uma embarcação mercante de boca larga estivera descarregando suprimentos de guerra no embarcadouro. Um grupo de legionários sem armadura puxava uma fera do porão, um elefante ancião coberto por vergões e cicatrizes, seus olhos injetados faiscando sempre que balançava a cabeça. O *optio* encarregado do grupo de trabalho gritou e as duas filas de homens puxaram as cordas novamente, mas a fera se recusava a avançar, e, com um golpe furioso de sua tromba, derrubou dois homens na água. Em seguida, um escravo númida corpulento, no compartimento de carga, o domador do elefante, estalou o chicote em seu lombo, e a fera finalmente se mexeu, berrando e cambaleando pelas pranchas até se colocar hesitantemente no embarcadouro, analisando com ódio os legionários, que mantinham distância.

Políbio observava.

— Por Zeus. Reconheço aquele traseiro. É o velho Aníbal, não? Da última vez que o vi, foi no triunfo de seu pai Emílio Paulo.

Cipião assentiu.

— Nosso amigo da academia em Roma. O último prisioneiro de guerra sobrevivente contra seu homônimo.

Políbio semicerrou os olhos.

— Isso foi ideia sua?

— Você sabe o que dizem sobre os elefantes. Quando estão prontos para morrer, procuram o mesmo cemitério. Bem, este é o lar de Aníbal e está prestes a se tornar um cemitério. Foi um ato de compaixão.

— Compaixão? — zombou Políbio. — Não creio que o velho centurião tenha ensinado nada disso.

Cipião grunhiu.

— Bem, se Asdrúbal nos provoca, também posso provocá-lo. Não pode haver nada mais humilhante para ele do que ver o último sobrevivente do glorioso corpo de elefantes de Aníbal cambalear pelas ruínas de Cartago, desabando e morrendo na escadaria de seu templo.

Políbio lançou um olhar irônico a Cipião.

— Isso é mais a cara dele.

— Lembra-se, na academia em Roma, de como Petreu puniu Ênio certa vez, fazendo-o dormir no esterco no estábulo do elefante?

— Por uma semana. Ele nunca se livrou do cheiro.

— O centurião tem estado muito em meus pensamentos ultimamente, sobretudo nestes dias. Queria que ele pudesse nos ver aqui.

— Ele foi um mestre rígido, mas um verdadeiro romano — disse Políbio.

— Agora está com meu avô adotivo no Elísio.

— Ele sabia que jamais poderia estar aqui. Sua época era de outra guerra, com seu avô, contra Aníbal. E ele teve uma morte honrosa.

— Combatendo um inimigo interno — murmurou Cipião.

— Ele morreu pela honra de seu avô. Pela honra de Roma.

— Ele será vingado.

Fábio encarou o elefante, lembrando-se subitamente da cena de todos aqueles anos atrás, do velho senador Catão seguindo aquela cauda oscilante pelo Fórum durante o triunfo de Emílio Paulo, um ato de advertência sobre Cartago que chocara a multidão ao ponto do silêncio. Catão já estava nos campos elísios, mas o legado de seu aviso vivia na fera irascível agora, prestes a arrastar seus últimos passos por uma cidade a qual vira pela última vez há mais de setenta anos, quando Aníbal reunira seu exército de elefantes para sua extraordinária porém malfadada campanha pela Espanha e pelos Alpes em direção a Roma.

Fábio imaginou que pensamentos estariam passando pela mente de Cipião. O centurião fez deles oficiais de um exército profissional, o primeiro na história de Roma. Desde a Guerra Celtibera, seu sucesso em batalha levara a mais guerras, a mais conquistas; não precisaram voltar a Roma para suportar a sucessão tediosa de postos civis tal qual tinha sido o destino de seus pais e avós. E os homens sob seu comando, os legionários, não eram mais apenas levas civis recrutadas para uma campanha e dispensadas quando acabava. Aqueles diante das muralhas de Cartago incluíam os homens com quem Cipião combatera cinco, até dez anos antes: endurecidos pela batalha, curtidos, robustos. Cipião cuidara disso. Se o Senado em Roma não criasse um exército profissional, Cipião o faria por eles. E ele sabia que aqueles que tentaram denegrir o avô de Cipião, aqueles que tivessem ordenado a morte do centurião, haviam sido movidos não apenas pela inveja. Eles temiam o poder do exército e a ascensão de uma nova raça de generais. Sobretudo, temiam o nome Cipião Africano, agora renascido.

Fábio se recordou da inscrição na tumba de Cipião, o Velho, em Literno, mais de cem milhas ao sul de Roma, perto da baía de Nápoles, a tumba de um homem obrigado ao exílio e que vivera seus últimos anos na amargura. *Ingrata patria, ne ossa quidem habebis. Pátria ingrata, jamais terá meus ossos*. Fábio viu os nós dos dedos de Cipião empalidecerem ao segurar a grade. O centurião Petreu não era o único a ser vingado ali. E havia algo mais, algo que Cipião nunca mencionava. Fábio podia ver o amuleto no peito de Cipião, uma pequena águia entalhada em uma correia de couro, banhada e endurecida pelo suor e sangue da guerra. Ele se lembrou de quem o havia lhe dado todos aqueles anos atrás e engoliu em seco. Para se tornar quem era agora, cônsul, general, ele fora obrigado a sacrificar um amor que teria destruído sua carreira militar. Ele jurou que faria o jogo, faria o que fosse necessário para ascender ao topo, depois se livraria dos grilhões que lhe causaram tanto sofrimento. Não voltaria a Roma, como seu avô fizera. Este dia seria sua vingança; depois disso, ele não

seria mais escravizado por Roma. *Ele se tornaria Roma*.

19

Naquela noite, Fábio ficou com Cipião e Políbio no convés dianteiro do navio, bebendo vinho, ambos recostados no mastro inclinado *artemon* que se estendia sobre a proa. O mar estava calmo e faiscava sob a luz das estrelas, o vento tendo diminuído durante o anoitecer, deixando apenas uma onda residual que batia na lateral da embarcação. Mal se ouvia um ruído da frota ancorada na escuridão em volta deles, e Cartago parecia silenciosa como uma tumba. Fábio se lembrou do mesmo silêncio na noite da véspera de Pidna, os dois exércitos adormecidos antes da batalha. Os homens preparavam suas forças para o dia seguinte, mas também sonhavam estar nos braços das amadas, abraçando seus filhos e dizendo-lhes que sempre cuidariam deles, neste mundo ou no próximo, como se suas almas deixassem a maquinaria da guerra para voltar a seus lares por algumas preciosas horas antes que amanhecesse o dia da batalha.

Era uma noite sem lua, e o céu brilhava intensamente, mil pontinhos que se refletiam como um tapete ondulante de luz na água. Em arco acima deles, em dobras vívidas de luz e cor, estava a *Via Lacteal*, a Via Láctea, tendo a constelação de Sagitário como centro, as estrelas delineando o formato do centauro puxando seu arco para o horizonte a leste. Cipião bebeu um longo gole do jarro de vinho e passou a Políbio, que tomou um pouco e devolveu a jarra.

— Lembro-me de você me ensinando sobre os pitagóricos — disse Cipião, gesticulando com o jarro para o céu. — Sobre como pensavam que o universo é regido por números divinos e pela música. De como, para eles, o número sete é sagrado, representando as sete órbitas celestes do sol, da lua e dos cinco planetas, e os sete portões dos sentidos: a boca, as narinas, as orelhas, os olhos. — Ele passou o jarro a Fábio. — O que pensa, Fábio? O que um centurião pensa ao contemplar as estrelas?

Fábio bebeu um longo gole e olhou para cima.

— Não sou filósofo, mas sei contar. Se cada um destes pontinhos é uma estrela ou planeta, então há muito mais do que sete órbitas celestes.

Cipião sorriu para ele.

— Você parece Políbio.

— Quando era menino, em sua casa, Políbio me ensinou astronomia assim como o mapa-múndi de Eratóstenes. Disse que precisávamos conhecer o formato do mundo se

quiséssemos conquistá-lo, e conhecer a vastidão dos céus para saber qual é nosso lugar.

Políbio olhou o céu.

— Eu também disse que os estoicos acreditavam que o ciclo do universo durará o tempo que as estrelas levarem para voltar à posição original no firmamento e que todas serão consumidas pelo fogo e cairão no caos, e então tudo recomeçará. E, como tudo se encontra em um estado de movimento, não pode haver medida fixa de distância, tampouco de tempo.

Cipião ergueu os braços, fingindo frustração.

— Meu caro Políbio, às vezes eu me esqueço de que você é grego e portanto tem um fraco pela sofística. Eu *fixarei* nossa medida nas muralhas à frente e *não* terei você dizendo que uma embarcação ancorada e aquelas muralhas estão em movimento constante, uma em relação à outra, pois assim Ênio será incapaz de apontar suas armas com precisão.

Políbio fingiu surpresa.

— Meu argumento era de que a ciência nos permite contemplar, mas não medir nosso espaço designado e nosso lugar no universo.

Cipião bebeu outro bom gole do vinho e enxugou a boca.

— Nesse caso, devo ser um deus por acreditar que posso medir o quinhão daqueles em Cartago que se atreverem a enfrentar Cipião Emiliano, filho de Emílio Paulo e herdeiro de Cipião Africano.

— Fala como um verdadeiro general, Cipião.

Cipião ficou em silêncio por um momento, depois semicerrou os olhos para o céu.

— Três anos atrás, quando eu ainda era tribuno e um assalto a Cartago parecia uma perspectiva distante, fui dormir sob as estrelas em nosso acampamento e tive um sonho. Nele, meu avô adotivo Cipião Emiliano veio a mim, vestido em um manto branco espectral, como a mortalha da qual me lembro de ter visto em seu corpo, ainda criança, quando ele foi levado à pira funerária. Em meu sonho, ele me pegou pela mão e subimos bem acima da Terra, mais alto do que os pássaros e as nuvens, até estarmos no próprio firmamento. Olhei para baixo e vi que a cidade de Roma havia se tornado um mero pontinho como as estrelas, depois desapareceu inteiramente. Cercando o mar Mediterrâneo, eu vi as terras povoadas do planeta e, para além daquela faixa estreita de oceano, congelando-se em cada polo e ardendo quente no centro, onde o calor do sol é mais forte. Vi o plano convexo da Terra e, para além do oceano, a margem mais externa e as estrelas além.

Ele parou, bebendo novamente do jarro.

— Meu avô apontou para baixo e mostrou como as partes povoadas eram dispersas e pequenas e que, se você se afastasse do mar Mediterrâneo, aqueles lugares habitados se tornariam cada vez menores e mais espaçados, como se separados pelos raios de uma roda, e o quão pouco os que viviam naquelas áreas podiam se comunicar entre si ou saber da existência um do outro. Ele se virou para mim e disse isto: *Que lugares você pode nomear para além do deserto da África, ou do Ganges na Índia, ou das Ilhas Albion? Entretanto, você vê aqui que esses lugares existem e representam a maior parte do mundo. Quem nesses lugares saberá seu nome? Vê, portanto, as faixas estreitas nas quais sua fama se espalhará*. Ele apontou para onde as fronteiras das nações com que lutamos e pelas quais morremos não eram mais visíveis, onde só o que podia ser visto era mar e terra. *E por quanto tempo, mesmo nessas partes povoadas onde o conhecem, falarão seu nome? A lembrança de sua fama se desfará como a de todos os homens, pela devastação, pelo fogo e pela inundação, pela destruição do tempo e da guerra*.

Cipião respirou fundo.

— Ergui os olhos, afastando-os da Terra e dirigindo-os ao firmamento. Havia estrelas que eu nunca tinha visto de baixo, constelações e galáxias muito além de nossa imaginação, que ultrapassavam muito a magnitude da Terra. Observei Sagitário na noite anterior, nítida como nesta noite, e quando olhei as estrelas de repente vi meu pai, Emílio Paulo, cavalgando pelos céus em um cavalo espectral como o centauro com seu arco, como Emílio Paulo aparece no monumento à Batalha de Pidna que agora fica no recinto sagrado de Delfos. Ansiei me juntar a ele, cavalgar com ele, mas ao estender meus braços ele só pareceu recuar, galopando para sempre além de meu alcance. Virei-me para Africano e perguntei como eu poderia cavalgar pelos céus junto a meu pai. No início, ele me fez uma pergunta: *Tem esperanças pelo futuro de Roma, ou desdenha dele? Conhecerá você as trevas e a decadência, ou ascenderá acima de Roma como agora ascende acima do mundo, e verá seu futuro se estender diante de você?*

— O que você respondeu? — perguntou Políbio em voz baixa.

— Disse a ele que não sabia, que só poderia saber quando estivesse nas ruínas de Cartago. Ele disse que os triunfos são vazios quando baseados nos elogios dos outros. Para os sábios, a mera consciência dos feitos nobres é ampla recompensa para a virtude. Estátuas de vitoriosos precisam de grampos de chumbo para mantê-las em seus pedestais, do contrário tombarão e cairão. Os maiores triunfos logo são adornados com meros louros murchos, que

secam e esfarelam ao pó, de vida tão curta quanto a memória das pessoas. *Se você viver sua vida para a estima do povo, ficará decepcionado, amargurado na velhice*.

Cipião fez uma pausa.

— Perguntei-lhe novamente como podia alcançar meu pai. Dessa vez ele me deu uma resposta direta, de que o caminho era a justiça e a observância sagrada, coisas de maior valor para Roma; que esse é o caminho para o céu. Ele disse que tudo que as pessoas dirão de mim ficará confinado nas regiões estreitas que elas habitam. Só a virtude pode conferir a um homem a verdadeira honra, não a opinião dos outros. O elogio nas palavras é enterrado com aqueles que morrem e se perde no esquecimento daqueles que vêm depois.

— O legado de honra pessoal de seu avô é um fardo pesado para você, Cipião, mas um fardo digno — disse Políbio solenemente. — Você esteve sonhando os pensamentos que nortearam sua vida. Foram as virtudes que primeiro me atraíram a você, quando fui levado da Aqueia como prisioneiro e me fizeram seu mestre.

— Em meu sonho, meu avô disse que existe música, uma nota sagrada especial que pode abrir o caminho aos céus — disse Cipião. — Mas aqueles que ainda não estão preparados não podem ouvir, assim como não podem olhar para o sol.

— Você estava se lembrando de nossa visita quando meninos aos pitagóricos — disse Políbio. — Juntamo-nos a eles nos arredores de Corinto, vendo o sol nascer e sentindo seu calor, perguntando-nos se também estávamos sentindo o espírito divino entrar em nossos corpos.

— Africano disse que nos céus estavam todas as coisas que os homens grandiosos e excelentes desejam; e assim, perguntou ele: *De que vale a glória terrena que atravessa tempo e espaço tão limitados?* Olhe para o céu e você não mais será limitado por seus pensamentos de bem-estar baseados no que podem outorgar os homens. De cima, você se desloca como um deus, pois é o que os deuses são, as almas daqueles de nós que ascenderam acima do mundo como você agora, que podem contemplar os homens e suas batalhas como os deuses fizeram na planície de Troia, adivinhando os destinos de Heitor, Aquiles e Príamo como se fossem peças de um jogo de tabuleiro.

— E ele disse como você deveria se comportar antes de chegar ao céu?

— Se eu mantiver minha alma preparada, distante e contemplando meus atos, estarei seguro, mas se me render às tentações da sede de sangue e de poder não serei diferente daqueles que se cercaram dos vícios da bebida e das mulheres.

— Aqueles como Metelo, que você desprezava quando menino em Roma — disse Políbio.

Cipião apontou as estrelas.

— Em meu sonho, estávamos ali, acima do globo terrestre, então meu avô apontou para um lugar perto do mar e foi como se esse lugar disparasse para mim, tão veloz era nossa descida, e vi uma cidade como que das nuvens, cercada de poeira e fogo. Ele disse: *Vê esta cidade, que coloquei de joelhos por Roma, mas que agora renova sua antiga hostilidade e não consegue permanecer tranquila? Logo você retornará a tal lugar e terá a oportunidade de conquistar o* agnomen *que herdou de mim, Africano.*

— Os adivinhos chamariam este de um sonho profético — murmurou Políbio.

— E você? — perguntou Cipião.

— Sabe de minha opinião sobre os adivinhos. Um homem faz sua vida, mesmo que acredite em uma profecia que pode moldar seu destino.

Cipião desviou os olhos das estrelas para as muralhas cintilantes da cidade, com uma expressão perturbada.

— Ele me trouxe de volta à Terra, mas de repente o lugar estava diferente: árido, chamuscado, envolto em fumaça, fedendo a carne queimada como a desolação do Hades. E através da fumaça vi que não era Cartago, mas Roma, toda em ruínas: o Templo Capitolino, minha casa no Palatino, as grandes muralhas de Sérvio Túlio, todas as construções esfareladas e escurecidas. E quando me virei para encontrá-lo, Cipião Africano não estava mais de pé a meu lado, mas deitado, contorcendo-se no chão, cinzento e despido, horrivelmente retalhado, de boca aberta em uma careta e os braços estendidos para as ruínas em chamas da cidade.

Fábio lembrou-se da última imagem que tinha do velho centurião, mutilado na terra todos aqueles anos atrás, nas Colinas Albanas, e perguntou-se se Cipião teria mesclado essa lembrança à visão de Africano, homens que alcançaram a glória, porém que foram derrubados pelas maquinações de Roma: o primeiro curvando-se diante daqueles que desejavam impedi-lo de destruir Cartago e vivendo o restante de sua vida nas sombras e na decepção; o outro assassinado sem glória alguma por treinar uma nova geração para prosseguir de onde Africano parara, para acrescentar uma conquista após a outra e ir até onde Africano não tivera permissão de ir por ação do Senado, e pela sensação de dever para com as autoridades de Roma, fato do qual ele viria a se arrepender mais tarde.

Políbio lançou um olhar penetrante a Cipião e pôs a mão em seu braço.

— Você tem muito em mente, meu amigo, um fardo que brinca em seus sonhos há anos. Amanhã esse fardo lhe será retirado.

Cipião ainda fitava as muralhas de Cartago, seus olhos sombrios e insondáveis.

— Você me ensinou que os pitagóricos acreditavam no poder da música, assim como Africano me falou em sonho que uma única nota pode purificar a alma e prepará-la para o Elísio. Eu costumava pensar que a ouvia, à noite, sozinho na floresta, ou acampado perto do mar, quando a água estava calma. Mas agora, quando tento escutar, tudo que ouço é dissonância, clamor, uivos distantes como os lobos na floresta macedônia, gritos e berros, um lamento terrível. Às vezes só consigo dormir com outros barulhos tragando tudo ao redor: o crepitar de uma fogueira no deserto, o ranger das madeiras de um barco e o bater das ondas quando estou no mar.

Políbio se recostou.

— Assim como não podemos olhar o sol, também não podemos ouvir verdadeiramente a nota divina que nos permitiria ascender aos céus, uma nota que só pode ser ouvida quando nossas almas estão prontas para o Elísio. Mas os sons que o assombram são os sons da guerra, meu amigo, da guerra e da morte em seu passado, e da guerra em seu futuro.

— Então essa é minha música — disse Cipião em voz baixa. — Quando acordei do sonho a noite havia findado e, ao olhar para o sol a leste seus raios pareciam envolver a Terra, partindo do firmamento; quando ergui os olhos, não via mais as estrelas, apenas nuvens de tempestade rolando do sul. Amanhã, quando acordarmos, elas serão as nuvens da guerra. — Ele pegou o jarro, virou-o para que as últimas gotas se derramassem e o jogou no mar. — Precisamos da mente clara para amanhã. Amanhecerá daqui a apenas algumas horas e antes disso Ênio e seus *fabri* estarão retesando as catapultas na preparação para o assalto. Agora devemos tentar dormir.

20

Logo depois do amanhecer, Fábio estava com Cipião e Políbio no cais ao lado do porto retangular. Em volta deles estava todo o arsenal da guerra, pilhas de suprimentos trazidos em barcos nos últimos dois dias: ânforas cheias de vinho, azeite de oliva e molho de peixe, caixas de projéteis com ponta de ferro para balistas, feixes de espadas e lanças novas. As provisões estavam empilhadas onde havia espaço em meio ao entulho e aos depósitos desmoronados que ainda ardiam da batalha três dias antes. Eles abriram caminho até um grupo de legionários despidos até a cintura trabalhando em uma enorme pilha de alvenaria que bloqueava a entrada para a rua principal da cidade. Ênio se separou do grupo e se aproximou deles, a barba por fazer, os braços cobertos por uma poeira branca da alvenaria caída e a testa brilhando de suor. Fábio via o martelo de guerra forjado pendurado do lado esquerdo de seu cinturão, presente de Cipião em sua promoção ao comando da coorte especializada dos *fabri*, os engenheiros, e do outro lado a cruel espada *makhaira* com sua lâmina curva que mostrava sua linhagem de guerreiros etruscos da Tarquínia, ao norte de Roma. Ele se postou diante de Cipião e ergueu o punho direito em uma saudação sobre o peito.

— *Ave*, Cipião Emiliano Africano.

Cipião pôs a mão em seu ombro.

— *Ave*, Ênio. Você poderia passar uma semana nos banhos de Dioniso em Nápoles.

— Quando este trabalho estiver concluído, Cipião.

— Como estão os preparativos?

Ênio fez um gesto amplo em direção do porto e da muralha maciça que os separava do mar aberto. Através dos espaços na alvenaria, abertos pelos projéteis de balista romanos seis meses antes, eles viam as proas e popas curvas de galés de guerra voltadas para o mar aberto, seus remos virados para a frente, prontos para lançar as embarcações no cais e expelir ondas de legionários para escalar as muralhas. Fábio sabia que agora havia centenas de barcos, quinquirremes, trirremes, galés ligúrias com esporões, todos ancorados em filas diante do quebra-mar, prontos para o assalto final. Ênio virou-se para Cipião.

— Vinte e cinco barcaças especialmente construídas com catapultas estão a dois *stades* no mar, para além do alcance dos arqueiros cartagineses. Estão ancoradas nos quatro cantos, e os quinquirremes virados para o mar estão posicionados de costado às ondas, formando um quebra-mar para dar a maior estabilidade possível às barcaças. Enquanto conversamos, meus

homens misturam os últimos ingredientes do fogo grego. A uma ordem sua, as catapultas farão chover bolas de fogo na cidade e causarão uma destruição que você jamais viu em um cerco.

— E você é capaz de manter a barragem caindo à frente de nossos legionários em avanço?

— Temos observadores escondidos nos pontos mais altos do quebra-mar, celtas alpinos de olhar afiado que podem localizar um cervo na montanha a cem *stades*. Usarão sinais codificados de bandeira para orientar as turmas das balistas para que ajustem a mira. Temos de agradecer a Políbio por isso, pelo código que ele nos deu.

Cipião mostrou ceticismo.

— Seus homens conhecem verdadeiramente esse código?

— É brilhante. É preciso reconhecer o mérito dos gregos. Todas as vinte e quatro letras do alfabeto latino são organizadas em um quadrado, numeradas de um a cinco vertical e horizontalmente, com uma letra a menos na última repartição. O sinaleiro ergue a mão esquerda para indicar a coluna vertical, a mão direita para a horizontal. Ergue uma tocha em cada mão pelo número correto de vezes para indicar uma letra. Praticamos no deserto por semanas. Temos inclusive uma forma abreviada para indicar mudanças de direção às turmas de balista.

— Muito bem. — Cipião olhou de Ênio para o grego alto ao lado dele, abrindo um sorriso. — É bom saber que você manteve o nariz de Políbio longe de seus livros.

— Foram os livros que me ensinaram o código, Cipião, como você bem sabe — disse Políbio. — Para ser específico, um antigo pergaminho hieroglífico de posse de um velho sacerdote no templo de Saïs, no delta do Nilo. Descrevia como os primeiros sacerdotes usavam essa técnica para sinalizar de uma pirâmide a outra.

— Há mais alguma coisa que você precise me dizer? — perguntou Cipião a Ênio, olhando o céu e sentindo o vento, depois de volta à torre de observação de madeira na ilha no centro do porto. — Talvez tenhamos duas horas até que eu dê a ordem de ataque.

— Então há tempo de dar uma rápida olhada nisto. Políbio me pediu para ficar atento a quaisquer inscrições que possam ajudar em sua história de Cartago. Encontramos esta placa de bronze com caracteres, usada para reforçar uma porta. Estamos prestes a derretê-la para fazer pontas de flecha para os auxiliares númidas, por isso Gulussa está aqui.

Políbio pegou a placa de bronze das mãos de Ênio. Tinha aproximadamente dois pés de largura, e os caracteres tinham sido alisados pelo polimento. Ele olhou para Gulussa, que

havia acabado de se juntar a eles.

— Consegue ler? Creio que a escrita é uma antiga versão de líbio-fenício.

Gulussa ajoelhou-se ao lado da placa, passando as mãos nas letras.

— Duas destas placas costumavam ficar instaladas em frente ao templo de Baal Hammon na Acrópole. Eu as vi quando meu pai Massinissa me permitiu acompanhar uma embaixada númida a Cartago quando eu era menino. São o relato de um navegador chamado Hanão, de uma expedição cartaginesa pelas Colunas de Hércules e pela costa oeste da África, há mais de trezentos anos. No mesmo pilar estavam pregados restos de pele ressecada, como um velho couro de camelo, porém coberto de pelos pretos grossos, que Hanão cortara de um selvagem que ele chamou de gorila. Os cartagineses tentaram raptar suas mulheres, mas ninguém era páreo para eles em termos de força.

— Até onde foi essa expedição? — perguntou Ênio.

Gulussa apontou para a base da placa, onde a última linha de texto terminava abruptamente.

— Diziam que os governantes de Cartago ordenaram a remoção da parte inferior porque tinham medo de entregar segredos cartagineses a estrangeiros que pudessem ler isto — respondeu ele. — Mas meu pai soube por um sacerdote que Hanão circum-navegou a África e voltou para o Egito pelo mar da Eritreia.

Ênio olhou para Políbio.

— Quando eu estava na Alexandria aprendendo sobre o fogo grego, falei com o capitão de uma embarcação que havia navegado para além do mar da Eritreia, a leste, e alegou ter visto montanhas de fogo saindo do mar no horizonte, à beira do mundo.

— Se o mundo é esférico, não pode haver uma beira — disse Políbio com paciência.

Ênio se levantou, as mãos nos quadris.

— Como sabe que é uma esfera?

— Se você estivesse atento na Alexandria, teria visitado a escola de Eratóstenes de Cirene e aprenderia como ele determinou a circunferência da Terra observando a diferença no ângulo do sol do zênite no dia do solstício de verão na Alexandria e em Assuã, no alto Egito, uma distância conhecida. — Políbio pegou uma lasca de madeira e usou para desenhar uma imagem rudimentar na terra. — Este é um mapa-múndi de Eratóstenes. Pode ver o mar Mediterrâneo no centro, cercado por Europa, África e Ásia, e a faixa fina de oceano

cercando isso. Mas a beira do mapa não é a beira do mundo. É a beira de nosso conhecimento. O que está além permanece aberto à exploração.

— E à conquista — disse Ênio.

Cipião pôs o pé com a sandália na linha que representava a costa ao Norte da África, e depois na Grécia.

— Estamos aqui, em Cartago, e Metelo está ali, em Corinto — murmurou. — O mundo está dividido entre nós.

Gulussa apontou o mapa.

— Se o cartaginês Hanão foi para o sul pela costa da África, certamente outros terão passado pelas Colunas de Hércules ao norte, não?

— Timeu escreve sobre isso — disse Ênio. — E Píteas, o navegador grego em Massália, diz ter ido à extremidade norte das Cassitérides, as Ilhas de Estanho, a um lugar chamado Ultima Thule. Se os cartagineses descobriram essas rotas, também guardariam segredo a respeito.

Políbio torceu o lábio com desdém.

— Timeu alega ser o mais importante historiador do Ocidente, mas nunca deixou o conforto de sua biblioteca na Alexandria. Quando decidi escrever minha história da guerra contra Aníbal, não falei *apenas* com aqueles que viram as guerras com seus próprios olhos? E não tracei a rota de Aníbal *com meus próprios pés*, marchando da Espanha, atravessando os Alpes, no caminho de seus elefantes?

— E você não limpou o esterco do último elefante de Aníbal com as próprias mãos, quando éramos jovens guerreiros na academia em Roma? — disse Gulussa, zombeteiramente. Ele gesticulou para o lombo coriáceo da fera amarrada do outro lado do porto. — E não estou sentindo o cheiro daquele mesmo estrume aqui conosco agora?

Políbio lhe lançou um olhar seco.

— Escrevo a história que vi com meus próprios olhos. Não sou nem um mitógrafo como Heródoto nem um escritor de fábulas como Timeu. Minha história não é para diversão. É para nos ensinar táticas e estratégias melhores. É para guiar nosso curso de ação no futuro.

Fábio pôs o bastão de centurião no mapa acima da Europa e falou em voz baixa.

— As Cassitérides existem, só que o povo de minha esposa chama de Pritani, terra do povo pintado, e outros a chamavam Albion. Ela era filha de um chefe tribal gaulês que

embarcava vinho para Pritani a partir da Massália, trocando-o por escravos e estanho.

Políbio olhou para Fábio com astúcia, assentindo, então se voltou para Cipião.

— Não é para o Oriente que devemos olhar, mas para o Ocidente. E não são escravos nem estanho que me interessam, mas a estratégia. — Ele colocou a vareta no mapa, ao lado do bastão de Fábio. — Devemos procurar uma rota para nossas embarcações de transporte navegarem em torno da Ibéria e desembarcarem nossas legiões na Gália, para varrer o sul pelo trecho de terra ocupado pelas tribos celtas. Já lutamos contra elas e sabemos que são inimigos formidáveis. Durante minhas viagens pelos Alpes, eu soube de tribos temíveis ao norte das montanhas, nas florestas rio acima. Se não conquistarmos essas tribos, elas ficarão ainda mais fortes e nos próximos anos cairão sobre Roma, como fizeram os celtas do norte da Itália dois séculos atrás. Uma vez que controlarmos o Ocidente e conquistarmos essas tribos, o mundo estará verdadeiramente aberto a nós.

Cipião colocou a mão no ombro do amigo.

— Quando tivermos destruído Cartago, darei a você um barco para navegar a oeste através das Colunas de Hércules a fim de encontrar essas ilhas fabulosas e uma rota no mar do Norte até a Gália.

— Isso vai me agradar mais do que tudo — disse Políbio com fervor.

— Mas agora não é hora de estratégias futuras. Agora é hora da guerra. — Cipião lançou um olhar penetrante a Ênio. — Lembra-se do que eu lhe disse quando permiti que criasse esta coorte especial de *fabri*?

Ênio segurou a cabeça do martelo de guerra.

— Você disse que eu devia ser primeiro soldado, depois engenheiro. Minha armadura está à mão, pronta para ser vestida quando o trabalho na muralha estiver concluído. E depois que as balistas forem disparadas, liderarei minha coorte de *fabri* pela brecha na muralha no lado norte. Lutaremos nas ruas e destruiremos o inimigo. Conquistaremos mais coroas e louros e teremos mais cicatrizes de batalha do que qualquer unidade no exército. Meu martelo e minha espada serão mergulhados em sangue cartaginês.

— Que bom. — Cipião lhe deu um tapa no braço. — Agora, aos preparativos para a guerra.

21

Assim que eles se viraram para ir, houve uma imensa comoção na entrada do porto circular, e, para assombro de Fábio, uma pequena galé veio passando com potência, seus remadores trabalhando furiosamente. Atrás dela, ele distinguia apenas uma abertura escura na extremidade do porto, que evidentemente havia abrigado a galé, pouco além da cortina de defesa cartaginesa. À medida que a galé entrava no porto retangular, seguida por legionários que gritavam e atiravam mísseis da praia, seu assombro dobrava. Era o mesmo *lembos* que ele e Cipião tinham visto três anos antes, o qual ele reconhecia pela inclinação característica da proa. A tripulação de cerca de vinte remadores estava recurvada para evitar os mísseis, e ele distinguia meia dúzia de homens no popa, protegidos debaixo dos escudos. Não haveria tempo para fechar a entrada do porto; ninguém esperava por um abrigo oculto, que diria por uma embarcação de guerra plenamente preparada e tripulada. Fábio correu pelo cais até a entrada do porto para ver melhor e conseguiu ter um vislumbre antes de a embarcação virar em um canto e entrar na baía, passando por embarcações de guerra ancoradas, ganhando mar aberto. Durou apenas alguns segundos, mas foi o suficiente para ele ter certeza. *A tripulação era romana*.

Ele se virou e correu para contar a Cipião. Um centurião veio às pressas do porto circular, seguido por dois legionários, empurrando um homem cujas mãos estavam atadas às costas. O centurião o saudou, recuperou o fôlego e gesticulou para trás.

— Este homem é um mercenário trácio e desertou a nosso favor porque diz que tem informações para Cipião Emiliano.

Fábio olhou o homem, verificando que estava desarmado.

— Pode dizer a mim.

O centurião meneou a cabeça.

— Apenas ao general. Trata-se daquele *lembos*.

Cipião os viu e veio marchando até eles.

— Se este homem está dizendo verdade e tem boas informações, eu o pouparei da execução.

O homem cambaleou para a frente e caiu de joelhos, falando em grego.

— Eu sei sobre aquele *lembos*. Venho guardando isso há semanas. O homem que acaba de escapar nela é romano, chama-se Porcus.

Fábio olhou para Cipião, aturdido. Só podia ser Porcus, seu inimigo das ruelas de Roma, o bandido ardiloso que tinha evoluído a conselheiro e braço direito de Metelo. Eles tinham visto Porcus pela última vez durante sua missão de reconhecimento três anos antes, mas não esperavam que estivesse ali novamente. Cipião virou-se para o homem.

— Sabe o que ele fazia aqui?

— É isso que tenho de lhe dizer. Eu o entreouvi falando com Asdrúbal. Quero ser poupado.

— Se sua informação for boa, tem a minha palavra.

— Este homem, Porcus, vai encontrar Metelo na Grécia com um recado. Dirá a Metelo que Asdrúbal se renderá, mas somente a Metelo. Metelo deve voltar no *lembos* e aceitar a rendição aqui, fora dos portos.

Todos ficaram pasmos. Cipião fitou o chão por um momento, depois assentiu para o centurião, que levou o trácio para a galé de escravos mais próxima. Fábio se virou para ele.

— Não temos tempo a perder. Precisamos interceptá-lo. Não temos nada tão veloz como aquele *lembos*, mas uma de nossas *liburnae* pode alcançá-lo. O *lembos* é pequeno demais para carregar remadores de reserva, enquanto a *liburna* tem tamanho suficiente para poupar alguns remadores e manter o ritmo. Mas devemos ordenar a perseguição agora. O capitão do *lembos* se esforçará ao máximo para se afastar o mais depressa possível. Uma vez que saírem de nosso campo de visão, nós os perderemos.

Cipião virou-se para Ênio, que havia se juntado a eles.

— O que temos?

— Minha *liburna* pessoal. Está atracada no porto externo, no aguardo para meu uso, então estará pronta para partir imediatamente. Eu a uso para alcançar as embarcações de ataque e para sair ao mar e ter uma visão das defesas cartaginesas. Tem uma tripulação complementar de remadores ilíricos, os melhores do Mediterrâneo, e um grupo de trinta marinheiros treinados em batalhas navais. É uma das embarcações que projetamos e equipamos especialmente segundo suas instruções para fazer frente à ameaça de pirataria cartaginesa. Possui até mesmo um esporão.

— Um *esporão*? Em uma *liburna*?

Ênio sorriu.

— Ideia minha. Um esporão em uma *liburna* não seria de muita utilidade contra

trirremes e polirremes. Mas contra outras *liburnae* e barcos menores como o *lembos* é uma arma potente. O desenho do *lembos* sacrificou a espessura do casco em prol da velocidade, assim seria vulnerável ao esporão. Quando analisamos a frota romana no ano passado, não estávamos mais pensando em uma batalha entre trirremes e polirremes, em que embarcações do porte da *liburna* teriam pouco papel direto. Pensávamos no novo tipo de guerra naval que envolvia embarcações mais velozes e menores, em resposta à construção dessas embarcações que você e Fábio viram quando entraram no porto circular três anos atrás. Se o mercenário trácio estiver dizendo a verdade, perseguir aquele *lembos* só faria valer a pena nossos preparativos.

— Quero que você vá agora àquela *liburna* e coloque a tripulação em pé de guerra. Eles precisarão de água e provisões a mais para partir em meia hora.

— Mas aí o *lembos* poderá estar fora de vista.

— O que o capitão dessa embarcação não sabe é que conhecemos seu destino. Se o capitão mantiver o curso nordeste pelo golfo de Corinto, você deverá alcançá-los. Você não irá, pois preciso que continue aqui encarregado de seus *fabri* e das catapultas. Preciso de um oficial capaz de identificar o homem que procuramos e que compreenda a urgência da missão, mas que não esteja preso a uma unidade aqui e possa ser poupado. Um homem no qual eu possa confiar para dar cabo dessa ameaça.

Ele olhou para Fábio, e Ênio e Políbio seguiram seu olhar. Fábio manteve-se rigidamente em posição de sentido.

— Jurei permanecer a seu lado como seu guarda-costas, Cipião Emiliano. Prometi a Políbio e a seu pai Emílio Paulo.

Cipião pôs a mão em seu ombro.

— Políbio está aqui agora e ele o absolve. Não estamos mais sozinhos contra o mundo, como estávamos na floresta macedônia. Agora estou cercado por todo um exército de guarda-costas, os melhores homens que um general pode ter. Não há missão mais importante do que esta em que o estou enviando. Você conhece Porcus pessoalmente e já lutou contra ele. Tem assuntos pendentes para com ele. E se esta *liburna* é tão boa como Ênio diz, você deverá estar de volta a tempo de cuidar de mim quando eu ordenar o ataque a Cartago.

Fábio continuou em posição de sentido, depois fez uma saudação.

— *Ave atque vale*, Cipião Emiliano. O trabalho será realizado. — Ele se virou para Ênio.

— Não deixarei que uma escória como Porcus me negue um lugar no assalto a Cartago. Vamos.

Uma hora e meia depois, Fábio estava na proa da *liburna* enquanto esta cortava as ondas em busca do *lembos*, com as roupas encharcadas dos respingos de água e piscando com força para evitar que o sal entrasse em seus olhos. Era uma perseguição revigorante; com a galé cavalgando as vagas em vez de ser tragada por elas, ele não sentia o desconforto que tornava as viagens por mar uma experiência tão desagradável. Ele se postava a estibordo, contemplando os golpes da proa e o grande esporão de bronze que cortava as valas de mar alguns pés à frente, subindo e descendo como o grupo de golfinhos que os acompanhara depois que deixaram as águas rasas de Cartago e remaram cada vez mais fundo para mar aberto.

Para começar, o *lembos* tinha se afastado a grande velocidade, mais ligeira nas ondas do que a *liburna*, mas sua tripulação menor se cansara rapidamente do ritmo e Fábio a ganhou, a ponto de agora a nave estar quase a uma distância de arremesso, bem à frente. O capitão da *liburna*, um sardo moreno que pressionava os remadores incansavelmente, não tinha a intenção de levar o *lembos* a adernar e tinha toda intenção do mundo de experimentar o esporão, sua primeira oportunidade de colocar a embarcação em ação e ver se o reforço de ferro pela extensão da quilha evitaria que o barco empenasse no impacto. Fábio concordava; não queria negociar, nem mostrar clemência. Os homens no *lembos* eram romanos, uma tripulação da frota egeia de Metelo, sem dúvida, mas, ao invés de fazê-lo hesitar, isso fortaleceu sua determinação. Romanos que estivessem abrigados secretamente por cartagineses não teriam a misericórdia de Cipião, e era dever de Fábio cumprir as ordens que recebera quando deixou o porto.

Do outro lado da plataforma na proa estava o centurião naval que comandava os marinheiros. Uma unidade de trinta homens da tropa de choque especializada em ataques no mar, treinada durante épocas de paz para combater a pirataria. Ajoelhavam-se aos pares pelo passadiço central que corria por toda a extensão da galé, de espadas em punho, escorando-se para receber o impacto. Os remadores agora estavam erguendo os remos mais rapidamente, a série de dois homens em cada remo tendo sido substituída por uma nova turma reserva para ajudar a ter uma última explosão de velocidade. Fábio se segurava na amurada enquanto observava o esporão romper inteiramente livre das ondas, o borrifo explodindo para trás enquanto ele baixava novamente e cortava o mar com uma flecha. À frente deles, o *lembos* agora estava a menos de três barcos de distância; seu capitão estava em

pânico, empurrando o timoneiro e assumindo ele mesmo o leme, levando a galé a bombordo em uma tentativa desesperada de escapar, mas apenas deixando a lateral exposta à *liburna*, projetando-se na depressão de uma onda enquanto seus remadores desistiam, apavorados, e pulavam dos bancos para a proa e a popa, unindo-se ao pequeno grupo de marinheiros e outros homens, inclusive Porcus, que agora deviam saber que sua hora havia chegado.

— Preparar para o impacto! — berrou o capitão da *liburna* para eles da proa, e os remadores fizeram um último esforço.

Fábio sacou a espada e se agachou como lhe mostraram para fazer, recuando da amurada para não ser atirado contra ela. Um segundo depois houve um estrondo, quando o esporão rompeu as pranchas finas do casco da outra galé, praticamente cortando-a ao meio e fazendo a quilha quebrada baixar enquanto a *liburna* se estabilizava sobre ela. Ele sentiu a galé arremeter para a frente nas ondas, apanhada no naufrágio, e viu os machadeiros especializados saltarem sobre a lateral e cortarem a quilha, soltando-a. Enquanto isso, os marinheiros lançavam arpéus e uma escada *corvus* de cada lado e já estavam entre os remadores do *lembos*, golpeando-os impiedosamente. Fábio localizou Porcus e pulou sobre os destroços para a água, agora vermelha de sangue, e partiu para o homem sozinho na proa, olhando com incredulidade quando reconheceu aquele que se aproximava dele. O centurião naval viu as intenções de Fábio e ordenou que seus homens parassem e dessem cabo de quaisquer outros que ainda estivessem vivos nos destroços. Fábio ficou a poucos passos do homem, agora com a água até os joelhos, e se postou diante dele, olhando-o com desdém.

— Porcus Entéstio Supino, por ordem do cônsul Lúcio Cipião Emiliano Africano, você está condenado à morte como traidor.

— *Africano.* — O homem sorriu maliciosamente, brandindo a espada. — Quem é esse homem? O único Africano que conheço morreu na indigência 35 anos atrás em Literno, incapaz de manter a cabeça erguida em Roma por vergonha de ter fracassado na tomada de Cartago. Tal avô, tal neto, porém pior. Como pode Cipião Emiliano esperar ter êxito quando é uma sombra pálida de um homem que fracassou? Você serve ao general errado, Fábio.

— Pode morrer com dignidade, e assim direi à sua família que você se comportou como um romano até o fim, ou pode morrer como traidor, servo de um homem que não é mais romano.

— Metelo é três vezes mais general do que Cipião. Daqui a dias estará no alto do Acrocorinto e a Grécia será dele. Depois que souber que Cartago se rendeu a ele, terá eclipsado Cipião e será senhor do mundo. Um novo império surgirá, e uma nova Roma.

— Esquece-se de que o recado de Asdrúbal jamais chegará a ele.

— Esquece-se você de que há outros meios. Corredores foram despachados à noite para passar pelas linhas númidas e alcançar o porto de Kerkuane, onde outro *lembos* espera para levar a mensagem a Metelo. Como vê, você fracassou.

— É irrelevante — disse Fábio com desdém. — Mesmo antes que seus corredores cheguem à costa, o ataque a Cartago terá começado. Depois que Asdrúbal for destruído, Cipião se erguerá sobre Cartago. Metelo pode receber ofertas de rendição de quem ele quiser, se desejar ser motivo de riso em Roma.

Porcus vacilou, e então zombou dele:

— Você sempre escolheu a turma errada, Fábio, não se lembra? Sempre era espancado, então conheceu Cipião e ele o protegeu. Antes que pudesse perceber, você estava lambendo as botas dele. Pelo menos não tivemos de ouvir mais histórias sobre a glória militar de seu pai infeliz. A única proeza heroica que o vi empreender foi quando ele conseguiu ficar de pé por tempo suficiente para entrar na taberna, entrava dia, saía dia. Demos alguns golpes em sua cabeça quando ele estava deitado na sarjeta, vou lhe contar, para ajudá-lo a seguir adiante até seu cantinho desgraçado no Hades.

Fábio investiu para a frente, jogando a espada de Porcus no mar, depois ficou a centímetros de seu rosto, rosnando.

— Você nunca foi bom espadachim, não é, Porcus? Devia ter lutado em Pidna, na Espanha e na África, em lugar de bajular Metelo. E você não verá meu pai quando chegar ao Hades porque ele está no Elísio com seus camaradas. — Ele cravou fundo a espada no abdome de Porcus, torceu e retirou, depois a passou por seu pescoço, recuando enquanto Porcus cambaleava para a frente com a boca e os olhos abertos, as mãos pressionando o sangue que pulsava do pescoço, caindo de cara no mar em seguida. Fábio levantou um pé e afastou o corpo, vendo-o afundar lentamente, depois pegou o tubo de missiva que Porcus carregava, retirou o pergaminho de seu interior, rasgou e jogou os pedaços sobre o corpo.

Ele se virou e olhou a *liburna*, que tinha se libertado dos destroços e agora arribava de lado, com uma rede de corda pendurada na lateral para permitir que os últimos marinheiros voltassem a bordo. O *lembos* era um amontoado de destroços e cadáveres, sem nenhum sobrevivente na tripulação. O centurião naval estava de pé a poucos passos de Fábio, com a água até a cintura, gesticulando para ele se aproximar.

— O trabalho está encerrado, primipilo. O capitão quer retornar antes que o vento se

intensifique. E não sei quanto a você, mas nenhum de meus rapazes quer perder o ataque.

22

Três horas depois, Fábio estava de volta ao embarcadouro com Cipião e Políbio. Sentia-se esgotado, mas em êxtase. Se Porcus tivesse chegado a Corinto e o fogo da mensagem tivesse sido aceso em Bou Kornine, teria sido Metelo no Acrocorinto e não Cipião celebrando a derrota de Cartago. Fábio se concentrou unicamente na tarefa que tinha e mal teve consciência do próprio papel, mas ele sabia que, ao perseguir e destruir o *lembos*, a história fora alterada. No momento, só o que importava era a urgência a mais que aquilo impunha à contagem regressiva para o ataque; ele via Cipião começando a demonstrar impaciência enquanto observava os preparativos no mar. As embarcações com as catapultas se reuniram em uma linha fora do quebra-mar, com as barcaças de transporte contendo os legionários encontrando seus lugares atrás, preparando-se para investir e desembarcar a primeira onda de tropas de assalto com arpéus e escadas no cais, prontos para escalar as paredes. Apostava-se que os defensores seriam apanhados de guarda baixa, sem esperar por uma brecha nas defesas do porto, bem como um assalto ao quebra-mar, e assim, com a atenção cartaginesa voltada para um ataque do mar, os legionários reunidos no porto poderiam invadir a praia e avançar à parte superior da cidade e à segunda linha de defesa em torno do Monte Birsa, a oeste.

Um jovem tribuno apareceu na plataforma, tirou o capacete e se colocou em posição de sentido. Tinha olhos azuis impressionantes, cabelos claros e feições angulosas, um rosto que parecia a quintessência do romano, destinado a possuir os traços marcados pela rigidez e a um dia assumir seu lugar no *lararium* de alguma casa patrícia juntamente às imagens de seus ancestrais. Cipião levantou a cabeça e assentiu para o tribuno, que o saudou.

— Trago notícias de Gulussa, Cipião Emiliano. A força de assalto fora das muralhas terrestres está pronta. Todas as catapultas estão apontadas para o mesmo trecho da muralha, já enfraquecido pelo bombardeio das últimas semanas, e Gulussa acredita que uma brecha será aberta imediatamente. Assim que der a ordem, soltarão os projéteis.

Cipião semicerrou os olhos para a fileira de navios com catapultas que se aproximavam do quebra-mar.

— Diga a ele para assim proceder. Quando voltar a ele, Ênio estará preparado nos navios. O ataque começará em uma hora, quando você ouvir meus sinaleiros soarem as trombetas.

— Liderarei eu mesmo a primeira coorte.

Cipião o olhou de cima a baixo, depois o fitou nos olhos, o olhar se demorando como se

tivesse visto alguma coisa no rapaz.

— Tem um bom centurião?

— O melhor. Ábio Quinto Aber, primipilo da primeira legião. Ele combateu em Pidna e na Espanha.

— Que bom. Os centuriões são a espinha dorsal do exército. Respeite-os e eles o respeitarão. Mas eles esperarão que você os lidere no front. Já esteve em ação?

— Passei toda a minha vida preparando-me para este dia. Estudei todas as obras de Políbio. Venci competições de espada para meninos realizadas no Circo Máximo por dois anos consecutivos.

Cipião olhou o cinturão do rapaz, onde Fábio via a linha fina do brilho dos dois gumes da espada, visível poucos centímetros acima da bainha.

— Você tem uma espada de dois gumes.

O jovem tribuno assentiu com entusiasmo, sacando e estendendo a espada, com um aperto forte e seguro.

— Muitos veteranos voltaram da Espanha com espadas celtiberas, e muito de nós pedimos aos ferreiros que criassem versões romanas. Esta foi um presente de meu tio.

— Seu tio?

— O senhor saberá quem é — disse o jovem com orgulho. — Ele serviu com distinção na Espanha. Sexto Júlio César.

Políbio desviou os olhos do plano, espiando por cima de suas lentes de cristal.

— Ouvi alguém mencionar meu nome algum tempo atrás? — Ele viu o menino. — Ah. Este é filho de Júlia. Creio que não o conheceu. Gneu Metelo Júlio César.

Fábio percebeu de repente o que havia de tão familiar no rapaz: ele tinha os cabelos e os olhos de Júlia. Mas havia algo mais, algo que o fez fitar o menino mais intensamente. Cipião também notou, e, depois de observar o rapaz em silêncio por alguns instantes, voltou a falar, com a voz estranhamente tensa.

— Quando você nasceu?

— Quatro dias antes dos Idos de Março, no ano do consulado de Marco Cláudio Marcelo e Caio Sulpício Galo.

— Um ano depois do triunfo de meu pai Emílio Paulo.

— Nove meses, para ser exato. Minha mãe disse que fui concebido naquela mesma noite, o que foi auspicioso. Quando eu era criança, em todos os anos, nessa data, íamos à tumba dos Emílios Paulos na Via Ápia e fazíamos oferendas.

Fábio se lembrou daquela noite no dia do triunfo, quase 22 anos antes, quando Cipião aceitou a oferta de Políbio para usar seus aposentos e levou Júlia para lá por uma hora, apenas os dois; e mais tarde, no teatro, quando Metelo veio buscá-la. Mas ele também sabia, pela escrava de Júlia, Diana, que ela resistira aos avanços de Metelo naquela noite e que seguira diretamente às Vestais para ficar com a mãe até o casamento, um mês depois. Ela saberia quem era o pai e Metelo por fim deve ter adivinhado. *Gneu Metelo Júlio César era filho de Cipião*.

De súbito Cipião olhou para o rapaz severamente.

— É fato inédito fazer oferendas na tumba de outra *gens*. Você deve ter o cuidado de não transgredir a ordem social. Seu pai sabe disso?

— Íamos sem o conhecimento dele. Mas minha mãe queria dizer ao senhor que o fazíamos, assim que eu tivesse chance de lhe contar. Meu pai ficou ausente pela maior parte de minha infância, em campanha ou assumindo postos administrativos nas províncias. Minha mãe nunca o acompanhou. Mesmo em Roma, ele mora em uma casa separada. Convivi com o fracasso do casamento dele por toda a minha vida.

Políbio se voltou para Cipião:

— Sei que você não tinha interesse nos boatos ocorridos entre as *gentes* durante sua estadia recente em Roma, mas é segredo aberto que Metelo fica mais à vontade entre as *protibulae* do que com a própria esposa. Ele pouco mudou seus hábitos desde que vocês estavam na academia. Diziam que não dividiam uma cama havia anos.

— Não desde que minha irmã Metela nasceu — disse o jovem, olhando para Cipião. — Ele tentou bater em minha mãe, e eu não sinto amor por ele. Fui criado na casa de meu tio Sexto Júlio César e estou prometido a sua filha Otávia. Minha mãe diz que nosso legado estará na linhagem sanguínea dos Júlios Césares e não na dos Metelos.

Fábio se lembrou das palavras da Sibila: *A águia e o sol se unirão, e em sua união estará o futuro de Roma*. Ele olhou os símbolos em relevo nas couraças dos dois homens a sua frente: Cipião com o símbolo do sol irradiando-se sobre uma linhagem sólida de seu avô adotivo Africano, representando sua ascendência sobre Aníbal no deserto, e Gneu com o símbolo da águia dos Júlios Césares, a mesma imagem do pingente que Júlia dera a Cipião e que ele

ainda usava. De repente ele percebeu o que a profecia significava: não Cipião e Metelo, uma união de generais, mas Cipião e Júlia, uma união de linhagens sanguíneas, de *gentes*. Por um momento Fábio se sentiu deslocado, como se tudo em sua volta tivesse se tornado um borrão e ele estivesse vendo apenas os dois homens, como se sozinhos fossem a força da história. Em algum lugar no futuro, talvez dali a muitas gerações, tal união de *gentes* poderia vir a criar uma nova ordem mundial, não devido a alguma profecia divina de Sibila, mas graças ao poder dos homens de moldar o próprio destino, uma força de visão que levara Cipião Emiliano a se postar agora diante das muralhas de Cartago ao lado do futuro que ele criara com Júlia, o filho dos dois.

Gneu se colocou novamente em posição de sentido.

— Serei o primeiro a atravessar a brecha, assim como o senhor fez em Intercacia.

Cipião estendeu a mão direita e a colocou no ombro do jovem.

— *Ave atque vale*, Gneu Metelo Júlio César. Mantenha a lâmina de sua espada afiada.

— *Ave atque vale*, Cipião Emiliano Africano. Que este seja seu dia de vitória.

— Que a vitória seja dos legionários, tribuno. Dos homens de Roma. Não deve jamais se esquecer disso.

Gneu o saudou, virando-se e se afastando, segurando o punho da espada. Cipião se voltou para Políbio.

— Uma noite, 22 anos atrás, você me deu a chave de sua casa, para que Júlia e eu ficássemos a sós por uma preciosa hora. Talvez naquele único ato você tenha moldado o destino de Roma, mais do que todos os seus livros e seus conselhos a mim no campo.

Políbio pôs a mão no ombro de Cipião.

— Meu trabalho é observar a história, não criá-la. Mas até um historiador pode fazer alguns ajustes aqui e ali, possibilitando o que antes parecia impossível. Sua união com Júlia pode ter se encerrado naquela noite, mas vive em seu filho. Neste dia, quando você se postar vitorioso sobre Cartago, poderá ver seu destino cumprido e retornar aos redis de Roma, tendo levado a mais elevada honraria às *gentes* dos Cornélios Cipiões e dos às *gentes* dos Emílios Paulos, garantia de seu lugar na história. Ou pode escolher se afastar, ver um mundo se desenrolar diante de você, como fez Alexandre, só que dessa vez com o poder do maior exército do mundo a suas costas. Entretanto, mesmo que se afaste dessa visão, você agora sabe que sua linhagem permanecerá.

Cipião nada disse, encarando o horizonte. Sua expressão era severa e dura, mas Fábio

sabia da emoção por trás dela. Cipião era atraído a Roma por apenas um motivo, a possibilidade de um dia estar com Júlia novamente, de seu futuro juntos não se limitar apenas às clareiras do Elísio. Se Cipião se afastasse de Roma, talvez nunca mais voltasse a ver Júlia; se passasse a tocha à sua linhagem, talvez a encontrasse outra vez. Seu amor por ela poderia moldar o futuro de Roma. Mas tudo dependeria do resultado deste dia, do sangue que corria pelas veias de Cipião enquanto visse o que seu exército realizara, na visão que Cipião poderia ter diante de si: uma visão preenchida não apenas pela sede de sangue da guerra, mas pela exultação da conquista.

Um som áspero foi ouvido das embarcações, de uma torção sendo liberada, e eles se viraram para olhar. Uma bola de fogo subiu lentamente ao céu, lançada de uma das catapultas, formando um arco sobre as muralhas da cidade e atingindo uma construção perto do Birsa, espalhando anéis de nafta sobre as ruas da cidade. Ênio estava experimentando seu alcance e testando a volatilidade da substância. Cipião virou-se para Fábio.

— Leve um recado ao *strategos* da frota. Diga-lhe para fornecer a provisão de vinho aos homens, e para que façam suas últimas libações aos ancestrais. Antes de esta hora findar, eles estarão na guerra.

Vinte minutos depois, Fábio observava Cipião olhar as muralhas caiadas da cidade diante deles, tamborilando no pomo da espada. Lembrou-se da última vez em que se postaram diante de uma cidade sitiada, em Intercacia, na Espanha, quando o próprio Cipião liderou o assalto e foi o primeiro a pisar nas muralhas, de espada em punho. Depois, ele matou o chefe tribal, mas poupou a cidade. A Intercacia pacificada não era ameaça a Roma, e sua destruição não fazia parte do destino dele. Dessa vez era diferente. Dessa vez ele sabia que Cipião não teria piedade: Cartago deve ser destruída.

O centurião da guarda veio de um grupo naval no embarcadouro, onde Fábio percebera uma comoção poucos minutos antes, ao lado de um navio de transporte. O centurião bateu no peitoral em saudação.

— *Ave*, primipilo. Gostaria de falar com Cipião Emiliano.

— De que se trata?

— Temos um desertor.

Fábio torceu os lábios e o levou a Cipião. O centurião falou rapidamente e apontou para a tripulação do barco, que estava reunida no cais. Dois legionários arrastaram um homem do meio do grupo, colocando-o diante de Cipião. Fábio olhou o homem, assombrado: era um

dos marinheiros que o acompanhara na *liburna*, que lutara ao seu lado quando abordaram o *lembos*. O centurião virou-se para Cipião.

— Este homem era marinheiro de uma unidade especial de ataque, mas sua verdadeira identidade foi revelada quando um veterano da Guerra Macedônia o identificou. Ele então fugiu, descartou sua armadura e as armas e tentou se juntar àquela tripulação de transporte, disfarçado, no entanto foi reconhecido. Por acaso ele havia desertado na Batalha de Pidna, há 22 anos. Mudou de nome e teve uma vida tranquila como pescador perto de Óstia, mas disse que não suportava o remorso e se alistou novamente três anos atrás, quando viu que as galés se preparavam para o assalto a Cartago. Seu *optio* nos marinheiros disse que ele foi um combatente corajoso em várias ações navais, matando muitos inimigos e se colocando na frente de outros homens, inclusive na ação com Fábio.

Fábio olhou o homem, depois para Cipião. Eles tinham aproximadamente a mesma idade: homens rijos e musculosos, de cabelos grisalhos, o marinheiro de pele mais morena e mais queimado devido aos anos passados no mar, no entanto ambos de olhos duros e fortes. Eram homens cujas vidas haviam sido moldadas por aquelas batalhas que vivenciaram quando adolescentes: Cipião para viver à altura dela e da reputação de seu pai, o outro homem para se corrigir pela culpa da deserção que nublava sua vida. Ambos estavam juntos agora, diante das muralhas de Cartago, assim como estiveram diante da falange macedônia todos aqueles anos antes, um deles resoluto e sem vacilar, o outro hesitante por abandonar seus camaradas.

Cipião virou-se para Fábio.

— O que tem a dizer por este homem?

— Ele deu conta de muitos inimigos pessoalmente. Em uma ocasião colocou-se sobre o camarada caído para protegê-lo. Se eu tivesse patente para tanto, o recomendaria para a *ornamentalia*. Ele lutou corajosamente e com honra.

— Então deve ser poupado da morte por espancamento e será seu, para que você, como primipilo, cuide dele. — Cipião assentiu para o arauto, que ergueu a trombeta e soprou três notas curtas em rápida sucessão, repetidas vezes, um sinal que provocava pavor e fascínio em qualquer legionário: o chamado a testemunhar uma punição em campo. Quando o último toque esmoreceu, Fábio ordenou que os dois legionários arrastassem o homem ao centro do embarcadouro, à plena vista de vários milhares de homens pelo porto, inclusive sua antiga unidade de marinheiros que fora reunida para assistir. Fábio sabia o que devia fazer: ele agora era primipilo. Os legionários seguravam o homem com os braços presos às costas, e

Fábio se colocou diante dele.

— Tem alguma coisa a dizer em sua defesa?

— Tenho esposa e filho, na Sicília — disse o homem com a voz rouca. Ele mexeu em uma bolsa de couro na cintura e pegou uma pequena escultura de cachorro, a mão trêmula. — Meu filho fez isto para mim. É nosso cão. É para me trazer sorte, para que Netuno me poupe.

Os joelhos do homem cederam e os dois legionários o mantiveram de pé, a cabeça tombada. Ele largou o cão, que bateu na pedra com um baque pesado. Fábio se colocou acima dele, sem pestanejar. *Todos eles têm esposas e filhos. Esse sempre foi o destino dos soldados, em qualquer lugar. Às vezes eles retornam à família, às vezes não.* Ele estendeu a mão, abaixou-se e pegou o cão, lembrando-se de seu cachorro Rufo, e o colocou na mão do homem, fechando-lhe o punho em torno da escultura.

— Netuno pode tê-lo poupado da morte no mar, mas Marte não o poupará, agora que está em terra — disse ele. — As orações de seu filho o levarão mais rapidamente ao Elísio, onde deve esperar por ele, como aqueles que caíram na Batalha de Pidna esperam por seus entes queridos. Àqueles camaradas que você desertou em sua hora de necessidade, você deve responder por si.

Ele sacou a espada e passou o dedo pela lâmina, sentindo-a afiada. Deu um passo para trás e se virou lentamente, de espada erguida, para que todos os soldados reunidos pudessem ver. O homem se curvou para trás contra os dois legionários, que giraram seu corpo e prenderam suas pernas com as próprias para impedir que ele esperneasse. Estava de olhos arregalados, ofegante e espumando pela boca, e Fábio viu escorrer pelas pernas o fluido marrom que com tanta frequência vira nas execuções, sentindo o odor desagradável. Por uma fração de segundo ele se lembrou de Caio Paulo, outra baixa em Pidna todos aqueles anos atrás que, covarde ou herói, caso tivesse sobrevivido poderia ter se provado tão corajoso quanto o homem diante dele havia sido em batalha; a verdade jamais seria conhecida, era sabido apenas que a sorte em uma guerra poderia quebrar um homem com a mesma facilidade que poderia moldá-lo. Ele se postou em frente ao homem e falou em voz baixa.

— Lembre-se de seu filho. Não o desonre. Lembre-se de quem você é. É um legionário de Roma. Coloque-se em posição de sentido. Saúde seu general.

Fábio assentiu para os dois legionários, que o olharam com insegurança e então soltaram o sujeito, deixando que cambaleasse para trás, escorregando nas próprias fezes e urina. Ele

caiu pesadamente sobre uma das mãos e ali ficou, ofegando e exibindo uma careta. Fábio gesticulou para que os dois legionários recuassem e dessem ao homem a oportunidade de se levantar sozinho, para permitir que aqueles seus camaradas que observavam tivessem a chance de contar à esposa dele que o marido enfrentara a morte com dignidade. O homem enxugou o rosto com as costas da mão, depois se ergueu sozinho, lentamente, cambaleando para o ponto onde estivera e erguendo a mão em saudação a Cipião, os dedos ainda fechados em torno do pequeno modelo de cachorro.

Fábio pegou-o pelo pescoço, com a mão esquerda, e com a outra enfiou a espada abaixo de sua caixa torácica, empurrando-a pelo coração e pelos pulmões até que a ponta varou pela nuca. O homem expirou uma vez, um gorgolejar cheio de lamento, e então morreu, de olhos bem abertos e a boca esguichando sangue em pulsações sincronizadas à batida derradeira de seu coração.

Fábio o deixou cair, retirando a espada. Ergueu a lâmina, pingando sangue, e olhou em volta. Todos os homens pelo porto o observavam. Ele sabia o que precisava fazer agora. Tinha mostrado compaixão ao homem em vida; não poderia haver nenhuma na morte. Ele gesticulou ao mais próximo dos dois legionários.

— Dê-me a túnica dele. — O homem se curvou e rasgou as roupas do cadáver, deixando que rolasse no próprio sangue e nas próprias fezes, e a entregou a Fábio. Ele limpou a espada nela, com cuidado e deliberadamente para que todos pudessem ver, depois a embainhou e jogou a túnica ensanguentada de volta ao corpo.

Ele voltou a Cipião, que se virou e falou ao centurião:

— Pegue aqueles *navi* do barco de transporte, aqueles que ajudaram a escondê-lo, para limpar essa sujeira e jogar o corpo naquela pilha de cadáveres cartagineses perto da entrada do porto. Pregue uma tábua em sua cabeça dizendo "desertor" e faça com que toda a coorte passe marchando por ele, perto o suficiente para sentir o cheiro, antes do pôr do sol de hoje. Os *navi* da embarcação estão rebaixados e serão substituídos, colocados no serviço de cremação. O capitão e seus oficiais devem ser acorrentados no porto externo, despidos, e devem receber cinquenta chibatadas à plena vista da frota. Se sobreviverem, serão distribuídos entre as *liburnae* e acorrentados como escravos na galé. Isso é tudo.

O centurião o saudou e marchou enquanto o porto voltava à vida. Uma grande balista de cerco rangeu pela praia, puxada por duas filas de escravos núbios, seu contrapeso oscilando precariamente em uma amarra frouxa. Ênio viu, gritou para o condutor de escravos parar e correu para supervisionar. Fábio pôs a mão no punho da espada e se colocou ao lado de

Cipião.

— Como foi? — perguntou Cipião.

Fábio sacou a espada novamente e olhou sua lâmina, seu desenho de dois gumes copiado das espadas celtiberas que eles haviam tomado do campo de batalha em Intercacia, mas ainda com o formato curto do gládio romano.

— Desliza com facilidade e não se verga. Servirá também como espada de corte. Parece boa.

— Bem, Fábio — disse Cipião, olhando as defesas de Cartago. — Será você o primeiro nas muralhas de Cartago, ou serei eu?

— Você é o general, Cipião Emiliano. Eu sou um mero centurião.

— Mas já tenho a *corona muralis*, por Intercacia. É hora de outro receber a glória.

Fábio pensou por um instante, depois colocou a mão na bolsa de couro em seu cinto.

— Bem, então, devemos atirar uma moeda, de um soldado para outro.

Cipião abriu um sorriso.

— Aprovo.

Fábio pegou um denário de prata reluzente e o ergueu. De um lado estava a cabeça da deusa Roma, de nariz reto e olhos claros, usando um capacete alado, com o nome ANTESTIUS pela beira. Do outro lado estavam a palavra ROMA e acima dela dois cavaleiros lutando com lanças, um cão saltando nas pernas traseiras abaixo deles. Ele entregou a moeda a Cipião.

— Esta é nova em folha, dada a mim por meu amigo moedeiro Antéstio pouco antes de eu embarcar em Óstia. Ele queria que eu a atirasse nas ruínas de Cartago, em memória de seu avô que tombou em Zama. Mas acredito que, se a jogarmos e deixarmos aqui, terá o mesmo efeito.

Cipião virou a moeda na mão.

— Seiscentos e oito anos *ab urbe condita*, no ano do consulado de Lêntulo e Múmio — murmurou ele. — Será que a história se lembrará deste ano dessa maneira, ou como o ano da queda de Cartago?

Fábio ficou em silêncio por um momento, depois apontou para o cavaleiro na moeda.

— Se você perguntasse a Antéstio, ele diria que estes são Dióscuros, Castor e Pólux — disse ele. — Mas Antéstio fez este desenho na taberna depois que voltei da Macedônia e

contei sobre nossas caçadas juntos, e os bons tempos que tivemos antes de meu cão Rufo ser morto.

Cipião a olhou atentamente, balançando a cabeça e rindo.

— Quem precisa conquistar cidades quando um mero moedeiro de Roma pode lhe conferir a imortalidade desse jeito?

— Antéstio me contou outra coisa sobre essa moeda. Disse que um dia, quando era menino, passou pela menina mais bonita que já tinha visto, caminhando com você no Fórum. Era Júlia, da *gens* dos Césares. Quando ele desenhou esta imagem da deusa Roma, na realidade era Júlia que estava retratando.

Cipião olhou a moeda, com a voz abafada:

— Esta é ela?

— Antéstio disse que as pessoas não querem mais deuses e deusas em suas moedas, mas homens e mulheres reais, aqueles que estão moldando Roma e seu futuro, em nossa vida e na vida de seus filhos e netos.

Cipião engoliu em seco, e seus lábios tremeram. Ele ergueu a moeda contra Cartago como pano de fundo, depois se virou para Fábio, a voz rouca de emoção:

— Abri mão dela por isto, você sabe. Para que pudesse me postar diante das muralhas de Cartago com um exército, prestes a ordenar sua destruição.

— Você abriu mão dela por Roma e por seu destino. E Júlia vive agora com você, representado em seu filho.

Cipião olhou novamente a imagem na moeda e se preparou para arremessá-la.

— Se esta é Júlia, então escolho sua face.

— E a minha é a de Rufo.

Cipião bateu o polegar na moeda e a fez girar no ar, faiscando prateada no céu, depois caindo e quicando no pavimento de pedra da frente do porto, o cavaleiro e o cão virados para cima.

Cipião se virou e olhou para ele.

— É Rufo. Você liderará o primeiro manípulo pela brecha na muralha. Finalmente terá uma chance àquela coroa.

Fábio chutou a moeda para uma rachadura entre as pedras e virou-se para Cipião, em posição de sentido.

— *Ave atque vale*, Cipião. Até que nos encontremos novamente, neste mundo ou no próximo.

Cipião deu um tapa no ombro dele.

— *Ave atque vale*, Fábio. Agora vá e cinge-te para a guerra.

23

Quinze minutos depois, Fábio estava com Cipião e Políbio novamente na torre. Podia sentir a tensão no ar, o nervosismo, pois sabiam que a hora de entrar em ação se aproximava rapidamente. Políbio apontou a orla a oeste, onde a frota romana se destacava, fora do alcance da linha de tiro das muralhas.

— O vento ainda vem do sul. Ênio está preocupado que vá soprar as chamas de volta a nossas embarcações. Você deve dar a ordem antes que o vento aumente mais.

— É exatamente por isso que não gosto que ele mexa com fogo — grunhiu Cipião. — Venho dizendo isso a ele há vinte anos. Gostaria que se ativesse às catapultas e aríetes.

— A sorte está lançada, Cipião. E quanto aos aríetes, ele também os tem preparados. Veja, já estão oscilando.

Da beira do porto, Fábio olhou as defesas cartaginesas pouco além das muralhas da cidade. Fora de vista, ao sul, para além da grande muralha que protegia a cidade do istmo, a coorte de Ênio havia passado várias semanas construindo um aríete de desenho convencional, uma tora de madeira imensa feita de um único tronco de cedro-do-líbano embarcado especialmente para tal propósito, arrematado por um esporão de bronze no formato da cabeça de um javali, retirado de um trirreme ancorado no mar. Era preciso mais de mil homens para manejá-lo, e seria a única maneira, conforme esperavam, de romper o portão maciço ao sul.

Mas ali, dentro do porto, a questão era diferente: as muralhas que bloqueavam as ruas tinham sido apressadamente construídas pelos cartagineses nas últimas semanas, quando eles sabiam que os romanos estavam chegando. Ênio localizou os pontos fracos estruturais na alvenaria, construída à moda cartaginesa, com pedras verticais espaçadas, as fendas entre elas preenchidas com blocos menores. Os pilares tinham força, mas um aríete apontado entre eles podia rompê-la facilmente. Os cartagineses perceberam isso e posicionaram as muralhas em ângulo pelas ruas, onde pensavam que um aríete não pudesse romper, onde o espaço aberto antes na muralha era pequeno demais para o avanço necessário para abrir um buraco com tamanho suficiente para uma força de assalto passar.

Mas estavam enganados; não contavam com o gênio da engenharia romana. Ênio demonstrara o funcionamento de sua invenção em uma aldeia abandonada com muralhas construídas da mesma maneira, nos arredores da cidade, e Cipião ficou convencido. Ele via as máquinas de Ênio agora, projetando-se acima dos telhados planos, estruturas triangulares

de madeira colocadas sobre rodas perto das muralhas, com aríetes de cem pés, suspensos de cordas como pêndulos. Ênio os construía usando material que seus homens recuperaram das embarcações de guerra arruinadas no porto, utilizando mastros, cordas e esporões de ferro, transformando os últimos vestígios do poderio naval cartaginês contra a cidade, enquanto os próprios cartagineses foram reduzidos a usar o cabelo das mulheres para fazer corda para catapultas. E a operação desses aríetes não exigia milhares de homens, apenas algumas dezenas cada um; esses homens eram marinheiros especializados das galés treinados para ajudar os escravos a remar no ataque final à frota inimiga, e depois, enquanto estavam em casa, a saltar dos bancos e investir para o ataque. Depois que os homens que balançavam os aríetes abrissem a brecha nas muralhas e passassem, a massa de legionários aguardando atrás deles os seguiria, e a cidade estaria aberta à conquista.

Fábio olhou os aríetes novamente. Políbio tinha razão. Eles já estavam balançando, marcando o tempo, as turmas esperando pela ordem que faria as cordas se retesarem e os aríetes baterem nas muralhas. Era como se a máquina de guerra estivesse começando a se flexionar, inexoravelmente. Ele sentiu a pulsação se acelerar. Estava quase na hora.

Políbio apontou para uma área aberta, dentro da muralha defensiva cartaginesa, cerca de quinhentos passos ao sul do porto.

— Tem fumaça vindo do Tofete — disse ele.

— Do quê? — respondeu Cipião, ainda olhando os aríetes.

— Sabe o que significa Tofete?

— Não falo cartaginês.

— Significa “assadeira”.

— E então?

— O santuário usado para cremar e sepultar crianças mortas, mas que no passado era utilizado como local de sacrifício. Não tem sido utilizado para esse fim há gerações, desde antes da guerra com Aníbal. Mas dizem os boatos que em épocas de grande dificuldade um sacrifício é oferecido ao deus Baal Hammon, que supostamente mora nos picos gêmeos da montanha a leste. Quando o sol da manhã subir acima da montanha, lançará um feixe de luz pelo Tofete, quando então o sacrifício deve acontecer.

— Não creio que um sacrifício possa salvá-los agora. E esse primeiro raio de luz na verdade sinalizará o início do ataque.

Políbio retirou um tubo de bronze de cerca de um pé de extensão, com cristais em forma

de disco nas duas extremidades, e olhou em direção à fumaça.

— Há dois sacerdotes de mantos brancos na plataforma de pedra no meio do santuário, cada um deles carregando uma corrente enrolada e usando o que parecem ser luvas grandes feitas de couro, e eu não me surpreenderia se fossem de elefante. E a estrutura estranha que parece uma grande fornalha atrás é a origem da fumaça. Há escravos na base manejando foles, alimentando o fogo. Se você já se perguntou onde Asdrúbal colocou as oliveiras que mandou seus homens cortarem dos campos circundantes, eis sua resposta. Pilhas delas atrás da fornalha, claramente lenha para o fogo. E há homens com martelos de forja batendo na fornalha, só que não é de forma alguma uma fornalha. É algo inteiramente diferente, escondido por trás.

Ele passou as lentes a Fábio, que semicerrou os olhos por elas, vendo apenas um borrão distorcido, e as devolveu. Todos encararam o que estava sendo revelado. Era escurecido pelo fogo e mosqueado na superfície, mas claramente feito de bronze. Enquanto os homens batiam as últimas partes de argila, a forma entrou em vista. Era uma gigantesca figura agachada, do tamanho de vários elefantes, de aparência humana, mas de proporções monstruosas. Seus braços imensos estavam erguidos com as palmas para cima e a cabeça barbada tinha a boca escancarada, com tamanho suficiente para caber um homem. Podiam ver a fumaça saindo da boca e uma chama ocasional do fogo abaixo.

— Extraordinário — murmurou Políbio. — É mencionado pelos historiadores, mas ninguém realmente acreditou. Se não me engano, pretende representar o deus cartaginês Baal Hammon. — Ele espiou pelas lentes novamente. — Asdrúbal acaba de chegar e está subindo a escada para a plataforma, onde os dois sacerdotes aguardam. Ele também usa luvas.

Fábio pôs a mão acima dos olhos para ter uma visão mais nítida. Lembrou-se da primeira vez que vira o general cartaginês, quando ele e Cipião fizeram o reconhecimento na cidade três anos antes; Asdrúbal também estivera vestindo a cabeça de leão sob sua armadura naquela época. Ele viu Cipião olhando as embarcações e o porto, esperando pelo sinal de Ênio, depois voltou os olhos ao Tofete.

— Onde está o animal sacrificial? Pensei que a essa altura já tivessem devorado tudo, inclusive ratos e baratas.

Políbio baixou as lentes outra vez e falou com o distanciamento de um erudito.

— Se eu não estiver enganado, estamos prestes a testemunhar um sacrifício de uma

criança cartaginesa.

Cipião ficou perplexo.

— Por Júpiter. O quê?

— O sacrifício de crianças tem uma longa história entre os povos semíticos do leste do Mediterrâneo, os ancestrais dos cartagineses. Os escritos dos israelitas falam de como seu antigo profeta Abraão ofereceu um menino chamado Isaac a seu deus.

Um tambor começou a bater, lenta e insistentemente, de algum lugar dentro do santuário.

— A batida de tambor originalmente era realizada para abafar os gritos da vítima — disse Políbio. — Mas duvido que dessa vez queiram que faça isso. Creio que o que estamos prestes a ver está sendo feito principalmente para nós. Sendo assim, quanto mais gritos melhor.

Um menino de túnica branca, talvez com 10 anos, saiu do santuário, depois subiu a escada de pedras até os três homens parados no alto. Assim que se aproximou da plataforma, Asdrúbal acenou para ele e o menino pulou e o abraçou, agarrando-se aos braços da pele de leão. Asdrúbal o baixou gentilmente e segurou sua mão. O menino não tinha como saber o que estava prestes a acontecer. O estômago de Fábio se revirou quando ele percebeu a verdade. *O menino era filho de Asdrúbal.*

A batida de tambor ficou mais lenta. Os dois sacerdotes ergueram o menino do chão de repente, um pegando pelos braços e o outro pelas pernas, envolvendo seus pulsos e tornozelos nas correntes sem pestanejar. Bem abaixo, na base do deus de bronze, os escravos penduravam-se nos braços dos foles, prontos para empurrá-los. Asdrúbal tirou o menino dos sacerdotes e o segurou na frente da boca escancarada da fera; o calor que emanava dela já era visível, tremeluzindo no ar. Fábio via a cabeça do menino ao lado de Asdrúbal, olhando em volta freneticamente, sentindo o horror que estava prestes a cair sobre ele. Por um momento Fábio lamentou pelo homem. Em algum lugar debaixo daquela pele de leão, sob o ódio, a crueldade, a autodestruição, havia o completo desespero de um pai que sabia que seu filho o amava, sentira seu abraço e, no entanto, fora impelido a realizar o impensável, o pior que a guerra poderia obrigar um homem a fazer.

Asdrúbal avançou um passo e jogou o menino na boca da fera. Ouviu-se um ruído de queda e tinidos, ampliado e recuando, enquanto os sacerdotes soltavam as correntes e o menino rolava para baixo. Um grito agudo cortou o ar, depois um berro terrível subiu de algum lugar atrás dos muros do Tofete, o grito da mãe do garoto, seguido por um gemido de

lamentação que pareceu ondular pela cidade. O deus de bronze eclodiu em um rugido de fogo, como se o próprio deus estivesse despertando; um manto de chamas foi expelido ao alto. Bem abaixo, os escravos trabalhavam nos foles gigantes, o açoite dos sacerdotes caindo em suas costas. O cheiro de carne queimada começou a vagar para o porto. Depois a batida do tambor mudou, agora mais rápida, e os escravos cessaram seu trabalho. Os dois sacerdotes na plataforma começaram a puxar as correntes, elo por elo, mantendo-se de cada lado da boca da fera para evitar o calor abrasador. Trouxeram para fora seu fardo horripilante, e Asdrúbal o pegou.

Ele se virou, e Fábio viu o corpo calcinado e encolhido do menino, as pernas e braços contraídos e a boca escancarada, presa em um grito. Asdrúbal estendeu o cadáver para os picos gêmeos da montanha, para Bou Kornine. Mas então se virou para o porto, erguendo o corpo do filho o mais alto que pôde.

Fábio encarou, horrorizado. Asdrúbal não estava oferecendo seu sacrifício ao deus. *Estava oferecendo a eles.*

Políbio pôs a mão no braço de Cipião.

— Ele está nos provocando. Sabe que nenhum romano que ama seu filho suportaria isso. Ele está tentando fazer com que você ordene o ataque antes que estejamos prontos. Mantenha o controle.

— Cipião Emiliano — berrou Asdrúbal, a voz atravessando até o porto, por sobre as fileiras de legionários que olhavam, petrificados. — *Carthago delenda est.*

Foi o grito daqueles no Senado romano que haviam enviado Cipião para lá, palavras agora usadas por um homem que podia não ver nenhum propósito em continuar vivendo. *Carthago delenda est. Cartago deve ser destruída.*

Um raio de sol irrompeu pelos picos gêmeos da montanha e iluminou o Tofete, então ardeu pela cidade como se tivesse sido atingido por um raio. Um instante depois ouviu-se o baque surdo das embarcações de catapulta de Ênio e uma bola de fogo subiu, demorando-se por um momento sobre a cidade como uma estrela gigante em chamas, caindo então na plataforma do templo, espalhando bocados de fogo pelas ruas abaixo.

Era o sinal.

Cipião virou-se para Políbio.

— Asdrúbal terá o que deseja. — Ele ergueu o braço esquerdo e o manteve estendido diante de si.

Bem abaixo, viu os arautos levarem suas longas trombetas aos lábios, observando-o. A batida de tambor parou, e por um momento fez-se silêncio. Fábio sentiu um fiapo de vento no rosto e olhou o horizonte novamente, agora semicerrando os olhos contra o sol. Enxergava apenas o tom vermelho.

Cipião baixou o braço.

— Que comece a guerra — rosnou ele.

24

Vinte minutos depois, Fábio estava ao lado de Cipião, diante do primeiro manípulo da primeira legião, de espadas em punho. Tinham passado pela brecha criada pelo aríete, Fábio um pouco à frente, e subiram a rua correndo rumo ao Monte Birsa, esperando encontrar inimigos atrás de cada quadra. Mas não havia ninguém, e eles perceberam rapidamente que Asdrúbal e sua força esgotada de mercenários e soldados cartagineses deviam ter se retirado para uma posição defensável perto do centro da cidade, ao lugar que Fábio e Cipião tinham visto três anos antes perto do antigo bairro residencial, abaixo do Birsa. Os dois homens agora chegavam ao local e se posicionavam lado a lado, enquanto os legionários jorravam na área aberta onde eles viram o treinamento do Batalhão Sagrado, agora sem seus adornos; o lugar havia sido claramente usado como instalação de armazenamento para as tropas, com tonéis de madeira para grãos pela margem que agora pareciam todos vazios.

À frente deles havia um muro de entulho construído às pressas para bloquear as ruas no lado sul da cidade; pelo alto, a paliçada de madeira que tinham visto três anos antes, acima do nível das casas circundantes. Quando os legionários na vanguarda avançaram e procuravam espaço na barreira, ouviu-se um toque de trombetas no parapeito e Asdrúbal apareceu com um grupo de soldados, todos usando couraças reluzentes e capacetes lobulados do Batalhão Sagrado. Fábio observava, assombrado, enquanto carruagens de quatro cavalos entravam no campo de visão ao lado deles, dando uma guinada e colocando-se em direções opostas, os cavalos pisoteando e relinchando na borda estreita. Parecia um espetáculo desconcertante, sem nenhum propósito claro, até que ele viu o que havia entre eles: era um homem com armadura de legionário, a cabeça inchada e irreconhecível, os braços amarrados na traseira de uma carruagem e suas pernas na outra. Fábio virou-se para Cipião, segurando seu braço.

— Asdrúbal está nos provocando de novo. Este deve ser um dos prisioneiros romanos levados durante a luta pelo porto. Asdrúbal sabe que um meio tradicional de executar os traidores em Roma é arrastando-os entre duas quadrigas.

Asdrúbal berrou; houve o silvo de chicotes e os dois carros investiram em direção ao parapeito, tombando de lado quase imediatamente em uma massa emaranhada na base do muro, os cavalos relinchando e berrando. Com isso, o homem amarrado entre eles foi rasgado ao meio, seu tronco lançado à frente como um estilingue, espalhando suas entranhas sobre os legionários que assistiam abaixo, apavorados. Houve um urro coletivo de fúria e

uma arremetida que os centuriões lutaram para controlar.

Mas o pior estava por vir. Quatro mastros de madeira foram erguidos rapidamente onde os cavalos estiveram no parapeito, e mais quatro prisioneiros apareceram, algemados e nus, apenas com capacetes. Asdrúbal berrou novamente, então foram amarrados aos mastros e pendurados sobre os legionários que assistiam de baixo. Um escravo núbio gigantesco apareceu, despido, exceto por uma tanga, com ganchos de metal onde deveria ter as mãos. Ele colidiu os ganchos entre si, depois atacou o prisioneiro mais próximo, abrindo um talho irregular por sua cintura e arrancando seus intestinos. Caminhou até o seguinte, zombando dos romanos como um palhaço de circo, e em seguida, com os dois ganchos, arrancou os olhos do homem e rasgou suas faces. Ele girou o corpo e bateu os ganchos na virilha do terceiro homem, arrancando seus genitais e jogando-os para os legionários abaixo. Postou-se na frente deles, batendo no peito e urrando. Fábio ficou nauseado e percebeu que Cipião engolia em seco. Os outros legionários, os camaradas dos homens na plataforma, pareciam pasmos de terror, incapazes de se mexer.

— Basta disso — disse Cipião a Fábio. — Não importa o que façamos, precisamos chegar àquele parapeito.

— Não é necessário.

De soslaio, Fábio viu alguém familiar. Ouviu um silvo sobre os homens e o núbio cambaleou e caiu para a frente, com uma flecha na testa. Enfurecido, Asdrúbal sacou a espada e decepou as pernas do quarto prisioneiro, deixando-o sangrar copiosamente sobre o parapeito, depois saiu de vista em alta velocidade. Os legionários na praça se dividiram para dar passagem a Gulussa e Hipólita, que estavam com sua cavalaria na planície na periferia da cidade, mas lideraram um grupo desmontado a partir da praia, formado nas muralhas voltadas para a terra. Hipólita usava a pele de um tigre branco por baixo da couraça romana, e seu cabelo ruivo estava preso em um nó apertado sob o capacete. Segurava o arco com outra flecha já preparada, e olhou para Cipião. Os quatro prisioneiros nos mastros gemiam, terrivelmente mutilados. O centurião maior do primeiro manípulo a olhou, com a voz rouca de emoção.

— Acabe com o sofrimento deles — disse. — Eles serão gratos por isso. — Cipião assentiu, Hipólita ergueu o arco e em uma sucessão rápida disparou uma flecha no coração de cada homem, matando-os rápida e misericordiosamente.

Fábio fechou os olhos por um momento, tentando se esquecer da cena. Via os legionários indóceis, inseguros. Era fundamental que recuperassem o ímpeto de sua investida do porto,

ou falhariam e seriam retalhados quando seguissem a viela lateral, subindo para o Birsa, que ele e Cipião tinham visto no reconhecimento três anos antes.

Como primipilo, era sua tarefa tomar a iniciativa em situações como aquela, restaurando a disciplina. Ele subiu em um tonel de pedra e virou-se para os homens.

— Legionários — berrou. — Nossos camaradas agora nos veem do Elísio. Estão de armadura completa e adornados com a *dona militaria* de heróis. Agora, avancemos. Há uma subida pela viela até a acrópole. Nossos camaradas serão vingados. — Ele olhou o centurião mais velho do primeiro manípulo. — Forme o *testudo* — gritou ele.

O centurião correu à frente de seus homens, virou-se para eles e ergueu o escudo acima da cabeça. E imediatamente a primeira fila o imitou, trancando seus escudos e formando um aglomerado sólido no alto da cabeça, em seguida pelas laterais das fileiras, ao grito de *testudo* dos outros centuriões, até que toda a força formava uma única massa contínua de escudos. Os centuriões correram para a frente e para a retaguarda e se juntaram à formação assim que os cartagineses começaram a despejar azeite fervente do parapeito, provocando gemidos de dor, mas nenhuma desordem na linha. À frente, a viela não continha defensores por pelo menos duzentos passos, mas Fábio sabia que os mercenários nos muros e os guerreiros do Batalhão Sagrado desceriam e atacariam depois que percebessem que o *testudo* era praticamente inexpugnável a qualquer coisa que jogassem nele.

Fábio e Cipião ergueram os escudos sobre a cabeça e avançaram. Atrás deles, conseguiam ouvir Brutus batendo nas pedras, e ele logo os ultrapassou. Depois de cerca de cinquenta passos, eles viram o primeiro inimigo na viela, um grupo misto de mercenários portando armaduras e armas de meia dúzia de nações, entre elas latina. Brutus investiu de pronto para eles, a espada curva e imensa cortando à direita e à esquerda, decepando homens pelo meio e pulverizando suas entranhas pelos muros. A primeira vítima de seu temível golpe de transverso foi um celtibero que cometeu o erro de firmar posição. Brutus parou por um momento, olhando o homem de cima a baixo, depois, com uma velocidade impressionante, correu a espada pela cintura exposta do homem, cortando-o ao meio, em seguida entre as pernas, esquartejando-o, trazendo a espada para cima pelo pescoço e a cabeça. Fábio tinha visto a prática uma vez, em um prisioneiro, mas ainda ficava horrorizado com o resultado, uma sujeira indescritível nos confins estreitos da viela. À frente dele, os mercenários que haviam conferido Brutus em ação viraram-se e bateram em retirada, atropelando-se e inadvertidamente tornando-se presas mais fáceis, enquanto outros corriam para os dois lados em uma disparada suicida aos legionários que avançavam; sabiam que não tinham chance de

sobrevivência, mas só lhes restava torcer por um fim menos medonho do que o de viver a experiência de seus camaradas mais acima na viela.

Um cartaginês do Batalhão Sagrado apareceu repentinamente diante de Fábio, respirando com dificuldade, a espada de prontidão. Ouviu-se o som como o de uma corda se arrebentando ao vento, e o soldado investiu e oscilou, com uma expressão de incompreensão. Pelo canto do olho, Fábio viu algo parecido com a cauda de uma serpente descer os degraus de pedra da viela. O cartaginês largou a espada com estrondo e seu pescoço explodiu de sangue, espirrando no peitoral e no rosto de Fábio, depois tropeçou e caiu, bombeando de seu corpo o sangue que corria pelas rachaduras entre as pedras. Fábio olhou para trás e viu Gulussa preparando o chicote para outro golpe. Lembrou-se do dia em Roma em que o rei Massinissa dera a Gulussa o chicote de pele de rinoceronte, uma lembrança de sua época combatendo com Cipião, o Velho, que ele esperava que seu filho usasse mais uma vez na guerra contra Cartago. A hora havia chegado, mas cinquenta anos depois o chicote era mais fino e mais cruel. Gulussa o havia levado à Numídia e ordenado que seus artesãos instalassem lâminas de aço afiadas na ponta, depois apurou ainda mais suas habilidades no deserto, combatendo em lombo de camelo, sob tempestades de areia, em lugares que Fábio mal conseguia imaginar. Voltou a Roma com a habilidade aperfeiçoada: a capacidade de usar o chicote para envolver o pescoço de um homem a vinte passos e cortar as duas jugulares a um só tempo.

O chicote se estendeu novamente como a língua de um lagarto, desenrolando-se lentamente no início, depois rápido como um raio, dessa vez golpeando um cartaginês na base do capacete e retalhando o maxilar inferior. O homem gritou de agonia, deixou a espada cair e segurou o maxilar cortado, cuspindo e espirrando sangue. Cipião saltou à frente para matá-lo, enfiando a espada com força sob o kilt do homem, puxando virilha acima o máximo possível, depois torcendo e arrancando, saltando para trás enquanto o homem vomitava sangue e tombava no chão, morto. Fábio escorregou na poça de sangue e bile bombeada entre as pernas do homem, aprumou-se e correu atrás de Cipião. Hipólita estava ao lado dele, atirando flecha após flecha de sua aljava, usando o arco cita bicurvo para disparar habilidosamente no pescoço, onde a armadura do inimigo o deixava mais vulnerável. Os corpos se empilhavam; entretanto, ainda não vinha nenhum cartaginês. À frente deles, Brutus abria caminho a golpes de espada, deixando corpos mutilados e aos pedaços pelas laterais, nacos ensanguentados de carne que se empilhavam uns sobre os outros na sarjeta, como se tivessem sido derramados de algum açougue em um dilúvio de

sangue poderoso.

Eles estavam chegando ao final da viela; os muros dos dois lados se afunilavam para o aglomerado de casas compactadas, o antigo bairro da cidade ao pé da acrópole. No barco, Ênio recebera ordens para parar com a barragem de bolas de fogo à frente dos legionários enquanto eles avançavam rapidamente, mas agora os sinaleiros o instruíam, por ordem de Cipião, a renovar a barragem e pulverizar o antigo bairro da cidade antes que eles o alcançassem. As bolas de fogo caíram com uma ferocidade renovada, as primeiras tão perto que fizeram o chão tremer, outras descendo mais à frente, entre as casas, enquanto os observadores sinalizavam para corrigir a mira. Acima deles, nos muros, os cartagineses ainda atiravam pedras, vasos de cerâmica, óleo fervente, qualquer coisa em que colocassem as mãos, mas a maior parte dos projéteis quicava inofensivamente na formação de *testudo* à medida que os legionários avançavam inexoravelmente, seus escudos interligados acima das cabeças. Atrás deles, os arqueiros citas de Hipólita encontravam seu alvo, derrubando cartagineses no muro e aumentando ainda mais os montes de cadáveres que se espalhavam pela viela. Ainda assim, os legionários avançavam, incansáveis, o clangor de suas armaduras pontuado pelos gritos roucos dos centuriões, o *testudo* se estreitando à largura de apenas quatro ou cinco escudos ao se aproximarem do final da viela, com as espadas sacadas e prontas.

Fábio imaginara que assim que chegassem àquele ponto os defensores restantes fugiriam das muralhas e se retirariam para o antigo bairro à frente deles, refugiando-se entre os civis protegidos ali e formando uma última barreira. Eles não viram Asdrúbal desde a mutilação medonha dos prisioneiros romanos nos muros, mas Fábio imaginava para onde ele havia ido. Ele semicerrou os olhos para o templo no Birsa, seu telhado envolto em fumaça visível bem acima das casas, depois olhou para Brutus, que ceifava para a esquerda e a direita, eliminando os últimos cartagineses da viela. Cipião ergueu o braço, detendo os legionários. Políbio veio da retaguarda e se colocou ao lado dele, com a espada pingando sangue.

— Ênio esgotou sua munição — disse ele, arquejante. — A última bola de fogo continha tinta verde como sinal, e eu a vi. Isso significa que o caminho à frente está aberto para você.

Cipião enxugou o suor e o sangue do rosto na manga da túnica.

— Não pode haver mais do que algumas centenas deles.

— O Batalhão Sagrado?

Cipião assentiu.

— Todos os mercenários ou estão mortos ou se esconderam. Não há escapatória para os que ficaram. Queimarão até a morte ou morrerão na fumaça.

— Asdrúbal?

Cipião apontou o templo com a espada.

— Tenho certeza de que está ali em cima, esperando por mim. Por ora, estou mais preocupado com meus legionários. Eles viram Brutus matar dezenas, viram os arqueiros de Hipólita derrubarem outros mais, viram-me matar na viela. Mas até agora a maioria deles passou a batalha protegida sob os escudos. — Ele pegou o tecido que Políbio lhe estendia, limpou o rosto novamente e apontou o *testudo* com a cabeça. — Este grupo é a primeira legião. Alguns combateram comigo na Espanha. Estarão ladrando por sangue. Se não dermos a eles, podem simplesmente tirá-lo de nós. — Ele sorriu para Políbio, jogando o tecido de volta. — E então você escreveria seu livro de histórias no além, não é?

— Pode oferecer os termos da rendição a Asdrúbal? — disse Políbio. — Há centenas, talvez milhares de civis naquele bairro. Foi ali que a maioria dos habitantes sobreviventes da cidade buscou refúgio do fogo. Se você soltar os legionários, não distinguirão facilmente soldados de civis. Será um massacre.

Cipião balançou a cabeça.

— Rendição? Asdrúbal? Improvável. E não foi você que leu Homero para mim ontem à noite, sobre a queda de Troia? Não me lembro de Aquiles hesitando por causa de mulheres e crianças. Roma mostrou misericórdia a Cartago no passado, cerca de meio século atrás. Dessa vez não haverá nenhuma.

Ele se virou, colocando-se de frente para os centuriões e legionários, e ergueu a espada ensanguentada.

— Homens — berrou. — Parece que eu tive toda a diversão. Ora, isso não é justo, é?

Eles berraram em resposta, um urro imenso, e Cipião sorriu para eles.

— Homens do primeiro manípulo — continuou —, alguns de vocês estiveram comigo na Espanha. Alguns de vocês, centuriões, até me ensinaram a lutar. O velho Quinto Pesco ali certa vez ficou tão desanimado com meu arremesso do *pilum* que prometeu me dar cinco das melhores no lombo e me mandar limpar as latrinas. E eu era seu oficial comandante.

Houve um rugido de aprovação, e Cipião deu um tapa nas costas do centurião mais próximo, depois colocou a mão no ombro do homem, olhando para os legionários.

— Todos vocês são meus irmãos. E como irmãos em qualquer parte, amamos uma boa briga.

Houve outro rugido, e Cipião apontou a espada para a viela.

— Lá, naquelas casas, estão os últimos cartagineses, o chamado Batalhão Sagrado. Matem-nos a todos e vocês conquistarão a maior vitória que Roma já conheceu. Irão para casa como heróis e suas famílias serão honradas pela eternidade. Mas façam bem seu trabalho ali e não deixarei que fiquem em casa por muito tempo. Aonde formos depois disso, prometo-lhes guerra e saques como nunca viram na vida.

Outro urro ensurdecedor se ergueu dos homens. O centurião Quinto Pesco virou-se para ele, com a voz rouca.

— Cipião Africano, os homens da primeira legião o seguiriam ao Hades e retornariam. Assim como teriam feito por seu avô.

Cipião levantou a espada e foi de encontro ao muro da viela, puxando Políbio consigo.

— Homens, estão prontos? — gritou.

Houve um berro imenso e ele assentiu para os centuriões, que viraram os escudos para a frente, saindo da formação de *testudo*, e ergueram as espadas, seguidos pelos legionários. Cipião apontou a espada para a frente e berrou:

— *Deem o pior de si.*

Dez minutos mais tarde, Fábio e Cipião entravam na nuvem de poeira remanescente depois do avanço dos legionários, adentrando uma tempestade de morte diferente de tudo que Fábio já tivesse visto. As vielas estreitas do antigo bairro estavam polvilhadas de trechos bruxuleantes de fogo, parte dele consumindo a madeira das casas, onde as bolas de fogo tinham impactado meia hora antes. Na poeira, a nafta reluzente criava uma visão de pesadelo, como se estivessem entrando novamente nas fumarolas ardentes dos Campos Flegrei, só que dessa vez o fogo era feito pelo homem. O ar estava repleto do odor acre de queimado e do fedor de um lugar onde as pessoas viveram confinadas por meses, com pouca comida e quase nenhuma água para saneamento; cada casa estreita tinha a própria cisterna de água da chuva, e eles tinham visto, mais abaixo na cidade, que quase todas estavam vazias.

Durante alguns minutos, depois que os legionários seguiram em frente, houve um alarido terrível de gritos e berros, um barulho oriundo de mais além, à proporção que os soldados avançavam; mas agora o lugar estava sinistramente silencioso, pontuado apenas pelo barulho

dos soldados invadindo as casas, procurando por saque, e pelo grunhido ocasional de cartagineses feridos sendo eliminados. Cadáveres jaziam para todo lado: soldados do Batalhão Sagrado com sua armadura polida, a maioria deles apenas meninos; mercenários que haviam tirado as armaduras em uma tentativa inútil de escapar do reconhecimento, mas ainda assim abatidos; velhos e mulheres, até crianças, todos apanhados na carnificina. Para limpar as ruas, os legionários jogavam os corpos pelas laterais e nas cisternas, enchendo-as até a borda, de modo que braços, pernas e troncos ficavam visíveis projetando-se dali, alguns ainda se contorcendo. Os legionários foram incensados pelas cenas terríveis de mutilação de seus camaradas e não pouparam ninguém. Fábio conhecia o cálculo inevitável da guerra, mas aquilo estava além de qualquer violência que ele já tivesse visto.

Ele seguia Cipião, que abria caminho pelos corpos e ia para o sopé do Birsa. Silenciosamente, os legionários pelos quais passavam se juntavam a eles, com as espadas gotejando sangue, até que a maior parte do manípulo estava reunida novamente sob o comando de seus centuriões. Políbio aproximou-se e se pôs ao lado dele, limpando o sangue do rosto.

— Estamos na escada do templo. A cidade está quase toda tomada.

Fábio passou a Cipião um odre de água que um legionário lhes levara. Ele bebeu, agradecido, depois o ergueu acima da cabeça para deixar que a água escorresse em seu rosto. Devolveu-o e limpou a testa com a manga da túnica. Pela primeira vez, Fábio estava consciente da própria respiração ofegante, saindo curta e acelerada, e tentou se acalmar. O barulho da batalha diminuíra por toda a cidade; ele ouvia apenas um ou outro grito ocasional, o som de alvenaria caindo enquanto o fogo grassava, o pisotear e relinchar de cavalos, a respiração ofegante e a marcha de mil legionários espremidos nas ruas de trás. Até Brutus tinha parado, alguns passos à direita, ofegante como um urso, a ponta ensanguentada da cimitarra pousada no primeiro degrau que levava ao templo. Todo o exército aguardava, observando, para ver o que Cipião faria a seguir.

Fábio olhou através da fumaça o alto da escada. O exército cartaginês fora aniquilado, mas ele sabia que ainda havia gente ali em cima, protegendo-se no templo. Ele se lembrou do garotinho que vira subir a escada no Tofete menos de uma hora antes, o próprio filho de Asdrúbal. Sabia que o homem estaria lá no alto agora, esperando por eles. Era como se o templo fosse outro altar e Asdrúbal estivesse orquestrando a cerimônia, obrigando Cipião a subir os degraus como se ele próprio fosse um participante de alguma cena apocalíptica e definitiva de sacrifício.

Fábio sentiu o exército atrás de si, remexendo-se, inquieto. Respirou fundo, sentindo o fedor acre de fumaça, o travo acobreado de sangue, as veias obstruídas. Lembrou-se do que o velho centurião lhes ensinara. Cipião não deveria deixar que seus homens o vissem hesitar. Fábio o viu segurar a espada firmemente e olhar para Políbio, depois para Brutus.

— Vamos acabar com isso — grunhiu ele.

Ele começou a subir a escadaria, de espada em punho, a armadura tilintando, desviando-se para evitar os trechos ardentes de nafta das bolas de fogo de Ênio. Fábio o seguiu e ouviu Políbio e Brutus atrás de si, além da massa de legionários avançando para a base da escada. Ele investiu para a frente, de dentes arreganhados, todos os músculos e tendões de seu corpo retesados, o suor escorrendo pelo rosto. O tempo parecia estar desacelerando, como se o peso da história o estivesse puxando para trás, uma história que negara esse dia a Roma por muito tempo. E então ele estava no último degrau da escada e na plataforma do tempo, agachado, de prontidão, com a espada em riste, o peito arfando, enquanto tentava recuperar o fôlego, ouvindo apenas o martelar do sangue nos ouvidos. Estava ao lado de Cipião e enxergava apenas oito ou dez passos adiante; o templo estava obscurecido por uma nuvem de fumaça que rolava da plataforma para o norte, juntando-se à mortalha que encobria as ruas da cidade, fazendo o grupo no tempo parecer deslocado e isolado, invisível aos milhares de legionários abaixo que confrontavam a nêmesis definitiva de Cartago.

Políbio e Brutus se aproximaram, um de cada lado, ofegantes, recuperando o fôlego.

— Sinto calor vindo do alto — disse Políbio, arquejando. — O templo deve estar em chamas.

— Não vejo ninguém — grunhiu Brutus, olhando em volta.

— Ele está aqui — disse Cipião a meia voz. — Confie em mim. Mantenham-se atentos.

Os quatro homens formaram um semicírculo, de costas para a escada, as espadas estendidas enquanto olhavam a fumaça. Em silêncio, Gulussa e Hipólita se juntaram a eles de cada lado, Gulussa com o chicote enrolado de prontidão e Hipólita segurando seu arco, com uma flecha farpada preparada. Eles esperaram, sem nada ouvir, nem um movimento. Subitamente uma rajada de vento soprou a fumaça e revelou o templo, suas grandes colunas de pedra ao ar a cerca de cinquenta passos. Políbio tinha razão, mas não foram apenas as bolas de fogo que causaram o calor. O templo estava cercado de feixes de galhos de oliveira, tal qual o santuário tofete. Asdrúbal havia planejado o suicídio da própria cidade aos últimos detalhes. As chamas lambiam os fardos entre as colunas, um crepitar e sibilar que logo se

transformaram em rugido. A porta para o santuário interno depois das colunas parecia a entrada de uma fornalha, um brilho vermelho-alaranjado onde o fogo já consumia a madeira que tinha sido socada em seu interior. Fábio ergueu a mão para proteger os olhos, sentindo o calor lhe chamuscar o braço. Lembrou-se de ver o lugar nos Campos Flegrei onde Eneias descera ao inferno. Aquilo exigira imaginação, mas dessa vez não precisava de nenhuma. Parecia a entrada do Hades.

O vento soprou novamente, e ele viu Asdrúbal, pouco mais de vinte passos à esquerda do templo, com uma tocha ardente em um suporte de metal ao lado. Ele ainda trajava a pele de leão, mas estava sujo de sangue; plantava os pés firmemente separados. Ao lado dele, estava uma mulher com o cabelo grosseiramente cortado, seu couro cabeludo inchado e sangrando e as roupas em farrapos, curvando-se sobre duas crianças pequenas. Asdrúbal a pegou pela nuca e a empurrou para a frente, com a cara contorcida de fúria e tristeza.

— Cipião Emiliano — berrou ele, com a voz rouca. — *Veja o que você fez*. — Ele puxou a cabeça da mulher para cima com outra mão, revelando seu rosto.

Fábio olhou e vacilou. Mesmo naquele dia de derramamento de sangue, quando ele vira os próprios legionários sendo terrivelmente mutilados no parapeito, não estava preparado para ver uma mulher naquele estado. Ela estava sem os olhos, as órbitas vazias e vermelhas, o sangue escorrendo pelo rosto e espargindo as lajes de pedra diante dela. Fábio se lembrou do grito penetrante que ouvira depois que o menino fora sacrificado. Aquela era a mãe do menino, esposa de Asdrúbal, e aqueles eram seus outros filhos. Em sua angústia, ela não apenas rasgara as roupas e cortara o cabelo. *Tinha arrancado os próprios olhos*.

Asdrúbal curvou-se para a frente, dizendo alguma coisa a ela, depois a conduziu por entre as duas crianças, colocando as mãos dos rebentos nas dela. Virou-se para a entrada em chamas do templo. Ele a empurrou e ela cambaleou, e em seguida começou a correr, arrastando os filhos. Ela gritou ao passar pelas colunas com os filhos ainda a seu lado, os pequenos corpos explodindo como tochas enquanto desapareciam nas chamas, e então eles se foram.

Asdrúbal se curvou para a frente, os braços imensos flexionados diante de si, os punhos cerrados, e rugiu como um animal selvagem. Ficou ali por alguns minutos, ofegante, encarando Cipião. Depois pegou uma ânfora de cerâmica que estava atrás de si, quebrou seu gargalo e a ergueu, os bíceps inchando ao despejar azeite na cabeça, sobre a juba do leão, até estar pingando e reluzente. Jogou-a de lado, em seguida pegou a tocha acesa no suporte. Com as mãos estendidas, virou-se para a montanha de Bou Kornine a leste, seus picos

gêmeos pouco visíveis acima da mortalha de fumaça, e fechou os olhos. Virou-se para Cipião, rugiu novamente e baixou a cabeça para a tocha, incendiando a barba e a pele do leão em uma explosão de óleo fervente.

Fábio parecia ver tudo em movimentos lentos outra vez. Asdrúbal se agachou, as chamas chiando em sua cabeça, a boca escancarada, estendendo a tocha. Virou-se para o templo e desatou a correr, martelando as pedras com suas pernas enormes, as chamas da cabeça subindo altas enquanto ele ganhava velocidade, uma tocha humana correndo para se juntar à esposa e aos filhos no inferno. No último segundo, a tocha caiu de sua mão e ele desapareceu no templo flamejante, fogo se unindo a fogo, sumindo de vista.

Todos ficaram petrificados por um momento, olhando.

— Acabou — grunhiu Brutus.

Políbio pôs a mão encardida no ombro de Cipião.

— Assim termina Cartago.

Cipião enxugou o suor dos olhos, piscando com força, ainda olhando o templo que se tornara uma pira funerária. Gulussa colocou-se ao lado dele, pôs um pé na ponta de seu chicote e sacudiu o punho, baixando-o e enrolando-o em um feixe estreito. Ele o pegou, guardou-o em uma bolsa em seu cinturão e inalou o ar, protegendo os olhos e olhando para o sul.

— Sinto o gosto do deserto no vento — disse ele. — Devemos nos acautelar em relação a ficar aqui por muito tempo. O vento está ganhando velocidade, carregará com ele muita poeira e espalhará as chamas abaixo.

Políbio caminhou alguns passos para a margem norte da plataforma e voltou com uma expressão preocupada.

— É pior do que isso. Ênio me avisou que a substância nas bolas de fogo arde com tal intensidade que, quando os fogos se unem, criam o próprio vento, que alimenta as chamas. As casas são construídas principalmente de pedra e tijolos de barro, mas a estrutura é de madeira e o fogo já está lambendo de uma casa para outra. Quando chegar ao antigo bairro abaixo de nós, com todos aqueles corpos servindo de combustível, o fogo arderá com uma ferocidade ainda maior. Ênio chama de tempestade de fogo, e é isso que está acontecendo agora. Nossos soldados terão de se contentar com os saques que puderem encontrar ao partirem. Não temos muito tempo.

Fábio olhou para além da fachada escurecida do templo e percebeu o que o outro queria

dizer. Era um tipo diferente de vento, um movimento de sucção em torvelinho na fumaça que parecia tombar para o lado da plataforma como um redemoinho. Onde desaparecia, ele via um brilho vermelho na rua da cidade, tão intenso como o brilho no interior do templo; a beira do fogo avançava pela rua a uma velocidade assustadora, engolfando cada vez mais casas ao prosseguir. Cipião virou-se para Gulussa e Hipólita.

— Desçam e ordenem que os arautos soem a retirada. As legiões devem evacuar a cidade imediatamente, marchando de volta aos portos. Envie mensagens a Ênio e ao comandante naval para levarem todas as naves para alto-mar. Brutus, junte-se a eles.

— Há cavalos de minha unidade sem os cavaleiros depois do combate — disse Hipólita. — Encontrarei montaria para nós.

— Agora vá — ordenou Cipião.

Fábio os viu descer a escadaria às pressas, deixando somente Políbio e Cipião a seu lado. Ele olhou a tempestade de fogo. Cartago destruiria a si, assim como seu líder destruíra a si e a seu povo. Ele se virou para Políbio:

— Lembro-me de que uma vez você leu para mim a *Ilíada* de Homero, as palavras da deusa Atena. *Virá o dia em que a sagrada Troia cairá e o rei e o povo perecerão.*

Políbio olhou a cena de devastação diante deles, depois fitou Cipião.

— Mas a queda de Cartago não deve nada às elocuções de um deus. Foi um feito romano das armas, e um feito não só de um Cipião, mas de dois deles. Hoje, seu avô pôde descansar em paz no Elísio. Quando eu escrever minha história desta guerra, as pessoas se esquecerão de Aquiles e Troia e, em vez disso, lerão sobre dois generais chamados Cipião Africano, e sobre a queda de Cartago.

Cipião ergueu uma sobrancelha para o amigo.

— Se eu lhe der tempo para escrever.

— A guerra acabou, meu amigo.

Cipião não disse nada, olhando o mar a nordeste. Fábio acompanhou seu olhar, tentando ler seus pensamentos. *Esta guerra acabou*. Um dia, em breve, talvez já, outra cidade cairia, a última fortaleza grega de Corinto, e Metelo também ficaria de pé na Acrópole, vendo a devastação e sentindo a mesma precipitação nas veias ao contemplar seu futuro.

Fábio se lembrou das palavras de Sibila, palavras que ela lhe dissera quando ele a vira, sozinho, palavras que ele nunca pronunciara a Cipião: disse-lhe que Cipião e Metelo se

ergueriam sobre cidades caídas, como Aquiles fizera em Troia. Era o destino deles, o destino de Roma. Mas então Fábio se lembrou do que mais ela tinha dito, a sós com ele, quando acenara para entrar na caverna e o tocara com o dedo encarquilhado, seu hálito acariciando a orelha como uma exalação de toda a história.

Ele murmurou as palavras para si.

Um deles governará e um cairá.

Políbio o observava, mas os dois olharam para baixo enquanto Hipólita voltou a subir a escada. Ela parou no meio do caminho.

— Tenho cavalos esperando lá embaixo, Cipião — gritou. — Devemos ir.

Ela se virou para descer. Políbio gesticulou para que Cipião se mexesse, apontando o fogo que disparava para a plataforma do templo, vindo do norte, depois partiu pelos degraus atrás de Hipólita. Fábio se demorou por um momento com Cipião, olhando pela última vez. Respirou fundo, sentindo de novo o gosto da poeira do deserto, o fedor acre de queimado, o cheiro de sangue.

Ele se sentia em júbilo.

Cartago não era o fim. Era o começo.

Ele sabia o que estava por vir.

Guerra Total.

Nota do Autor

Meu fascínio por Cipião Emiliano e o cerco de Cartago começou quando eu era estudante de graduação na Universidade de Bristol e tive a sorte de aprender a história da República romana com Brian Warmington, autor de um dos livros acadêmicos seminais sobre o tema (*Carthage*, Penguin, 1964); e fui grandemente estimulado quando era estudante de doutorado e pesquisador de pós-doutorado na Universidade Cambridge e participei do projeto "Salve Cartago" da Unesco, um esforço internacional para escavar e registrar o máximo possível da antiga Cartago em face do desenvolvimento moderno.

O principal foco da missão britânica eram os antigos portos, onde a descoberta mais impressionante foram os abrigos navais púnicos que cercavam o porto circular — abrigos que se provaram datar não do apogeu de Cartago, no século III a.C., mas dos anos que antecederam 146 a.C., mostrando que estavam reconstruindo sua marinha e prova de que Catão tinha razão o tempo todo ao alertar Roma sobre a ameaça. Equipes de arqueólogos submarinos, incluindo uma expedição sob minha direção, revelaram grande parte do porto externo, portanto minha descrição do embarcadouro onde Cipião e Fábio atracaram secretamente no *Diana* baseia-se no estudo extenso das fundações submersas. Uma das descobertas mais empolgantes feitas durante meu período em Cartago foi o canal que ligava ao mar os portos cercados por terra. Enquanto nossa escavadora descia muitos metros na camada preta e anóxica no fundo do antigo porto, mostrando que descobríramos o espaço entre o cais externo que marcava a entrada, coloquei-me no mesmo local onde imaginei Fábio vendo o *lembos* fazer sua fuga durante o cerco.

Mais perto dos portos, no "Tofete", as escavações revelaram diversas sepulturas de cremação infantil, algumas, muito provavelmente, vítimas do sacrifício de crianças, conforme relatado pelas fontes romanas. O primeiro historiador do século I a.C., Diodoro Sículo (20.14), descreve um imenso deus esculpido em bronze, para dentro do qual as crianças eram jogadas ainda vivas, rumo a uma fornalha abaixo. Mais acima, no Monte Birsa, no "bairro púnico" que descrevo no romance, mergulhei o braço literalmente nos destroços do cerco, escavando material de construção calcinado, cerâmica quebrada, ossos humanos e projéteis romanos de balista datando de um daqueles dias catastróficos em 146 a.C. É raro na arqueologia fazer descobertas que possam ser relacionadas com tanta clareza a acontecimentos históricos, mesmo aqueles tão importantes como o cerco de 146 a.C., e minhas experiências em Cartago levaram-me a muitos anos de reflexão sobre a relação entre

as evidências históricas e arqueológicas, além de me proporcionarem um pano de fundo pessoal vívido para servir de pano de fundo à história neste romance.

A natureza das evidências históricas romanas

Não existe nenhum relato em primeira mão de nenhum dos eventos históricos descritos neste romance. A Batalha de Pidna em 168 a.C. e o triunfo que se seguiu são conhecidos principalmente por um relato escrito cerca de 250 anos depois, a narrativa de Plutarco sobre a vida de Lúcio Emílio Paulo, pai de Cipião Emiliano; entretanto, aquelas poucas centenas de linhas fazem de Pidna uma das batalhas mais bem documentadas do século II a.C. (*Aemilius Paullus*, 16-23). Embora Plutarco tivesse escrito muito depois do evento, detalhes semelhantes, como o relato dos cavalos sem cavaleiro escapando por entre as linhas, são encontrados nas referências que sobreviveram à batalha do historiador do século I a.C., Lívio (44.40-2), que provavelmente teve acesso ao relato contemporâneo de Políbio.

O cerco de Intercacia na Espanha e o papel de Cipião Emiliano nele são conhecidos por algumas linhas de Apiano, que também é nossa fonte principal para o cerco de Cartago; ele escreveu quase *trezentos anos* depois dos acontecimentos descritos. Plutarco e Apiano se basearam em relatos contemporâneos que agora se perderam — notadamente os volumes das *Histórias* de Políbio desse período —, mas não pode haver certeza de o quanto essas fontes anteriores eram confiáveis ou imparciais, em uma época em que a erudição histórica como conhecemos ainda não existia. Além disso, as obras de Plutarco, Apiano e de outros historiadores da Antiguidade são conhecidas apenas por intermédio de cópias medievais, o que aumenta ainda mais a incerteza de seu uso como material fonte; os manuscritos em geral contêm erros de transcrição, bem como omissões, "interpretações" e ornamentos que refletem os interesses dos monges que realizaram a cópia.

No estudo da história militar antiga, no que diz respeito aos planos e às táticas de batalha, essas limitações de material fonte são críticas. O cerco e a destruição de Cartago, o ápice das Guerras Púnicas, foram um dos principais eventos da história, tão importante quanto as guerras napoleônicas e a Batalha de Waterloo em nossos tempos. Todavia, depender quase exclusivamente de Apiano é como se Waterloo fosse conhecida unicamente por um relato, com cerca de dez páginas, sem notas de rodapé, sem referências de fonte nem ilustrações, escrito por um historiador amador duzentos anos depois dos acontecimentos (na realidade, é claro, Apiano escreveu até mais tempo depois do cerco de Cartago!).

A comparação é ainda mais gritante no caso de nosso conhecimento dos comandantes militares romanos. Qualquer biografia de Napoleão ou de Wellington constitui a essência de

uma pequena biblioteca de material fonte, incluindo escritos autobiográficos e correspondência pessoal, relatos de testemunhas oculares, registros militares, mapas e planos. Ainda assim, persistem incertezas sobre a natureza de seu caráter, sobre suas motivações e o pano de fundo de seu pensamento estratégico e tático. No caso de Cipião Emiliano, figura de importância histórica semelhante, a soma total dos "fatos" sobre ele encheria pouco mais de uma página, e uma biografia moderna é, portanto, não uma redução ao essencial, mas uma análise daqueles poucos fragmentos de informação, inclusive traduções peritas de textos gregos e latinos, uma avaliação da confiabilidade do material fonte e uma tentativa de inseri-lo em um contexto histórico mais amplo.

Tais limitações mostram quanto espaço existe para a ficção histórica e como a credibilidade de qualquer reconstituição — seja histórica ou fictícia — trata menos de reproduzir seus "fatos" aparentes do que de compreender as incertezas de tal informação, bem como a necessidade de abordá-la criticamente. O limite entre a especulação histórica e a ficção histórica pode ser atravessado facilmente, com a arqueologia permitindo cada vez mais uma avaliação renovada das fontes escritas, bem como uma base independente para novas imagens do passado.

As fontes históricas antigas

O grande historiador do século II a.C. foi Políbio, amigo e mentor de Cipião Emiliano e personagem importante neste romance. Sua obra nos fornece um relato único em primeira mão de muitos dos acontecimentos do período, e seu tratado sobre o exército foi o primeiro relato detalhado dos militares romanos em uma época em que ainda não eram profissionais. Infelizmente, apenas metade de suas *Histórias* sobreviveu, nenhum dos principais acontecimentos deste romance, e sempre em cópias medievais de textos antigos, embora alguns historiadores gregos e latinos posteriores citem passagens de Políbio ou escrevam relatos que provavelmente se fiaram fortemente em obras dele que agora se perderam. Assim como Lívio, que escreveu no século I a.C., a mais importante dessas fontes "secundárias" é o historiador grego do século II, Apiano, cuja *Libyca* contém uma descrição detalhada do cerco de Cartago que provavelmente é uma paráfrase confiável do relato original de Políbio. Sem Apiano, as pedras mudas de Cartago poderiam contar uma história muito diferente, e um relato do ataque final, tal como o que aparece neste romance, não se basearia mais em um arcabouço de prováveis eventos históricos.

A maioria dos historiadores da Antiguidade, se pressionados, provavelmente teriam apoiado o que era chamado de visão da história de "grande homem", em que indivíduos

poderosos, em vez da maré da história, eram essencialmente responsáveis por alterar o curso dos acontecimentos e do mundo que o historiador via a sua volta, para o bem ou para o mal. Indivíduos admirados como Cipião Emiliano não foram apenas louvados por seu lugar na história — no caso dele, pelo que realizou, mas de igual importância pelo que escolheu não fazer —, mas foram também apresentados como modelos morais, algumas vezes até mesmo na ficção. Um exemplo desse último é o panegírico do autor do século I a.C., Cícero, em seu diálogo fictício *Do orador* e também no *Somnium Scipiones*, o "Sonho de Cipião", uma obra que pode ter sido de ficção moralista da parte de Cícero, mas também pode ter se baseado em um relato perdido de uma experiência real de sonho, talvez recontada por Políbio. Outro moralista, porém mais historiador do que Cícero, foi o grego Plutarco, do fim do século I até o início do século II, cuja vida de Emílio Paulo, pai de Cipião, fornece fragmentos de informação sobre o início da vida de Cipião e sua primeira experiência de batalha em Pidna, em 168 a.C., bem como um retrato nítido do triunfo celebrado em honra a Emílio Paulo quando ele voltou a Roma no ano seguinte.

Além dessas fontes, a pesquisa epigráfica — o estudo de inscrições em tumbas e outros monumentos — nos ajudou a reconstituir a genealogia das grandes famílias patrícias desse período, em geral significando que temos como saber seus nomes e algo sobre suas inter-relações, mas muito pouco além disso. A vida de soldados comuns, como o fictício Fábio, não é nada conhecida, exceto por raras inscrições em tumbas e menções ocasionais de autores da antiguidade quando aqueles realizavam determinadas proezas de coragem ou algum outro feito notável.

Onde há material suficiente para formar o esboço de uma biografia, precisamos ter o cuidado de nem sempre tomar o que está escrito pelo que aparenta. Para Cícero, um republicano inflamado, Cipião Emiliano era admirável por seu comedimento, por não liderar um golpe em Roma após sua vitória em Cartago e não tentar dominar o mundo; para Políbio, Cipião era um amigo e também um modelo das virtudes romanas que Políbio tanto admirava, levando-o talvez a dar destaque a alguns traços de caráter em detrimento de outros. Como acontece com os relatos vitorianos dos maiores generais da época, homens como Lord Kitchener, precisamos ter cautela com os louvores e a hagiografia. De longe, o melhor cotejo e análise crítica moderna do material fonte sobre Cipião Emiliano eram do falecido professor Alan Astin, da Queen's University, de Belfast, que descreveu Cipião memoravelmente como "um quase autocrata que, apesar da relutância pessoal, poderia ter sido um *Princeps* um século antes de Augusto" (*Scipio Aemilianus*, Oxford University Press,

1967, p. vii).

Vale destacar o pouco que sabemos de evidências escritas desse período. Quase todos os "fatos" vêm de autores que viveram muitos séculos além dos acontecimentos que descrevem e grande parte disso está relatada em anedotas, dizeres e provérbios de algumas frases ou menos. Existem hiatos imensos em nosso conhecimento. Por exemplo, os anos entre o triunfo de Emílio Paulo em 167 a.C. e o início da segunda guerra celtibera em 154 a.C. mal são documentados, e há um branco quase completo sobre a vida de Cipião Emiliano. Isso não significa necessariamente que nada de grande interesse aconteceu naqueles anos, mas pode, em vez disso, representar os caprichos da sobrevivência de documentos. Mesmo um autor da importância de Políbio, que manteve uma reputação levada por toda a antiguidade e ainda era lido na corte bizantina de Constantinopla, sobreviveu apenas em manuscritos parciais que representam menos da metade de sua obra conhecida. Outros historiadores podem entrar e sair de moda e se perder na obscuridade, suas obras descartadas e conhecidas somente por intermédio de anedotas e citações de autores posteriores, às vezes de fidedignidade duvidosa. Uma vez que todo livro na antiguidade precisava ser aflitivamente copiado à mão, mesmo autores populares podiam ser representados apenas por algumas dezenas de cópias de seus livros, armazenados nas bibliotecas particulares de seus patronos ou em bibliotecas públicas nas grandes cidades; a maioria foi destruída pelo tempo, mais notadamente no incêndio da grande biblioteca de Alexandria no final da antiguidade.

Um dos grandes motivos de entusiasmo no futuro pode ser a descoberta dos escritos originais perdidos desse período, talvez em fragmentos de papiros reutilizados como envoltório de múmias no Egito, ou nos restos das próprias bibliotecas antigas. Uma das descobertas mais extraordinárias da arqueologia romana é a "Villa do Papyri" em Herculano, na Itália, contendo uma sala cheia de pergaminhos que foram carbonizados depois da erupção do Vesúvio, que soterrou a cidade em uma torrente piroclástica no ano 79. Os pergaminhos continham principalmente os escritos de um filósofo grego obscuro, mas sugeriam a presença de possível material desconhecido em uma das outras casas de patrícios abastados ainda enterrada sob a encosta do vulcão. Tal descoberta poderia revolucionar nosso conhecimento da história antiga e detalhar a realidade daqueles anos perdidos no século II a.C., mas, enquanto isso, temos material remanescente suficiente para permitir uma especulação fundamentada coerente com tudo o mais que sabemos desse período, inclusive o corpo crescente de provas arqueológicas.

Cipião Emiliano Africano

A soma total de conhecimento sobre Cipião, anterior à sua nomeação ao Senado em 152 a.C., provavelmente encheria apenas meia página, todavia ainda assim fornece mais detalhes sobre o início de sua vida do que a maioria dos outros romanos desse período. Sabemos algo da educação e do caráter de Cipião por referências em primeira mão, remanescentes de seu mestre e amigo Políbio, e de referências de autores posteriores que se utilizaram de relatos de Políbio e de outras narrativas contemporâneas agora perdidas. Plutarco, por exemplo, nos conta que Emílio Paulo procurou educar seus filhos "não somente na disciplina nativa e ancestral em que ele próprio foi treinado, mas também, e com maior ardor, na dos gregos. Pois não só gramáticos, filósofos e retóricos, mas também os modelistas e pintores, os tratadores de cavalos e cães, e os mestres da arte da caça, de quem os jovens se cercavam, eram gregos" (*Aemilius Paullus*, 6.8). Depois da Batalha de Pidna, Cipião e seu irmão tiveram permissão para pegar o que quisessem da Biblioteca Real Macedônia, e Cícero nos conta que Cipião "sempre tinha nas mãos" a *Ciropédia* de Xenofonte, um relato da vida de Ciro, o Grande, da Pérsia e sua ascensão ao poder. Cícero também nos conta que, quando jovem, Cipião estava ansioso para ouvir os discursos de diversos filósofos atenienses que seguiram para Roma (*De Oratore*, 2.154).

A absorção da cultura grega por Cipião sem dúvida nenhuma foi modelada e contida por Políbio, ele, é claro, um grego, mas de maneira alguma um helenista acrítico. A admiração de Políbio pelo caráter romano é revelada em seu relato da reputação de Cipião para a temperança, algo que o destacava em Roma naquela época, responsável por "...uma deterioração moral da maioria dos jovens. Pois alguns se abandonaram a aventuras amorosas com rapazes, outros com prostitutas, prazeres musicais e bebedeiras (...) Cipião, porém, determinou-se a buscar o curso de conduta contrário (...) estabeleceu uma reputação universal de autodisciplina e temperança" (Políbio, 31.25). A atitude de Políbio para com a história tinha um viés prático, vendo que podia ser usada para campanhas e estratégias futuras da época, e a paixão de Cipião pela *Ciropédia* sugere que seu interesse pela literatura grega foi motivado pelo mesmo imperativo. É possível, portanto, ver um jovem fortemente educado no *mos maiorum*, o costume romano dos ancestrais, e aberto a novas influências dos gregos, todavia tendo essas influências sido mediadas por Políbio de modo que reforçassem as virtudes romanas da honra e da lealdade que o próprio Políbio tanto admirava.

A imagem de um jovem sério e um tanto austero é compensada por sua paixão pela caça, algo que Cipião partilhava com Políbio, e por sua destreza excepcional como guerreiro. Logo

depois da Batalha de Pidna, ele passou muito tempo caçando na Floresta Real Macedônia, dada a ele pelo pai como presente de vitória. Em Pidna ele se destacou na batalha, combatendo a falange macedônia, voltando depois para perseguir "...com dois ou três companheiros, coberto pelo sangue dos inimigos que abatera, tendo sido, como um jovem caçador de nobre estirpe, levado pelo prazer incontrolável da vitória" (Plutarco, *Aemilius Paullus*, 22.7-8). Quando se ouve falar dele novamente em batalha, cerca de 17 anos depois, na Espanha, sabemos que ele matou o chefe tribal inimigo que o desafiara a um combate homem a homem, e conquistou a *corona muralis* por ter sido o primeiro na muralha no ataque à fortaleza de Intercacia; cerca de dois anos depois, na África, quando ainda era apenas um tribuno militar, ele conquistou a ainda mais cobiçada *corona obsidionalis* por resgatar alguns soldados romanos da aniquilação quase certa por parte das forças cartaginesas (Políbio, *Ibérica* 53 e *Lybica* 102-104, Livy, Periocha 48-9).

É provável que Cipião e seus contemporâneos tivessem aprendido juntos habilidades básicas de combate quando ainda rapazes em Roma, sob orientação de veteranos incumbidos de seu treinamento nas armas. Se houve ou não uma "academia" que também proporcionava treinamento nas artes mais elevadas da guerra — a estratégia e a tática — não se sabe, mas essa possibilidade é sugerida pelas preocupações de alguns patrícios da geração mais velha com a preparação militar de futuros oficiais, bem como a disponibilidade de mestres gregos que podiam ensinar história militar — alguns, como Políbio, ex-soldados com perícia em combate. Políbio certamente teria sido bastante adequado para a função, não apenas por causa de sua experiência, mas devido à sua fascinação por tudo ligado ao ambiente militar, incluindo o "Quadrado de Políbio" e o telescópio para sinalização no campo de batalha (Polybius, 10.45-6). Outros no Senado, possivelmente a maioria, teriam se oposto a tal academia, temendo a profissionalização de um corpo de oficiais, de modo que imaginei que ela operasse discretamente no interior da Escola de Gladiadores, local onde eram conduzidos o treinamento e a prática com armas em vítimas vivas. Na Roma atual, as ruínas visíveis da Escola de Gladiadores ao lado do Coliseu são de um período posterior ao deste romance, mas as provas arqueológicas sugerem que pode ter existido um campo de treinamento anterior nesse local, ao sul do Fórum, no século II a.C.

A relação entre Cipião e Políbio foi uma das maiores amizades da antiguidade, complicada no entanto pelo fato de Políbio ter sido, estritamente falando, prisioneiro dos romanos, um nobre grego forçado pelas circunstâncias a aceitar o pedido de ser mentor de Cipião o Jovem em Roma. Cipião possuía um irmão mais velho, Fábio (um nome resultante

de sua adoção pela *gens* Fabii), também pupilo de Políbio; utilizei seu *praenomen* e seu relacionamento com Políbio na criação de meu legionário fictício Fábio Petrônio Segundo, o guarda-costas e camarada de Cipião, cujo relacionamento com ele neste romance é, de certa forma, semelhante ao de irmãos.

Especulei que Políbio esteve em Roma por volta de 168 a.C., e que esteve presente ao lado dos romanos na Batalha de Pidna, tendo então se rendido como prisioneiro pouco antes da maioria de seus contemporâneos, condizente talvez com sua admiração por Roma. Ele certamente se tornou um grande defensor de Roma e encontrou em Cipião um jovem que fugia aos parâmetros habituais, sensibilizado pela desonra que pode ter sido lançada sobre ele por sua família adotiva na *gens* dos Cipiões, por ele não ter demonstrado interesse nos tribunais e nas amabilidades sociais de Roma. Como Políbio, ele era versado nos livros e intelectual, mas também um caçador e guerreiro apaixonado, que apreciava sobretudo a ideia da guerra e de um destino que o levaria em 146 a.C. a se postar sobre as muralhas de Cartago e contemplar as possibilidades grandiosas a sua frente, para ele e para o futuro de Roma.

Boa parte da narrativa das últimas horas da guerra púnica em Cartago neste romance se baseia em Apiano, particularmente a batalha e a matança no bairro velho da cidade, abaixo do Monte Birsa. Quanto ao destino de Asdrúbal, Apiano nos diz que ele se rendeu a Cipião, mas que sua esposa matou seus filhos e se atirou junto a eles no fogo do templo, "meio pelo qual Asdrúbal também deve ter morrido" (Apiano, *Lybica*, 131); tomei essa sugestão de Apiano como base para a apocalíptica cena final na obra.

Para uma discussão mais detalhada dos fatos por trás da ficção, bem como imagens e vídeos relacionados aos sítios e artefatos discutidos neste romance, inclusive meu próprio trabalho arqueológico em Cartago, visite meu website www.davidgibbins.com.

Sobre o Autor

David Gibbins é um autor best-seller do *New York Times* e do *Sunday Times*, cujos romances venderam quase três milhões de exemplares e são publicados em trinta idiomas. É arqueólogo acadêmico por formação, e seus romances refletem a longa experiência em pesquisa de sítios da antiguidade ao redor do mundo, tanto terrestres quanto submarinos.

Filho de pais ingleses, ele nasceu e cresceu no Canadá e também morou na Nova Zelândia e na Inglaterra. Depois se de formar como primeiro da turma em Estudos Mediterrâneos Antigos na Universidade de Bristol, completou o doutorado em arqueologia na Universidade de Cambridge, onde foi pesquisador do Corpus Christ College e fez pós-doutorado na Faculdade de Estudos Clássicos. Antes se tornar escritor em tempo integral, trabalhou durante oito anos como professor universitário, ensinando arqueologia e arte romanas, história antiga e arqueologia marítima. Além de livros de ficção, é autor de mais de cinquenta publicações acadêmicas, incluindo artigos nos periódicos *Antiquity, World Archaeology, The International Journal of Nautical Archaeology, New Scientist* e em outras publicações, bem como ensaios e coletâneas, inclusive *Shipwrecks* (Routledge, 2001).

Fez pesquisa e escavações extensivamente na região do Mediterrâneo, da Turquia e de Israel a Grécia e Creta, Itália e Sicília, Espanha e Norte da África, bem como nas Ilhas Britânicas e na América do Norte. Com o passar dos anos, seu trabalho recebeu o apoio, entre outros, da British Academy, das British Schools, em Roma e em Jerusalém; do Instituto Britânico em Ancara, da Society of Antiquaries of London, assim como uma bolsa de pesquisa do Winston Churchill Memorial Trust. Por duas temporadas, trabalhou no sítio antigo de Cartago, liderando uma expedição de pesquisa das ruínas ao largo do porto. Aprendeu a mergulhar aos 15 anos no Canadá, e a arqueologia submarina tornou-se uma de suas maiores paixões; liderou expedições para investigar sítios de naufrágios em todo o mundo, inclusive navios romanos afundados na Sicília e em outros lugares do Mediterrâneo, e também na costa das Ilhas Britânicas. Foi professor-adjunto do American Institute of Nautical Archaeology enquanto trabalhou por duas temporadas em um naufrágio da antiguidade grega na costa da Turquia.

Possui um fascínio de longa data por história militar, em parte originado de uma extensa formação militar na própria família. Seu interesse abrangente por armas e armaduras concentrou-se em anos mais recentes de coleção e manejo de armas de fogo britânicas e da Companhia das Índias Orientais do século XIX, assim como na produção e reprodução de

disparos de espingardas de pederneira nas florestas do Canadá, onde faz a maior parte de seu trabalho de escritor. Seus interesses militares refletem-se em seus romances anteriores, inclusive a campanha romana no Oriente (*Guerreiro tigre*), a guerra vitoriana na Índia e no Sudão (*Guerreiro tigre*, *Pharaoh*) e a Segunda Guerra Mundial (*The Mask of Troy*).

Mais material biográfico pode ser encontrado em seu site www.davidgibbins.com.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Total War Rome

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/347442-total_war_rome_destruicao_de_cartago

Site do autor

http://davidgibbins.com/

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/133505.David_Gibbins

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Gibbins

Notícia sobre lançamento do livro

http://www.gamevicio.com/i/noticias/168/168502-livro-de-rome-ii-sera-lancado-no-brasil/index.html

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Agradecimentos

Nota introdutória

Mapa

Personagens

Prólogo

Parte 1 | Roma, 168 a.C.

1

2

3

Parte 2 | O Triunfo de Emílio Paulo, Roma, 167 a.C.

4

5

6

Parte 3 | Macedônia, 157 a.C.

7

8

9

Parte 4 | Intercacia, Espanha, 151 a.C.

10

11

12

13

Parte 5 | África, 148 a.C.

14

15

16

17

Parte 6 | Car tago, 146 a.C.

18

19

20

21

22

23

24

Nota do autor

Sobre o autor

Colofon

Saiba mais